CLÁUDIA FERNANDA RODRIGUEZ

O QUE OS JOVENS TÊM A DIZER SOBRE A ADOLESCÊNCIA E O TEMA DA MORTE?

Dissertação de Mestrado apresentada ao Instituto
de Psicologia da Universidade de São Paulo como
parte dos requisitos para obtenção do grau de Mestre
em Psicologia

Área de Concentração: Psicologia Escolar e
do Desenvolvimento Humano

Orientador: Prof^ª. Dr.^a Maria Julia Kovács

Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo

**São Paulo
2005**

CLÁUDIA FERNANDA RODRIGUEZ

O QUE OS JOVENS TÊM A DIZER SOBRE A ADOLESCÊNCIA E O TEMA DA MORTE?

Dissertação de Mestrado apresentada ao Instituto
de Psicologia da Universidade de São Paulo como
parte dos requisitos para obtenção do grau de Mestre
em Psicologia

Área de Concentração: Psicologia Escolar e
do Desenvolvimento Humano

Orientador: Prof^ª. Dr.^a Maria Julia Kovács

Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo

**São Paulo
2005**

CLÁUDIA FERNANDA RODRIGUEZ

O QUE OS JOVENS TÊM A DIZER SOBRE A ADOLESCÊNCIA E O TEMA DA MORTE?

Dissertação de Mestrado apresentada ao Instituto
de Psicologia da Universidade de São Paulo como
parte dos requisitos para obtenção do grau de Mestre
em Psicologia.

Área de Concentração: Psicologia Escolar e
do Desenvolvimento Humano

Orientador: Prof^ª. Dr.^a Maria Julia Kovács

COMISSÃO JULGADORA

Prof^ª. Dr.^a Maria Julia Kovács

Prof^ª. Dr.^a Ingrid Esslinger

Prof^ª. Dr.^a Marilene Proença Rebello de Souza

Dedico este trabalho aos meus pais.

Minha mãe, pelo amor, carinho e companhia em todos os dias da minha vida. Ela esteve ao meu lado em todos os momentos da realização desse trabalho e acho que ela nem tem noção da importância disso. Simplesmente muito do que sou hoje é pela sua dedicação, presença e apoio diários.

Meu pai, nas minhas lembranças da infância, quando eu ia visita-lo no trabalho, eu já percebia a admiração das pessoas por ele, sempre o agradecendo e buscando conselhos. Hoje percebo o quanto estes conselhos são valiosos e o quanto é importante alguém acreditar no nosso desenvolvimento. Ao longo de toda a minha vida encontrei nele apoio, carinho e incentivo. Gosto de perceber que somos parecidos na maneira de ser, pois desejo muito um dia ter sucesso e reconhecimento assim como ele (mesmo já estando aposentado).

Dedico também aos adolescentes que puderam ser ouvidos neste trabalho e aos que ainda não foram, mas que desejo que possam ser em outros espaços.

AGRADECIMENTOS

MARIA JULIA, gostei muito de um trecho do livro “Por um fio” do Drauzio Varella quando ele diz que “a arte de um ofício se aprende com poucos mestres”. Imediatamente me lembrei dela. Ela é uma orientadora especial, pois consegue realmente unir escuta e acolhimento com uma orientação presente e incentivadora. Ela sabe ouvir seus orientandos quando falam sobre seus cansaços, ansiedades e “paralisações” na escrita, sem deixar de lado sua função de orientar no desenvolvimento do trabalho. Agradeço pela transmissão de parte do seu saber teórico e sua sensibilidade ao lidar com o tema da morte. Pela influência direta no início da construção da minha carreira de psicóloga, ainda no 3º ano da graduação, e espero que continue sempre presente. Tenho muita admiração pelo seu trabalho e sua dedicação enquanto pessoa e profissional.

INGRID e MARILENE pela valorização, incentivo e pelas ricas contribuições no Exame de Qualificação. Elas me ajudaram a achar o meu próprio caminho na construção desse trabalho e esse exercício de reflexão vou levar comigo nas minhas próximas experiências profissionais.

GRUPO DE ORIENTAÇÃO: Tissi, Lucélia, Silvana, pelas trocas sempre enriquecedoras nas aulas e nas reuniões de orientação.

SOLANGE pela disponibilidade constante em me ajudar, sempre me indicando uma bibliografia e no auxílio para a realização dos grupos com os adolescentes.

ELAINE, meu agradecimento especial. Ao realizar esta pesquisa nos tornamos grandes amigas e como já disse é muito bom ter uma amiga com idade para ser a minha mãe, pois assim podemos curtir os momentos como amigas e ainda posso compartilhar suas experiências, vivências e conselhos mais sábios. Ela está sempre me ensinando a ser uma melhor psicóloga, pesquisadora e pessoa. Desde o início ela acreditou no quanto eu poderia fazer um bom trabalho e, muitas vezes, as suas palavras me ajudaram a buscar sempre algo a mais dentro de mim. Tenho muita admiração pela mulher forte e talentosa que é.

NANCY, pelo carinho e apoio constantes.

MEU IRMÃO, por compartilharmos idéias, vivências, dúvidas. Sei que posso contar com ele nos momentos que preciso.

VÓVÓ MATHILDE, pela presença em minha vida, atenção, palavras de apoio, amor e pelos capuccinos preparados com tanto carinho, eles foram ótimos para a escrita deste trabalho.

TIA RUTH, pelas aulas de inglês no período da seleção e pelo constante interesse em saber sobre o meu trabalho.

MEUS AMIGOS, um especial agradecimento à PATTY, JANA, KATE, GUI, LUB e DU que me acompanharam durante toda a pesquisa, sempre compartilhando idéias e meus períodos de cansaço ou energia elevada, quando eu precisava conversar, sair ou aliviar angústias. Os momentos que temos juntos me trazem muitas alegrias e todos eles valorizaram a importância do meu trabalho.

KÁ e VÂ, amigas que fizeram parte da minha adolescência e que continuam ocupando um lugar muito especial na minha vida.

NATY, amiga especial e fundamental, que esteve ao meu lado no momento de decisão pelo mestrado, durante toda a preparação para o exame de seleção, com nossos organizados cronogramas, e até o final desse trabalho – além de ser minha “assistente” e sempre companheira no início da realização de palestras sobre o tema. Nunca vou esquecer dela dizendo que a alegria de passar no mestrado não seria a mesma se não acontecesse a nós duas. Tem muito dela nesse trabalho.

Meu agradecimento a toda “FAMÍLIA NOGUCHI” (MIRINHA, DEA) pelos dias de descanso em Campos, pelas minhas visitas constantes, ou para estudar ou para um lanche gostoso da TIA BETH, sempre acompanhado de muitas risadas. Nunca vou esquecer o apoio durante o exame de seleção e a frase sábia do TIO HÉLIO: “seu pior inimigo é você mesmo”.

EDU OTTONI, meu primeiro orientador durante a graduação e que me ensinou os primeiros passos do “fazer pesquisa”. Com a sua ajuda pude perceber o quanto gostava desta atividade. Me auxiliou também no período de seleção, sempre transmitindo dicas e conselhos valiosos.

ISMÊNIA, supervisora dos atendimentos em consultório e sempre com uma alegria contagiante. Seus ensinamentos têm contribuído muito para a minha formação profissional. Obrigada também pelo apoio na reta final desse trabalho.

FABIANO e CONCEIÇÃO, me ajudaram a esclarecer dúvidas, me indicaram leituras importantes e tive a oportunidade de ter um contato rico com adolescentes no Serviço de Orientação Profissional.

ZEZÉ, sempre me dizendo que estudo demais e preciso dar uma “paradinha” para um doce, ela me acompanhou no cotidiano da escrita dessa pesquisa.

AO CENTRO DE ENSINO SÃO JOSÉ E E.E. MAESTRO FABIANO LOZANO, AOS PROFISSIONAIS E ADOLESCENTES que participaram dessa pesquisa. Com eles pude construir

esse trabalho e acreditar na sua importância. Ao ouvir suas experiências e reflexões pude aprender e crescer muito.

CAPES pelo financiamento da pesquisa.

RODRIGUEZ, C.F. (2005). **O que os jovens têm a dizer sobre a adolescência e o tema da morte?**
Dissertação de Mestrado, Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo.

RESUMO

Este trabalho buscou compreender como os adolescentes percebem, refletem e se relacionam com o tema da morte e verificar como explicam as altas taxas de mortalidade na sua faixa etária. Além disso, investigou-se a necessidade de discutir o tema da morte com a família, amigos, profissionais e quais as maneiras que consideram melhor. Esta reflexão é relevante e fundamental uma vez que as estatísticas mostram dados alarmantes sobre o aumento da mortalidade entre adolescentes, principalmente relacionadas com acidentes e mortes violentas. Buscou-se compreender o processo da adolescência e a sua relação com o tema da morte, a partir de uma abordagem qualitativa na coleta e na compreensão dos dados. Participaram desta pesquisa adolescentes do Ensino Fundamental e Médio de duas escolas da cidade de São Paulo. Foi exibido o vídeo *“Falando de morte com o adolescente”* (do Laboratório de Estudos sobre a Morte do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo) e foram propostas discussões com os adolescentes inspiradas na modalidade denominada Grupo Focal. Categorias temáticas foram destacadas com o intuito de formar alguns eixos de análise. As reflexões feitas pelos adolescentes envolveram o tema da morte e a dificuldade de pensar na possibilidade da perda de pessoas queridas. De uma forma geral, os adolescentes não percebem a morte como possibilidade pessoal, expressando sentimentos de imortalidade e onipotência. Ao relatarem perdas de amigos também adolescentes, os sentimentos de choque e tristeza intensa são frequentes e os amigos são importantes fontes de apoio num processo de identificação. Algumas das hipóteses sobre os altos índices de mortalidade na adolescência foram: uso de drogas; violência; banalização da morte; situações sociais desfavoráveis; AIDS; falta de emprego e de perspectivas de futuro; suicídios; dificuldade na comunicação com profissionais, amigos e familiares; dificuldades na expressão de sentimentos e pedidos de ajuda; acidentes; falta de limites e a postura de desafiar o mundo; más influências; não imposição de responsabilidade pela sociedade; entraves na educação etc. Foi estabelecido um contato com profissionais de educação que refletiu como a escola compreende um importante espaço para possibilitar a discussão e a reflexão sobre o tema da morte entre os profissionais e entre/com os alunos.

RODRIGUEZ, C.F. (2005). **What do teenagers have to say about adolescence and the subject of death?** Dissertation, Institute of Psychology, University of São Paulo, São Paulo.

ABSTRACT

This work investigated how the adolescents perceive, reflect and deal with the subject of death and verify how the teenagers explain the high rates of mortality in their age group. Moreover, it was investigated the need of discussing the subject of death with family, friends, professionals and the best way to do it. This reflection is relevant and fundamental once the statistics show astonishing data about the increase of mortality between adolescents, mainly related to accidents and violent deaths. It was intended to comprehend the process of adolescence and its relation to the subject of death, using a qualitative approach. Teenagers (ages 14 to 17) from two schools in the city of São Paulo participated in this study. The video “Talking about death with the adolescent” (Laboratory of Death Studies of Psychology Institute of University of São Paulo) was shown and discussions with the adolescents were proposed, inspired in the modality called Focal Group. Thematic categories were stood out with the intention of construct some points of analyses. The reflections made by the adolescents envolved: the subject of death and the difficulty of thinking about the possibility of loss of dear persons. In general, the adolescents don’t notice death as a personal possibility, expressing feelings of immortality and onipotence. When losses of adolescent friends were mentioned, the feelings of shock and intense sadness were frequent and friends are important sources of support in a process of identification. Some of the hypothesis about the high rates of mortality in adolescence were: use of drugs; violence; banalization of death; unfavourable social situations; AIDS; unemployment and lack of perspectives of future; suicide; difficulty in the communication with professionals, friends and family; difficulty in the expression of feelings and help requests; accidents; lack of limits and attitude of challenging the world; bad influences; non-imposition of responsability by society; difficulties in education etc. It was stablished a contact with professionals of education that reflected how schools are an important space to offer the discussion and reflection about the subject of death between professionals and between/with the students.

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	12
1. INTRODUÇÃO	14
1.1 O tema da morte	15
1.2 Os adolescentes	24
1.3 Por que o tema da morte para os adolescentes?	32
1.4 As taxas de mortalidade na adolescência	44
1.5 Projeto "Falando de Morte"	49
2. OBJETIVOS	52
3. MÉTODO	
3.1 Escolha da abordagem qualitativa	53
3.2 Dos participantes e local	54
3.3 Da coleta de dados	55
3.4 Procedimentos	60
3.5 Da compreensão dos dados	61
3.6 Considerações éticas	63
4. APRESENTAÇÃO E COMPREENSÃO DOS DADOS	
4.1 Relato das visitas às escolas e das impressões no contato com os adolescentes e profissionais de educação	65
4.2 Sobre os adolescentes	79
4.2 a e b) Quadro-Resumo dos eixos temáticos dos grupos com os adolescentes e compreensão dos depoimentos por categorias	81
4.3 Sobre os profissionais de educação e a abordagem da questão da morte no contexto escolar	120
4.4 Considerações finais (e futuras...)	141
5. REFERÊNCIAS	143

6. ANEXOS	
ANEXO 1	149
ANEXO 2	150
ANEXO 3	189
ANEXO 4	229
ANEXO 5	247
ANEXO 6	250

APRESENTAÇÃO

Desde o início do curso de Psicologia me envolvi em atividades voltadas para a pesquisa: cursei Treino em Pesquisa I, II e III e desenvolvi duas Iniciações Científicas ao longo da graduação. No 3º ano cursei a disciplina optativa “Psicologia da Morte”, cuja docente responsável é minha orientadora Maria Julia Kovács. Esta disciplina foi uma das primeiras, que me fez lembrar o porquê eu tinha escolhido a carreira de psicóloga e o que me fascinava tanto no contato com as pessoas. Eu só não sabia, até então, que refletir sobre a morte me faria refletir tanto sobre minha vida, minha profissão e aquilo que eu mais gostava de estudar dentro da Psicologia: os temas relacionados ao desenvolvimento das pessoas nas diferentes faixas etárias; seus comportamentos e reações mais peculiares de cada estágio da vida; às perdas e separações e como estes eventos podem marcar a vida de cada indivíduo para sempre; à qualidade de vida mesmo na proximidade da morte; à ajuda aos pacientes enfermos e como podemos aliviar sua dor; ao cuidado com os profissionais de saúde e educação que tanto fazem pelos seus pacientes e alunos e, muitas vezes, esquecem de cuidar de si mesmos...

Assim, após o término desta disciplina, procurei a Maria Julia e fiz uma pesquisa que envolveu o tema da morte e o adolescente, assunto abordado também neste estudo. Lembro-me que Maria Julia perguntou com que faixa etária eu gostaria de trabalhar. Optei pela adolescência, já que gosto de lidar com jovens. Ainda não sei exatamente porquê, mas me sinto bem trabalhando com eles, talvez porque a minha adolescência tenha sido bastante marcante. Hoje é desafiador e recompensador saber que posso fazer algo pelos jovens (ou pelo menos tentar), nesta etapa tão especial na vida de qualquer ser humano, cheia de conflitos, mas também repleta de descobertas e momentos inesquecíveis. Quando penso na minha vida, sinto que já faz alguns anos que passei pela adolescência, afinal já sou psicóloga, mas quando penso que tenho 25 anos, vejo que a adolescência não está tão longe assim. De alguma forma, ainda me sinto próxima deles.

O trabalho desenvolvido com este tema suscitou várias reflexões e questionamentos: Por que os adolescentes estão engrossando de forma significativa as taxas de mortalidade? O que pensam sobre isso? Qual a razão que eles vêem para esta realidade? Como isso poderia mudar? Será que acreditam que perguntar/discutir/refletir sobre este tema poderia diminuir os altos índices de mortalidade entre os jovens? – Estas são algumas perguntas que fazem parte dos objetivos da pesquisa atual: compreender como os adolescentes percebem, refletem e se relacionam com o tema da morte.

Com o término da graduação surgiu a possibilidade de ingressar no Mestrado e continuar estudando este tema que tanto me fascinou. Em relação ao tema do meu projeto de pesquisa, acredito que o ser humano possui um grande envolvimento com a morte, refletindo sobre a sua própria experiência de vida e a qualidade desta. Na minha opinião o tema da morte é muito importante para a Psicologia, uma vez que em suas práticas profissionais cotidianas a morte está sempre presente, seja de forma concreta ou simbólica: nos hospitais – no atendimento a pacientes gravemente enfermos e seus familiares; nas escolas – onde as crianças podem trazer a experiência da morte de um animal de estimação, a separação dos seus pais, mudanças de sala ou saída de amigos; na empresa – com mudanças de papéis, morte de colegas, acidentes de trabalho; nos consultórios particulares - com perdas de emprego, separações, crescimento dos filhos, morte de familiares etc.

Interessante que quando as pessoas me perguntam o tema da minha dissertação de mestrado e eu respondo: “é sobre a morte na adolescência”, a grande maioria, senão a totalidade delas, demonstram um certo desconforto e estranheza. As pessoas falam: “como assim?”, “credo...”, “nossa...” Percebo que as pessoas sentem a morte e a adolescência como dois temas distantes ou totalmente incompatíveis e paradoxais. Algumas também me perguntam freqüentemente: “Por que você escolheu estudar a morte na adolescência e não outros temas como gravidez precoce, orientação profissional etc.?” Percebo, mais uma vez, um comportamento das pessoas como se realmente achassem (ou preferissem achar) que não ocorrem mortes na adolescência, ou seja, fingir que não existe.

Acredito que a presente pesquisa é de relevância para a sociedade, na medida em que se pôde ouvir a voz daqueles que protagonizam um segmento importante da sociedade e, além disso, pode ter um caráter de denúncia da situação atual de mortalidade dos jovens, que está se agravando, e que talvez não seja olhada e veiculada pelos meios de comunicação. Os jovens puderam falar sobre o alto risco envolvido em muitos dos seus comportamentos e sobre a ocorrência de mortes na adolescência. Além disso, compartilharam suas experiências e falaram de suas angústias, temores e necessidades.

Com isso, busquei possibilitar um espaço de comunicação sobre o tema da morte, podendo-se ampliar estes espaços dentro da própria rede social do adolescente, com sua família, amigos e professores e enfatizando-se a troca de sentimentos, experiências e informações.

1. INTRODUÇÃO

Na época do Buda, uma mulher chamada Kisagotami sofreu a morte do seu filho único. Sem conseguir aceitar o fato, ela corria de um a outro, em busca de um remédio que restaurasse a vida da criança. Dizia-se que o Buda teria esse medicamento.

Kisagotami foi ao Buda, fez-lhe reverência e apresentou seu pedido.

- O Buda pode fazer um remédio que recupere meu filho?

- Sei da existência desse remédio – respondeu o Buda. – Mas para fazê-lo, preciso ter certos ingredientes.

- Quais são os ingredientes necessários? – perguntou a mulher, aliviada.

- Traga-me um punhado de sementes de mostarda – disse o Buda. A mulher prometeu obter o ingrediente para ele; mas, quando ela estava saindo, o Buda acrescentou um detalhe. – Exijo que a semente de mostarda seja retirada de uma casa na qual não tenha havido morte de criança, cônjuge, genitor ou criado.

A mulher concordou e começou a ir de casa em casa à procura da semente de mostarda. Em cada casa, as pessoas concordavam em lhe dar as sementes; mas, quando ela lhes perguntava se havia ocorrido alguma morte naquela residência, não conseguiu encontrar uma casa que não tivesse sido visitada pela morte. Uma filha nessa aqui, um criado na outra, em outras um marido ou pai haviam morrido. Kisagotami não conseguiu encontrar um lar que fosse imune ao sofrimento da morte. Vendo que não estava só na sua dor, a mãe desapegou-se do corpo inerte do filho e voltou ao Buda, que disse com enorme compaixão:

- Você achava que só você tinha perdido um filho. A lei da morte consiste em não haver permanência entre todas as criaturas vivas¹.

¹ LAMA, D. & CUTLER, H. C. (2000). **A arte da felicidade: um manual para a vida**. São Paulo: Martins Fontes, p. 149-150.

1.1. O TEMA DA MORTE

- Olhe ao seu redor. A vida é abundante. Há flores, árvores e sapos. Tudo faz parte da roda.
Está sempre mudando. Está sempre crescendo. Como você, a sua vida nunca é igual.
Você já foi criança. Agora você está prestes a virar uma mulher.
Um dia você crescerá, fará algo importante. Você terá filhos, talvez.
E, então, um dia, você se apagará, assim como a chama de uma vela.
Você cederá seu lugar para uma nova vida. Isso é uma certeza, é o ciclo natural das coisas...
Uma coisa eu aprendi sobre as pessoas. Muitas delas farão de tudo para não morrer.
E elas farão de tudo para evitar ter de viver suas vidas.

- Eu não quero morrer. Isto é ruim?

- Não. Nenhum ser humano quer. Mas faz parte da roda, é o mesmo que nascer.
Você não pode viver sem morrer.
Não tenha medo da morte. Tenha medo da vida não vivida.
Não tem que viver para sempre. Só tem que viver ²

A morte restaura a vida à sua mais pura simplicidade e nos diz das coisas que
realmente importam ³

A magia e o mistério da vida só são descobertos na vivência que se abre para os outros;
em outras palavras, o sentido da vida não pode ser compreendido por referência a um
ser humano isolado ⁴

A Morte é algo que não pode ser descrito, pensado, nomeado, algo frente ao qual não se encontram palavras. Essa impossibilidade de simbolizá-la, de incluí-la na rede de idéias e pensamentos, a torna terrificante. A própria palavra Morte não dá conta do que ela seja: cada um de nós tentará enganchá-la em outras palavras, que expressam idéias, fantasias, crenças. Termos tais como “fim”, “passagem”, “encontro”, “paraíso”, “Deus”, “reencarnação”, tentam aproximar o indivíduo de um esboço de explicação. Mas estas últimas palavras também são pobres para descrever o muito que se imagina e o tão pouco que se sabe... é esse Não-Saber que nos assusta, muito mais do que o próprio evento. ⁵

² Diálogo retirado do filme “Vivendo na eternidade” (*Tuck Everlasting*, EUA, 2002 – 90 minutos). Direção Jay W. Russell.

³ ALVES, R. In: GUARNIERI, M. C. M. (2003). **Do fim ao começo: falando sobre perdas, luto e morte**. São Paulo: Paulinas, p. 11.

⁴ Idem 3

⁵ CASSORLA (2003) In: KOVÁCS (2003). **Educação para a morte: desafio na formação de profissionais de saúde e educação**. São Paulo: Casa do Psicólogo: FAPESP, p.13.

Interessante as pessoas usarem a expressão ‘vida e morte’
implicando que a vida é o oposto da morte... mas o nascimento
é o oposto da morte, a vida não tem oposto.⁶

Morte é a ausência definitiva.⁷

Conviver com a impressão de que ela nos espreita é tão angustiante que organizamos
a rotina diária como se fôssemos imortais e, ainda, criamos teorias fantásticas
para nos convencer de que a vida é eterna.⁸

Quando por alguma razão nos detemos diante de alguém que acabou de morrer,
somos inevitavelmente invadidos por um silêncio reflexivo.⁹

Ao fechar os olhos diante da perda da integridade física do outro, procuramos afastar de nós
o desconforto da lembrança de nossa própria efemeridade.¹⁰

Lidar de perto com a perspectiva da morte alheia nos remete à constatação de nossa própria fragilidade.¹¹

Não estou triste, nem lamento me retirar; a morte tem seu momento na história de cada um.¹²

⁶ Frase retirada do seriado de televisão Dawson's Creek

⁷ VARELLA, D. (2004). **Por um fio**. São Paulo: Companhia das Letras.

⁸ Idem 7

⁹ Idem 7

¹⁰ Idem 7

¹¹ Idem 7

¹² Idem 7

A morte é um tema sobre o qual se discute sem nada poder se afirmar com certezas e verdades absolutas. A morte, quando pronunciada, desperta curiosidade, mas também provoca desconforto e vem sempre acompanhada de muitas dúvidas, emoções e reflexões.

Nossa cultura valoriza a vida em muitos detalhes, da fertilização *in vitro* aos métodos de rejuvenescimento. Atualmente, existe um investimento muito grande em cuidados com a aparência e em qualidade de vida, buscando evitar doenças e manter a saúde. Porém, ninguém vive sem estar exposto à dor, à perda e ao sofrimento, pois estes são fenômenos universais. Entretanto não significa que seja fácil aceitá-los e superá-los.

ESSLINGER (2003) citando BAUDOIN & BLONDEAU (1993), aponta que na sociedade capitalista ocidental atual, os indivíduos são muito mais valorizados pelo que têm e produzem e uma grande relevância é dada à beleza, à saúde e à eterna juventude, sendo a idéia da morte desvinculada do mundo dos vivos. O tema da morte é visto, hoje em dia, como tabu, ou seja, muitas vezes isolada, ocultada e vista como o “impronunciável”, mas a comunicação é necessária para o seu enfrentamento. As pessoas envolvidas no último ato de sua vida, decorrente ou de algo imprevisível, acidental ou de processos lentos e dolorosos, normalmente estão pouco preparadas para enfrentá-lo. A morte de alguém próximo pode virar do avesso as vidas das pessoas que ficam e gerando transformações para toda uma vida.

Vinte ou trinta anos atrás, eu fugia de tudo o que pudesse me lembrar a morte: enterros, visitas funerárias. Recusei-me até a ver meu próprio pai morto. Eu tinha medo da morte e não queria aceitar essa idéia. Mas o tempo passou, e uma grande transformação se operou dentro de mim. Provas científicas e minhas vivências interiores me levam hoje a afirmar sem pestanejar: a morte morreu. Pelo menos para mim (WEIL, 1995).

VIORST (1988) afirma que o sentimento do medo da morte é insuportável e, por isto, as pessoas tendem a afastar e negar sua idéia. Temos medo do desconhecido, de ficar sozinhos e desamparados. Muitas pessoas temem mais o processo de morrer do que a própria morte. O que a autora discute é que a negação da morte pode empobrecer nossa vida, pois o conhecimento de que certamente morreremos um dia pode intensificar as sensações do momento presente, enriquecendo nosso amor pela vida.

Atualmente, com a explosão de novos conhecimentos e o incremento de recursos médicos (não negando a importância desses avanços), muitas vezes o homem não é capaz de aceitar a sua própria finitude, esquivando-se da possibilidade da singularização da morte, vista como vergonha, erro ou

fracasso. O desenvolvimento tecnológico não está necessariamente relacionado e não é suficiente para que a humanidade viva melhor (CASSORLA, 2003). Segundo LEITE (2003¹³), os alunos de Medicina possuem uma formação na faculdade com a visão de que o médico vai curar e salvar vidas, não esperando que seus pacientes morram e não encarando a morte como um acontecimento natural, um processo ou eventos inevitáveis.

Para ERTHAL (1990), não é preciso estar diante da morte para perceber sua existência, sua inevitabilidade e uma presença constantes, mesmo antes de sua chegada. Não há como buscar o sentido dos afetos, sentimentos, manifestações intelectuais ou sociais numa existência imortal, pois morrer é um dado estruturante de nossa existência (HEIDEGGER, 1980).

A morte, que é o reverso essencial da vida, está presente em vários momentos da nossa existência. Estamos cercados pela morte, por exemplo por meio da leitura de livros de escritores já falecidos ou até mesmo nas placas de rua que identificam pessoas que já não estão mais vivas (MELO, 2004).

VIORST (1988) aponta que para muitas pessoas, a imortalidade pode estar presente nos trabalhos e atos, nas descobertas, no que se constrói, se ensina e se cria, no que pode vir a influenciar as gerações futuras. Não é preciso estar nos livros de história ou fazer parte de uma obra que abale o mundo, e sim procurar desenvolver um trabalho cotidiano que possa trazer conseqüências significativas para as pessoas próximas e, assim, perpetuar tais ações e ensinamentos através dos tempos.

Refletindo-se sobre este tema, percebe-se que a morte do outro consiste na vivência da morte em vida, ou seja, constata-se o inevitável: nossa vida tem um fim. O morrer não é mais um acontecimento acidental, ele nos pertence e é intrínseco à vida. A aceitação e a conscientização de que existe um tempo limitado de vida para cada um e de que não há como escapar da morte ou transferi-la para outros, muitas vezes, leva as pessoas a um estado reflexivo e a uma busca de sentido útil para a vida, proporcionando-se, assim, enriquecimento psíquico. Essa aceitação e conscientização se dá, normalmente, quando a dor simbólica da morte pode ser comunicada, trabalhada e resignificada. Na situação de luto elaborado, o outro é em parte internalizado nas memórias e lembranças.

FREUD em “Luto e melancolia” (1915/1917), apresenta um estudo sobre o processo normal e patológico de luto. O luto é visto como a reação à perda de um ente querido ocasionando várias respostas comuns como um profundo desânimo e desinteresse pelas atividades cotidianas, uma perda

¹³ Entrevista realizada pela pesquisadora com uma aluna de Medicina do 6º ano da Universidade de São Paulo.

temporária da capacidade de amar, distúrbios do sono e uma inibição de atividades externas. O trabalho do luto envolve um teste de realidade que comprova que o objeto não existe mais e a energia vital (libido) é retirada das ligações com ele. Este desligamento envolve lembranças, expectativas vinculadas ao objeto, o desinvestimento destas. É um processo bastante árduo. A partir daí, o ego pode permanecer livre para novas possibilidades de vínculo.

Na melancolia, além dos sintomas do luto normal, ocorre um empobrecimento do ego, como se devesse ser punido. É descrita a relação entre a melancolia e o suicídio, nos quais os impulsos destrutivos contra o objeto perdido são voltados contra si, e a pessoa tende a se ver como objeto, dirigindo para si a hostilidade relacionada ao outro.

Na verdade, é difícil avaliar o impacto que uma morte pode provocar em nossa vida, depende da experiência de vida, do momento que estamos vivendo, dos sentimentos e do tipo de relação que tínhamos com a pessoa falecida, do jeito que já vivemos outras perdas e da forma como aprendemos o que a morte significa na nossa sociedade (GUARNIERI, 2003, p. 28).

O processo de luto é singular e acontece quando um vínculo afetivo é rompido, despertando várias emoções, sentidas, percebidas, compreendidas e transformadas, mas pode depender de algumas circunstâncias especiais. BOWLBY (1985) classifica as variáveis do curso do luto: identidade e o papel da pessoa perdida; idade e sexo da pessoa enlutada; causas e circunstâncias da perda; circunstâncias sociais e psicológicas que afetam a pessoa enlutada na época da perda e depois dela e a personalidade do enlutado. Assim, as manifestações de luto complicado são mais prováveis quando a perda é de uma pessoa próxima (pais, cônjuge ou filhos), quando a perda é sofrida na primeira infância ou adolescência (época ainda de formação da identidade) ou quando a perda ocorre de maneira súbita (sem um “preparo” ou despedidas). Porém, cada caso deve ser avaliado com suas especificidades, visto que não há maneiras “corretas” para lidar com a morte e suas conseqüências, sendo a forma que cada ser sente, reage e memoriza a dor, é única e pessoal. Segundo GUARNIERI (2003), quando morre uma pessoa que amamos, não encontramos uma explicação precisa, caracterizando-se sempre como a “pior morte”. Aquela pessoa que sofre a perda pode ter a sensação que a sua dor é a maior que alguém já pôde vivenciar.

MIGUELEZ (2001)¹⁴ aponta que a estabilidade enganosa e o fluxo imprevisível da vida são interrompidos em situações de perda. A morte pode provocar a ruptura e a revisão de projetos em vida

¹⁴ MIGUELEZ, OSCAR – A escolha de Sofia. Questões sobre luto e narcisismo – 1º Encontro Latino Americano dos Estados Gerais da Psicanálise – São Paulo, outubro de 2001.

dos familiares e amigos que ficaram. A morte de um adolescente, de um filho ou uma filha, pode abalar os projetos de toda uma família; projetos estes imaginados em relação aos membros desta família e ao adolescente que morreu, por exemplo: sua formatura na Universidade; o casamento tão sonhado deste filho; os netos que viriam no futuro etc. Portanto, a morte inesperada torna impossível a realização de muitos projetos e desejos, deixando-os guardados na lembrança daqueles que ficam. Neste sentido, pensar sobre a morte tem o potencial de humanizar a vida, ou seja, pode provocar uma reflexão positiva sobre ela, gerando mudanças que proporcionam uma vida mais bem vivida.

KOVÁCS (2003) aponta que existe a crença dos adultos de que as crianças não percebem a morte de uma pessoa próxima. Normalmente elas são observadoras e percebem mudanças na rotina e no modo de agir daqueles à sua volta. ABERASTURY (1984) estudou crianças que haviam sofrido alguma perda ou estavam doentes e essa percepção era nitidamente demonstrada nos seus desenhos e atividades lúdicas. Quando a criança perde um familiar, falar sobre a morte pode aliviá-la, fornecer acolhimento e facilitar a elaboração do luto (como em outras fases do desenvolvimento) e sua relação com o adulto. Se este reforça a negação, fica difícil para a criança passar para as outras fases do luto: anseio e protesto (raiva e desejo de encontrar o morto), barganha (promessas em troca de mais algum tempo), desespero (afastamento de pessoas e atividades, apatia, depressão) e, enfim, a aceitação, recuperação e restituição, desistindo de recuperar a pessoa morta. Portanto, o esclarecimento e a permissão para as crianças falarem de suas fantasias, medos e culpas são vistos como necessários para o enfrentamento da morte, o que é válido também para outras idades.

Eu me lembro de uma colega que me contou sobre o dia em que seu filho se surpreendeu com a morte. Ele era bem pequeno e, andando no parque com a mãe, parou assustado em frente a uma borboleta que estava morta e perguntou: “Ela está dormindo?” A mãe respondeu que não. E ele fez uma série de perguntas, querendo entender se ela estava doente, se ela não ia se mexer mais, para onde ia agora, o que iria lhe acontecer e fatalmente a questão final: “Todos nós morremos?” (GUARNIERI, 2003, p. 17-18).

KÜBLER-ROSS (1996) questiona os tabus, mentiras e enganos que nos impedem de falar sobre a morte. Ela incentivou intensamente o diálogo com pacientes terminais como forma de lhes propiciar alívio e compartilhamento de temores e necessidades.

Segundo KASTENBAUM & AISENBERG (1983), a morte sempre existiu em nossas vidas, mas nem sempre teve representação nítida em nossas mentes. Profissionais de saúde, que são tidos como especialistas em pensamento, comportamento e interação entre pessoas, não parecem estar

preparados para compreender, refletir ou enfrentar questões relacionadas com a morte. Isso não quer dizer que exista um “preparo” específico em relação à morte e seu enfrentamento, mas este tema faz ou fará parte da experiência de qualquer um de nós, nos fazendo refletir sobre nossas próprias relações pessoais com a vida e a morte.

Portanto, é de extrema importância a inclusão do tema da morte no processo de formação dos profissionais de saúde. Apesar dessa pesquisa não ter como foco estes profissionais, destacando mais de perto a área de educação, considere importante também citá-los, já que o psicólogo é um profissional que pode estar inserido em ambas as áreas. Além disso, em pesquisa bibliográfica, há mais referências sobre o tema da morte abordado no contexto hospitalar, sendo a preocupação com o contexto educacional mais recente. O que há de comum nestes é a falta de preparo dos profissionais de ambas as áreas para lidar com o tema da morte no cotidiano de trabalho (KOVÁCS, 2003).

Em relação a área da Psicologia, segundo ESSLINGER (1995) & KOVÁCS (2003), a morte concreta e simbólica está presente na prática cotidiana do psicólogo: nos hospitais, escolas, empresas, consultórios particulares, instituições de saúde etc. Assim, o psicólogo, inserido nesses contextos, pode se deparar com questões ligadas às angústias de um paciente terminal, com tentativas de suicídio, comportamentos autodestrutivos, com o comer compulsivo gerando adoecimento, com doenças como a anorexia ou a bulimia nervosa que colocam em risco a vida dessas pessoas, com famílias enlutadas ou, certamente, perdas do cotidiano como por exemplo: mudanças de papéis, de salas de aula, a saída de amigos da escola, separações, a morte de um animal de estimação, desemprego, alterações em situações socioeconômica ou afetiva, crescimento dos filhos, a adolescência, o envelhecimento entre outras. KOVÁCS (1996) aponta que estas perdas podem ser sentidas como “pequenas mortes”, pois há uma transição para uma nova situação de vida e uma etapa desconhecida.

VIORST (1988) conta que durante a vida abandona-se muito do que se ama e é também abandonado. Amar alguma coisa ou pessoa é se tornar vulnerável à perda. A renúncia e a dor fazem parte do caminho da existência do nascimento até a morte. Renuncia-se às expectativas impossíveis, à amizades, casamentos e filhos perfeitos, para encontrar as imperfeições dos relacionamentos completamente humanos. Esta autora ainda acrescenta que as muitas perdas trazidas pelo tempo são oportunidades para transformações criativas até o último momento da vida.

Refletir sobre o tema da morte e a possibilidade concreta de sua ocorrência podem propiciar profundas reflexões sobre a vida. Assim, ao falar de morte, podemos também estar falando de vida.

Custei a aceitar a constatação de que muitos de meus pacientes encontravam novos significados para a existência ao senti-la esvair-se, a ponto de adquirirem mais sabedoria e viverem mais felizes que antes, mas essa descoberta transformou minha vida pessoal: será que com esforço não consigo aprender a pensar e a agir como eles enquanto tenho saúde? (VARELLA, 2004, p. 206)

Sabe-se que a perda de uma pessoa significativa é um dos acontecimentos mais desorganizadores da existência de uma pessoa. Assim, é comum a busca de cuidados e acolhimento após um evento como esse. O profissional cuidador terá que abordar processos muito intensos e aspectos muito determinantes como a vida e sua reorganização frente à ausência do ente querido, além dos sentimentos fortes que emergem desse trabalho de luto.

No contexto organizacional, por exemplo, no qual o tema da morte parece estar distante, os profissionais nas empresas podem se ver obrigados a se dedicar ao assunto numa abordagem preventiva, ou nos cuidados a seus funcionários em relação a acontecimentos no ambiente de trabalho. Neste contexto podem estar presentes aspectos como: perda do emprego, acidentes de trabalho, trabalho compulsivo, índices crescentes de adoecimento e até tentativas de suicídios. Então nos perguntamos: como o psicólogo pode deixar de se aproximar do tema da morte? KOVÁCS (2003) vai mais adiante: será que o psicólogo está preparado para enxergar sinais que indicam processos autodestrutivos que podem ter como consequência adoecimento e/ou risco de vida? Eu pergunto: será que existe a disponibilidade desses profissionais para se preparar/discutir/refletir sobre o tema da morte?

Em qualquer situação em que haja vida, a questão do lidar com a morte torna-se necessária, imperativa, uma vez que, parece que a evolução da ciência e da tecnologia ajudou a prolongar a vida, sem, entretanto, levar em conta o que é a vida, bem como as necessidades humanas. (ESSLINGER, 1995, p.18).

Hoje, com a onipotência do homem moderno, a morte, vista como tabu, é uma presença incômoda, deve ser oculta, discreta e banida do nosso cotidiano. Segundo ARIÈS (1977), a morte era uma figura familiar, mas atualmente, basta nomeá-la e já se pode perceber uma tensão emocional incompatível com a regularidade da vida cotidiana. No século XX observa-se a representação de “morte invertida”, escondida, vergonhosa e vista como o grande fracasso da humanidade. A nossa sociedade condena a expressão e a vivência da dor, como se esta fosse um sinal de fraqueza, já que, atualmente, exige-se força e controle das pessoas. A sociedade capitalista não suporta ver os sinais da morte, seus rituais tendem a ocultá-los e isso pode resultar num processo de luto mal elaborado e em muitas doenças psíquicas. KOVÁCS (2003) aponta que o luto mal elaborado está se tornando um problema de saúde pública, visto que muitas pessoas estão adoecendo em função de uma excessiva carga de sofrimento sem possibilidade de elaboração.

A sociedade atual expulsou a morte para proteger a vida. Não há mais sinal de que uma morte ocorreu (...) a morte não deve ser percebida (KOVÁCS, 1992, p.38).

Durante a formação e atuação profissional, os médicos são treinados a combater a morte, ou seja, a buscar a cura em todos os casos. Durante a graduação, ao se depararem com os cadáveres nas aulas de anatomia, os alunos de Medicina aprendem que a luta deles será combater sempre a morte, configurando-se o verdadeiro erro médico.

Segundo LEITE (2003), os alunos de Medicina não têm um espaço na faculdade e nos hospitais para discutir, pensar ou falar sobre o tema da morte e suas limitações enquanto profissionais de saúde. Há um impacto quando a morte ocorre e a reflexão, muitas vezes, é feita individualmente. Também não há espaço para se discutir sobre os sentimentos e dificuldades ao lidar com pacientes gravemente enfermos e suas famílias. As discussões normalmente ocorrem apenas do ponto de vista médico dos casos, não abordando os sentimentos envolvidos nos cuidados.

Uma outra representação de morte do fim do século XX e início do século XXI é denominada por KOVÁCS (2003) de “morte escancarada”. Este retrato da morte é visto como invasivo e repentino, pois passa a fazer parte da vida das pessoas sem que estas possam se proteger da sua presença e de suas consequências. São exemplos de morte escancarada os acidentes e homicídios (morte violenta) e as mortes exibidas pelos meios de comunicação, principalmente pela TV. Esta representação da morte será mais aprofundada em outros espaços deste trabalho.

Assim, é necessário criar espaços de facilitação da comunicação entre crianças, adolescentes, adultos, idosos, famílias e profissionais de saúde e educação diante desse tema tão complexo e presente. É importante tentar falar, questionar e compartilhar sentimentos, rituais, opiniões, crenças e medos sobre o assunto. O silêncio pode provocar um distanciamento entre as pessoas envolvidas, resultando em dificuldades de convivência. O fato é que a morte existe e, mesmo não se falando dela, esta acontece com as pessoas das mais diferentes idades.

1.2 OS ADOLESCENTES

“O primeiro grande salto para a vida é o nascimento.
O segundo é a adolescência”.

Eduardo Kalina. In: BECKER, D. (2003). **O que é adolescência**. São Paulo: Brasiliense.

No adolescente, corpo, idéias, emoções e comportamento
sofrem as conseqüências do processo de transformação.
BECKER, D. (2003). **O que é adolescência**. São Paulo: Brasiliense.

O adolescente

A vida é tão bela que chega a dar medo.
Não o medo que paralisa e gela, estátua súbita, mas esse medo fascinante e fremente de curiosidade que
faz o jovem felino seguir para a frente farejando o vento ao sair, a primeira vez, da gruta.
Medo que ofusca: luz!
Cumplidamente, as folhas contam-te um segredo velho como o mundo:
Adolescente, olha! A vida é nova...
A vida é nova e anda nua – vestida apenas com o teu desejo!
(Mário Quintana¹⁵)

Eu não tenho mais a cara que eu tinha
No espelho essa cara não é minha (Arnaldo Antunes)

Ser um homem é exatamente ser responsável
(Antoine de Saint-Exupéry)
Responsável significa assumir compromissos e cumpri-los.
Responsável significa, naturalmente, amarrar o próprio sapato.
Mas significa também não ter permissão para culpar uma infância terrível –
ou uma paixão, uma tentação, uma ignorância ou uma inocência –
por atos que são nossos, por ações que realmente praticamos. Pois se,
na realidade, as praticamos, somos responsáveis.
(Judith Viorst)

Segundo o IBGE¹⁶, os adolescentes correspondem a 28 milhões de brasileiros com idade entre 15 e 22 anos, o que representa 16% da população total do país. Além disso, há 2,9 milhões de jovens a mais na geração atual do que há 10 anos. Outros dados importantes são em relação aos maiores medos dos adolescentes¹⁷. Entre estes estão: perder os pais, ficar viciado em drogas, morrer, não dar certo na vida, sofrer algum tipo de violência, não ter dinheiro e ficar grávida/ engravidar a namorada. Julguei relevante citar estes dados, já que esta pesquisa abordou vários destes aspectos.

¹⁵ ZILBERMAN, R. (1988). **Mário Quintana**. São Paulo: Nova Cultural

¹⁶ Fonte: Revista Veja Especial Jovens – agosto de 2003

¹⁷ Fonte CPM Research - Revista Veja Especial Jovens – agosto de 2003

BECKER (2003) aponta que o conceito de adolescência (do latim *ad*, para + *olescere*, crescer: crescer para) apareceu por volta do início do século XX. O fenômeno da puberdade é discutido desde os primórdios do ser humano, mas a importância dada pela sociedade à adolescência é bem mais recente. Até o século XVIII, a adolescência não era claramente distinta da infância. Nas escolas jesuítas, garotos de 13 a 15 anos eram chamados de crianças ou adolescentes da mesma forma. Quando ocorreu a ascensão da burguesia como classe dominante, houve mudanças na estrutura de ensino, com o surgimento da formação primária e secundária. Dessa forma, se estabeleceu uma relação entre idade e classe escolar, e, com isso, a adolescência passou a ser melhor distinguida. Há pouco tempo, ser jovem era algo para ser vivido apressadamente rumo à fase adulta, como podem dizer nossos pais e avós. Após a Segunda Guerra Mundial, passou a ser dar mais importância à juventude. Hoje ser jovem é uma fase a ser preservada e prolongada o máximo que se puder.

Atualmente os jovens amam, estudam, brigam, trabalham, batalham com seus corpos que se esticam e se transformam, lidam com as dificuldades de crescer, eles se procuram e, eventualmente, se acham. A adolescência é objeto de inveja, admiração, felicidade, sonhos de liberdade e, ao mesmo tempo, objeto de medo, desconfiança, insegurança, pesadelo e desordem. KOVÁCS (2003) aponta: os jovens têm sonhos, ilusões e almejam as realizações pessoal, amorosa e vocacional. Está no auge da sua vida e, normalmente, dirige sua energia psíquica para a construção do seu lugar no mundo e a consolidação da sua identidade, não existe espaço para pensar em desconstrução ou morte.

O adolescente já tem recursos cognitivos para compreender as características mais importantes da morte como a irreversibilidade e a universalidade, e conhecimentos de lógica formal que permitem estabelecer relações de causalidade. Por outro lado, pode estar distante desse tema num período da vida de intensas mudanças e expressões de conflitos de sentimentos.

Esta intrigante e rica fase do desenvolvimento humano e seu significado correspondem a um período de tempo bastante difícil de se determinar: transição que se inicia quando se atinge a maturidade sexual e termina quando se torna independente do adulto (HURLOCK, 1979). Há uma combinação de critérios para se delimitar o início e o final da adolescência: o cronológico, o sociológico, o psicológico entre outros.

Busca-se compreender a adolescência por vários pontos de vista. Esta fase do desenvolvimento vem apresentando múltiplas transformações de representações. Um aspecto importante a ser levado em consideração é que, com a evolução do mundo moderno e com o aprimoramento técnico atual, o término da adolescência vem se prolongando por alguns anos (JUNQUEIRA, 2000). A cultura

ocidental é responsável por uma excessiva valorização desta fase do desenvolvimento. É um momento da vida muito idealizado pela representação de força, saúde e beleza; cobiçado pela mídia e pelos ideais de consumo. Assim, incentiva-se a idéia de que o jovem está na melhor fase de sua vida e este pode sentir uma grande dificuldade de ingressar no mundo adulto, que exige mudanças de postura, em relação a deveres e responsabilidades. Dessa forma, a consolidação da identidade do jovem e a entrada definitiva no mundo dos adultos podem ficar proteladas.

Além disso, na sociedade atual há uma antecipação da adolescência, que pode ser percebida pelo anseio da criança em relação às mudanças no seu corpo infantil e pela manifestação precoce da puberdade.

Outro importante aspecto é que, hoje em dia, a preparação dos adolescentes para o mercado de trabalho vem se especializando, o que gera um aumento no número de anos de estudo e, com isso, a dependência financeira dos pais permanece. Somado a isso, há uma dificuldade atual de entrada no mundo do trabalho e auto-sustento. Os índices de desemprego são crescentes e existem mudanças constantes nas relações de trabalho como a: informalidade, terceirizações e instabilidades no vínculo empregatício, que dificultam tal ingresso. Percebe-se que a sociedade tenta justificar este adiamento pela ausência de conteúdo e preparação técnica e acadêmica do jovem, como se este ainda não estivesse apto a assumir seu espaço profissional no mundo do trabalho. O impasse vivido pelo adolescente é que, juntamente ao prolongamento desta fase da vida, ele é cobrado para assumir uma posição autônoma e produtiva, tanto emocional quanto socialmente. Para CARVALHO (2002), os jovens cada vez esperam mais tempo para sentir que alcançaram o tão almejado status de adultos.

VIORST (1988) aponta que crescer, se tornar um indivíduo responsável, significa renunciar a muitas coisas, perdas e ganhos se misturam. A adolescência é um período de mortes simbólicas, ou seja, de lutos por perdas, constituindo, o que ABERASTURY & KNOBEL (1981) denominaram como três lutos fundamentais: *luto pelo corpo infantil perdido*: ao se impor uma nova base biológica na adolescência, no qual o indivíduo sente estas mudanças como algo externo, podendo se sentir impotente frente ao que ocorre com seu próprio organismo; *luto pelo papel e a identidade infantis*: que pode mobilizar o adolescente a renunciar da dependência e aceitar uma responsabilidade que normalmente desconhece; o início da definição do seu papel na procriação; *luto pelos pais da infância*: os quais o adolescente pode tentar manter na sua personalidade, procurando o refúgio e a proteção que estes significam.

Dessa forma, podemos perceber que a adolescência envolve parte das perdas que enfrentamos ao longo de nossa existência. Esta nova perda é considerada necessária para seguirmos às novas fases do desenvolvimento. Segundo VIORST (1988), as perdas que a adolescência acarreta são, muitas vezes, assustadoras (como a perda da união mais íntima com os pais) e devem ser lamentadas para que o jovem compreenda afinal o significado do transitório. Assim, lamentar a infância perdida é outro aspecto central da adolescência.

DOLTO (1990) também aponta que a adolescência pode ser vista como a morte da infância, ou seja, um período de mutações e abandono de identificações infantis quando ainda não existe uma maturidade para enfrentar a vida adulta

Assim, ocorre a perda de algo já conhecido e a angústia frente ao novo, podendo despertar angústia, medo, solidão e tristeza, sendo necessário um tempo de elaboração. Para sair da infância e entrar na vida adulta há um caminho árduo e obscuro para se percorrer.

Há dois principais campos nos quais o adolescente necessita se destacar para chegar à felicidade e ao reconhecimento pela comunidade: as relações amorosas e o poder no campo produtivo, financeiro e social. Resumindo, é importante ser desejável e invejável e isto pode acontecer na escola, família, mídia etc. Os jovens são instruídos a perseguir os valores essenciais que agradem à sociedade. Destes valores destaca-se o ideal de independência. O adolescente quando se olha no espelho e percebe que perdeu aquelas características especiais da infância, tem a fantasia que perdeu o amor incondicional e a proteção dos adultos. Para o adolescente, esta maturação é vista como invasiva e destrutiva. Ele nem é a criança amada, nem o adulto reconhecido (CALLIGARIS, 2000).

O que vemos no espelho é uma imagem que sempre deve muito ao olhar que os outros têm de nós. O adolescente pode se sentir como a criança que se foi e o adulto que não chegou, sendo assim o espelho pode refletir um grande vazio. Daí podem emergir características atuais marcantes da adolescência: insegurança, fragilidade da auto-estima e altos índices de depressão, transtornos alimentares e tentativas de suicídio. O adolescente, na procura de reconhecimento, transgride a vontade dos adultos e pode se engajar em caminhos tortuosos da sociedade.

Segundo ERIKSON (1968/1987), a crise da adolescência é um efeito da sociedade. Para este autor, a rapidez das mudanças na modernidade torna problemática a transmissão de tradições de pais para seus filhos adolescentes. Estes podem ter que se inventar e se constituir sem referências estáveis. A vivência do adolescer vem se agravando, pois os jovens encontram dificuldades na busca de uma base segura, onde possam estabelecer seus ideais como ser único e singular (JUNQUEIRA, 2000).

CARVALHO (2002) aponta que com a aquisição de novas capacidades cognitivas, os adolescentes também adquirem novas responsabilidades quanto a papéis sociais e diferentes exigências e expectativas da família, dos amigos e da sociedade de uma forma geral. Isso tudo implica num desenvolvimento da autonomia, ou seja, na capacidade de tomar decisões, exercer julgamentos e regular de forma apropriada o seu comportamento. Como estes processos implicam numa reconstrução do processo interpessoal, poderão acarretar numa modificação das relações do adolescente. O encorajamento da autonomia do jovem num contexto de apoio e proximidade entre ele e sua família ou os profissionais de educação, por exemplo, pode propiciar um ótimo ambiente para o desenvolvimento e reflexão sobre aspectos como responsabilidade e auto-estima.

Na adolescência pode ocorrer um conflito entre gerações, um choque entre os interesses e valores dentro da ordem familiar, que vem se mostrando conturbada. Também ocorrem mudanças no relacionamento dos jovens com as pessoas a seu redor provocando vários questionamentos, podendo mobilizar vários medos: de crescer e amadurecer, do fim da infância e da saída da proteção familiar, da sexualidade que desperta, do surgimento de uma identidade com reações e emoções desconhecidas, das responsabilidades, exigências e possibilidades que aumentam, das situações novas que surgem, novos interesses, da escolha de uma profissão “errada” que seguirá por toda a vida, a cobrança da família, da escola etc. Os adolescentes têm a sensação de que seus pais e professores falam uma linguagem diferente, o que provoca brigas, e acabam por buscar apoio nos colegas que também possuem dúvidas ou optam por ficar sozinhos, o que nem sempre é confortável ou saudável. Na adolescência, o prazer, muitas vezes, aparece aliado ao medo (SABINO, 2002).

Outras características gerais relativas à adolescência podem ser: tendência a formar grupos, o que permite diluir as responsabilidades de suas ações; surge a necessidade de buscar princípios éticos, filosóficos e sociais; há crises na estruturação da noção do tempo, agindo ora de modo infantil ou adulto; pode se observar também uma atividade social reivindicatória, com tendência a assumir atitudes anti-sociais, diretamente relacionadas com o modo como é percebido pelo mundo adulto; ocorre também instabilidade de conduta e variações de humor; observa-se uma necessidade de separar-se progressivamente dos pais e/ou substitutos, entre outras. (ABERASTURY & KNOBEL, 1981).

Na adolescência, a normalidade é definida como um estado de desarmonia e parece estranho quando o jovem age normalmente. “É normal para o adolescente comportar-se durante um considerável período de tempo de modo imprevisível e inconsistente; lutar contra os impulsos e aceitá-los; livrar-se deles e ser dominado por eles; amar os pais e odiá-los; revoltar-se contra eles e depender

deles; sentir-se profundamente envergonhado em reconhecer a mãe na frente dos amigos e, inesperadamente, desejar ter conversas íntimas com ela; esforçar-se para imitar e se identificar com outras pessoas enquanto procura incessantemente a própria identidade; ser mais idealista, artístico, generoso e desprendido do que jamais será pelo resto da vida, mas também o oposto: egocêntrico, egoísta, calculista. Essas flutuações entre extremos opostos seriam consideradas altamente anormais em qualquer outra época da vida. Na adolescência, podem significar apenas que leva muito tempo para aparecer a estrutura adulta da personalidade...” (ANNA FREUD. In: VIORST (1988, p.154)

A pergunta universal da adolescência poderia ser resumida por: Quem sou eu? A identidade, nesta fase da vida, transforma-se em algo confuso e evasivo. Segundo ERIKSON (1963), a maior tarefa do adolescente é a aquisição da identidade, seu fortalecimento e consolidação como ser único e singular e, para isso, ele tem, muitas vezes, que romper limites e desafiar o mundo. A afirmação desse autor pode se relacionar com os aspectos do rompimento de limites e a ocorrência de mortes inesperadas, além da dificuldade, hoje em dia, dos jovens encontrarem uma base segura de ordem familiar e social.

ERIKSON (1968/1987) entende como “crise” de identidade um momento crucial do desenvolvimento do indivíduo, existindo uma crescente vulnerabilidade e potencialidade. O jovem se encontra num momento do desenvolvimento em que a promessa de se encontrar está muito relacionada à ameaça de se perder. Para este autor, o adolescente “re-resolve” constantemente seus conflitos e a personalidade pode ressurgir de cada “crise”. Esta pode ser experimentada e atravessada pelo crescimento fisiológico, amadurecimento mental e aumento da responsabilidade social dos jovens. O autor vê nessa crise a possibilidade de luta para o jovem se sentir completo, sintetizando o que foi e o que espera ser no futuro. Assim, o “eu” adquire uma nova qualidade na adolescência.

O adolescente é levado ao questionamento e à reflexão; deixa-se influenciar e influencia de forma ativa movimentos e idéias da sociedade (RAPPAPORT, 1993). Estes movimentos carregam uma grande carga de energia dos jovens que fazem novas escolhas e possuem novos sonhos. Além disso, os jovens percebem que crescer implica num estreitamento entre a distância dos sonhos e das possibilidades. Eles percebem que nem tudo é possível e acessível.

É um período carregado de crenças sobre a capacidade de transformação ou, pelo menos, de questionamento da sociedade. O jovem explora, verifica e experimenta inúmeras situações antes do comprometimento com a vida responsável de adulto. Transborda de energia e sonhos, caracterizando uma mistura de coragem e medo contido (JUNQUEIRA, 2000).

Segundo ERIKSON (1968/1987), a moratória é um período de espera que é concedido quando alguém que não está apto para satisfazer uma obrigação, é uma possibilidade de experimentar várias alternativas. Para ele, o adolescente vive um período de moratória psicossocial, ou seja, um prazo de tolerância nos compromissos de adulto por parte da sociedade e da cultura nas quais está inserido.

Para JUNG (1960), a adolescência é um período em que a pessoa está com toda a libido direcionada para a construção do mundo e, assim, há pouco espaço para se pensar na morte. É uma construção da vida em sociedade e do desenvolvimento afetivo e emocional (KOVÁCS, 1992).

Assim, são características que podem marcar a fase da adolescência: destemor, insegurança, onipotência, conflito entre família e amigos, pensamento do “aqui” e “agora”, desabrochar da sexualidade e seu exercício, algumas vezes, de forma irresponsável, angústias pelas mudanças no corpo, imperiosidade dos atos (não pensa antes de agir e nem nas conseqüências), o culto exagerado ao corpo que pode ser uma forma encontrada pelo jovem de exercer controle sobre ele, uma vez que todos os outros acontecimentos parecem incontroláveis, decorrendo daí uma sensação de poder (ESSLINGER & KOVÁCS, 1999).

A adolescência, assim como outras fases do desenvolvimento, se caracteriza a todo momento pela polaridade entre perdas e ganhos, lutos e aprendizagens, medos e novas experiências. A adolescência é um período de profundas “crises” e mudanças biopsicosociais, com alterações físicas nas dimensões corporais (aumento de massa corporal e da velocidade de crescimento, aparecimento de caracteres sexuais secundários, alterações hormonais etc.); na busca da identidade. O jovem pode se mostrar contestador, impetuoso, e, ao mesmo tempo, imaturo e inseguro deparando-se com novas visões da família e da sociedade, aliado a um novo papel social com escolhas sexuais e profissionais. Para KOVÁCS (1992), a onipotência do período adolescente, no qual sente e pensa que tudo pode buscando constantemente o experimentar, sem medos aparentes e cuidados necessários, pode colocar em risco a vida do jovem.

Deixando a infância, o adolescente sai de um lugar seguro e protegido e entra num mundo no qual a vida não é mais tão perfeita e, dificilmente, se mostra próxima do que ele idealizou. O jovem percebe o quanto é penoso crescer. Mas, poder reconhecer estas mudanças faz parte de um ser responsável e livre para fazer escolhas. Esta liberdade pode ser vista como o maior ganho ao deixar de ser criança e este poder de decisão pode ser pensado como um aspecto central na possibilidade de busca de comportamentos que conduzam à vida ou à morte.

1.3 POR QUE O TEMA DA MORTE PARA OS ADOLESCENTES?

A adolescência é a idade da certeza (...) A certeza sobre o pensamento se faz sempre acompanhar por um sentimento de onipotência. Assim, eles não têm medo de fazer as coisas mais perigosas – rachas, roletas-russas – pois nada lhes pode acontecer. Acidentes graves só acontecem com os outros.
(Rubem Alves, 1999, p.30)

“A morte de um filho é capaz de produzir um dos sofrimentos mais intensos que o ser humano pode experimentar. Uma outra paciente que tinha perdido recentemente seu filho apontou-me que essa experiência nem nome tem. Com efeito, quando perde-se o cônjuge fica-se viúvo, quando perdem-se os pais fica-se órfão, mas não há palavra que indique a morte de um filho”.
Oscar M. Miguez (2001)¹⁸

O que caracteriza ser adolescente hoje?

Na sociedade atual, os adolescentes se deparam com infinitas opções para as suas vidas, desde as mais saudáveis, até as mais prejudiciais. Como tentativa de fugir dos referenciais impostos, muitas vezes, trilham caminhos tortuosos e perigosos, cujo retorno é lento, difícil ou até impossível (JUNQUEIRA, 2000). Estas situações de risco se mostram potencializadas nos dias atuais nos quais os carros e motos estão mais velozes, os esportes cada vez mais radicais e perigosos e as drogas mais letais. São poucas as doenças que acometem os adolescentes, entretanto, é mais freqüente o jovem se deparar com a morte de colegas ou amigos próximos da sua idade (KOVÁCS, 2003).

BECKER (1995) aponta que os jovens, muitas vezes, se sentem confusos, pois descobrem que pessoas por quem têm admiração pensam de forma diferente em relação a eles, como por exemplo seus familiares. Assim, os adolescentes vão moldando as suas personalidades a partir de diferentes características das pessoas que fazem parte das suas vidas, considerando ou desconsiderando determinados aspectos. Chamo a atenção para este momento peculiar de descoberta e confusão que caracteriza a adolescência, pois é nestas experiências que estão presentes aspectos relacionados à vida e à morte. Assim, características fascinantes de determinada pessoa, podem atrair o jovem, ao mesmo tempo em que podem conter elementos que colocam sua vida em perigo.

Adolescentes já sabem o que pode provocar a morte e que é irreversível, mas às vezes, parece que preferem ignorá-la realizando ações arriscadas que buscam reafirmar o quanto são poderosos. A prática de rachas, esportes radicais sem proteção, as afrontas agressivas a grupos rivais, as fugas de casa, a pichação de muros e monumentos, os distúrbios alimentares, a liberdade sexual e o uso de

¹⁸ Idem 14.

drogas lícitas e ilícitas ilustram como adolescentes desafiam a morte para se aproximar da idéia que possuem de vida. Faz parte do modo de ser de alguns jovens não “ver” a própria morte acreditando que podem “enganá-la”, ou seja, possuem a ilusão de que nada irá acontecer com eles, como “heróis invencíveis”.

KOVÁCS (2003) discutiu com seus alunos de graduação na disciplina “Psicologia da Morte” sobre as causas de tantas mortes na adolescência. Estes alunos, também inseridos nesta fase do desenvolvimento, disseram que, muitas vezes, os adolescentes buscam comportamentos de risco como forma de encontrarem um sentido para a vida. O importante nesta fala é que eles pareciam estar falando deles mesmos. Esta ausência de sentido seria algo recorrente na adolescência?

O adolescente tem a crença de que quando a morte acontece é porque o outro não soube se cuidar. Segundo ROMANINI (1994), em reportagem sobre os “surfistas dos trens”, aparece o importante aspecto de que aqueles que morrem eletrocutados, se descuidam, ou não são tão espertos para driblar a morte. É interessante como o “enganar a morte” e o “driblar a morte” são falas constantes dos jovens.

Um dos pontos principais que marcam a adolescência é a ligação entre o “aproveitar a vida” e o “desafiar, vencer a morte”, ou seja, o limite frágil que existe entre o prazer e a autodestruição que pode se romper diante do exagero e da irresponsabilidade, ocasionando a morte.¹⁹ Assim, o adolescente, buscando viver plenamente, tenta atingir ideais alguns dos quais podem levá-lo à autodestruição.

Algumas reflexões se fazem necessárias: por que tantos adolescentes experimentam drogas sabendo do seu efeito deletério, seria uma escolha pessoal ou uma indução da sociedade? Por que se envolvem em atos sexuais sem proteção? Por que as pessoas não conseguem pedir ajuda e tentam o suicídio?

CARVALHO (2002) aponta que o uso de drogas por adolescentes ocorre, muitas vezes, por curiosidade, desejo de desafiar limites, tentativas de fugir da realidade em que vivem ou pertencer a grupos. Além disso, o acesso às drogas mostra-se bastante facilitado nos ambientes de convívio dos jovens nos dias atuais.

¹⁹ Nesta pesquisa, estes aspectos serão aprofundados com a utilização do vídeo “Falando de Morte com o Adolescente” do Laboratório de Estudos sobre a Morte do Instituto de Psicologia da USP. Um dos pontos fundamentais deste vídeo é a discussão sobre a natureza de muitos dos comportamentos dos jovens. “O limite entre o prazer e a autodestruição é uma linha frágil que se rompe diante do exagero e da irresponsabilidade, podendo se transformar em tragédia e morte”. (Vinheta que inicia o vídeo)

Uma reportagem do “Fantástico” exibida em 16/11/2003 com o título “Vidas em risco” buscou discutir sobre: Por que os jovens arriscam tanto suas vidas? Algumas respostas dos jovens entrevistados foram as seguintes: “Na hora a gente não pensa, a gente quer se divertir. Eu gosto de correr risco, do perigoso e do ilegal”, afirmou uma jovem de 20 anos. “A gente pensa que o pior nunca vai acontecer com a gente”. “Por isso que a gente é uma geração em perigo”, afirmou outra jovem de 19 anos.

Outra importante pergunta abordada pela reportagem foi: é possível orientar os pais sobre como ajudar seus filhos a se cuidarem mais, a correrem menos riscos? O psiquiatra Raul Gorayeb²⁰, da Escola Paulista de Medicina, apontou que os pais que sabem educar seus filhos fazem isso no dia-a-dia. “O jovem está conhecendo a vida em uma dimensão que para ele muita coisa é novidade, inclusive o risco. Eu tenho filhos adolescentes. Quando eles saem de casa, eu não dou conselho para eles. Ao longo de nossa relação, eu procurei contribuir para que eles aprendessem a se responsabilizar por si mesmos. Se eles aprenderam, eles se cuidam. Se eles não aprenderam, então foi um processo educacional como um todo que falhou”. Assim, o importante é uma relação de troca entre pais e filhos, um canal aberto, em que as duas partes envolvidas falam e são ouvidas. O psiquiatra Jairo Bouer²¹ afirma que os pais podem e devem ser amigos dos filhos, mas antes de tudo, os pais têm que ser pais, colocar algumas regras e limites.

A busca de identidade e o sentimento de inadequação em relação a si mesmo e à sociedade, exige uma nova postura por parte do adolescente gerando conflitos, medos e angústias. Estes sentimentos podem vir a se fazer escutar através de um apelo, com os adolescentes realizando atividades que podem mostrar o seu desespero. Estas atividades constituem os comportamentos de risco, como por exemplo, a promiscuidade, a prática de esportes perigosos, o tabagismo, o uso de drogas, os desafios à lei e até as tentativas de suicídios.

Um outro importante aspecto que tem colocado em risco a vida de muitas jovens se refere aos transtornos alimentares, severas perturbações no comportamento de comer, representados pelos quadros clínicos da anorexia e bulimia nervosa. O primeiro caracteriza-se por uma recusa a manter o peso corporal em uma faixa mínima e um temor intenso de ganhar peso, e o segundo é marcado por episódios repetidos de compulsões de ingestão de comida seguidos de comportamentos compensatórios inadequados, tais como vômitos auto-induzidos; mau uso de laxantes, diuréticos ou

²⁰ Em reportagem exibida no programa “Fantástico” em 16/11/2003.

²¹ Idem 14.

outros medicamentos; jejuns e exercícios físicos excessivos. Nos dois quadros estão presentes uma perturbação na percepção da forma e do peso corporal. Um importante fator de desenvolvimento e manutenção destes transtornos é o aspecto sociocultural, no qual o contexto que está inserido cria pressões para os indivíduos se adequarem a determinados padrões. Observamos que a aparência física, veiculada em grande parte pela mídia, vem crescendo de importância para a avaliação dos indivíduos associando-se à auto-estima e o ideal de magreza muito relacionado ao de felicidade e obtenção de objetivos. Segundo DUCHESNE (In: RANGÉ, 1995) as mulheres buscam estes padrões irreais de beleza para serem aceitas e respeitadas pela sociedade, resultando em muita angústia e insegurança com o próprio corpo.

Uma outra leitura sobre a anorexia nervosa é a de que esta doença pode estar sendo desencadeada pelo impacto da puberdade. Uma jovem anoréxica pode estar fugindo da adolescência, ou seja, tentando escapar de alguma forma de tantas mudanças desta fase do desenvolvimento e, assim, buscando parar o tempo, continuar na infância, ou pelo menos com o corpo de uma criança.

Alguns sinais de alerta que indicam que a adolescente esteja sofrendo destes distúrbios alimentares são: perda rápida de peso; medo intenso de engordar; obsessão por dietas e por contar as calorias de tudo o que come; sensação de que está gorda mesmo estando abaixo do peso; prática de exercícios físicos em excesso; isolamento na hora das refeições; não menstruar por três meses ou mais etc. A participação da família é fundamental na prevenção destas doenças e os pais devem estar atentos a sinais como os mencionados acima.

A desnutrição resultante destes problemas pode exigir internação e tratamentos multidisciplinares com psiquiatras, psicólogos e nutricionistas. Há também a indicação, muitas vezes, de antidepressivos. Os pacientes devem ser acompanhados por vários anos, já que as recaídas são freqüentes.

A anorexia nervosa é um distúrbio com elevada taxa de mortalidade (em torno de 20%), superior aos 15% de óbitos por câncer de mama. Estima-se que no Brasil a bulimia e a anorexia nervosa afetem 100.000 adolescentes, dos quais 90% são garotas. As mortes ocorrem principalmente por parada cardíaca, insuficiência renal e suicídio. Para a psiquiatra Paula Melin, diretora do Núcleo de Transtornos Alimentares e Obesidade (Nuttra) do Rio de Janeiro, dentre as doenças psiquiátricas, estes transtornos alimentares são os que causam mais mortes entre as jovens. Para ela, inseridos numa

cultura que exalta o corpo e a aparência física acima de qualquer consequência, os jovens têm medo de serem discriminados e excluídos por estarem acima do peso.²²

Outro distúrbio que também compreende distorções da auto-imagem, prejuízos nas relações sociais e que pode afetar os garotos é chamado de vigorexia.²³ Neste, apesar do jovem se encontrar musculoso, ele se considera magro e flácido, levando-o a um ganho exagerado de massa muscular através do uso de anabolizantes.

Outra reportagem do “Fantástico” exibida em 29/02/2004 discutiu sobre a vaidade do adolescente mostrada através de cirurgias plásticas realizadas muito precocemente. Os números da Sociedade Brasileira de Cirurgia Plástica (SBCP) apontam: das 100 mil operações feitas no Brasil em 1994, 5 mil foram realizadas em adolescentes, o que representa 5% deste total. Quase uma década depois, em 2003, o número de cirurgias em jovens deu um grande salto: subiu para 60 mil, ou seja, 15% das 400 mil plásticas registradas no país. “A maior procura hoje em dia dos adolescentes é a lipoaspiração e a prótese de mama”, afirma o cirurgião plástico Noel Lima. Estas cirurgias estão sendo realizadas numa fase do desenvolvimento onde a identidade ainda está se formando e, assim, além da possibilidade do jovem poder se arrepender posteriormente, isso ilustra mais uma vez a sociedade impondo padrões de beleza que são buscados colocando em risco a vida dos adolescentes.

Na adolescência ocorre o auge da suposição da imortalidade, ou seja, a morte como possibilidade pessoal está distante. Paradoxalmente, a adolescência é um período de alto risco para a ocorrência de mortes inesperadas. Uma possível explicação para isso é que na busca dessa identidade, o adolescente testa e acaba por ultrapassar seus limites. Para muitos, não é permitido sentir medo, principalmente dentro do grupo. Porém, a violência na juventude pode ser evitada e prevenida, pois esta é determinada por um conjunto de fatores integrados: características individuais, experiências familiares, acesso a armas e drogas, influência da mídia, escola e outros fatores culturais, sociais e políticos (ORLANDI, 2000)

Sobre o tabagismo, uma pesquisa nacional realizada no Brasil em 1989, demonstrou que de um total de aproximadamente 30 milhões de adolescentes entre 10 e 19 anos, 2,7 milhões eram fumantes. Pesquisas pelo mundo e no Brasil vêm mostrando a idade cada vez mais precoce do início do vício de fumar e o aumento da prevalência de tabagismo em adolescentes muito influenciado pelo hábito de fumar dos amigos e irmãos mais velhos. Estima-se que essa tendência resultará em 250 milhões de

²² KOSTMAN, A. (2004). Doença grave incentivada na internet. **Revista Veja**. Edição 1840 – 37(6): 90-92.

²³ Dados divulgados pela revista Veja Especial Jovens em junho de 2004.

mortes em anos futuros (MALCON, MENEZES & CHATKIN, 2003). Dados do Instituto Nacional de Câncer²⁴ revelam que 1 em cada 3 adolescentes com mais de 16 anos fuma mais de um cigarro por dia.

O alto uso de drogas nesse período pode ser visto como uma forma de anestesiá-las angústias, incertezas e inseguranças e uma busca de viver a vida intensamente e, nesse sentido, desafiando a morte. Esta mesma hipótese pode estar relacionada aos altos índices de acidentes de carro envolvendo adolescentes.

Em matéria publicada pelo “Le Monde” em 15/04/2004, discutiu-se uma pesquisa realizada nas escolas européias sobre o consumo de maconha que se iguala ao álcool entre jovens franceses. Esta pesquisa foi realizada com mais de 16 mil alunos entre 12 e 18 anos. Em dez anos, o número de adolescentes que experimentaram a maconha duplicou e o estudo revelou que 9% dos rapazes e 4% das garotas são usuários regulares da droga. Além disso, 88% dos rapazes e 84% das garotas entre 12 e 18 anos já consumiram pelo menos um dos três produtos psicoativos mais difundidos: o álcool, o tabaco ou a maconha. Aos 16 anos, 9% dos rapazes consomem regularmente maconha e 10% bebem regularmente álcool, enquanto para as garotas a proporção é de 4% para a maconha e 5% para o álcool. Os pesquisadores evidenciam a importância do discurso sobre a especificidade dos produtos e não apenas sobre uma abordagem global dos hábitos de consumo.

Segundo FERNANDES (2003), vem aumentando o número de adolescentes com problemas emocionais relacionados ao isolamento afetivo, à reclusão e à solidão. Muitos jovens têm passado muito tempo em frente ao computador, à TV ou ao videogame e, mesmo em seus grupos, não manifestam sentimentos. Tem aumentado também o uso da internet para passeios virtuais e conversas, nos quais os adolescentes deixam de viver uma vida real e de se relacionarem efetivamente, permanecendo no mundo da fantasia. Esta forma de comunicação atual não parece oferecer oportunidade para um relacionamento interpessoal efetivo e próximo, podendo incrementar, dessa maneira, o isolamento dos jovens. Esta autora aponta que o grande problema atual da juventude é o isolamento e o sentimento de incompreensão. O uso de drogas, neste sentido, estaria relacionado ao encontro de uma companhia, um alívio, uma forma de comunicar-se com outros jovens e uma maneira de chamar a atenção dos familiares.

As implicações de uma prática afetiva e sexual imatura, pode resultar em gravidez precoce e não planejada na adolescência. AGUIRRE (1995) reflete sobre os conflitos inconscientes que podem resultar numa tentativa ineficaz e prejudicial de evitar etapas temerosas no caminho da infância até a

²⁴ Idem 16

mulher adulta. A gravidez precoce então pode ser uma forma de lidar com o impasse, mal-estar com seu próprio corpo e com questões sexuais que emergem nesta fase. O grande número de informações disponíveis aos adolescentes não impede a gravidez, já que a relação sexual envolve muito mais que a razão e o conhecimento, inclui afetos e sentimentos. A imaturidade e a falta de orientação emocional dos adolescentes podem também estar relacionadas a este fato. A mera difusão de informações, mesmo que de alta qualidade, não implica necessariamente em educação efetiva em relação ao conteúdo veiculado. A educação sexual deve enfatizar além dos aspectos reprodutivos, aqueles relacionados ao prazer. É preciso um espaço de amadurecimento emocional que propicie o aparecimento de desejos e fantasias, para se romper tabus e desenvolver a auto estima e autoconfiança para os momentos de decisão. Quando se fala em sexualidade na adolescência, é muito importante se levar em consideração à esfera da afetividade, pois é muito presente no discurso dos jovens a fala de que as experiências sexuais são algo que dá sentido às relações afetivas vivenciadas por eles. Dessa forma deve-se buscar o diálogo entre os adolescentes e seus familiares, educadores e cuidadores. A escola pode ser um importante espaço nesta discussão. Dados do Ministério da Saúde²⁵ revelam que a primeira relação sexual dos garotos ocorre aos 14 anos e a das garotas aos 15 anos, de acordo com pesquisa da UNESCO. Além disso, mães solteiras entre 15 e 19 anos, dão à luz 1 milhão de bebês por ano. O psicólogo Antônio Carlos Egypto, do Grupo de Trabalho e Pesquisa em Orientação Sexual, aponta que o risco dos jovens estarem tão expostos ao assunto “sexualidade” é o de eles terem o falso conceito de que maturidade significa ter o quanto antes experiências sexuais. Um dos erros observados é que os pais não questionam a vida do adolescente. Mostra-se importante o incentivo à formação do jovem e a troca de vivências, comportamentos, expectativas e valores.

Segundo CARVALHO (2002), a maioria dos casos de gravidez na adolescência não é planejada e surge com grande relevância entre os problemas sociais e de saúde pública mais presentes entre os jovens. Percebe-se um aumento dos casos de mortalidade materna, do número de abortos colocando em risco a vida da adolescente, de partos prematuros e de recém-nascidos de baixo peso. Além disso, há outras preocupações referentes à saúde do adolescente com relação às doenças sexualmente transmissíveis, particularmente a AIDS. Segundo dados divulgados pela Unaid (Programa de AIDS da ONU) e pela Organização Mundial de Saúde, a cada dia ocorrem 16.000 novas infecções pela AIDS no mundo. A Casa da AIDS da Universidade de São Paulo aponta que a ocorrência da doença aumentou cerca de 200% entre os adolescentes de São Paulo: foram 47 casos atendidos em 1990 e 141 em 1998.

²⁵ Idem 16

Na clínica, são encontrados vários casos de adolescentes com problemas envolvendo a sexualidade por estarem completamente alheios a ela, como se não existisse; devido à sua repressão quando, há na verdade, um desejo de vivenciá-la. Outro problema recorrente é a prática precoce de relações sexuais, sem os cuidados com a prevenção de doenças e gravidez e a sexualidade parece com um meio de suprir as carências afetivas (SABINO, 2002).

A adolescência também corresponde a um período onde há altos índices de tentativas de suicídio. O sentido etimológico desta palavra é: *Sui*: si próprio e *Cedere*: esmigalhar, fragmentar. Corresponde a uma morte de maneira brusca e inesperada, sendo difícil de se elaborar, já que desperta uma forte culpa, uma sensação de abandono, impotência e uma dificuldade de desligamento dos familiares e amigos que ficam. Além de lidar com sua própria culpa, muitas vezes o enlutado é tido como alvo de suspeita da sociedade como sendo o responsável pela morte do outro, pois não prestou a devida atenção ao sofrimento do suicida. Os familiares e amigos se questionam, muitas vezes, sobre o porquê o suicida foi incapaz de comunicar a própria dor e pedir ajuda antes de se matar.

Para DURKHEIM (1971), que desenvolveu um importante e pioneiro trabalho de investigação sociológica, o suicídio é um ato complexo e individual com características da sociedade que o produz. Na maioria dos casos, é um assunto proibido no meio familiar, com amigos e até com profissionais de saúde. O suicídio amedronta, estarrece, incomoda e silencia.

Por outro lado, o suicídio precisa ser refletido e discutido. As estatísticas são assustadoras e o caracterizam como um grave problema de saúde pública. Dados da Organização Mundial de Saúde (OMS), indicam que por volta de 815 mil pessoas se mataram no ano 2000 em todo o mundo. É a 3ª causa de morte entre as pessoas de 15 a 44 anos de ambos os sexos.²⁶

Segundo José Manoel Bertolote, coordenador da Equipe de Controle de Transtornos Mentais e Cerebrais da OMS, na palestra realizada no Seminário sobre Prevenção do Comportamento Suicida²⁷, em todo o mundo a cada 45 segundos alguém comete o suicídio e a cada 2 segundos existe uma tentativa. O coordenador confirma os dados que os casos de suicídio estão aumentando de forma preocupante na faixa etária jovem da população. Dados da OMS mostram que em 1950, 60% dos casos de suicídio ocorriam em pessoas após os 45 anos e 40% entre 5 e 44 anos. Em 1998, segundo uma

²⁶ VOMERO, M. F. (2003). Por que uma pessoa se mata? **Revista Super Interessante**. Edição 184, 36-43.

²⁷ Seminário “Prevenção do Comportamento Suicida”, organizadores: Secretaria Municipal da Saúde, Coordenadoria de Desenvolvimento da Gestão Descentralizada (COGest) e Área Temática de Saúde Mental, realizado no dia 6 de setembro de 2003 na PUC-SP.

análise em 50 países, 55% dos suicídios ocorreram na população entre 5 e 44 anos e 100.000 adolescentes se suicidam por ano ainda segundo esta pesquisa.

O suicídio pode ocorrer quando o desespero beira o insuportável ou quando o indivíduo está convivendo há muito tempo com um sofrimento indescritível. Caracteriza uma morte que vem de dentro e que, apesar dos avisos, é silenciosamente construída. Para CASSORLA (1991), o suicídio caracteriza uma denúncia e um grito de socorro. Além do desejo de morrer, pode existir o desejo da morte e de uma vida diferente: o suicida pode não querer morrer, e sim fugir do sofrimento, buscando uma “vida melhor”. São vários os aspectos envolvidos: sociais, afetivos e familiares, mas não é possível estabelecer uma causa direta entre estes e o suicídio. É um evento que se origina de um acúmulo de acontecimentos presentes na história de vida do indivíduo e que se mescla a fatores bio-psico-sociais e espirituais. A “causa” do suicídio seria o elo final dessa cadeia. Esse mesmo autor aponta que dois tipos de insegurança podem estar relacionados ao suicídio: a insegurança material e a emocional. A primeira pode estar ligada ao desemprego, a dificuldades financeiras em geral e a burocracias públicas na educação e saúde, por exemplo e o segundo tipo de insegurança pode ligar-se à ausência de apoio familiar e outras pessoas próximas, ao abandono e à desesperança.

No Brasil, nota-se um aumento considerável de tentativas de suicídio entre os jovens. CASSORLA (1991) enfatiza que podem ser fatores suicidas os aspectos melancólicos da adolescência e a natural impulsividade deste grupo: *“tendência a atuar, num curto-circuito de pensamento, transformando em ação”* (p.69).

Para LEVY (1979), as causas para o suicídio podem ser várias: sociais, culturais, familiares e biológicas. As maiores causas de suicídios hoje, no Ocidente, são a solidão, a falta de esperança e o sentimento de irrelevância social. Para que o suicídio seja efetivado, três fatores precisam atuar conjuntamente: o desejo de matar, de morrer e o de ser morto. O desejo de matar e ser morto envolve aspectos de violência e o desejo de morrer relaciona-se ao desprendimento da vida e da felicidade (MENNINGER, 1965). Configura-se um assassinato, no qual o indivíduo que pratica o ato suicida é um homicida de si mesmo, ou seja, vítima e agressor são a mesma pessoa.

Depressão e suicídio são dois aspectos freqüentes entre adolescentes. Um estudo realizado nos Estados Unidos²⁸, concluiu que 28% dos alunos do Ensino Médio já passaram por depressão severa, sendo o suicídio a terceira principal causa de morte no país entre 15 e 19 anos. Além disso, a taxa dobrou entre 1960 e 2001.

²⁸ Fonte: Agência de Notícias da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo – “Riscos da diversão”: 14/09/2004

Como forma de prevenção, os profissionais de saúde necessitam ter uma escuta e um olhar atento a estes pedidos de socorro que estão associados a fatores sociais, econômicos e políticos. O que ocorre, normalmente, é um grande preconceito em relação às pessoas que tentaram o suicídio, não percebendo o grande sofrimento que está envolvido neste ato. É importante que se reflita sobre o *processo* que resultou no *ato* suicida. Segundo MARTUSCELLO (1993), o paciente suicida está vazio de objetos bons internalizados.

Segundo ESSLINGER (2003), uma pessoa com um ego frágil não tolera frustrações e pode não suportar uma grande perda ou uma intensa crise e, assim, num impulso cometer o suicídio. O suicídio nos agride porque coloca em questão a nossa própria possibilidade de escolha e nosso próprio potencial suicida, ou seja, nos faz refletir sobre nosso próprio desejo de morte²⁹.

É fundamental que se propicie espaços de diálogo com os jovens. CARVALHO (2002), aponta que quando existe uma discordância da família ou dos educadores em relação às decisões tomadas por um adolescente, é importante que se explicita esta divergência, por exemplo sobre as possíveis conseqüências temidas ou implicações de seu comportamento. Daí a necessidade de transmitir aos jovens referências, regras e limites. Além disso, nesta tentativa de comunicação, é importante que pais e educadores reflitam e expressem seus próprios limites e reconheçam desejos e expectativas mesmo que conflitantes. Estes aspectos podem ser decisivos na formação de opinião dos adolescentes. Os pais e educadores deveriam, assim, envolver os jovens na tomada de decisões e assuntos a serem discutidos, apresentando razões para o que solicitam, relacionando as esferas do ensinar e do aprender. Dessa forma, as ligações afetivas com a família e demais grupos não deveriam ser vistas como obstáculos a serem superados e sim como forças que favorecem o desenvolvimento dos adolescentes.

(...) a decisão é um processo responsável. Uma das tarefas pedagógicas dos pais é deixar óbvio aos filhos que sua participação no processo de tomada de decisão deles não é uma intromissão, mas um dever, até, desde que não pretendam assumir a missão de decidir por eles. A participação dos pais se deve dar, sobretudo na análise, com os filhos, das conseqüências possíveis da decisão a ser tomada. (FREIRE, 1999, p. 119).

Mais uma vez, ressalta-se a importância fundamental da comunicação dos adolescentes com amigos e familiares sobre comportamentos que podem levar à morte, já que com isso pode haver

²⁹ Idem 14.

esclarecimento de muitas dúvidas, minimizando suas angústias. Deve-se estar atento também ao fato de que, muitas vezes, uma ajuda profissional se faz necessária.

Há diversas dimensões na vida dos jovens, algumas delas muito positivas, como por exemplo a sua articulação em grupos e participações sociais importantes, mas o recorte temático desta pesquisa e o foco deste capítulo foram em relação ao significado e presença da morte e do morrer na vida dos adolescentes.

Chamo atenção para o aspecto citado acima, pois devemos estar atentos à estereótipos sobre as condições juvenis como os que remetem aos adolescentes a característica universal de serem um perigo para a sociedade, de serem rigidamente individualistas, egoístas, apáticos e desvinculados de questões públicas ou de buscarem apenas o prazer e estarem somente interessados no consumo imediato de produtos inúteis. Devemos ter clara a percepção de que os jovens também fazem parte de espaços de busca pela vida. Os adolescentes questionam o instituído, desenvolvem trabalhos voluntários com criatividade e projetos sociais que envolvem teatro, música, dança etc. Um exemplo rico sobre a articulação dos jovens em grupos é lembrado por NOVAES (2002), ao descrever um grupo chamado GerAção. Este trabalho foi composto por jovens cariocas de classe média organizados no âmbito da “campanha contra a fome” ou “campanha do Betinho”, no qual a relação centro/periferia pôde promover grandes trocas culturais. Portanto, existe um novo e promissor fenômeno que relaciona juventude e participação social.

Assim como na década de 60, os adolescentes do século XXI permanecem idealistas e com o desejo de transformar o mundo, mas o caminho encontrado não enfatiza tanto os movimentos políticos, mas sim os trabalhos voluntários.³⁰ “Nos últimos 5 anos, a participação dos jovens em filantropia pulou de 7% para 34% em 400 entidades brasileiras. Mais de 8 milhões com idade entre 15 e 24 anos realizam alguma atividade voluntária. Estima-se que outros 14 milhões estejam interessados em fazer esse tipo de trabalho, mas não sabem como começar”.

Respondendo aos estereótipos citados acima, PAIVA (2002) aponta: será que os jovens não repensam as leis? Discutem conceitos estabelecidos? Iniciam processos de ruptura? Expressam seu descontentamento? Batalham por suas necessidades? A sociedade tende a enxergar os adolescentes como possuidores de todos os defeitos do adulto acrescido à imaturidade e não ver o tanto que se envolvem com as demandas da sociedade.

³⁰ Idem 16

Os jovens de hoje querem ser diferentes, sua presença deve ser notada e têm o desejo de transformar sentimentos pessoais, contribuindo para mudanças de mentalidade. Por outro lado, adolescentes nem sempre fazem a melhor opção com relação ao presente e, portanto, ao futuro, pois nas suas escolhas pode existir a perspectiva do risco em muitos dos seus comportamentos.

Se pensarmos que durante toda a nossa vida vamos colecionando momentos com pessoas queridas, dias especiais, datas marcantes e experiências inesquecíveis, os jovens estão morrendo muito cedo, com muitas páginas da agenda de sua vida por completar.

1.4 AS TAXAS DE MORTALIDADE NA ADOLESCÊNCIA

Atualmente, com a expectativa de vida elevada e com o avanço das técnicas médicas das sociedades modernas, as mortes de jovens devem ser consideradas “perdas injustificadas”. As estatísticas mostram dados alarmantes sobre o aumento da mortalidade entre adolescentes, principalmente relacionadas com acidentes e mortes violentas. Cabe aqui uma reflexão: Qual a opinião dos próprios adolescentes sobre estas taxas?

Segundo o IBGE, que divulgou recentemente a Síntese dos Indicadores Sociais 2000, um levantamento que revela as mudanças que ocorreram no país na década de 90: *a violência urbana é responsável por 68% das mortes de jovens*. A proporção de mortes por causas violentas (homicídios, suicídios e acidentes de trânsito) entre os adolescentes e jovens do sexo masculino vem aumentando na faixa etária entre 15 e 19 anos que correspondem a 75% dos óbitos devido à causas violentas.

BARROS; XIMENES & LIMA (2001) analisaram o grupo de crianças e adolescentes (0 a 19 anos) residentes no Recife no período de 1979 a 1995: os coeficientes de mortalidade por causas externas mostraram crescimento principalmente por homicídios entre os adolescentes. Em 1995 mais de 90% foram por armas de fogo, reconhecendo-se como um grave problema de saúde pública a magnitude da violência na população infanto-juvenil dentro da realidade brasileira atual. Neste estudo, assim como na maioria, houve o predomínio do sexo masculino na mortalidade por causas externas, justificado por uma maior exposição deste grupo a fatores de risco individuais como consumo de álcool, fumo e/ou outras drogas, uso de arma de fogo etc.

GOLDBERG; IYDA & LYRA (1996) observaram altos índices de mortalidade no grupo masculino entre 15 e 19 anos, predominando as causas externas de mortalidade, principalmente acidentes de trânsito, asfixia por afogamento e ferimentos por arma de fogo. Os afogamentos se equiparam aos acidentes de trânsito e a explicação levantada foi a de que adolescentes se consideram invulneráveis e onipotentes.

Dados da UNESCO (Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura) mostram que entre 1991 e 2000 a taxa de homicídios na população em geral cresceu 29%, sendo que entre jovens (15 a 24 anos) cresceu 48%.

Em 07/06/2004 a UNESCO divulgou os dados da pesquisa “Mapa da Violência 4”³¹, que constatou que o Brasil tem a 5ª maior taxa de homicídio de jovens entre 67 países analisados. Nesse ranking de violência, o Brasil só tem números menores que Colômbia, Ilhas Virgens, El Salvador e Venezuela. Entre os estados brasileiros, os mais violentos são: Rio de Janeiro em 1º lugar, seguido por Espírito Santo, Pernambuco, Amapá e São Paulo. Os menores índices estão em Santa Catarina, Maranhão, Piauí e Rio Grande do Norte. Além disso, a pesquisa mostra que há um número crescente de casos relacionados à violência fora das capitais e regiões metropolitanas. As hipóteses levantadas foram: expansão da economia em municípios externos às regiões metropolitanas e concentração de investimentos relacionados à segurança nas capitais.

CARVALHO (2002) aponta que esses homicídios estão, na maioria das vezes, relacionados com o uso de drogas e luta entre gangues.

Segundo os resultados, os homicídios e acidentes de transportes causaram mais da metade (55,5%) das mortes de jovens brasileiros entre 15 e 24 anos em 2002, último ano em que os dados estão disponíveis. Nessa faixa etária, 39,9% das mortes ocorridas foram devido a homicídios (sendo 93,8% em homens) e 15,6% (83,5% em homens), a acidentes de trânsito, aéreo e em água. Ao avaliar os dados dos últimos dez anos, o estudo aponta um crescimento de 88,6% no número de mortes por homicídios em jovens, índice bem maior do que os 62,3% da população total.

O sociólogo da UNESCO Júlio Jacobo Waiselfisz, responsável pela pesquisa, destacou que as causas externas (que envolvem homicídios e acidentes) assumiram um registro na mortalidade juvenil que antes era ocupada por epidemias e doenças infecciosas. As armas de fogo têm uma presença forte nestes índices (31,2% das mortes juvenis em 2002 foram causadas por armas de fogo). As mulheres normalmente são vítimas de violência doméstica, enquanto os homens sofrem violência fora de casa.

Segundo Denis Mizne³², diretor executivo em São Paulo do Instituto “Sou da Paz”, as campanhas de desarmamento existem, mas é preciso “desarmar o espírito”, ou seja, buscar novas formas de educação na família, na escola e na sociedade.

Outro resultado importante da pesquisa da UNESCO foi o de que a taxa de mortalidade entre os jovens passou de 128 em cada grupo de 100 mil habitantes, em 1980, para 137, mesmo com a queda no registro global de mortalidade no Brasil, que passou de 633 em 100 mil habitantes, em 1980, para 573 em 2002. As taxas de homicídios entre os jovens saltaram de 30 para 54,5 em cada grupo de 100 mil

³¹ Dados divulgados na Folha de São Paulo em 08/06/2004 no caderno Cotidiano.

³² Reportagem “Para seguir um estilo de vida com menos violência” – Caderno Folha Equilíbrio de 04/03/2004 pg 6-8.

jovens no mesmo período. O crescimento do número de mortes por acidentes de transporte entre 1993 e 2002 foi de 19,5%. No entanto, entre a população jovem, este aumento chegou a 30,5% no mesmo período.

Segundo BALTHAZAR (2000), que analisou a mortalidade de adolescentes no Estado de São Paulo no período de 1979 a 1995, as causas externas foram as principais causas de óbitos em todas as idades e em ambos os sexos. Os maiores aumentos ocorreram entre os homens nas idades de 15 a 19 anos e 20 a 24 anos. Para estes, as taxas cresceram aproximadamente, 200% por homicídios, 400% por armas de fogo e 30% por suicídios. Para as mulheres, nestas idades, as taxas aumentaram, aproximadamente, 100% por homicídios e 200% por armas de fogo.

Segundo as Estatísticas do Registro Civil de 2002, divulgadas pelo IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística)³³, a violência é a maior causa de morte na população jovem masculina do país na faixa de 15 a 24 anos. Os dados revelam que a tendência de crescimento deste fenômeno continua. Em 2002, 70,67% das mortes da parcela masculina nessa faixa etária foram causadas pela violência, ou seja, devido à causas externas (como homicídios, acidentes de trânsito, afogamentos e suicídios), a maior taxa já apurada. Em 1990, era de 60,25%. Na população feminina, o percentual chegou a 34,14% em 2002. Em 1990, a participação das causas violentas em relação às mortes correspondeu a 28,25%.

Todas as regiões do país registraram alta de mortes causadas por violência na população masculina, exceto o Centro-Oeste, onde a incidência permaneceu elevada no período analisado (1990-2002), em torno de 20%. O pior quadro ocorre na região Sudeste, onde a violência chega a ser a causa de 79,64% das mortes dos rapazes de 15 a 24 anos. No caso das jovens, a morte por causa violenta corresponde a 39,23% do total de mortes. O Rio de Janeiro registrou o quadro mais grave, com a maior taxa de mortalidade por causa violenta entre a população masculina de 15 a 24 anos: a cada 100 mil desse grupo, 270 morreram de causa violenta. A seguir, está o Amapá: foram contabilizados 244 óbitos por 100 mil habitantes neste grupo. São Paulo aparece em terceiro lugar: 234 mortes violentas por 100 mil habitantes.

Segundo o demógrafo da Coordenação de Indicadores Sociais do IBGE Celso Simões, o aumento está relacionado à criminalidade associada à estagnação econômica e ao desemprego nos grandes centros urbanos e aos conflitos por terra nas áreas rurais.

³³ Dados divulgados por Ana Paula Graboys da Folha Online, no Rio de Janeiro em 17/12/2003.

Embora os rapazes de 15 a 24 anos correspondam ao grupo que mais morre por causa violenta, está ocorrendo um aumento significativo do número de mortes violentas nas garotas desta faixa etária. De acordo com as Estatísticas do Registro Civil de 2002, divulgadas pelo IBGE, os casos de morte violenta entre a população feminina de 15 a 24 anos cresceu 21% desde 1990, taxa maior que a verificada entre os rapazes da mesma idade: 16%.

Jorge Werthein, representante da UNESCO³⁴, aponta que os jovens são a parcela da população mais vulnerável à violência em todo o mundo, mas considera como “absolutamente inaceitáveis” estes índices. Para ele, os jovens estão morrendo porque são excluídos da sociedade e defende a necessidade urgente de políticas públicas que integrem as atividades já existentes de inclusão e previnam a violência. Ele cita o exemplo bem sucedido de programas que incentivam a abertura de escolas nos finais de semana para atividades esportivas, de recreação e culturais, como o Segundo Tempo do governo federal, o Escola da Família do governo estadual, entre outros. Esses programas se mostram ainda mais importantes quando se constata a elevação dos índices de violência e acidentes nos finais de semana, principalmente devido à falta de ocupação para os jovens. Essas atividades, segundo ele, deveriam ser associadas a uma política de emprego, com a contratação de jovens monitores nos programas culturais e esportivos dentro do projeto Primeiro Emprego. Ele ainda acrescenta que as medidas preventivas custam mais barato do que as medidas repressivas, como por exemplo a internação de jovens na Febem.

A violência, que antes era explicada pela busca por ganho material (como comida, dinheiro, carro, jóias etc.) ou entendida como instrumento de oposição ao sistema político vigente, hoje está banalizada e funciona como meio de expressão, principalmente de jovens. Segundo David Léo Levisky³⁵, vice-presidente do Instituto São Paulo Contra a Violência, estes aspectos estão relacionados à fragilidade e à transitoriedade de valores sólidos, na família ou no contexto escolar que fortaleçam a identidade dos adolescentes. É preciso incentivar a preservação de vínculos afetivos e a transmissão de valores éticos. Destaca-se a participação e envolvimento dos pais e profissionais de educação. LEVISKY (2004) afirma que jovens, como as gangues dos surfistas de trem, se unem pela manifestação da violência como forma de expressarem suas tensões, angústias e dizer que eles existem. Além disso, existe a banalização da violência física como forma de solução de conflitos e do jovem auto afirmar-se perante os outros.

³⁴ Idem 16.

³⁵ Idem 20.

Os pais e educadores devem estabelecer limites aos jovens e, além disso, agir como mediadores a respeito de informações que os adolescentes recebem, por exemplo pela mídia, mostrando quais são as suas opiniões e valores em relação a determinados assuntos. O papel dos meios de comunicação na visão dos adolescentes será mais discutido no próximo capítulo sobre o Projeto “Falando de Morte” (vídeos educativos).

Há um grande risco de se incentivar nos jovens cada vez mais estas tendências agressivas e se criar uma insensibilidade à violência que é absorvida passivamente, ao invés de despertar um sentimento de indignação. Esta indiferença está relacionada à sensação atual de que os bens de consumo e até os meios de sobrevivência financeira são descartáveis, ou seja, há uma carência de políticas públicas que incentivem projetos de vida sólidos. Com isso, gera-se uma insegurança generalizada.

A partir destes dados, acredita-se que os óbitos por causas não naturais são, em grande parte, passíveis de prevenção. São necessários reflexão, compreensão e investimento de adultos, pais, responsáveis, profissionais de saúde e educação em relação aos adolescentes, para se poder lidar com as peculiaridades da sua vida, da saúde, do adoecer e do morrer.

Além disso, esses dados mostram a importância de uma análise atenta da questão do gênero sobre os índices de mortalidade descritos. Esta vertente não foi enfatizada nesta pesquisa, mas em trabalhos posteriores considero importante a exploração desse aspecto nos adolescentes.

1.5 PROJETO “FALANDO DE MORTE”

Nessa relação de diálogo onde um e outro possam falar e não numa relação de monólogo, onde só o educador fala e o educando escuta, é que o adolescente poderá estar se responsabilizando por suas ações, por sua vida.
GONÇALVES & GODOI In: CARVALHO, A.; SALLES, F. & GUIMARÃES, M. (Org.) – (2002). **Adolescência**. Belo Horizonte: UFMG.

Esta pesquisa visou relacionar e aproximar o tema da morte e os adolescentes. Como forma de introduzir este tema para os jovens e como meio facilitador, foi utilizado o vídeo “*Falando de Morte com o Adolescente*” que faz parte do Projeto “Falando de Morte”. Alguns dados sobre este instrumento, que foram colhidos durante o meu projeto de Iniciação Científica já citado no item “Apresentação”, serão comentados na compreensão dos dados sobre os adolescentes, pois alguns aspectos desta pesquisa resultaram em modificações do vídeo re-lançado em 2003, além de contribuírem para um aprofundamento sobre a discussão do tema da morte com os adolescentes e os profissionais de educação.

Passo a descrever o Projeto “Falando de Morte” (KOVÁCS, ESSLINGER, VAICIUNAS, BROMBERG & MARQUES, 1997/2003) que faz parte do Laboratório de Estudos sobre a Morte (LEM) do Departamento de Psicologia da Aprendizagem, do Desenvolvimento e da Personalidade do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo. Este projeto surgiu de um sonho de juntar duas áreas pelas quais as autoras têm grande paixão: a psicologia e o cinema.

Este projeto visa abordar aspectos de grande importância para refletir sobre o tema da morte e expõe a idéia de que a morte se tornou um interdito no século XX/XXI, ou seja, algo banido da comunicação entre as pessoas (ARIÈS, 1997). Porém, neste mesmo período, a TV introduz diariamente, em milhares de lares, cenas de morte, violência, acidentes e doenças, e estas são presenciadas por crianças e jovens, sem a mínima possibilidade de elaboração, visto que este veículo de comunicação possui um ritmo propositalmente acelerado (KOVÁCS, 2003). Ao mesmo tempo, que crianças e jovens convivem diariamente com essas imagens, eles são “poupados” de comentários e discussões pelos adultos, pois isto poderia “entristecer” ou “traumatizá-los”. Embora essas mortes estejam tão próximas, pode ocorrer um grave distúrbio na comunicação entre os adultos e as crianças e adolescentes, denominado “conspiração de silêncio”.

Ao mesmo tempo em que o tema da morte é proibido, ele se torna cotidiano, invasivo e sem limites. Há o surgimento e o aumento dos casos de AIDS e de câncer entre crianças e jovens, fazendo

com que vivenciem o estar doentes e hospitalizados por longos períodos, privados de brincadeiras, do contato com os amigos, das atividades escolares, das relações amorosas, da formação da identidade e, ao mesmo tempo, convivendo com a perspectiva da morte. Faz parte do cotidiano os pais não saberem se devem ou não falar sobre o tema da morte com seus filhos; professores envolvidos em perguntas insistentes sobre a morte de ídolos, bichos de estimação ou amigos de seus alunos; profissionais de saúde que vêem seus empenhos frustrados contra doenças e, muitas vezes, não sabendo como falar com seus jovens pacientes ou familiares sobre o porquê da não melhora e a possível morte; idosos que perdem cônjuges, seus companheiros de uma vida toda e sentem que sua vida também acabou ou aqueles que sofrem de longas doenças degenerativas com fortes dores, limitações, frustrações e sofrimentos sem ter com quem dividir.

Até hoje, inúmeras obras já abordaram o tema da morte: traduções de livros e autores nacionais; livros destinados a crianças, adolescentes e adultos; quadros de várias épocas; uma imensidade de filmes já exibidos no cinema e na televisão etc. Este projeto expõe que, em conjunto com livros que trazem o tema da morte para crianças e adolescentes, vídeos também podem ser formas de comunicação importantes para essas idades, já que estas apreciam assistir à TV ou ir ao cinema. Este sistema de comunicação, usando os canais visual e auditivo, aborda, além da esfera cognitiva, a emocional e inclui conteúdos informativos e imagens que facilitam a sensibilização pessoal sobre o tema da morte.

Assim, surgiu a idéia de um projeto de criação de vídeos que abordassem o tema da morte, distante de uma perspectiva da proposição de receitas. Pretendeu-se criar um espaço de facilitação da comunicação entre crianças, adolescentes, adultos, idosos, famílias e profissionais de saúde e educação diante desse tema tão complexo e presente. Numa situação de proximidade da morte, por exemplo, mostra-se importante falar de emoções, medos e angústias. Esta comunicação e possibilidade de troca pode ser muito importante no alívio de sentimentos dos familiares e do doente.

Estes vídeos possuem um caráter preventivo, pois abordam uma questão pouco falada e proporcionam, através de cenas, um contato com experiências que podem até terem sido vividas e, às vezes, não elaboradas e compreendidas, possibilitando sintomas cognitivos e afetivos. Além disso, compreendem um caráter educativo, pois propõem informação e orientação para pessoas nas várias fases de desenvolvimento e também oferecem subsídios para profissionais, ajudando no seu trabalho com pacientes ou alunos que estejam vivendo experiências de luto ou morte.

Além disso, “*acreditamos que a importância de enfocar o tema da morte está ligada ao fato que, ao falar desta, estamos falando de vida e, ao falar de vida, é inegável que a qualidade da mesma seja revista*” (KOVÁCS, 2003, p.133).

O projeto “Falando de morte” compõe-se de quatro vídeos:

“Falando de Morte com a Criança” – Lançado em 27 de agosto de 1997;

“Falando de Morte com o Adolescente” - Lançado em 27 de agosto de 1999 e Re-lançado em 26 de junho de 2003;

“Falando de Morte com o Idoso”- Lançado em 8 de março de 2002.

“Falando de Morte com os Profissionais de Saúde” – Lançado em 7 de dezembro de 2004.

Segundo KOVÁCS (2003), o Projeto “Falando de Morte” tem como objetivos principais:

- a produção de vídeos com roteiros de texto e imagens que ajudem na sensibilização e na comunicação sobre o tema da morte;

- investigar se os vídeos elaborados são, realmente, instrumentos que facilitam a discussão sobre o tema da morte nas residências, escolas, hospitais e outras instituições de saúde e educação.

Nesse estudo, utilizou-se o vídeo “*Falando de Morte com o Adolescente*”, versão 2003, como um instrumento facilitador para discussão com os adolescentes sobre o tema da morte. Este vídeo procura se adequar à linguagem do jovem, focando principalmente os comportamentos autodestrutivos (KOVÁCS, 2003). O vídeo mostra que o adolescente já sabe o que pode provocar a morte e que ela é irreversível, mas, às vezes, parece que prefere ignorar este fato. Um dos pontos principais apontado pelo material é que o limite entre o prazer e a autodestruição é uma linha frágil que se rompe diante do exagero e da irresponsabilidade, podendo se transformar em morte.

Dessa forma, este projeto possui uma relação com a pesquisa atual, pois promoveu-se aos jovens uma oportunidade deles falarem sobre o tema da morte. Ao dar voz para esta parcela importante da sociedade, na qual a morte está muito presente, favoreceu-se uma reflexão importante sobre alguns caminhos de atuação e prevenção a partir do foi apontado pelos adolescentes.

2. OBJETIVOS

Objetivo geral:

- Compreender como os adolescentes percebem, refletem e se relacionam com o tema da morte.

Objetivos específicos:

- a) Verificar como os adolescentes explicam as altas taxas de mortalidade na sua faixa etária.
- b) Verificar a necessidade, segundo eles, de discutir o tema da morte com a família, amigos, professores e profissionais e como fazê-lo.

A partir dos dados obtidos serão apresentados alguns subsídios para a discussão sobre o tema da morte no contexto escolar com base, principalmente, nas sugestões feitas pelos participantes da pesquisa.

3. MÉTODO

3.1) Escolha da abordagem qualitativa

Esta pesquisa tem uma abordagem qualitativa tanto na coleta, como na compreensão dos dados. Buscou-se uma ampla compreensão da adolescência e a sua relação com o tema da morte. Para ESSLINGER (2003), a significação da morte envolve aspectos culturais, sociais, religiosos, econômicos e, no caso do foco desta pesquisa, os adolescentes serão vistos na riqueza de suas reflexões e questionamentos, não prevalecendo a previsão, redução e a mensuração características da abordagem quantitativa. A abordagem qualitativa é flexível e rica em possibilidades de interpretações (LÜDKE & ANDRÉ, 1986), com uma preocupação fundamental de compreensão da realidade.

Os dados obtidos em pesquisas desta natureza levam em consideração as interações e o pesquisador faz parte do processo de conhecimento que será produzido na relação com os participantes, atribuindo-lhe significado. Além disso, há uma relação dinâmica entre o mundo real e objetivo e o indivíduo e sua subjetividade, pressupondo um vínculo entre as duas partes. Em função do encontro e da relação que se estabelece entre eles, pesquisador e participantes se modificam e são modificados (CHIZZOTTI, 1998). Encontro afinidades com essa abordagem, pois faz parte desta pesquisa a rede de influências estabelecida com os adolescentes na reformulação de reflexões e conhecimentos acerca do tema da morte.

SPINK (1999) diz que a escolha pela abordagem qualitativa tem o mérito de esclarecer com nossos participantes o compartilhamento de problemas e possibilidades e de poder dar algum sentido ao mundo, considerando a pesquisa um processo dinâmico que ocorre num momento histórico e num contexto específico.

ESSLINGER (2003) apresenta de forma abrangente a perspectiva qualitativa do realizar pesquisa:

“... há uma preocupação que transcende o acúmulo de informações quantitativas ou estatísticas (não desconsiderando que estas podem ter sua validade), buscando-se o “único”, o humano, nos fenômenos observados: nesse sentido, pode-se dizer que a relação que se estabelece na pesquisa qualitativa é a de sujeito/sujeito, na qual, pesquisador e pesquisado, ao se constituírem mutuamente, constituem também o próprio objeto de investigação. A dimensão objetiva existe, entretanto não é exclusiva: há um olhar para a relação e o envolvimento não é evitado, mas sim assumido”. (ESSLINGER, 2003, p. 64).

3.2) Dos participantes e local da pesquisa

Participaram desta pesquisa adolescentes do Ensino Fundamental e Médio de duas escolas da cidade de São Paulo. O “Centro de Ensino São José” é uma escola da rede privada, está situada no Bairro do Butantã e tem, aproximadamente, 800 alunos e 100 funcionários. A Escola Estadual Maestro Fabiano Lozano está localizada na Vila Mariana.

Houve também o contato com profissionais de educação das duas escolas, mais particularmente a professora da disciplina de Filosofia da primeira escola e a diretora e a coordenadora pedagógica da segunda. Ao longo do corpo do texto serão atribuídos nomes fictícios a estas participantes. Chamarei a professora de Filosofia de “Mariana”, a diretora de “Ana” e a coordenadora pedagógica de “Márcia”.

Eu já conhecia a psicóloga que trabalha no “Centro de Ensino São José” e foi ela quem me ajudou no contato com seus profissionais. Fui apresentada à diretora, à coordenadora pedagógica e à professora responsável pela disciplina de Filosofia. Expliquei a elas as questões principais de minha pesquisa e quais eram os meus objetivos no contato com os adolescentes.

Após os esclarecimentos iniciais, foi combinado que a minha pesquisa seria inserida dentro do programa da disciplina de Filosofia, pois fui informada que a professora iria abordar o tema da morte com seus alunos, utilizando como base para as discussões o livro **Adolescência: vida ou morte?** ESSLINGER, I. & KOVÁCS, M. J. (1999) e também a exibição do filme “*Falando de Morte com o Adolescente*”.

Os participantes foram alunos entre a 8ª série do Ensino Fundamental e o 2º ano do Ensino Médio. Foi explicado aos jovens que este estudo envolvia uma pesquisa de mestrado, realizada por uma psicóloga cujos objetivos eram relacionados com o tema da morte e a adolescência, tendo sido enfatizado que a participação deles era optativa. Foi feita então a seleção dos adolescentes que se dispuseram a participar das atividades e foram distribuídas as autorizações (vide ANEXO 1 – página??????).

O número de participantes foi definido de acordo com a disponibilidade da escola, dos profissionais de educação envolvidos e dos próprios jovens que se dispuseram a participar desta pesquisa. Esta liberdade é permitida, já que o referencial metodológico assumido não possui como preocupação a quantificação dos dados e sim com a particularidade do processo (ESSLINGER, 2003).

Considerarei um aspecto importante realizar esta pesquisa também numa escola pública, apesar de não ter como objetivos a análise de diferenças de escolas públicas e particulares em relação ao tema

da morte na adolescência. Portanto, não tinha nenhuma hipótese em relação a este aspecto. Escolhi a E.E. Maestro Fabiano Lozano pela proximidade e facilidade em realizar as atividades.

Os participantes e os locais de realização da pesquisa serão detalhados no capítulo 4.1. *Relato das visitas às escolas e das impressões no contato com os adolescentes e profissionais de educação* (página?????), pois considere importante descrever detalhadamente as peculiaridades de cada instituição para que não se perdesse a riqueza de tais informações na compreensão dos dados sobre os adolescentes que serão analisados como um todo.

3.3) Da coleta de dados

Os dados foram obtidos por meio da exibição de um vídeo, da realização de grupos com os adolescentes e de entrevistas individuais realizadas com profissionais de educação.

a) *Material: Vídeo “Falando de Morte com o Adolescente”* – duração 15 minutos (2ª versão – 2003), já apresentado no capítulo 1.5. *Projeto “Falando de Morte”*. Este vídeo inclui cenas de esportes radicais, perda de amigos e irmãos também adolescentes, violência, amor, sexo, uso de drogas, transtornos alimentares, acidentes após dirigir alcoolizado, tentativas de suicídio, entre outras. Algumas imagens jornalísticas foram cedidas pela TV Cultura que favoreceu a complementação deste material. As cenas buscam trazer uma visão realista da situação, focalizando que o adolescente pode estar, às vezes, vulnerável e o quanto a sua vida pode ser frágil (KOVÁCS, 2003). Este material foi escolhido por ser um recurso facilitador da discussão do tema da morte e dos comportamentos autodestrutivos entre os jovens e a sua exibição pode ser considerada um elemento de aquecimento dentro da condução do grupo propiciando tanto uma percepção de opiniões similares e discussões quanto de reflexões de idéias diferentes entre os jovens em relação aos temas apresentados.

b) Grupo Focal com os adolescentes

Como forma de conhecimento sobre o que a literatura traz sobre os Grupos Focais, destaco alguns autores. SILVA (2003) aponta que a estratégia do grupo focal possibilita a observação de atitudes e idéias distintas em convivência, sem que se exclua nenhuma. CARLINI-COLTRIM (1996, p. 286) refere que esta técnica de pesquisa qualitativa “*pode ser utilizada no entendimento de como se formam as diferentes percepções e atitudes acerca de um fato, prática, produto ou serviço*”.

Esta técnica teve origem nos anos 1930 com o desenvolvimento de intervenções não diretivas. A partir da década de 1950, foi descrita como uma técnica de pesquisa utilizada por profissionais da área de marketing que visavam à criação de novos produtos para o mercado, sua avaliação e aceitação bem como o desenvolvimento de campanhas publicitárias. Esta modalidade de grupo passou a ser usada nas pesquisas em ciências humanas na década de 1980 (FLORES & ALONSO, 1995).

Segundo SILVA (2003), a execução dos grupos focais envolve os seguintes aspectos:

* *Preparação*: como referência, o coordenador deve ter um roteiro com determinados temas, não significando que este deva ser seguido de forma rígida. A seleção dos participantes é feita de maneiras distintas, mas a participação é sempre voluntária. O número de sessões varia de acordo com o tema pesquisado e do desenvolvimento da pesquisa, podendo variar de 3 a 16.

* *Composição*: preferencialmente de 4 a 10 pessoas, sendo melhor que os participantes não se conheçam, se isto for possível na população pesquisada. No caso deste trabalho o número de participantes variou conforme a disponibilidade da escola, dos profissionais envolvidos e dos adolescentes. Os jovens se conheciam, já que os grupos foram formados a partir de cada classe das séries mencionadas. Nesta pesquisa eu desempenhei a função de coordenação, houve alguns encontros em que participou uma profissional de educação, o que será explicitado mais adiante.

* *Condução*: os encontros têm duração variável, sendo o tempo médio 1 hora e meia. O coordenador realiza as seguintes funções segundo WESTPHAL (1992) e SILVA (2003):

- introduzir os objetivos do trabalho, garantir o anonimato dos participantes e o sigilo quanto às informações levantadas pelo grupo
- introduzir tópicos e formular questões
- procurar obter uma ampla variedade de respostas, mesmo as conflitantes, tentando verificar os seus motivos
- garantir que o grupo aborde os temas do roteiro elaborado, de forma mais ampla possível, a fim de atingir os objetivos da pesquisa
- cuidar para que o grupo não seja monopolizado por algumas pessoas e que todos participem emitindo suas reflexões e ouvindo a opinião dos outros participantes
- cuidar da gravação do encontro e realizar algumas anotações.

O roteiro de perguntas utilizado nesta pesquisa para o grupo focal foi elaborado a partir dos eixos principais do trabalho: o tema da morte, sua abordagem no contexto escolar e o enfoque dos comportamentos autodestrutivos na adolescência. Tal roteiro segue-se abaixo:

1- Quando se fala em morte na idade de vocês o que vem à mente?

2- Vocês pensam com certa frequência no tema da morte? Se sim, em que ocasiões? Vocês pensam na possibilidade dela acontecer com vocês?

3- Vocês já tiveram algum contato direto com a morte? Se sim, qual?

4- Cada pessoa tem uma forma diferente de lidar com a morte. Quando vocês tiveram esta experiência, como vocês lidaram com isso? Vocês falaram com alguém? Se não, vocês gostariam que tivesse ocorrido?

5- Por que é tão difícil falar sobre o tema da morte?

6- Quais as hipóteses que vocês levantam sobre as altas taxas de mortalidade, atualmente, em relação aos adolescentes? Como vocês acham que isso poderia mudar? Vocês acreditam que se os adolescentes refletissem/ discutissem mais sobre este tema poderiam diminuir os altos índices de mortalidade na idade de vocês?

7- Vocês conversam com seus amigos e/ou familiares sobre comportamentos que podem levar à morte? Se sim, com quem e em que ocasiões? Se não, vocês gostariam que isso ocorresse? Em relação aos amigos, vocês acreditam que podem ajudar uns aos outros? Como?

8- Vocês já conversaram alguma vez com profissionais de saúde (médicos, psicólogos etc.) sobre o tema da morte/ comportamentos autodestrutivos/ no caso da perda de um amigo ou familiar? Se sim, com quem e em que ocasiões? Se não, vocês gostariam que isso ocorresse? De que formas?

9- Quais as maneiras que vocês sugerem para que essa comunicação sobre o tema da morte possa ocorrer? (Especificar com quem é essa comunicação – com família/ amigos/ profissionais de saúde e/ou educação e onde esta poderia efetivamente ocorrer)

10- Será que os adolescentes que estão usando drogas ou ingerindo bebidas alcoólicas, por exemplo, estão pensando na morte?

11- Será que os adolescentes pensam que a consequência de alguns dos seus comportamentos pode ser a morte? O sexo, por exemplo, pode conduzir à morte?

12- Vocês acham que é possível se divertir/ vivenciar novas experiências com responsabilidade?

13- Vocês fazem alguma coisa para preservar a vida de vocês?

14- O adolescente se sente imortal? Vocês se consideram imortais?

- 15- Retomando uma frase importante do vídeo *Falando de Morte com o Adolescente*: “o limite entre o prazer e a autodestruição é uma linha frágil que se rompe diante do exagero e da irresponsabilidade, podendo acabar em tragédia e morte”, o que vocês pensam dessa frase?
- 16- Será que os limites que são impostos pela família ou pela sociedade em geral impossibilitam o adolescente de aproveitar a vida?
- 17- Vocês acham que a escola deveria abordar o assunto da morte? Se sim, como? Se não, por que?
- 18- Sobre a abordagem do tema da morte nas escolas, vocês acham que ajudam trazer pessoas com depoimentos de experiências sobre drogas, acidentes, doenças etc.?
- 19- O que vocês acharam desta atividade que fiz com vocês hoje?

Obs.: Não foi proposital a escolha por “o adolescente” (significando um afastamento) ou por “vocês” (significando uma aproximação) no início das perguntas. Na descrição na íntegra dos grupos (ANEXOS 2 e 3, páginas???????) pode-se perceber que houve uma tentativa constante de aproximá-los dos temas abordados quando os jovens não se implicavam nas questões discutidas.

Para promover uma discussão e uma reflexão com os adolescentes sobre o tema da morte inspirei-me na modalidade denominada Grupos Focais, uma vez que o que propus foi uma variante desta estratégia. Destaco a proposta de sua utilização em trabalhos futuros com adolescentes, pois percebi que esta estratégia permite aos jovens que se percebam com seus pares e, possibilita uma riqueza maior de material em relação às entrevistas individuais, favorecendo a troca de experiências, opiniões, reflexões, dificuldades, dúvidas e questionamentos entre eles.

c) *Entrevista individual com profissional de educação*

Como forma de me aprofundar na reflexão sobre o tema da morte no contexto escolar, realizei duas entrevistas com profissionais de educação: a professora de filosofia “Mariana” do “Centro de Ensino São José” e a coordenadora pedagógica “Márcia” da E.E. Maestro Fabiano Lozano.

Para BLEGER (1980), as entrevistas são um instrumento fundamental do método clínico, uma técnica de investigação científica em Psicologia. O entrevistador tem liberdade para intervir e formular perguntas de acordo com o que o entrevistado for apresentando. A entrevista pode assumir a função de pesquisa, na qual o objetivo do entrevistador é avaliar a opinião ou postura do entrevistado frente a um determinado assunto. Configurando um campo de entrevista segundo uma estrutura psicológica

particular, essa varia conforme o surgimento de novos conteúdos e inclui o pesquisador como uma variável importante com seus valores, desejos e fantasias. É fundamental a atitude, denominada por BLEGER (1980) de *dissociação instrumental*, definida como uma “distância ideal” entre os participantes da entrevista, na qual o pesquisador, tendo consciência destes fatores, não direcione o entrevistado a partir de aspectos seus, contaminando a escuta. É igualmente importante a observação de aspectos não-verbais do entrevistado.

A professora de filosofia já havia sido informada sobre a finalidade da pesquisa e autorizou a gravação da entrevista e a utilização do material colhido. A entrevista foi semi-dirigida, e certos aspectos foram avaliados de forma mais direta, utilizando-se de um roteiro semelhante ao grupo focal realizado com os adolescentes. Não houve a gravação da entrevista com a coordenadora pedagógica, já que esta preferiu responder as questões na forma de questionário que pude aprofundar em entrevista num contato posterior com a profissional. Estes dados serão discutidos adiante no capítulo 4.3 *Sobre os profissionais de educação e a abordagem da questão da morte no contexto escolar* (página ?????).

Apresento a seguir as perguntas temáticas feitas às profissionais de educação, como forma de direcionar a entrevista:

- 1- Para começar, eu gostaria que você falasse um pouco sobre a sua formação e trajetória profissional: a faculdade que você cursou, onde você já trabalhou, onde trabalha atualmente, as funções desempenhadas etc.?
- 2- Como você vê a abordagem do tema da morte dentro das escolas em geral e dentro da escola na qual você está inserida?
- 3- Você acha que a escola deveria abordar o tema da morte? Se sim, como? Se não, por que?
- 4- É fato que a maioria das pessoas não se sente preparada para falar sobre o tema da morte, mas você acredita que há uma disponibilidade dos educadores para se preparar para a abordagem deste tema?
- 5- Você observa um espaço para falar sobre este tema dentro da escola? Você observa um espaço entre os professores e profissionais de educação em geral?
- 6- Você sente o tema da morte como algo proibido de se conversar/ algo evitado dentro do contexto escolar?
- 7- A dificuldade de entrar em contato com este tema envolve a idéia de proteção e negação. Caso este profissional esteja disposto a entrar em contato com o tema da morte, como você acha que se poderia mudar esta mentalidade dentro das escolas?

- 8- Como você acha que deveria ser a preparação dos profissionais de educação para lidar/abordar o tema da morte com os alunos, visto que são importantes as reflexões e não respostas fechadas e absolutas para não ocorrer discursos moralistas ou generalizações?
- 9- Caso você já tenha abordado o tema da morte com os alunos, como foi a sua experiência? O que mais chamou a sua atenção?
- 10- Sobre a abordagem do tema da morte no contexto escolar, você acha que este tema deveria ser inserido nas atividades regulares/pedagógicas da escola; em alguma disciplina; como?
- 11- Você vê diferença entre as escolas públicas e particulares em relação a abordar este tema?
- Opinião dos profissionais de educação em relação aos adolescentes:*
- 12- Como você vê o tema da morte na adolescência?
- 13- Quais as hipóteses que você tem sobre as altas taxas de mortalidade, atualmente, em relação aos adolescentes? Como isso poderia mudar?
- 14- Você acredita que se os adolescentes refletissem/ discutissem mais sobre o tema da morte e os comportamentos autodestrutivos com a família, amigos, profissionais de saúde e educação os índices de mortalidade nesta faixa etária poderiam mudar?
- 15- Com quem você considera que essa comunicação seria mais eficiente: com a família, amigos, profissionais de saúde ou educação?

3.4) Procedimentos

Foi realizado um encontro com cada grupo (que serão descritos no capítulo 4.1 *Relato das visitas às escolas e das impressões no contato com os adolescentes e profissionais de educação*) e ao jovem que se propusesse a participar do encontro foi recomendado que permanecesse até o final. Se fosse necessário, haveria a possibilidade de retomar estes encontros num momento posterior.

Os alunos foram convidados a assistir ao vídeo “*Falando de Morte com o Adolescente*” como forma de introduzir o tema da morte para eles. Este material foi apenas um instrumento facilitador, não sendo objetivo desta pesquisa a avaliação direta deste material.

Após a exibição do filme, foi aberto um espaço para as reflexões dos jovens, assim como para suas vivências e experiências atuais com o tema da morte. Como forma de atingir os objetivos propostos nesta pesquisa, a abordagem dos temas foi realizada utilizando-se de um roteiro de perguntas.

As perguntas não caracterizaram um roteiro rígido. Os temas propostos tiveram o intuito de situar os adolescentes no tema, dando-lhes uma idéia do campo pesquisado, remetendo também aos pontos que considero relevantes nesta pesquisa. Outros temas também puderam ser abordados a partir do direcionamento dos adolescentes.

A partir das respostas iniciais dos adolescentes, propus novas perguntas ou intervenções com o intuito de melhor atingir os objetivos desta pesquisa. Não foi considerado relevante a ordem das perguntas e das discussões, estabelecendo-se um clima de liberdade e flexibilidade. Os grupos foram gravados sempre que possível (com autorização dos adolescentes e responsáveis) e descritos de forma detalhada. Houve garantia de sigilo, os relatos não foram vinculados aos nomes reais dos alunos. Foi criada uma nomenclatura geral “adolescentes” que envolveu todas as falas trazidas nos grupos. Não considerei importante, para fins de análise, relacionar os conteúdos e falas que apareceram com cada adolescente participante. O levantamento dos temas contemplou o grupo de jovens como um todo.

Ao final de cada dia de visita à escola e após a realização do grupo, elaborei um diário de campo que englobou as minhas impressões, sentimentos e reflexões sobre a vivência de cada encontro.

3.5) Da compreensão dos dados

O caminho possível para a compreensão dos relatos, foi feito baseado e inspirado em algumas das propostas da Análise de Conteúdo, buscando compreender criticamente o sentido das comunicações, como abordado por BARDIN (1977). Esta autora propõe uma técnica que procura reduzir o amplo número de informações compreendidas numa comunicação a algumas características particulares, eixos ou categorias conceituais que permitam passar dos elementos descritivos à intensa observação e interpretação desses dados. Dessa forma, buscou-se a compreensão do conteúdo das mensagens, ou seja, identificar alguns significados das frases emitidas pelos participantes desta pesquisa. Além disso, foi feita uma observação de como algumas falas mexeram de forma mais intensa comigo, ou seja, uma reflexão sobre a intensidade dos sentimentos trazidos pelos adolescentes e como estes me influenciaram nos encontros.

Assim como ESSLINGER (2003) que também se baseou em BARDIN (1977), busquei trilhar os seguintes passos:

- *Pré-análise*: envolvendo a atenção/leitura flutuante que permite ao pesquisador se deixar invadir pelas primeiras impressões, nas quais já pode ficar evidente a riqueza de conteúdos. Após uma leitura cuidadosa dos relatos (tantas vezes quanto necessário) e uma imersão nos conteúdos que

surgiram nos grupos com os adolescentes, procurei refletir, estabelecendo relações com os objetivos desta pesquisa identificando e discriminando alguns temas emergentes. A partir daí, foram possíveis algumas desconstruções do texto de acordo com as preocupações centrais deste trabalho.

- *Análise:* desconstruindo, agregando e enumerando algumas falas presentes nos relatos; percebendo palavras freqüentes e características do discurso que emergem, se evidenciam e se repetem, denunciando a sua importância no contexto desta pesquisa. Foi feita a seguinte pergunta: “qual é ou quais são os temas emergentes?”. A partir dessa questão, foi feito um intenso recorte de falas e uma categorização segundo eixos temáticos.

- *Síntese:* os temas recorrentes foram destacados, descritos e discutidos de uma forma aprofundada relacionando-os também ao conhecimento do pesquisador sobre os assuntos abordados, facilitando a compreensão dos conteúdos trazidos pelos participantes. Procurei analisar e compreender os conteúdos e falas descritas e tematizadas, observando se havia padrões de comparação entre os vários grupos realizados. Assim, busquei identificar e destacar possíveis convergências e divergências entre os grupos de jovens.

Após a realização de cada grupo, fiz um registro sobre as minhas impressões após ouvir as falas dos jovens; tanto as minhas sensações, como as emoções que percebi dos adolescentes.

Destaco a importância fundamental do processo da coleta de dados, pois nessa pesquisa foi essencial à escuta afinada e o contato estabelecido com os jovens, suas explicações e reflexões nos grupos e, a partir dos encontros, fiz uma leitura cuidadosa das falas e busquei compreender os temas principais que emergiram. Foi feito um levantamento geral de falas e temas e não uma leitura caso a caso, pois a idéia principal era ampliar estes dados articulando-os com a literatura sobre o tema, a fim de possibilitar reflexões críticas envolvendo o olhar dos jovens acerca do tema da morte.

Durante a coleta de dados ocorreu uma discussão e a construção compreensiva junto com os jovens sobre questões relacionadas com a morte, o que permitiu uma co-construção de significados e sentidos (SPINK, 2003). Meu interesse esteve focado em compreender atentamente as falas dos jovens sobre os temas abordados, facilitando a construção de opiniões e reflexões durante a interação com os adolescentes e realização dos grupos.

Reconheço que há muito a ser descoberto neste campo de estudo. Longe de serem conclusivos, os resultados obtidos nesta pesquisa podem abrir caminhos para trocas de experiências e serem fundamento para outros projetos que se destinem a perceber, com um olhar diferenciado, como a morte é vista pelos adolescentes e a necessidade de discutirem este tema na sua rede social. Como

decorrência deste trabalho, poderão ser propostos subsídios para facilitar a discussão sobre o tema da morte no contexto escolar.

3.6) Considerações éticas

Considerando-se que possa, muitas vezes, ser complicado falar e refletir sobre a morte e comportamentos de risco numa fase em que os adolescentes só querem falar/pensar em vida, tomei alguns cuidados para que as atividades desta pesquisa não provocassem danos ou sofrimentos. Para isso, foram enfatizados os seguintes aspectos éticos, baseando-me na Resolução CNS 196/96:

- ❖ Respeito à dor e ao sofrimento que os adolescentes pudessem estar vivenciando em relação aos temas abordados neste trabalho.
- ❖ Os objetivos da pesquisa foram claramente explicitados e foi respeitado o desejo de participar ou não dos alunos.
- ❖ Deixou-se claro que os alunos que não desejassem participar da pesquisa não seriam prejudicados em relação às suas atividades pedagógicas na escola.
- ❖ Para cada participante do grupo foi solicitado um termo de consentimento assinado pelos pais ou responsáveis autorizando a gravação das entrevistas e a utilização do material na pesquisa. Este termo encontra-se no ANEXO 1 (página ??????).
- ❖ Respeito ao desejo de não gravar as entrevistas.
- ❖ Garantia do sigilo da identidade dos participantes entrevistados, assim como das pessoas por eles citadas.
- ❖ Respeito às informações relatadas, sem emissão de juízo de valor, tanto durante as entrevistas quanto durante a realização da compreensão dos resultados.
- ❖ Foi aberto um espaço para escuta dos jovens após a realização das entrevistas e estes puderam questionar a pesquisa, assim como resolver algumas dúvidas que surgiram durante as atividades.
- ❖ Possível encaminhamento dos jovens que, segundo a minha percepção, pudessem necessitar de ajuda.
- ❖ É importante ressaltar que perguntei aos jovens o que eles acharam de participar das atividades dessa pesquisa e muitos comentaram ter sido positivo, já que puderam pensar e expressar sentimentos sobre este momento da adolescência em suas histórias de vida.

4. APRESENTAÇÃO E COMPREENSÃO DOS DADOS

Biologicamente, o jovem é aquele que, em tese, está mais longe da morte.
Biologicamente mais predisposto à vida, tem o gosto pela aventura,
tem maior curiosidade pelo novo.
NOVAES (2002) **Juventude em debate**. São Paulo: Freitas.

4.1 RELATO DAS VISITAS ÀS ESCOLAS E DAS IMPRESSÕES NO CONTATO COM OS ADOLESCENTES E PROFISSIONAIS DE EDUCAÇÃO

Descrevi detalhadamente as peculiaridades de cada instituição e as minhas impressões na experiência com cada turma para que não se perdesse a riqueza de tais informações na compreensão dos dados sobre os adolescentes (*capítulo 4.2*), os quais serão analisados como um todo.

Foram realizados 7 grupos com os adolescentes, sendo 5 deles no “Centro de Ensino São José” (8^a A, 2^o ano – turma 1, 1^o ano, 8^a B e 2^o ano – turma 2) e 2 deles na E.E. Maestro Fabiano Lozano (separados por 1^o grupo e 2^o grupo).

“CENTRO DE ENSINO SÃO JOSÉ”

Nesta escola (como já descrito no *capítulo 3.2 Dos participantes e local*), foram utilizados os horários da aula de filosofia com as duas turmas de 8^a série do Ensino Fundamental e com as turmas do 1^o e 2^o anos do Ensino Médio. No contato com a professora “Mariana” propus que esta atividade devesse ser feita com grupos pequenos, se possível de 4 a 10 adolescentes e, preferencialmente, gravando os encontros. Entretanto, este procedimento só foi possível com uma das turmas, pois as aulas sobre o tema da morte ocorreriam na semana seguinte e, para que ocorressem grupos pequenos, seria necessário dividir a turma em várias semanas, além da necessidade de distribuição de autorizações. Isso foi possível apenas com a turma do 2^o ano, que por ser um grupo menor, demandaria apenas 2 semanas de atividades.

Com a turma do 2º ano, somente os adolescentes e eu estivemos presentes nas atividades (diferente das outras turmas em que estava também Mariana). Foram realizados dois grupos, cada um com metade da turma, durante 2 semanas. Enquanto eu realizava a pesquisa com metade da turma, Mariana conduzia sua aula com a outra metade, invertendo-se a atividade na semana seguinte.

Nas outras turmas, que eram grupos maiores, decidi que Mariana conduziria a discussão, utilizando-se das minhas questões e reflexões (conforme combinação prévia) e eu faria as anotações das respostas dos adolescentes, realizando também alguns questionamentos. Nestas turmas algumas falas se perderam.

No contato com os adolescentes, eu me apresentei às turmas como psicóloga e dizendo que estava ali realizando minha pesquisa de mestrado que envolvia a relação entre os adolescentes e o tema da morte. Relatei que já havia trabalhado este tema com jovens durante a graduação utilizando o vídeo “*Falando de Morte com o Adolescente*”, e que parte das minhas reflexões sobre este trabalho colaborou para uma segunda versão do vídeo, que eles assistiriam em seguida com discussão posterior. Perguntei se alguém não queria participar, já que se tratava de atividade optativa.

As atividades foram realizadas nas salas de aula e na biblioteca da escola, onde se encontrava o material de vídeo e televisão.

Segue-se o registro dos diários de campo como forma de ilustrar as peculiaridades de cada dia de visita à escola e de cada grupo realizado com os jovens.

DIA 02/09/2003 – 8ª série A – horário 10 às 11:20h – Número de adolescentes presentes: 23

Mariana e eu conversamos sobre a pesquisa de mestrado antes de iniciar as atividades. Contei a ela como estava pensando abordar o tema de forma a alcançar meus objetivos. Discutimos sobre as questões e os temas que eu gostaria de abordar com os adolescentes. Ela concordou com o modo como pretendia intervir e tinha a impressão de que estas questões iriam gerar muita discussão e polêmica entre os alunos desta turma, já que se trata de um grupo bastante interessado, unido e dinâmico.

Mariana relatou que um aluno desta classe se ofereceu para dar uma aula sobre o tema da morte quando ela havia comentado em aula anterior que estaria abordando o tema.

O primeiro aspecto a ser levado em consideração foi o de que estavam presentes na discussão 23 alunos, um número muito superior ao considerando ideal para a atividade. Este aspecto dificultou bastante a realização do encontro. Outro ponto negativo foi o de que nesta turma não foi possível a exibição do vídeo *Falando de morte com o adolescente*, devido a problemas em relação à reserva da

biblioteca onde se encontrava o material de vídeo. Neste grupo também não ocorreu a gravação das falas, tendo-se apenas o meu registro escrito.

A intensidade da resistência e a enorme agitação por parte dos alunos em discutir estes temas durante o encontro me influenciou e dificultou bastante a condução da atividade. Durante todo o encontro Mariana pediu respeito e atenção, o que não mudou a atitude dos jovens. Isto talvez tenha ocorrido devido à falta de aquecimento para a discussão do tema, já que o vídeo não foi exibido. Eu e Mariana tivemos dificuldade para levar estes jovens à reflexão dos temas. Uma adolescente se manifestou: “Porque ficar falando sobre isso? Nada a ver ficar discutindo estas coisas...” A minha sensação é que estava incomodando os alunos, não a minha presença e sim o tema que estava propondo como reflexão e discussão. Perguntei-me se isso não acontecia por eles não me conhecerem e não haver um vínculo entre nós, mas descartei esta possibilidade quando em outros grupos, mesmo com apenas um encontro, a atividade se desenvolveu de forma completamente diferente, com disponibilidade para a discussão, com o resgate de sentimentos e a apresentação de experiências e opiniões.

Além disso, vários alunos não expressaram nenhuma opinião a respeito dos temas discutidos, permanecendo em silêncio todo o tempo. Interessante observar que o aluno que expressou vontade em apresentar uma aula sobre o tema da morte, ficou em silêncio grande parte do tempo, só expressando suas opiniões quando solicitado pela professora.

Dessa forma, o tema da morte incomodou e silenciou estes adolescentes, mas também provocou profundas reflexões. Apesar das dificuldades encontradas nesta turma, os adolescentes trouxeram conteúdos significativos.

Falei para Mariana das minhas impressões em relação às resistências e à bagunça constante neste encontro e sobre a sua opinião anterior de que os alunos se interessariam, havendo discussões e polêmicas. Ela disse que apesar da bagunça acha que ainda assim há retorno por parte dos adolescentes, a partir das atividades que são propostas. Disse que em outras situações, quando foram abordados os temas sexualidade, homossexualismo e amizade, depois de um tempo ela percebeu algumas transformações nas formas de ver e agir dos adolescentes. Afirmou que pode demorar uns meses ou até um ano, mas que percebe que as falas dos alunos mudam, evidenciando as repercussões dos temas.

Fui convidada para voltar à escola daqui um tempo para constatar ou não algumas mudanças e transformações.

DIA 04/09/2003 – 2º ano Ensino Médio (Turma 1) – horário 10:40 às 12h – Número de adolescentes presentes: 5

Para realizar a pesquisa com a gravação das falas na turma do 2º ano do Ensino Médio, fiz o contato com a coordenadora pedagógica da escola, explicando os objetivos de pesquisa e os procedimentos que iria utilizar. Mariana explicou aos alunos do 2º ano as atividades que seriam desenvolvidas por mim e distribuiu as autorizações para aqueles que estavam interessados em participar.

A turma do 2º ano tem 12 alunos e 11 concordaram em participar das atividades, sendo divididos em 2 grupos: no primeiro encontro realizou-se a pesquisa com 5 adolescentes e no segundo com 6. A coordenadora contou que um aluno optou por não participar da atividade por questões pessoais, não entrando em maiores detalhes. Não me senti à vontade para abordar mais de perto quais eram estas “questões pessoais” e também achei que poderia ser invasiva. Acredito que é de extrema importância, numa pesquisa como esta, respeitar a vontade dos adolescentes de não participarem destas discussões que envolvem temas delicados e complexos que podem remeter a questões pessoais sem possibilidade de acolhimento posterior de minha parte.

Os adolescentes desta turma participaram intensamente do encontro. Todos trouxeram contribuições e colocaram reflexões sobre os temas que foram abordados. As contribuições foram gravadas, o que permitiu obter uma maior riqueza de detalhes. Além disso, só eu estava com os adolescentes e, talvez por isso, “se abriram” mais do que nas outras turmas. A discussão foi prazerosa, pois senti que os jovens estavam dispostos a refletir sobre os temas e a atividade estava sendo realizada de forma significativa. Um aspecto importante é que o grupo foi formado por 5 adolescentes, o que favoreceu as discussões.

Um dos jovens deste grupo relatou várias experiências pessoais, o que me marcou bastante. É uma história de vida com drogas, dificuldade na relação com os pais e até violência. Este jovem se sentiu à vontade para apresentar estes depoimentos e apontou que o espaço oferecido era uma maneira dele se abrir e falar sobre seus pensamentos com uma pessoa que não era da escola. Fiquei preocupada se estava conseguindo acolher tudo o que este jovem estava expressando, pois a minha postura não era de apenas “coletar dados” e sim de poder perceber os sentimentos que emergiam com o que estava sendo dito. Às vezes, sentimentos mais fortes surgiram como dor, decepção e mágoa, acolhidos por

mim e pelo grupo. Reconheço que houve a limitação de ser apenas um encontro, entretanto cuidados foram tomados em relação aos conteúdos trazidos e os sentimentos relacionados.

Este grupo assistiu ao vídeo de forma bastante atenta, interessada e em silêncio. Após a exibição do filme um aluno falou para a colega: “Tá vendo, você fica tomando remédio para emagrecer, você vai ficar igual a menina que apareceu no filme, que nem um esqueleto”. A garota respondeu: “Eu nunca vou ficar assim”.

A atividade neste grupo foi bem diferente da ocorrida com a turma da 8ª A. Neste turma senti que estava realizando uma discussão mais produtiva, com reflexões e questionamentos. Estavam muito envolvidos, diferentemente do grupo anterior. Algumas hipóteses podem ser levantadas: a discussão realizada com a 8ª A foi feita com a turma toda, na qual havia um número grande de adolescentes, além deles estarem na presença de todos os colegas de turma. Assim, alguns adolescentes podem ter ficado preocupados em chamar a atenção do grupo fazendo bagunça ou, pelo contrário, com receio de exporem suas opiniões, permanecendo calados. Um número muito grande de participantes não os implica tanto na atividade, dispersando as reflexões.

Na discussão realizada com o 2º ano, com o grupo de 5 alunos, todos participaram, refletindo e expondo suas opiniões, dúvidas e questionamentos.

Reverberações: após este encontro saí animada para realizar outros grupos para a abordagem dos temas desta pesquisa. Senti que os adolescentes gostaram da atividade, que realmente provocou reflexões. Após o término da discussão, os adolescentes perguntaram detalhes da minha pesquisa de mestrado e do meu trabalho com o tema da morte, tentando estabelecer um sentido para o que havíamos discutido.

DIA 05/09/2003 – 1º ano Ensino Médio – horário 8:20 às 9:40h – Número de adolescentes presentes:

15

Nesta turma também não foi possível a gravação das falas, prejudicando a transcrição de todas as respostas dadas durante a atividade. Como dito anteriormente, o barulho constante também prejudicou a coleta de informações.

O grupo de 15 alunos assistiu ao vídeo. Houve vários comentários durante a sua exibição, alguns alunos expressavam suas opiniões, enquanto outros, que queriam assistir ao vídeo, pediam silêncio. Mas, de maneira geral, os adolescentes assistiram ao vídeo demonstrando um grande interesse.

Um aluno se exaltou durante o grupo. Quando perguntei o que eles estavam achando da discussão, da atividade da pesquisa, ele disse que considerava “muito idiota”, que não tinha nada a ver falar de morte, pois ele era imortal e nunca iria morrer e xingou um colega que tentou argumentar. Nesse momento a professora interviu. Depois de sair da biblioteca com o aluno que se exaltara e que fora advertido, Mariana voltou e pediu desculpas pelo comportamento dele. Expliquei que talvez estivesse sendo difícil para este adolescente abordar o tema da morte e que por isso tivesse reagido daquela forma. Ela concordou comigo, mas disse que tinha que adverti-lo, pois senão todos os alunos poderiam agir assim em sala de aula ou durante pesquisas realizadas por outros profissionais. Ela ainda me contou que no caminho para a diretoria o aluno pediu desculpas a ela e reconheceu que estava errado ao agir daquela forma.

A minha impressão foi de que este adolescente reagiu exageradamente, visto que eu só havia perguntado para o grupo o que eles estavam achando da atividade. Pode se levantar como hipótese que esta reação exagerada, por parte do aluno, se deva a razões pessoais frente ao tema da morte.

Do grupo de 15 alunos, 4 adolescentes formaram um subgrupo dentro da biblioteca e não participaram da discussão e uma aluna dormiu durante a atividade. Dos 10 alunos restantes, a maioria expôs suas opiniões.

Após este encontro, Mariana me disse que está difícil trabalhar com este grupo durante as suas aulas, pois estes alunos têm se mostrado muito resistentes aos temas que são abordados. Ela me pergunta se eu consigo perceber a dificuldade que eles têm em expressar seus sentimentos.

Fica marcante que esta atividade não é tão produtiva com grupos grandes (mais que 7 ou 8 adolescentes). Os adolescentes expressam suas opiniões, levantam aspectos interessantes e importantes e participam como um todo das discussões, mas o barulho em sala é constante, havendo interrupções a todo momento por parte da professora pedindo silêncio e atenção àquilo que está sendo dito. Estes aspectos dificultavam bastante as minhas intervenções.

DIA 05/09/2003 – 8ª série B – horário 16 às 17:40h – Número de adolescentes presentes: 13

Nesta turma da 8ª série B os alunos participaram ativamente das discussões, não ocorrendo situações peculiares. Também não foi possível gravar este encontro, o que prejudicou a coleta de dados. Assim, algumas informações e temas não puderam ser melhor aprofundados.

DIA 11/09/2003 – 2º ano Ensino Médio (Turma 2) – horário 10:40 às 12h – Número de adolescentes presentes: 6

Neste encontro foi possível realizar a gravação das falas e eu pude conduzir o grupo sem a presença de Mariana. Outro aspecto favorável foi o número reduzido de alunos presentes no grupo o que facilitou muito a realização da atividade.

Durante a exibição do filme, os adolescentes permaneceram atentos sem expressar muitas opiniões. Durante a discussão, dos 6 alunos presentes, 4 participaram ativamente, 1 falou pouco e o outro praticamente permaneceu calado durante toda a atividade. Destes 4 adolescentes que se mostraram envolvidos nas reflexões, um trouxe importantes contribuições, embora fizesse muitas brincadeiras, o que causou alguma dispersão no grupo em alguns momentos. Ao conversar com a coordenadora, ela relatou que o pai deste adolescente morrera há mais ou menos 3 anos e acredita que ele não pôde refletir ou elaborar esta perda até hoje. Dessa forma, assim como na Turma 1 do 2º ano, eu consegui conduzir a discussão de forma reflexiva e para mim foi uma atividade prazerosa.

Nos momentos em que eu percebia que poderia estar difícil para algum adolescente abordar o tema da morte, procurei conduzir a discussão de modo a não ser invasiva, já que sabia que de minha parte haveria o acolhimento e a escuta e não um trabalho mais aprofundado, como por exemplo, psicoterapia.

CONVERSA COM A PROFESSORA DE FILOSOFIA “MARIANA” APÓS TODOS OS ENCONTROS:

Mariana me contou que na aula seguinte às atividades desta pesquisa, muitos adolescentes comentaram que gostaram do vídeo e das discussões e que foi importante para eles. Disse também que uma aluna comentou que acha difícil discutir sobre o tema da morte sem nunca ter passado por nenhuma experiência durante sua vida.

A psicóloga da escola me contou um episódio com um dos alunos que participou das atividades: chegando em sua casa, ele comentou sobre a experiência com sua família e o pai deste aluno então contou para ele que seu tio, que morrera, havia, na verdade, cometido suicídio. O aluno não tinha conhecimento deste episódio e ele e sua família puderam conversar sobre o assunto.

Perguntei então a Mariana se eu poderia entrevistá-la, já que durante a pesquisa pude perceber o quanto à escola e seus profissionais são aspectos importantes na abordagem do tema da morte com os

jovens. Estas reflexões se encontram no capítulo 4.3 *Sobre os profissionais de educação e a abordagem da questão da morte no contexto escolar*.

ESCOLA ESTADUAL MAESTRO FABIANO LOZANO

O primeiro contato estabelecido nesta escola foi com a coordenadora pedagógica “Márcia” em março de 2004. Expliquei quais eram os meus objetivos no contato com os adolescentes e ela se interessou pelo meu trabalho, entretanto antes da sua realização, eu teria que fazer o contato e ter a autorização da diretora do colégio (que será chamada de “Ana”). Aguardei o término das suas férias e no dia 02/04/04 marquei uma entrevista com esta profissional.

Fiz um relato de minha pesquisa durante a graduação e os objetivos atuais no mestrado. Também mencionei que já fizera parte da pesquisa o “Centro de Ensino São José” e que as atividades, de uma forma geral, foram vistas como positivas e enriquecedoras pelos alunos e profissionais. Ana e Márcia demonstraram interesse pela pesquisa e disseram que consideram a morte um tema universal e que precisa ser discutido tanto entre os professores e alunos. Foi ressaltado por elas que no final da vida, o que permanece dessa existência são as relações interpessoais e são estas que importam e devem ser cultivadas. Apresentei o “Projeto Falando de Morte” e Ana se interessou em adquirir os três vídeos da série, pois na escola há crianças e adolescentes e ela também tem um contato intenso com idosos. Ela apontou: *“ninguém escapa da morte, não adianta querermos negá-la”*.

Conversando sobre os participantes da pesquisa, Ana afirmou que nesta escola as turmas só vão até o 1º ano do Ensino Médio. À noite há o supletivo, mas os alunos, em sua maioria, não são mais adolescentes. Assim, optei por realizar a pesquisa com as turmas de 8ª série e 1º anos.

Em seguida, eu e Ana passamos pelas salas das turmas da 8ª série e 1º anos explicando a atividade que seria realizada com os alunos. Fui apresentada como psicóloga, formada pela USP e, atualmente, aluna de mestrado. Foi dito que eu estava desenvolvendo um trabalho com jovens sobre o tema da morte, no qual fazia parte a discussão sobre comportamentos que poderiam estar presentes na adolescência, como o uso de drogas e álcool, direção perigosa, sexo sem proteção, gravidez precoce etc. Também foi enfatizado que eu não estava ali para avaliá-los ou julgá-los e sim promover uma reflexão sobre como eles vêem o tema da morte na adolescência. Dissemos que a participação deles era optativa e que a atividade seria realizada num horário fora do período de aulas.

Em cada classe, vários alunos se dispuseram a participar (variando entre 4 e 13 alunos nas 8 turmas – 4 de 8ª série e 4 de 1º ano), mas muitos também não demonstraram interesse. Às vezes,

quando o primeiro adolescente levantava a mão, em seguida vários também demonstravam desejo de participar.

Após passarmos nas 8 turmas, Ana reuniu na sala dos professores aqueles profissionais que estavam presentes naquele momento (professores de matemática, biologia, português etc. e também a vice-diretora). A seguir, ela me apresentou e explicou meu trabalho para eles. Ana sugeriu que o vídeo do adolescente também fosse exibido para os professores, sendo que um deles disse que se Ana não fizesse essa sugestão, ela a faria, já que tem filhos adolescentes e gostaria de refletir sobre estes temas. Assim, foi combinado que eu faria a exibição do vídeo e a discussão sobre os temas também com os professores. Nenhum professor presente naquele momento se opôs ao trabalho ou apresentou críticas.

No dia 05/04/04 encontrei novamente com Ana e mostrei as autorizações a serem assinadas pelos pais dos alunos que participassem da pesquisa. Em seguida, ela me entregou as listas das 8 turmas com os nomes dos alunos interessados em participar da pesquisa. Montamos um cronograma de atividades que consistiu em 8 horários distribuídos em 2 horários distintos nas 4 semanas que se seguiam (Horários das 12:30h às 14h e 14h às 16h nos dias 12, 19, 26 de abril e 03 de maio).

Tendo combinado o cronograma, passei nas 8 turmas, novamente, para entregar as autorizações aos alunos e dizer o dia e horário das atividades com cada turma.

Neste mesmo dia, Ana me comunicou que exibiria aos professores o vídeo *“Falando de Morte com o Adolescente”*. Não pude estar presente durante a exibição, uma vez que aconteceria naquele mesmo dia e eu não havia me programado para estar lá. Então, pedi à ela que registrasse as opiniões e sentimentos dos professores.

Em outro dia, tendo ido à escola, perguntei à Ana sobre a opinião dos professores e ela me disse que a maioria gostou do vídeo. Também mencionou que uma professora chorou e que outra falou que o vídeo era muito forte. Os vídeos do “Projeto Falando de Morte” realmente despertam emoções, entretanto o objetivo maior é poder propiciar um espaço de facilitação da comunicação sobre o tema da morte e os sentimentos que despertam. Ana concordou comigo afirmando que o vídeo dos adolescentes é de muita qualidade e bem produzido. Nesse dia tive a oportunidade de perguntar a opinião de uma professora, que havia assistido ao vídeo e ela considerou este material muito importante para ser trabalhado com os adolescentes, mesmo sendo forte e impactante.

Antes do dia 12/04/04 (primeiro dia de realização da pesquisa com os adolescentes), estive presente na escola para relembrar os alunos da atividade e dos dias marcados. Alguns alunos disseram que não poderiam estar presentes nos dias marcados (pelo horário ser fora do período de aulas) e

outros, que ainda não tinham assinado a lista das autorizações, manifestaram o desejo de participar da pesquisa.

Nesses dias anteriores ao início dos grupos, Ana sugeriu que eu deveria falar de “uma forma dura” com os alunos, pois ao lidar com adolescentes esta é a maneira de convencê-los a fazer alguma coisa. Não segui sua instrução, já que pretendia explicar a minha pesquisa e convidá-los a participar. Alguns alunos vieram me procurar individualmente durante o período que permaneci nas salas explicando a atividade da pesquisa e me pediram um horário para atendê-los, pois “estavam com muitos problemas e precisavam conversar com uma psicóloga”. Estive atenta ao que me diziam e esclareci o meu papel e minha presença naquele momento na escola. Comuniquei à coordenadora pedagógica “Márcia” o que havia acontecido e ela me disse que a escola possui um convênio com a Escola Paulista de Medicina (UNIFESP) e que uma psicóloga já desenvolvera um trabalho no colégio, embora sua presença não seja constante na escola e suas atividades ainda estivessem indefinidas em 2004. Os atendimentos ocorriam na faculdade e muitos alunos não a procuravam. Era difícil também para essa psicóloga conciliar seus horários e o trabalho voluntário desenvolvido na escola.

O cronograma que havia sido estabelecido (dividido por turmas em dias e horários diferentes) não pôde ser cumprido, pois muitos alunos não compareceram nas datas combinadas. Algumas das hipóteses que discuti com Márcia foram: a) os alunos não puderam estar presentes no dia ou horário combinado; b) alguns desistiram de participar, mesmo tendo demonstrado o desejo e c) outros simplesmente esqueceram da atividade, mesmo eu tendo o cuidado de lembrá-los próximo aos dias combinados. Márcia ainda considerou que “o tema da morte assusta e afasta”. Perguntei a ela se não seria o receio dos alunos em serem julgados ou analisados por mim, entretanto ela reiterou que devia ser por causa do tema abordado.

No dia 19/04/04 estive presente ao colégio discutindo os entraves citados acima. Márcia verificou se havia alunos esperando pela atividade naquele dia e foram encontrados dois alunos da 8ª série que gostariam de participar, mas não podiam porque tinham curso técnico às 14h e o Ensino Religioso acabara às 12:35h. Assim, para estes alunos, foi combinado um outro horário para eles participarem da atividade e não faltarem ao curso técnico.

Outro episódio que ocorreu nesse dia foi que um aluno da 8ª série compareceu à sala de coordenação, enquanto eu estava lá, pois queria saber quais eram seus horários de reforço. Márcia aproveitou o momento e perguntou se ele não gostaria de participar da atividade que eu estava propondo. O aluno, sem jeito, disse que não. Márcia, curiosa, perguntou o motivo e ele disse que não

sabia qual era, mas que não gostaria de participar. Ele falou: “não me interessa pelo tema da morte”. Enfatizei que seria um espaço para reflexão e não de julgamentos e ele me disse que não era esse o motivo por não participar. Márcia, em seguida, falou para ele sobre a importância de ser curioso sobre as coisas que não conhecemos e sobre como o conhecimento engrandece e enriquece nossas vidas. Depois disso, este aluno demonstrou uma certa dúvida, pegou a autorização para participar da pesquisa e disse que ia pensar à respeito, porém não participou da atividade.

Neste mesmo dia, Márcia me disse que gostaria de assistir ao vídeo “*Falando de Morte com o Adolescente*”. Eu valorizei sua atitude e falei que no meu trabalho, além de ouvir os jovens, era também muito importante saber as opiniões dos profissionais de educação sobre a abordagem do tema da morte no contexto escolar e perguntei se ela poderia me conceder uma entrevista. Márcia concordou em participar após assistir ao vídeo. Penso que é importante ter partido dela o desejo de assistir ao vídeo.

Uma outra observação importante é que nos dois grupos realizados com os adolescentes foi possível a gravação dos encontros, enriquecendo o registro dos dados.

COMENTÁRIOS E IMPRESSÕES SOBRE O 1º GRUPO:

Nesse dia cheguei à escola às 12h e os grupos ocorreriam às 12:30h para os alunos da 8ª A e às 14h para os alunos da 8ª B. Estavam presentes no colégio, aguardando a atividade, apenas 4 alunos da 8ª A e 1 da 8ª B. Conversei com Márcia e nós combinamos o rearranjo dos grupos lembrando os alunos nas salas de aula, pois poucos jovens haviam comparecido.

Dessa forma, no dia 12/04/04 foi realizado apenas um grupo com os 5 jovens da 8ª série presentes no horário das 12:30h às 14h. Assistiram ao vídeo de forma bastante atenta sem realizar muitos comentários.

Um evento importante ocorrido durante a realização do grupo, citado na transcrição (vide ANEXO 3, página 189), foi a interrupção da atividade pela mãe de uma das alunas presentes. Ela bateu na porta da biblioteca (onde estava sendo realizado o grupo), entrou e disse que estava lá porque queria se certificar se a filha dela estava mesmo participando da atividade com a psicóloga, como ela havia dito à mãe. Após a confirmação, a mãe pediu desculpas por interromper o grupo e disse que queria ter essa certeza porque não confia muito no que a filha fala para ela. Após a saída da mãe, a aluna sorriu e ficou envergonhada comigo e com os colegas, pela atitude da mãe. É interessante que nesse encontro o tema “meus pais não confiam em mim” esteve bastante presente durante a discussão com os jovens.

A minha sensação em relação aos jovens foi a de que eles estavam se sentindo bem à vontade durante a realização do grupo. Expressaram questionamentos e experiências íntimas e percebi que falavam o que realmente queriam, sem ressalvas. Apontaram vários exemplos e experiências pessoais.

Foi marcante nesse grupo o desejo expresso pelos jovens de dar continuidade à discussão iniciada pela pesquisa em encontros semanais. Na transcrição do encontro (ANEXO 3) essa idéia pode ser vista de forma mais clara.

A minha sensação foi a de que estavam precisando bastante daquele espaço, para conversar com alguém sobre os temas propostos e poderem expor suas opiniões, dúvidas, sentimentos etc. Senti que puderam realmente se expressar. Eu tive a sensação agradável de poder propiciar este espaço a eles, mas senti que não estava dando conta de acolher, em apenas um encontro, tantas experiências e angústias que expressavam de forma tão intensa. Esta sensação de impotência foi mais uma cobrança pessoal, pois eles em nenhum momento exigiram respostas ou opiniões; pareciam estar gostando e valorizando aquele espaço no qual ninguém iria julgá-los, cobrar ou desconfiar deles. Minha impressão foi a de que os jovens não queriam encerrar o encontro e a necessidade de atenção e acolhimento era grande. Meu papel naquele momento era o de auxiliá-los na reflexão e conscientização dos temas discutidos.

Concordei com eles que apenas um encontro não daria conta de abordar tantos sentimentos e questionamentos e que eles estavam certos em propor continuidade, pois não há este tipo de trabalho realizado com eles. Porém, esta atividade exigia mais elementos do que os previstos nesta pesquisa. O trabalho deve ser estruturado envolvendo preparação das atividades a serem desenvolvidas, discussão com os profissionais da escola e contratos estabelecidos com estes e os alunos.

Procurei fazer o melhor trabalho possível naquele momento e no espaço que me foi oferecido. O meu papel poderia ser o de instrumentalizar os alunos a fazerem este pedido para algum profissional da escola.

Esta demanda ficou ainda mais evidente durante a transcrição da fita quando percebi que os jovens falavam um em cima da fala do outro, num tom de voz mais alto ou imediatamente após o colega, durante todo o tempo da discussão, trazendo suas experiências, angústias, dúvidas, medos etc. Não ocorreu nenhum momento de silêncio prolongado durante a discussão. Além disso, durante a transcrição, percebi que os jovens falaram mais na 1ª pessoa, trazendo intimidades e experiências pessoais e apresentaram poucos relatos na 3ª pessoa (“o adolescente...”).

Outro fato marcante ocorreu com uma jovem que expôs várias experiências pessoais, por isto tive que tomar o cuidado frente ao grupo para não se tornar um atendimento individual, já que ela, constantemente, queria chamar minha atenção segurando meu braço e chegando mais perto de mim. Propicieí escuta e acolhimento não esquecendo que estava realizando uma atividade em grupo.

COMENTÁRIOS E IMPRESSÕES SOBRE O 2º GRUPO:

Estiveram presentes no grupo 3 alunos e a coordenadora pedagógica “Márcia” durante a exibição do vídeo e o início da discussão. Interessante que um aluno, que já havia participado da atividade no dia 12/04/04, quis estar presente novamente. Na semana do dia 19/04/04, enquanto eu aguardava os alunos na biblioteca, ele também passou por lá para saber se a atividade ocorreria naquele dia. Perguntei sobre o porquê ele queria participar novamente da atividade (mesmo sabendo que esta seria próxima à outra) e ele falou que achou a discussão em grupo “muito legal” e “gostaria de poder ouvir a opinião de outros adolescentes”. Dos 3 adolescentes presentes nesse encontro, foi ele quem mais participou da atividade, expondo opiniões e sentimentos.

Todos assistiram ao vídeo de forma atenta sem emitir opiniões durante a exibição.

Este grupo ocorreu de uma forma menos dinâmica que o primeiro realizado no dia 12/04/04. Os outros dois adolescentes que participaram falavam pouco e eu precisava, constantemente, encorajá-los a discutir os temas propostos.

Foi marcante o desejo por informações: apresentaram dúvidas sobre a contaminação pelo vírus da AIDS, a pílula do dia seguinte, entre outros assuntos. Estes alunos me pediram um espaço para poderem tirar dúvidas sobre assuntos presentes na adolescência e disseram que o tema da morte é muito amplo. É importante observar esta percepção dos jovens sobre a relação que eles puderam estabelecer entre seus comportamentos, o momento de vida que estão passando e a proximidade com o risco, o perigo e a morte.

Senti uma necessidade grande de levar aos jovens informações precisas sobre temas como o uso de drogas e sexualidade, para seu esclarecimento. Eu tinha a idéia de que os jovens já possuíam informações mais gerais, sobre a AIDS por exemplo, mas observei o contrário. É importante, num trabalho com jovens, sempre se certificar do que sabem e não sabem sobre os temas abordados e não partir do pressuposto que as informações são óbvias e já estão claras para eles.

Neste grupo, além do aluno que já havia participado, outro adolescente demonstrou o desejo de que estes encontros continuassem a ocorrer. Também neste grupo surgiu a necessidade de um espaço

de acolhimento de dúvidas, sentimentos e reflexões. Porém, o meu sentimento de impotência não foi tão intenso como no primeiro encontro.

COMENTÁRIOS E IMPRESSÕES APÓS O TRABALHO COM OS ADOLESCENTES:

Antes, durante e após a realização dos grupos tive dificuldades para fazer o contato com os profissionais desta escola, pela sua sobrecarga de atividades.

No dia 12/05/04 cheguei à escola no horário marcado e logo fui atendida por Ana e Márcia. Elas me perguntaram como tinha sido o meu trabalho e eu então relatei que só havia sido possível realizar dois grupos.

Falei a elas sobre o fato dos jovens me pedirem informações e esclarecimentos sobre a AIDS e a pílula do dia seguinte. Confirmei a sensação de que eles desejam ter um espaço, como o que tiveram comigo, para relatarem suas experiências, angústias, medos e dúvidas, e que isso é muito necessário no momento de vida que estão passando. Falei que eles tinham gostado da atividade e que pediram continuidade em dias e horários estabelecidos. Ana me disse que seria interessante eu apresentar à escola o meu trabalho quando estivesse pronto.

Ana reafirmou que tinha gostado do vídeo, que é forte, mas foi bem feito provocando reflexão e conscientização sobre o tema. Quanto à exibição aos professores na qual não estive presente, ela relatou que alguns tinham considerado forte e outros tinham gostado, sem detalhar as observações. Tentei marcar uma entrevista com Ana, falei da importância de ouvir os profissionais de educação e me dispus a ir ao colégio em qualquer horário, mas não fui bem sucedida. Márcia disse que eu poderia deixar as questões na escola e ela responderia por escrito, em forma de questionário. Agradei a disponibilidade e disse que seria importante explorar as opiniões e reflexões dos profissionais de educação. Combinamos, assim, que eu deixaria as perguntas para ela responder quando pudesse, mas que eu poderia voltar à escola em outro dia para aprofundar suas respostas. Estes dados serão aprofundados no *capítulo 4.3 Sobre os profissionais de educação e a abordagem da questão da morte no contexto escolar*.

4.2 SOBRE OS ADOLESCENTES

Nesta pesquisa não foram apresentados os conteúdos e falas dos adolescentes individualmente. Por isto as transcrições das respostas dos participantes aparecem como “adolescentes”.

Ao ler e reler os encontros realizados nas duas escolas, não percebi diferenças significativas entre as séries e entre as duas escolas. Além disso, o objetivo desta pesquisa foi compreender como os adolescentes refletem e se relacionam com o tema da morte e não apontar diferenças individuais ou descrever o contexto escolar.

Para chegar a uma melhor compreensão do que os jovens apresentaram, li e reli inúmeras vezes os depoimentos a fim de evidenciar os temas que emergiam e suas repetições, confirmando a sua importância no contexto desta pesquisa. Ficou marcante a riqueza destes depoimentos: os medos, os desejos, as hipóteses, as angústias dos participantes e, ao observar estas declarações, sempre voltava ao objetivo central da minha pesquisa: *a morte pelo olhar dos adolescentes*.

Algumas categorias temáticas foram destacadas, recortadas e rearranjadas com o intuito de formar alguns eixos de análise. Para facilitar a minha compreensão e também a do leitor, me baseei e procurei seguir os temas centrais desta pesquisa, apresentados na introdução. Para o leitor melhor acompanhá-los, as transcrições na íntegra de todos os grupos realizados encontram-se nos ANEXOS 2 e 3 (páginas 150 e 189).

Os temas destacados foram os seguintes:

1- O TEMA DA MORTE PARA O ADOLESCENTE
1 A- O pensar e o refletir sobre o tema da morte
1 B- O contato com a morte e como os adolescentes lidaram com estas experiências

2- A MORTE NA ADOLESCÊNCIA
2 A- Hipóteses dos jovens
2 B- Como esta realidade poderia se transformar?
2 C- Refletir/ discutir sobre o tema da morte como um caminho possível?

3- O ADOLESCENTE
3 A- Prazer X Autodestruição/ Responsabilidade X Sentimento de Imortalidade
3 B- Relações familiares e sociais

4- FALANDO DE MORTE
4 A- os adolescentes não falam com ninguém
4 B- com amigos
4 C- com a família
4 D- com profissionais
4 E- desejo ou não de falar sobre o tema da morte e expressar seus sentimentos

5- O TEMA DA MORTE NO CONTEXTO ESCOLAR
5 A- não deveria ser abordado
5 B- deveria ser abordado
5 C- sugestões sobre como fazer
5 D- refletindo sobre a atividade desta pesquisa
5 E- reflexões sobre o vídeo “<i>Falando de Morte com o Adolescente</i>”

Obs.: alguns temas apresentam conexões, como por exemplo o adolescente e as relações familiares (3B) e o falando de morte com a família (4 C). Dessa forma, serão feitas algumas relações entre os temas destacados.

Como os depoimentos dos adolescentes serão analisados como um todo, me utilizei de um Quadro-Resumo, assim como o fez ESSLINGER (2004), facilitando a compreensão dos eixos temáticos.

Este capítulo foi construído da seguinte maneira: a) elaboração de um Quadro-Resumo sobre as categorias temáticas; b) compreensão dos depoimentos que compuseram cada categoria, com a escolha de falas mais significativas e emblemáticas e com a articulação destas reflexões com a literatura sobre o tema.

4.2. a e b) QUADRO-RESUMO DOS EIXOS TEMÁTICOS DOS

GRUPOS COM OS ADOLESCENTES E COMPREENSÃO DOS

DEPOIMENTOS POR CATEGORIAS

1- O TEMA DA MORTE PARA O ADOLESCENTE
1 A – O pensar e o refletir sobre o tema da morte
Medo da morte de pessoas queridas/ se isso acontecer morreria junto (ou mais medo deste tipo de perda do que da própria morte) – meios de comunicação e a morte escancarada/banalização da morte – reflexões sobre o após a morte – sentimento de tristeza – tristeza da percepção do adolescente perder a vida inteira/ projetos não concretizados – morte não como possibilidade pessoal – nunca vou morrer/ isso nunca vai acontecer comigo – pensa no tema com frequência – prefere não pensar – pensa/medo de morrer em situações de perigo – é normal, é a única certeza da vida – medo de ficar dependente – medo de machucar ou matar alguém – ninguém morre por acaso – em situações de prazer não pensa – pensa quando está doente

Refletindo sobre o tema da morte, o mais difícil, segundo os adolescentes, é pensar na possibilidade da perda de pessoas queridas e a impossibilidade de elaboração destas perdas (*“é ruim pensar nestas coisas”*; *“penso na morte das outras pessoas”*; *“deve ser muito ruim perder os pais”*; *“dá medo perder as pessoas que a gente gosta”*). O medo de perder pessoas queridas surgiu como mais intenso do que o próprio medo de morrer. KOVÁCS (1992) aponta que o luto é uma experiência universal e cada indivíduo a vive de formas peculiares. Muitas pessoas referem que é pior o luto de pessoas queridas do que a própria possibilidade de morte. Podemos perceber que este aspecto também é referido pelos jovens.

Um adolescente apontou que evita pensar na possibilidade de uma pessoa querida morrer e só pensa que esta vai melhorar. Apareceu também o medo de ser dependente de outras pessoas, por exemplo em decorrência de acidentes. Parece que para o jovem este medo é maior do que o de morrer (*“Eu não tenho medo de morrer... tenho medo de ficar paraplégico, de ficar parado, eu não tenho medo de morrer, morreu, morreu, você não sofre...”*). E o valor da própria vida? E o sofrimento dos amigos e familiares? Este jovem não estabeleceu estas relações.

Este tema remete os jovens a sentimentos de tristeza em relação à perda de pessoas queridas. Também foi dito que é triste a percepção de que um jovem (não eles próprios) pode morrer sem ter vivido muitos anos de vida que ainda tinha pela frente (*“...a pessoa poderia ter feito muitas coisas”*). Alguns têm curiosidade para saber o que há após a morte, o que vai acontecer com o espírito etc.

A maioria disse que não tem medo de morrer. De uma forma geral, os adolescentes não percebem a morte como possibilidade pessoal, mesmo reconhecendo que deveriam ter esta percepção, sempre acham que esta não poderia acontecer com eles (*“Eu não penso na possibilidade da morte acontecer comigo”*; *“A gente deveria pensar, mas eu não penso não”*; *“...parece que eu nunca vou morrer... eu não consigo nem imaginar”*; *“...isso nunca vai acontecer comigo. Aconteceu com ele? Mas isso não vai acontecer comigo”*; *“Tem tanta gente para isso acontecer primeiro”*; *“Por que justo comigo que isso iria acontecer?”*). Os sentimentos de imortalidade e onipotência são expressados claramente, assim como já citado por KOVÁCS (1992).

Foi lembrada também a necessidade de tomar certos cuidados em situações perigosas para evitar machucar outras pessoas. De forma geral, a própria morte não é motivo de preocupação. Este é um aspecto sério e recorrente nos discursos dos jovens.

Foi apontado a influência direta dos meios de comunicação na vida dos jovens, principalmente a TV e os jornais, que mostram para eles a existência de tragédias e mortes inesperadas (*“...quando eu vejo na TV, nos jornais, este monte de tragédia aí, às vezes, eu penso... eu posso estar jogando bola e vir uma bala perdida e me atingir”*). Estes veículos exibem “mortes escancaradas”, violência, assassinatos e lembrando que as mortes acontecem a todo momento. Foi destacado por um aluno que as pessoas estão *“se acostumando”* a ver pessoas morrendo e considerando estes acontecimentos como “naturais”, só dando valor para as mortes que acontecem com pessoas próximas, ou seja, com quem se tem vínculos (*“...as pessoas estão ficando acostumadas com isso. Só vai ser ruim se acontecer com um familiar ou alguém próximo. Para a morte dos outros não se dá muito valor”*). NOVAES (2002) descreve a cultura do medo como sendo uma naturalização desse sentimento integrando-o às reações cotidianas mais corriqueiras. Por exemplo, como vivemos sob a cultura do medo, um barulho que ouvimos dentro do ônibus logo é associado com tiros, quando na realidade é apenas um problema no escapamento. Dessa forma, hoje em dia, o medo da morte e da violência é um sentimento compartilhado por todos. KOVÁCS (2003) também aponta que é difícil a proteção contra estas mortes invasivas e múltiplas situações de violência. Há a vulnerabilidade e a imprevisibilidade e todos estamos em situação de risco. Somos tomados por um constante sentimento de medo e insegurança.

DEBORTOLLI (2002) também aponta que as tensões e a violência, as contradições, desigualdades e indiferenças, que fazem parte atualmente do contexto social, passam a fazer parte também da vida dos adolescentes. Porém a banalização da violência ou o desrespeito à vida alheia, não são sinônimos ou características dessa fase do desenvolvimento. Costuma-se criar representações sociais que desvalorizam o jovem, portanto se temos o desejo de auxiliá-los, é fundamental, primeiramente, repensar as opiniões e preconceitos em relação aos adolescentes.

Qual será o papel dos pais e educadores em relação a estas questões? É importante uma reflexão sobre formas de melhor lidar com estas situações e poder ajudar os jovens nesta tarefa, promovendo discussões sobre o que é exibido com a intermediação do adulto.

Alguns jovens disseram que pensam com certa frequência no tema e outros preferem não pensar. Alguns consideraram o tema “*normal*”, como a única certeza da vida, mostrando opiniões bem conflitantes. Outros já tiveram medo de morrer quando passaram por situações de risco (doenças, cirurgia, avião, direção perigosa etc.).

Foi dito também que “*ninguém morre por acaso*” e foi lembrado que “*a pessoa tem que saber se proteger*”, mas que em situações nas quais há vivências de prazer eles, normalmente, não pensam na possibilidade de morte.

1 B – Contato com a morte e como lidaram com estas experiências
Paralisia – não conseguir chorar – silêncio – o desabafo – o poder falar – sentimentos dos familiares – ocultar a verdade – perda de amigos, familiares/ intensos sentimentos – perda do pai durante a infância e mudança de sentimentos – não participação de rituais – doenças na família/conversar sobre isso é importante – negação da morte para o sofrimento diminuir – visita a amigo no hospital – presenciou morte de um desconhecido, sentimentos de impotência, culpa – amigo sofreu acidente – ajuda a familiares e percepção que poderia ter também morrido - presenciou morte de amigo distante – mortes violentas de amigos e familiares – sentimentos de choque, tristeza no contato com a morte de um amigo adolescente – desejo de chorar e importante conversar com alguém – amigos podendo se apoiar – antecipação do sofrimento/medo – perda de bichos de estimação – estar longe das pessoas importantes/sentimentos intensos

Os jovens relataram experiências de contato com a morte, entre as quais reações de paralisia, não conseguir chorar e os intensos sentimentos envolvidos na perda de amigos e familiares. Os jovens

citaram seus sentimentos e dos familiares diante de uma perda (morte de familiares, doenças, mortes violentas). Foi lembrado que o silêncio não impede a percepção de que algo ocorreu na família e falar sobre isso é poder aliviar a dor (ressaltaram a importância do desabafo e a expressão de sentimentos) - *“Eu fiquei paralisado, mas depois, quando falei com algumas pessoas e desabafei, eu melhorei”*.

Foi lembrado também que em situações de doença na família é importante poder se conversar sobre isso, tanto para o doente quanto para as pessoas próximas a ele.

Um adolescente relatou a perda do seu pai durante a infância e como a percepção desta perda foi se modificando ao longo do seu desenvolvimento (*“quando eu era pequeno, eu não entendia muito, mas depois eu comecei a sentir muita falta, faz muita falta”*). Os adolescentes também apontaram a não participação nos rituais envolvendo a morte de familiares. Atualmente é mais difícil perceber quando uma pessoa está em luto, pois os rituais não são mais tão frequentes como no passado (por exemplo a utilização de roupas pretas) e, além disso, a morte nos dias atuais deve ser banida e isolada. Assim, a manifestação do sofrimento precisa ocorrer de outras maneiras, já que segundo KOVÁCS (1992), o medo da nossa cultura é a evolução do luto para quadros de depressão ou de suicídio quando perdas não puderam ser elaboradas e não ocorreu o processo de desligamento.

Um adolescente trouxe a experiência da perda de um amigo também adolescente e a percepção de que álcool e direção perigosa provocam a morte de muitos jovens (*“eu pensei: nossa, ele andava comigo... tanta gente para isso acontecer, por que o seu amigo tem que morrer?”*). Ficou marcante neste depoimento a conscientização que este adolescente poderia estar junto no acidente e uma pergunta que jamais terá resposta: *“por que ele?”*. Disse que seu papel naquele momento era apoiar a família do amigo (*“Ele era meu amigo, mas eu tentei pensar que eu precisava ajudar a mãe dele porque ela estava precisando mais do que eu”*). Outro adolescente citou a perda de uma amiga: *“16 anos, esfaqueada e estuprada... ela morreu... a gente tinha a maior amizade, eu fiquei muito chocada, muito, muito, muito... meus amigos, a gente sentou e começou a conversar... um ajudou o outro, a gente se abraçou, conversou, pudemos expressar a saudade dela, ontem ela estava aqui com a gente, a gente saía junto, era tão bom quando isso acontecia...”* É significativo nestes depoimentos os sentimentos de choque e tristeza intensa no contato com a morte de um amigo adolescente. Eles percebem que a morte também pode estar próxima e eles não estão imunes ao sofrimento. Neste momento os próprios amigos são importantes fontes de apoio devido a um processo de identificação.

Um adolescente apontou que não se conforma com a perda de uma pessoa querida e sua reação é a de negar o evento e achar que a pessoa viajou e vai voltar um dia. Acha que negando ou

combatendo a morte o sofrimento diminui. Esta forma de pensar se aproxima do pensamento infantil mágico-onipotente, no qual a morte é vista como reversível e não universal. O silêncio e a negação não permitem omitir o fato e a comunicação sobre a dor é vista com um aspecto importante para a superação (*“Eu acho que é importante conversar no momento de uma perda”*).

Um adolescente lembrou que visitou uma amiga com câncer no hospital e que sua aparência a chocou. Trata-se de uma perda na mesma faixa etária, o que pode provocar reflexões, dúvidas e mudanças de referenciais, revendo-se o sentimento de onipotência.

Um adolescente contou sua experiência de contato com a morte de uma pessoa estranha. Ele se sensibilizou pelo sofrimento que esta pessoa poderia estar sentindo no momento da morte e também sentiu culpa e impotência por não poder fazer nada para evitar (*“você ver uma pessoa sofrendo, em agonia e você não poder fazer nada é muito ruim, você sente até uma certa culpa também”*).

Foi lembrada também a perda de bichinhos de estimação e a saudade de pessoas queridas provocando sentimentos intensos.

2- A MORTE NA ADOLESCÊNCIA

2 A – Hipóteses

drogas, acidentes, armas, AIDS, doenças, crime organizado, favelas, falta de trabalho, dinheiro e drogas, violência, problemas sociais, dificuldade/ entrave na relação/ comunicação com os pais, namorado(a) – suicídio, uso de drogas devido ao grande número de problemas pessoais, sociais – dificuldade de pedir ajuda, de comunicação, de contato e de expressar os sentimentos com a família, profissionais e amigos - falta de limites dos jovens – postura de desafiar o mundo – se sentir o melhor – irresponsabilidade - más influências – sociedade não cobra responsabilidade – educação menos rígida – mais liberdade – perdas levando à depressão – entraves na educação: violência intrafamiliar, falta de diálogo, convivência e limites impostos – opiniões contra a legalização da maconha – jovens convivendo em situações sociais desfavoráveis – banalização da morte – inveja por bens materiais – crimes passionais

O aumento da ocorrência de mortes na adolescência é tema principal nesta pesquisa e destaco o aspecto de que morrer nesta faixa etária não é e não deve ser considerado de forma alguma algo esperado, embora estejam ocorrendo numa frequência assustadora. Estas envolvem comportamentos

autodestrutivos, acidentes, mortes violentas. Dessa forma, não podemos perceber estes índices apenas como se fossem escolhas principais e únicas dos jovens. Muitas vezes, os adolescentes são vítimas do contexto social e econômico ao qual pertencem e não são os únicos autores da violência.

Esta pesquisa buscou refletir sobre o que os jovens pensam sobre estes aspectos e quais as possibilidades de transformação que eles percebem como importantes. Analisar cuidadosamente o que os jovens manifestam é um instrumento importante para o enfrentamento destas “mortes precoces”.

Nas discussões os jovens apontaram algumas hipóteses para estes índices de morte na adolescência:

1)- Uso de drogas (foi citado como razão central); muito dinheiro, problemas sociais e o envolvimento com drogas. Foram emitidas opiniões contra a legalização da maconha. Alguns jovens disseram que mais consciência e debates sobre as drogas poderiam ajudar. Outros reiteraram que cada pessoa tem o poder de escolha de se envolver ou não com as drogas; de ser ou não responsável. CARLINI-COTRIM (2002) aponta que é um fator relevante a distinção entre drogas lícitas e ilícitas. Outra questão importante é a ação da droga no corpo humano, pois, do ponto de vista orgânico, drogas são substâncias que alteram a percepção e o grau de consciência. Dessa forma, profissionais que trabalham com o tema não devem relacionar o proibido e o permitido com a possibilidade de desenvolver dependência ou com a razão das pessoas terem buscado a droga. É falso o raciocínio que o permitido não é danoso (como por exemplo o álcool e o tabaco). Os jovens devem estar atentos ao aspecto de que mesmo não desenvolvendo uma dependência, o uso de tais substâncias não é inofensivo uma vez que há o risco de envolvimento com acidentes ou violência. Por esta razão que busca-se chamar a atenção para o aspecto da linha entre o prazer e a autodestruição ser tão tênue e os jovens, na maioria das vezes, não terem a percepção da fragilidade dessa linha que pode se romper rapidamente. Buscou-se propiciar essa percepção nas discussões em grupo.

Em 1994 CARLINI-COTRIM trabalhou junto ao Instituto Médico Legal, na realização de uma pesquisa, quando teve acesso aos exames toxicológicos de cada jovem que morreu por causas externas (situações de acidente e violência). Constatou que 50% desses jovens estavam alcoolizados no momento da morte. Assim, segundo os dados do ano de 1994, dos 6.940 jovens que morreram por causas externas na Grande São Paulo (representando 63% do total das mortes por causas externas), 3.470 estavam sob efeito do álcool. Esta autora ressalta que morrer alcoolizado deve causar estranheza e impacto emocional pelos meios de comunicação e não somente notícias que exibem mortes pelo

consumo de outras drogas “mais danosas”. Assim, a morte por álcool deve ser noticiada com o mesmo impacto que aquelas ocorridas por drogas ilícitas.

2)- Armas; crime organizado; favelas; violência; banalização da morte; inveja por bens materiais e situações sociais desfavoráveis (“*O mundo que eles estão vivendo, está tudo muito difícil... e os jovens estão convivendo com isso*”). As mortes de jovens revelam algo sobre a sociedade na qual eles estão inseridos e sobre a constituição enquanto sujeitos nesta sociedade. BOCK & MARTINS (2002) dizem que o próprio conceito de juventude muda constantemente, engendrando também novos modelos familiares, sociais e culturais. Há pouco tempo, o final da adolescência e o início da vida adulta eram definidos quando o indivíduo era independente financeiramente e possuía uma família constituída. Esta definição está se modificando pelas próprias condições históricas e sociais.

3)- AIDS; doenças. Estes aspectos já foram discutidos no *capítulo 1.3*.

4)- Falta de emprego e de perspectivas para o futuro. É importante perceber que os jovens referem como aspectos das altas taxas de mortalidade na adolescência a inserção do jovem na sociedade. Na opinião deles esta inserção envolve oportunidades maiores de emprego e o senso de responsabilidade que os jovens podem adquirir. Além disso, o ideal seria que o trabalho não impedisse as possibilidades de ascensão social dos jovens, não os impedindo de frequentar a escola e a universidade. BOCK & MARTINS (2002) discutem que na adolescência pode haver sentimentos de frustração, insegurança e impotência em relação às questões que envolvem a inserção dos jovens no mercado de trabalho. Pode ser frequente o pensamento que os empregos não existem mais ou estes são apenas para os indivíduos empreendedores, competentes e qualificados, sendo a única saída possível os trabalhos autônomos e o investimento na educação. Há exigências de escolaridade, conhecimentos de informática e língua estrangeira e, sobretudo, experiência e requisitos, muitas vezes, difíceis de serem cumpridos pelos adolescentes que buscam seu primeiro emprego. Além disso, os meios de comunicação denunciam o aumento das taxas de desemprego no mundo inteiro. Há incertezas em relação à estabilidade e sobrevivência e dificuldades na construção da identidade a partir do trabalho. Muitas vezes os fatores “dignidade”, “honestidade” e “merecedores de respeito” estão diretamente relacionados ao trabalho. Além disso, na nossa cultura a ocupação é uma importante expressão de status do indivíduo inserido na sociedade. O adolescente, apesar de suas preocupações com as mudanças corporais, sua nova identidade, seus conflitos familiares, entre outros, normalmente demonstra que a escolha da profissão é um aspecto prioritário e fundamental para ele (BECKER, 2003).

5)- Suicídios de jovens devido a problemas/dificuldades na relação e comunicação com os pais e/ou namorado (a); ou como resultante de muitos problemas e a impossibilidade de lidar com eles. Foi lembrado, por outro lado, que muitos jovens têm problemas e que não é por isso que todos se matam. A diferença, segundo eles, se encontra na coragem para resolver e lidar com os problemas.

6)- Dificuldade na comunicação e contato com profissionais, amigos e com a família e também entraves para os jovens expressarem seus sentimentos e pedir ajuda para estas pessoas, principalmente para a família (*“Existe uma falha de comunicação com profissionais, amigos e até mesmo com a mãe”; “tem a ver com o modo de educar... alguns pais tratam os filhos na porrada, outros tentam conversar, outros preferem não falar nada, deixam o filho fazer o que ele quiser...”*). Foi apontado pelos jovens que estes índices podem estar relacionados à problemas na educação que receberam dos pais, como por exemplo, vivência de situações de violência intrafamiliar; ausência de diálogos e pouca convivência; falta de limites familiares; excesso de dinheiro e falta de atenção etc. Foi apontado que mesmo com dinheiro, o principal que o jovem deveria receber é respeito e educação na escola, na família e com os amigos. Os valores foram considerados mais importantes, por alguns jovens, do que os bens materiais.

7)- Alto número de acidentes (*“Eu acho que precisa coragem para lidar com os próprios problemas e resolvê-los. Mas tem pessoas que se matam, usam drogas ou saem correndo a 500km/h na rodovia e morrem”*).

8)- Falta de limites e o desejo e postura dos adolescentes de desafiar o mundo e se sentir “o melhor” de forma, muitas vezes, irresponsável. Esta realidade poderia se transformar se os jovens tivessem mais limites externos, porém foi lembrado que cada pessoa possui seus próprios limites.

9)- As más influências dos jovens e a não cobrança e imposição de responsabilidade pela sociedade, como acontecia na época dos pais deles. A educação recebida pelos jovens é vista como “menos rígida”, com mais liberdade. Entraves na educação como violência intrafamiliar, falta de diálogo, convivência e limites impostos são fatores importantes na opinião de alguns jovens.

10)- Depressão na adolescência: os jovens dizem que esta depressão poderia estar relacionada ao uso de drogas ou à perda de alguém querido, podendo levar ao suicídio ou à violência.

2 B – Como transformar esta realidade?

Poder conversar com os pais/ mais diálogo entre pais e filhos - possibilidade do jovem pedir ajuda – mais atenção das pessoas em ajudar os jovens, principalmente a família – ocupar o tempo dos jovens - necessidade de limites externos (ex: pais) – maior consciência sobre as drogas – debates – conscientização maior pela sociedade sobre as drogas – diminuição do desemprego – incentivo dos pais/ discussão sobre perspectivas – maior responsabilidade dos jovens sobre seus atos e conseqüências (álcool e direção, uso de drogas etc) – pensar mais antes de agir – saber dizer “não” para situações de perigo – saber escolher os amigos

Os jovens dizem que estes índices de mortalidade poderiam mudar se:

- Os adolescentes tivessem mais coragem de pedir ajuda e expor seus sentimentos “*Se algum dia um amigo me falasse que vai se matar por causa dos pais ou da namorada, eu falaria para ele tentar conversar com os pais*”; “*um amigo pode zelar pela vida do outro, se ele se sentir amparado talvez mude de idéia*”; “*há uma dificuldade de lidar com os próprios problemas... não há coragem de pedir ajuda para alguém e dizer ‘eu estou precisando, me ajuda’, não tem coragem de falar o que está sentindo*”). Foi apontado que a família, muitas vezes, não se dispõe a ajudar os adolescentes, ou seja, não está atenta a eles ou nega os problemas já existentes. Outra possível reflexão seria que os pais tentam falar com os filhos, mas não conseguem.

- Houvesse mais diálogo entre pais e filhos, embora mesmo com diálogo a personalidade do adolescente pode ser imutável, segundo um jovem. Vários jovens apontaram que no caso dos pais deles a responsabilidade era obrigatória na idade que seus filhos têm hoje (“... *hoje o jovem não respeita mais ninguém... seria melhor a educação ser como era na época dos meus pais porque os jovens de hoje são muito imaturos*”). Este diálogo não deveria acontecer como uma imposição de limites ou proibições, mas “*tem que saber convencer a pessoa*”.

- Os jovens tivessem mais limites impostos pelos pais e pela sociedade, o que geraria maior maturidade dos adolescentes, protegendo-os de perigos que podem levar à morte. Parece que os jovens estão também pedindo modelos de identificação, um sentido maior para suas vidas e espaços sociais mais delimitados. ADORNO (2002) diz que é a questão da autoridade é um problema complexo, principalmente a internalização da autoridade e seus efeitos. Ele diz que estas crises de autoridade, por exemplo em relação à família, possuem um lado positivo de procura de novas soluções frente às transformações da sociedade, novos valores, comportamentos etc. Penso que o caminho não é

culpabilizar os pais pelos conflitos e problemas dos adolescentes, dizendo que eles não educaram bem seus filhos, mas sim tentar refletir sobre os significados das relações, buscando entender como é feita a comunicação entre pais e filhos, sua convivência, a transmissão das vivências e conhecimentos e, assim, intervir nesse processo de maneira criativa e enriquecedora. Devemos refletir sobre o porquê dos jovens pedirem mais limites: seria uma sensação de insegurança frente às condições sociais e perigos atuais? Para maior segurança estariam os jovens necessitando de mais referências, apoio familiar, respaldo social? O fato é que para os jovens poderem encontrar seus próprios caminhos, eles precisam se apoiar em valores oferecidos pela família, pelos educadores e pela sociedade em geral.

Outro aspecto relevante, que hoje em dia apresenta profundas transformações, é o que ERIKSON (1968/1987) chamou de moratória. É fundamental nas várias etapas na vida, principalmente na adolescência, o experimentar antes de se optar por ações mais duradouras e definitivas. Porém, percebe-se atualmente, que o experimentar para os jovens envolve, muitas vezes, situações perigosas. O desenvolvimento tecnológico compreende, por exemplo, carros mais velozes e drogas com efeitos mais danosos. Dessa forma, o rompimento de limites é mais perigoso: antigamente fumar um cigarro ou o uso de álcool já eram percebidos como grandes transgressões, o que, hoje em dia, não é sentido com tanta intensidade, há outros perigos muito maiores.

- Também foi dito que mesmo os jovens de hoje tendo mais liberdade, estes a utilizam de maneira destrutiva, querendo desfrutar de todas as experiências, não sabendo onde está a fronteira que leva à autodestruição. Interessante que um adolescente disse que é ele mesmo que coloca seus próprios limites e não fatores externos.

- Outra ajuda possível seria a sociedade e a família procurarem ocupar o tempo dos adolescentes e desde cedo orientá-los para os “caminhos corretos” ou outras perspectivas além da violência e do perigo (“... tirar os jovens da rua e complementar o tempo deles com alguma coisa... isto vai ajudá-los futuramente. Eu vejo muitos jovens fazendo aula de dança, expondo a sua criatividade e isso acaba resolvendo mesmo muitos dos seus problemas. Outra coisa que eu acho é o emprego mesmo. É uma coisa básica que ajudaria muita gente”; “uma coisa que tira os jovens da rua é o futebol... se o cara gosta mesmo, ele se empenha, se dedica e tira o jovem da rua... deveria ter mais estes centros para os jovens irem lá, brincar porque, às vezes, eles não têm muito o que fazer e acabam se enfiando nos lugares errados, entrando nas drogas”; “isso vem muito da educação dos pais... eles não querem que eu fique sem fazer nada, eu tenho sempre que estar fazendo alguma coisa... tenho que ter responsabilidade, chegar na hora certa, ser educado...”; “Se os pais não estão nem aí, o

filho também não vai se tocar, não nasce sabendo as coisas”). Deveria ocorrer também, na opinião deles, maior incentivo aos jovens e discussões sobre perspectivas. Propuseram a existência de mais programas sociais que tirassem os jovens da rua e ocupassem o tempo ocioso deles, com atividades como dança ou esportes, já que quanto mais tempo livre, maior a chance dele se envolver com drogas e outros comportamentos de risco. Outra proposta seria diminuir as taxas de desemprego na adolescência. Os pais são apontados como fundamentais neste processo, devendo ficar atentos ao perigo do tempo ocioso e incentivando-os a ocupar este período com atividades. BOLOGNA (2002) refere como atividades fundamentais para o desenvolvimento e preenchimento do tempo dos jovens a arte e as atividades esportivas. Estas são vistas como fortes alternativas à questão do consumo de drogas. Deve-se estar atento à alegação perigosa de falta de recursos externos, pois poucas condições oferecidas pelo meio não significam condições nulas e sim a necessidade de aprimorá-las. Os jovens não devem esperar apenas do meio externo as possibilidades de se desenvolverem, afinal o progresso é individual.

Atividades ligadas às artes, como por exemplo teatro, construção de textos, redações, pequenas obras como revistas, jornais, desenhos, quadros etc.; e os esportes podem dar um sentido maior à vida dos jovens oferecendo uma percepção maior da realidade em que vivem. Estas atividades podem fazer com que se sintam pertencentes no mundo, exercendo funções e fazendo diferença. Com isso, os jovens talvez não tenham a necessidade de fugir dessa realidade, já que fazem parte dela, e aí não tenham a necessidade de usarem drogas. Se não é uma certeza é pelo menos uma alternativa.

Portanto, é fundamental oferecer aos jovens novas opções e espaços alternativos para que eles possam expressar sua curiosidade, viver o prazer e se sentir pertencendo a um grupo (CARLINI-COTRIM, 2002).

- Alguns apontaram a dificuldade para mudar as taxas de mortalidade na adolescência, pois seria necessário uma transformação da sociedade, da família e dos amigos. Um jovem disse que cada época tem seu “problema” e o da época atual são as drogas. Dessa forma, a solução estaria numa maior conscientização dos seus perigos. Deveria, na opinião de alguns, ocorrer mais debates sobre as drogas, nos quais os jovens pudessem expor seus pensamentos e sentimentos e com isto levar a uma conscientização maior pela sociedade.

O desenvolvimento de ações educativas e de prevenção contra as drogas, segundo CARLINI-COTRIM (2002), deve ser um desafio de trabalho nas escolas e nas comunidades. Inicialmente é necessária uma apropriação do discurso dos jovens que expressam curiosidade pelas transgressões e a

necessidade de pertencer a grupos e aí observar para que não sejam direcionados para o uso das drogas. Deve-se estimular uma participação ativa dos jovens na construção de mecanismos e comportamentos alternativos às drogas. Assim, o fundamental é que o adolescente se perceba como sujeito de sua própria ação e, com isso, da prevenção de comportamentos autodestrutivos.

Uma modificação importante do vídeo *Falando de morte com o adolescente* foi em relação ao tom moralista ligado ao tema das drogas. BOLOGNA (2002) diz que o conhecimento que pode surgir das relações humanas respeita a subjetividade e o valor das opiniões do outro. Assim, um trabalho de prevenção contra as drogas não deve ser feito no sentido da censura e de discursos lógicos, com opressão dos jovens. A transformação pode ocorrer se os adolescentes forem ouvidos na discussão sobre referências, valores e sentimentos pessoais. Deve haver também a busca por construção de ambientes nos quais o diálogo com o jovem pode acontecer, principalmente dentro da família. É importante a expressão dos pensamentos, medos, receios etc. Além disso, é fundamental o acolhimento de dúvidas e o fornecimento de informações precisas.

Nesta pesquisa buscou-se a reflexão sobre o poder de escolha e a busca do novo, que é individual mesmo quando o adolescente está em grupo. Assim, uma importante liberdade conquistada pelos jovens, e que deve ser discutida e valorizada, se manifesta na sua capacidade e direito de fazerem escolhas, de optarem entre diferentes alternativas. Alguns jovens puderam refletir sobre a responsabilidade pelos seus atos, principalmente frente a atos perigosos. Este recurso é fundamental no afastamento de situações de risco. BOLOGNA (2002) afirma que o problema central é a preservação da liberdade do adolescente ao dizer “não quero” frente à pressão do grupo. Esta decisão pode ficar abalada com o aumento do uso habitual das drogas e de sua banalização. Outro aspecto relevante é a pressão econômica que leva a cultivar a droga como hábito social, incentivando as pessoas a adquirirem esses hábitos, interferindo no direito de quem não quer. Este autor afirma : “*O uso da droga também é um ato livre. Quando se experimenta uma droga ou se repete uma experiência anterior com drogas, está se fazendo uma escolha*”(pg. 90)

- Alguns jovens apontaram que esta realidade poderia mudar se houvesse maior responsabilidade dos adolescentes sobre seus atos e conseqüências (por exemplo em relação ao uso de álcool e direção, uso de drogas), se eles pensassem mais antes de agir (“*a gente tem que pensar antes de fazer uma coisa porque mais tarde a gente pode se arrepender*”) e soubessem dizer “não” em situações de perigo. Mais uma vez o poder de escolha se mostra importante nesta discussão (“*Eu acho que vai da cabeça de cada um, cada um devia ter a consciência do que faz*”).

- Os adolescentes deveriam também, na opinião de alguns, saber escolher melhor os seus amigos. ERIKSON (1968/1987) aponta que a crise do adolescente (incluindo a necessidade de construção e aquisição de nova identidade) muito tem a ver com o aspecto da expressão de idéias num grupo social. Nesse sentido uma escolha adequada de amigos poderia ser bastante positivo na medida em que este grupo poderia reconhecer o adolescente como parte integrante da sociedade, o que poderia ajudar na resolução de alguns conflitos, como por exemplo sua confusão sobre valores, podendo lhe fornecer acesso à vida social. Deve-se, por outro lado, estar atento quando estes grupos sociais são totalitários, rígidos ou controladores, pois suas idéias podem ser muito convincentes e facilmente assimiláveis. O perigo está em tirar do adolescente a liberdade de escolha e a possibilidade de refletir sobre as conseqüências de seus atos.

2 C – Refletir/ discutir sobre o tema da morte como um caminho possível?

pode ajudar a debater o assunto – o jovem pode perceber que outros adolescentes têm os mesmos pensamentos que ele/ um podendo ajudar o outro – pode ajudar, mas depende do desejo de quem quer ou não ser ajudado – cada um tem que fazer a sua parte – se o adolescente não quiser não adianta – precisa ajudar o jovem na conscientização que tem um problema, assumi-lo como seu para poder solucioná-lo – algumas pessoas acham que a questão das drogas não têm solução – o grau de responsabilidade pode mudar – espaço para desabafar um problema – medo de se sentir julgado
--

A comunicação e a possibilidade de conversa entre amigos, com a família e a sociedade sobre o tema da morte e comportamentos autodestrutivos são apontados como caminhos para a transformação desta realidade (*“às vezes discutindo o jovem pode se conscientizar”*; *“conversando a pessoa pode ir se abrindo mais e aí pode não fazer mais aquilo de ruim”*). Mas, ao mesmo tempo que alguns têm esta percepção, de que um espaço para “desabafar” um problema é importante, outros não querem nem tocar no assunto deixando aí um conflito sobre o que é melhor fazer.

Os adolescentes afirmaram que a discussão sobre o tema da morte pode representar uma ajuda, pois assim se cria um espaço para a expressão de sentimentos e a percepção de que outros adolescentes podem estar passando pelas mesmas dificuldades, um podendo ajudar o outro (*“... às vezes, a pessoa pode estar quieta num canto e ver que o mesmo está acontecendo com outra pessoa e isso pode ajudar”*). Nesse sentido, os conflitos da adolescência podem ser avaliados como potencial de crescimento, transformação e reflexões. Devemos estar atentos ao que a sociedade tenta rotular como

manifestações da “crise normal da adolescência”, vendo causas absolutas e intrínsecas ao jovem. Os adolescentes têm liberdade para fazer opções, reformular conceitos e atitudes impossibilitando suas responsabilidades sociais.

Refletir sobre o tema da morte seria um caminho possível na transformação destes índices se, na opinião dos jovens, o adolescente com quem se estiver conversando tiver a disponibilidade para isso. Ele precisa querer senão não adianta (“... *se pelo menos ele souber aquilo que você está falando... depende muito da pessoa... da cabeça de cada um... cada um tem que fazer a sua parte...*”; “*você pode ajudar, dar uma força, mas é só metade do caminho*”). Então o poder de escolha e decisão é colocado nas mãos dos jovens, estes têm a responsabilidade pelos seus atos. BECKER (2003) aponta que na adolescência aprende-se que se pode escolher livremente. O jovem, diante das primeiras e muitas escolhas, pode se sentir confuso e angustiado. Porém, ele deve perceber que poder escolher é um privilégio e as alternativas existem em grande número. Julgo que o mais importante é o adolescente ter a percepção que ele faz parte do processo, ou seja, ele pode e deve participar das próprias escolhas.

Nesta categoria o uso de drogas foi citado com frequência. Um dos mitos da adolescência envolve o tema das drogas e é muito grave nos dias de hoje. Pesquisas mostram que o primeiro contato dos jovens com as drogas normalmente é pelo álcool. Percebe-se que há muita preocupação com o uso de maconha, mas não tanto com o do álcool. O alcoolismo também deve ser visto como um problema sério entre os adolescentes (BECKER, 2003).

Os jovens chamam a atenção de que nestas discussões é importante ajudar o adolescente na conscientização de que ele tem sim um problema, assumindo-o como seu para poder solucioná-lo.

Os jovens disseram que é fundamental nestes espaços de discussão que eles não se sintam julgados. Eles precisam se sentir acolhidos e compreendidos.

3 - O ADOLESCENTE

3 A – Prazer X Autodestruição/ Responsabilidade X Imortalidade

uso de drogas e o não pensar na morte - uso de drogas e influência de amigos/do grupo – drogas em todo o lugar (escolas públicas e particulares) - uso de drogas por influência do ambiente, solução dos problemas, para se sentir melhor – poder de escolha do jovem sobre o uso ou não de drogas – podem evitar situações de perigo/ podem pedir ajuda – consciência dos problemas sociais que as drogas provocam – querer se mostrar - viver a vida como se fosse o último segundo, viver cada dia como se

fosse o último – felicidade e responsabilidade ao mesmo tempo é possível, mas difícil – sexo só conduz a vida – mas tem a AIDS, DST – gravidez precoce – difícil saber os limites - o jovem tem que errar – correr riscos e não preservar a vida – o limite é a morte – os limites não impedem o prazer – o adolescente se sente imortal/ desafiam a morte – não pensam na morte como possibilidade pessoal em situações de prazer - prazer (drogas, álcool, sexo) e o não pensar nas consequências – medo de ferir alguém, culpa - o prazer pode trazer a morte facilmente, mas não há a consciência clara deste limite, difícil saber quando parar ou acham que têm o poder de parar quando quiserem (onipotência) – os adolescentes pedem informações sobre AIDS, gravidez

Foi dito, com frequência, que quem usa drogas não pensa na morte como consequência. Um aluno apontou que pode se pensar na morte apenas quando está mal e não no momento de prazer. É frequente a não percepção de um limite entre o prazer e a autodestruição quando se faz uso de drogas. O depoimento de um adolescente traz a percepção desta linha tênue, sem a possibilidade de ter limites e a necessidade do consumo como forma de pertencimento a uma turma de “amigos”. Vários jovens apontaram que usar drogas é pensar apenas no momento presente e nunca nas consequências. Além disso, não fizeram distinção em relação ao acesso às drogas em escolas públicas e particulares (*“drogas têm em qualquer canto, você pode ser rico, você pode ser pobre... em qualquer lugar você acha”*).

Foram citadas as seguintes razões para o uso de drogas:

1)- a influência de amigos e do ambiente social (*“quem usa drogas não está pensando na morte, só quer se mostrar”*; *“vai na onda dos amigos e aí começa a gostar”*; *“as minhas amigas estão fumando e eu também posso provar para elas que eu estou fumando”*; *“a turma fica forçando, colocando pressão e aí acabam indo pela cabeça do outro...”*; *“...vou começar a fumar e a beber e todo mundo vai me achar legal”*; *“...para você poder ficar nesse grupo, você tem que fazer as mesmas coisas que eles”*; *“sobre drogas, eu tenho várias histórias para contar... eu morava no interior e eu andava com uma galera bem pesada que usava drogas... não adiantava falar, eu cheguei a falar ‘pára com isso’ e eles me falavam ‘cala a boca, você é careta, fica quieta’... se eu falasse alguma coisa, eles iam me excluir da turma... até que chegou num limite que eu vi: se eu não sair, eu vou entrar na deles e aí já era... quando eu andava com eles, eu ficava um pouco como o filme coloca: naquele limite entre o prazer e a autodestruição, entre continuar andando com eles ou pensar no que era melhor para a minha vida...”*).

2)- busca de solução de problemas; fuga de uma realidade intolerável. De uma forma contraditória seria o uso de drogas uma forma de encontrar sentido para suas existências? Esta falta de sentido para a vida seria algo recorrente na adolescência? Não investiguei este aspecto diretamente, mas penso que deveria ser feito em trabalhos futuros.

3)- o sentir-se “melhor”, sensação de estar “relaxado” e “viajando” (*“É a primeira coisa que a pessoa pensa, que com a droga pode tudo”*).

4)- curtir o momento (*“eles querem só o hoje”*)

Uma pesquisa do Grupo Interdisciplinar de Estudos de Álcool e Drogas da Universidade de São Paulo (GREA)³⁶ ressalta que a curiosidade motiva 9 em cada 10 jovens a consumir drogas pela primeira vez e a segunda causa compreende o desejo de se integrar ao grupo de amigos. Penso que o aspecto “curiosidade” deve ser melhor investigado, ou seja, há a busca por novas experiências e pelo prazer, mas e se leva à autodestruição, o que é amplamente divulgada? Ou esta nem é mesmo considerada numa primeira experiência?

Um adolescente disse ter dúvidas se acompanhar a experiência de usuários seria suficiente para mostrar os limites aos jovens e menciona a “falta de força de vontade” deles para não se envolverem em situações de risco. Foi destacado que as drogas geram muitos problemas, mas não adianta se discutir sobre drogas na escola, pois usa quem quer, cada um tem o poder de decisão e ninguém obriga ninguém a usar (*“drogas, em alguns casos, dá para ser evitado... é só você querer”*; *“você está viciado e você não consegue pedir ajuda de ninguém? É só você querer pedir ajuda”*). Assim, a possibilidade de pedir ajuda também foi lembrada. É importante a discussão sobre a existência da possibilidade de escolha dos jovens. É fundamental investigar: os adolescentes compreendem as escolhas que fazem? O que os leva até elas?

Os jovens falaram que a presença de drogas é freqüente em festas e que eles já estão mais do que informados sobre os dois lados das drogas (do prazer e da autodestruição) e que o quadro brasileiro e a influência das drogas na violência já é bastante divulgado pelos meios de comunicação (*“Se a droga matou 3 jovens hoje, se teve mais uma chacina de traficantes, é ‘acerto de contas’ e matou tal pessoa, bala perdida entre polícia e traficante”*).

OGA (1996) aponta que na década de 1980 as drogas atingiram todos os segmentos da sociedade e o consumo não ocorreria apenas em ambientes festivos, mas também nas escolas. A partir de então o consumo de drogas legais e ilegais aumentou de forma assustadora, sendo assim,

³⁶ Idem 16

reconhecido como o principal problema de saúde pública mundial. “O que, na década de 1960, era droga, sexo e rock n’roll, tornou-se droga, AIDS, violência, tráfico, dependência e morte”.

Segundo GALDURÓZ et al. (1997), realizou-se no Brasil em 1987 a primeira grande pesquisa epidemiológica pelo Centro Brasileiro de Informações sobre Drogas Psicotrópicas (Cebid). Foram englobadas 10 capitais brasileiras e o objetivo foi avaliar as principais drogas ilícitas consumidas entre estudantes dos ensinos fundamental e médio (álcool e o tabaco são considerados drogas lícitas). Realizaram-se outras pesquisas em 1989, 1993 e 1997, nas quais os solventes (“loló”, lança perfume, cola, thinner etc.) vêm se configurando como a principal droga ilícita consumida pelos adolescentes. Em segundo lugar de consumo, em 1987, apareceram os ansiolíticos utilizados para diminuir a ansiedade e o stress e, em 1997, a maconha. O consumo de crack também vem aumentando, assim como os anfetamínicos. A pesquisa de 1997 ainda apontou que 24,7% desses estudantes já usaram algum tipo de droga ilícita e 65% consumiram álcool pelo menos uma vez na vida.

Assim como busquei abordar nesta pesquisa, a pergunta mais feita por pais e educadores é: por que os jovens usam drogas? Algumas razões podem ser discutidas, mas não há respostas certas e absolutas para esta questão. AVANCINI (1999) aponta que o cotidiano é cercado por diversos conflitos, problemas e desafios, e as drogas seriam então uma saída, criando um universo onde esses problemas não existem. Este aspecto foi mencionado nas discussões com os jovens. OGA (1996) diz hoje em dia há um excesso de situações adversas e algumas pessoas podem usar drogas como válvula de escape (deslocamento para o prazer).

DIMENSTEIN (1999) em pesquisa recente mostra que as relações familiares representam o principal motivo (35%) que leva o indivíduo ao uso de drogas. O segundo fator seria o “ser aceito pelo grupo” (15%) e, o terceiro se representa pelo “experimentar sensações novas”. Assim, os motivos não estão somente relacionados à aspectos financeiros.

Quando se fala em drogas nas escolas, a prevenção é a principal questão abordada (CARVALHO; SALLES & GUIMARÃES - Org., 2002). Várias escolas e instituições têm realizado “programas antidrogas”. Porém, muitas vezes, há o despreparo na execução destes programas. Deve-se procurar profissionais competentes para a realização do trabalho e é produtivo também envolver a família para discutir o assunto. Deve-se capacitar professores e funcionários a respeito de conhecimentos específicos sobre as drogas. É importante que o adolescente tenha a possibilidade de escolher as opções disponíveis de abordagem e possa discutir o contexto social em que vivemos, suas

perspectivas e possibilidade de inserção na sociedade. Além disso, deve-se buscar despertar a visão crítica dos jovens e não impor atividades, mas escutá-los e ouvir suas expectativas.

O sentimento dos adolescentes de viver a vida intensamente, sem levar, muitas vezes, em consideração às consequências surgiu em vários depoimentos: *“a gente tem que viver a vida porque ela é uma só... um dia vai morrer mesmo.”*; *“as pessoas têm que viver a vida como se fosse o último segundo”*; *“eu acho que a gente deve fazer tudo o que quer hoje”*. Mas, será que a vida é só hoje? Será que não está embutida, nestes depoimentos, a idéia de que a vida é breve? Além disso, percebe-se nestas frases um paradoxo: os adolescentes se sentem *imortais* e poderosos, mas dizem que devem viver cada dia, intensamente, como se este fosse o *último* de suas vidas.

Alguns adolescentes, por outro lado, lembraram que estes discursos só são possíveis na teoria, já que as responsabilidades também fazem parte da vida. Foi citado que quando se tornarem adultos serão submetidos às leis. Alguns adolescentes disseram que os limites são necessários e não impedem situações de prazer.

Sobre o sentimento de imortalidade e poder de controle do adolescente sobre os fatos, destaco as seguintes frases: *“ele (o jovem) sabe que ele morre, mas ele vai desafiando, ele acha que morre quando ele quer”*; *“ele acha que tem o poder nas mãos de estar usando drogas e achar que pode parar quando ele quiser... que não fica dependente”*; *“eu vou experimentar, mas não vou me viciar”*; *“fica nessa: eu posso, eu posso”*; *“o adolescente desafia, se sente poderoso, até uma hora que se dá mal”*; *“... na maioria das vezes você acha que não vai acontecer nada... nós temos muito o que viver ainda antes disso acontecer”*; *“Imortais? Eu acho que o adolescente pode se sentir assim na hora que ele está sentindo prazer ou numa hora felicíssima ele acha que nada pode dar errado...”* Assim, alguns jovens disseram que sabem quais são as consequências possíveis de seus atos, mas sempre pensam que nada de ruim pode acontecer a eles. O sentimento de onipotência parece mais intenso.

Os jovens apontam a possibilidade de prazer aliado à responsabilidade, mas não é sempre que estes aspectos estão relacionados na adolescência. Se os jovens puderem reconhecer que são autores e responsáveis pela ação, talvez possam repensá-la. Reconhecem a dificuldade dos jovens em saber o limite entre o prazer e a autodestruição: *“eu estou a um passo da diversão, não é agora que eu vou parar... foi aí que eu me machuquei... é a mesma coisa com bebidas, drogas, você já está lá, é mais difícil pensar”*; *“quando você está se divertindo, você não está nem aí com nada, você quer se divertir... hoje é hoje e já era”*; *“o prazer, muitas vezes, pode trazer a morte facilmente. Se você não souber como usar o prazer, como ele pode fazer bem para você, pode acabar em morte mesmo”*.

Sobre o limite entre o prazer e a autodestruição, foi apontado que no momento do prazer, os adolescentes não pensam nas conseqüências dos seus atos, a possibilidade de autodestruição não é considerada a não ser quando enfrentam uma situação concreta e chocante. É difícil saber os limites (*“isso que é difícil, saber quando você tem que parar”*). Eles dizem que o jovem precisa errar em determinadas situações para não agir da mesma forma. Algumas falas são destacadas mostrando o tom desafiador e onipotente de alguns adolescentes: *“não faço nada para preservar a vida, eu corro riscos”*; *“eu vivo cada dia como se fosse o último”*; *“tendo como limite a morte”*; *“às vezes, o adolescente se sente imortal”*; *“é aquela coisa, a gente pensa: comigo isso não vai acontecer”*. Interessante como alguns discurso mostram que os jovens não pensam no futuro, não fazem planos, mas só pensam no momento atual. Além disso, na maioria das vezes, não pensam na morte como possibilidade pessoal em situações de prazer.

Algumas conseqüências, porém, foram consideradas: as drogas e o álcool provocam sensações de prazer (apesar de levar à autodestruição) e que o sexo pode levar ao adoecimento e à gravidez precoce: *“ficar grávida quando se é jovem é um pouco acabar com a própria vida ou parte dela”*. Um jovem citou que tem muito receio de estar dirigindo um carro e matar uma pessoa, mas não pensa na possibilidade dele morrer num acidente (*“eu não tenho medo... acidentes acontecem”*), só pensa no sentimento de culpa. E como explicar um número tão grande de acidentes?

Sobre as experiências sexuais, alguns disseram que estas só conduzem à vida (*“A gente estava falando de morte e olha onde a gente foi parar? Nada a ver...”*) e outros lembraram na possibilidade da morte com a AIDS. Um adolescente apontou que não tinha a menor relação o tema da morte com a sexualidade. Mesmo tendo havido o esclarecimento, essa relação não foi estabelecida por esse jovem.

Foi citada também a pressão social para se perder a virgindade (*“Foi por isso que eu perdi a minha virgindade, por causa dessa coisa de ser brega”*). O mesmo que é aplicado ao tema das drogas pode ser pensado em relação à sexualidade, ou seja, a liberdade que o adolescente possui em dizer “não quero” frente à pressão do grupo. A sociedade atual celebra, segundo BOLOGNA (2002), a sexualidade muito precocemente. É freqüente uma jovem de 14 ou 15 anos lamentar por ainda não ter tido relações sexuais devido à pressões excessivas do meio externo. É importante a família e os profissionais estarem atentos ao fortalecimento da individualidade da opinião e dos desejos dos adolescentes. Estes devem perceber que seu universo é bem mais amplo que o grupo do qual fazem parte e que este universo pode permitir muitas opções, tendências e comportamentos.

Para encerrar esta categoria considero importante citar que alguns jovens me pediram informações sobre temas como AIDS, gravidez e pílula do dia seguinte durante a realização dos grupos (“... então podemos sentar no mesmo lugar de uma pessoa com AIDS?”; “... existe uma pílula para as mulheres não pegarem barriga também... isso também impede de se pegar AIDS?”). Assim, mesmo em tempos de riqueza de informações e um grande acesso à elas numa cidade como São Paulo, penso que nem sempre os jovens possuem clareza sobre elas; temos que investigar de uma forma mais atenta o que os adolescentes realmente sabem sobre estes temas.

Na adolescência ocorrem mudanças corporais rápidas e intensas, aparecendo dúvidas, inseguranças e preocupações, que podem levar a grande ansiedade. MIRANDA, GONÇALVES & GODOI (2002) dizem que os aspectos relacionados à sexualidade podem ser angustiantes para o jovem que não tem com quem falar. Assim, é importante propiciar espaços para que falem sobre temas relacionados à sexualidade, podendo os levar a uma maior responsabilidade nos seus atos. Mesmo com as transformações dos dias atuais podemos ver pais e educadores com medos, dúvidas e dificuldades em lidar com o tema da sexualidade com os adolescentes. Estes são influenciados pelos social e cultural do qual fazem parte. Deve-se incentivar os jovens a refletir e avaliar as diferentes concepções, podendo comunicar suas opiniões e, assim, evitar a reprodução de ações de forma automática e acrítica. Os adolescentes devem ter a oportunidade de questionar e avaliar a mídia, por exemplo, e discutir sobre estereótipos que podem generalizar e padronizar o comportamento das pessoas.

Para uma adequada escolha sobre quais temas devem ser abordados em relação ao tema da sexualidade é muito importante, inicialmente, ouvir quais os assuntos que interessam e são necessários para os adolescentes. Eles podem ser incentivados a pesquisar os temas em livros, revistas, jornais, internet etc., além de observar situações concretas de desenvolvimento, de relações interpessoais e experiências que os adolescentes estão vivendo. Parece interessante dividir com os jovens a responsabilidade pela construção de trabalhos sobre o tema.

3 B – Relações familiares e sociais

Necessidade da família prestar mais atenção nos jovens – não superproteger ou invadir privacidade – mostrar o certo e o errado/ poder de escolha do jovem – dar dinheiro não é suficiente - contar as próprias experiências para os jovens – educação impondo mais responsabilidades, mais respeito, mais limites – deveria ter mais diálogo, disponibilidade dos pais para conversar, menos proibição, saber convencer o jovem (que pode ser imaturo) - os pais devem incentivar os filhos, discutir perspectivas –

perda de confiança nos jovens – os jovens pedem que os pais/família confiem mais neles, que eles são capazes de se proteger dos perigos, pois assim poderão “se abrir” com eles/ medo de castigos, das reações – importante que os pais conheçam os amigos dos filhos – opinião dos familiares é importante – sentem falta de conversar mais com a família – os pais deveriam procurar conhecer mais seus filhos

BECKER (2003) diz que se deve levar em conta os fatores sociais, econômicos e culturais que incidem na “crise” do adolescente. O jovem pode ir contra valores, estigmas, preconceitos e (con)tradições que lhe tentam impor. Esta pode se configurar uma importante mudança de atitude passiva de espectador para uma ativa e questionadora que pode resultar em revisão, autocrítica e transformação. Num contexto em que atuam fatores sociais, culturais, familiares e pessoais, os jovens podem assumir opiniões e ações diferentes. No mesmo espaço pode estar os que querem reproduzir os valores da família e da sociedade e os que os contestam, rejeitam e querem mudar. Existem, assim, inúmeras escolhas.

Este autor ainda aponta que no passado a família era praticamente a única fonte de identidade do jovem; este só se compreendia como integrante da família no seio da qual aprendia seu ofício (com o pai). Este também exercia autoridade máxima. Com a Revolução Industrial, o jovem passa a ter sua formação e treinamento profissional fora da família e pode se tornar independente desta. Há uma relação do luto pelos pais da infância (discutido por ABERASTURY & KNOBEL, 1981) e ao poder então olhar seus pais com uma visão mais crítica, analisar seus conceitos e seu modo de vida. Isso pode estar ligado ao fato do adolescente entrar em conflito, desvalorizando seus pais. Os pais da infância eram perfeitos, idealizados e agora o jovem pode perceber seus erros, fraquezas e problemas, podendo ter dificuldade em aceitá-los. Podem oscilar entre desejo de independência e autonomia e a necessidade de colo e proteção. Os pais, por outro lado, têm sua visão de mundo e seus valores contestados. O que pode influenciar de forma significativa é a capacidade de abertura e reflexão dos pais; encontrar variantes entre o autoritarismo e a repressão e a falta total de limites. Vão ter que buscar um novo e transformador relacionamento com seus filhos adolescentes.

Sobre as relações familiares, os adolescentes apontaram que muitos pais não estão atentos aos comportamentos dos seus filhos e que deveriam procurar conhecê-los melhor. Revelam o desejo, muitas vezes, de ter mais atenção (desde que não excessiva) por parte deles, já que a opinião dos pais é vista como importante (*“... minha mãe nunca falou nada para mim... se eu chegasse em casa 8 horas da manhã do outro dia ou se eu chegasse cedo, para ela tanto faz... ela nunca chegou e falou ‘o que*

você está fazendo é errado’... eu gostaria que a minha mãe desse mais atenção para mim...”). Me parece que os jovens concordam com o que GROISMAN (2000) aponta: “a família é como uma moradia que oferece, com suas paredes, portas e janelas invisíveis, um lugar de proteção e de segurança.”

Foi dito que alguns pais consideram que dar dinheiro equivale a uma boa educação e que isso, na opinião dos jovens, não é suficiente. Um estudo sobre o perfil da juventude brasileira³⁷, no qual 3500 pessoas entre 15 e 24 anos de 198 cidades foram ouvidas, concluiu que na opinião destas a educação é muito importante, assim como há preocupação com os aspectos que podem ameaçar seus desejos. Entre eles estão a violência e o desemprego. Deve-se enfatizar também os resultados positivos desta pesquisa que mostram que 76% dos entrevistados dá valor à educação e a aponta como importante para seu futuro. Além disso, adquirem novas informações com agilidade. Penso que a educação envolve várias esferas como a família, a escola, as relações sociais, entre outras.

Outro aspecto paradoxal foi o de que alguns pais super protegem e invadem a privacidade dos seus filhos e, com isso, podem estar aproximando-os do perigo quando estes tiverem suas primeiras experiências (*“os limites são importantes, mas se o pai prende muito a gente vai fazer as coisas escondido...”*). Um adolescente disse que quando uma mãe perde um filho, ela tende a super proteger os demais e que isso pode “sufocá-los”, diminuir sua liberdade e impedi-los de enfrentar determinadas situações, de poderem perceber os recursos que possuem para se proteger.

Alguns jovens disseram que a educação dos pais, atualmente, deveria propor mais responsabilidades, respeito e limites, sem serem excessivamente autoritários (*“... o jovem de hoje não respeita mais ninguém... são muito imaturos”*; *“tem que ter uma autoridade dentro do limite e não prender totalmente”*; *“tem que ter limites, senão a gente acaba fazendo alguma coisa errada”*). Isso está relacionado ao item 2B, no qual os jovens vêem este aspecto como possibilidade de transformar os índices de mortalidade na adolescência. Outros pontos em comum são:

- os jovens têm mais liberdade nos dias de hoje, mas, muitas vezes, acabam utilizando de forma destrutiva.

- os jovens pedem mais diálogo; maior disponibilidade dos pais para conversar (*“... se tivesse esse diálogo, eu não ia fazer as coisas escondido...”*; *“... eu ia me abrir com eles”*; *“eu sinto muita falta de conversar com a família...”*; *“papo de filha e mãe é a melhor coisa do mundo”*; *“se tivesse um diálogo, a gente ia chegar, conversar e acho que não íamos errar tanto”*). Será que alguns pais não

³⁷ Dados divulgados pela revista Veja Especial Jovens em junho de 2004.

vêm este diálogo como algo necessário e importante e acabam tendo pouca convivência com os filhos por falta de tempo?

- os pais devem incentivar seus filhos e discutir perspectivas de futuro.
- é importante que os pais conheçam os amigos dos filhos antes de fazerem mal julgamento.

Os adolescentes afirmaram a importância dos pais mostrarem aos filhos o que é certo e o que é errado e também exporem suas experiências e erros que cometeram quando eram jovens (*“antes do jovem pensar que existe o errado, os pais já deveriam ter contado”*). Esta seria uma educação preventiva aos perigos de muitos dos comportamentos dos jovens, não impedindo de viver suas experiências. A partir do que foi discutido, os jovens passam a ter o poder de decisão de fazer escolhas.

Foi enfatizada a importância dos jovens exporem seus sentimentos e opiniões para os familiares, pois isso pode melhorar a convivência intrafamiliar e com a sociedade em geral. BECKER (2003) afirma que deve-se estar atento ao “lado avesso”, poder perceber como a sociedade enxerga, compreende e se relaciona com o adolescente. Se esta compreensão for a de que as motivações, as reflexões e a postura do adolescente são simplesmente provenientes de conflitos interiores, esta visão então tenderá a desvalorizar as opiniões e atitudes dos jovens. Essa versão pode lhes chegar como verdade absoluta e o perigo está nos jovens desqualificarem suas emoções e pensamentos.

Alguns jovens acreditam que podem contar com a família e outros dizem que já aprenderam a se virar sozinhos. Um aspecto importante foi o de que muitos jovens expuseram o desejo de que seus pais confiassem mais neles, pois são capazes de se proteger dos perigos. Ficou claro o desejo dos jovens de que os pais propiciem espaços de abertura para discussões/ confissões para que não tenham um medo constante de castigo e reações como a perda total de confiança no jovem (*“... eu tenho medo de falar... eu tenho medo da reação”*; *“eu já fiz muita coisa escondido por medo de falar”*; *“eles não têm confiança... se a gente errou, errou, mas não vamos continuar sempre com o erro”*). Foi lembrado que esta falta de confiança está relacionada ao medo constante dos pais frente aos perigos atuais (*“o que eles vêem na televisão: acidentes, drogas... eles acham que vai acontecer com a gente também”*; *“... não pensam que a gente pode se proteger”*).

4- FALANDO DE MORTE

4 A – não falam com ninguém

Desejo de guardar sentimentos para si – para que conversar sobre isso? – não fala sobre a morte do pai com ninguém, sabe lidar sozinho com os sentimentos - dói muito perder alguém, mas guardam sentimentos - aprender tudo sozinho, com a vida/ isso pode ser muito difícil – morte de familiar e ninguém comentou sobre isso

Nesta pesquisa não investiguei quais os meios de comunicação que o adolescente julga que mais influenciam seus comportamentos, mas chamo a atenção para trabalhos que abordam esta questão. O papel da mídia vem crescendo na contribuição para debates e reflexões sobre os temas da juventude. ABRAMO, FREITAS & SPOSITO (2002) apontam que houve uma mudança de postura no Brasil, nos últimos anos, em relação ao interesse em entender e compreender mais claramente quem são, como vivem, quais os seus hábitos e sobre o que refletem os jovens. Busca-se cada vez mais saber a opinião desta faixa etária nos meios de comunicação. Esta representa um mercado consumidor com grande potencial para ser atingido, que não é homogêneo e sendo importante reconhecer suas diferenças.

PAIVA (2002) relata que quando lançou seu primeiro livro em 1982, demonstrava sua insatisfação em relação à pouca abertura dada pela imprensa à manifestação dos adolescentes brasileiros. Não havia espaços de reflexão, diálogo, cadernos especiais nos jornais ou programas e revistas especializadas para eles. O autor aponta que o jovem, ao conviver com outros adolescentes, ao chocar-se com as gerações anteriores e ao duvidar do que lhe é ensinado, é um revolucionário, pois muitos trazem novas propostas. É equivocado o pensamento de que os adolescentes são ingênuos, passivos e indefesos, são pessoas que podem se sensibilizar e se mobilizar de acordo com suas opiniões e desejos.

4 A- os adolescentes não falam com ninguém

Para alguns jovens, há o desejo de não falar sobre o tema da morte, preferindo guardar os sentimentos para si (*“para que conversar sobre isso?”*). Alguns disseram só ter conversado sobre isso com amigos e outros disseram que não adianta falar com a família quando vivem uma situação de perda, pois estão todos passando pela mesma situação e aí a troca de sentimentos não é possível

(“quando morreu a minha avó, ninguém em casa conversou muito sobre isso”; “com os pais não adianta porque eles estão passando pela mesma situação). Por outro lado, alguns jovens falam que conversam com os amigos justamente porque eles estão vivendo experiências semelhantes.

Foi apontado que por mais que a perda cause dor, este sentimento é guardado e não compartilhado, até mesmo dentro da família que passou pela mesma perda (“*eu guardo para mim... isso dói, é horrível*”). Esta falta de acolhimento pela família pode demonstrar um sério aspecto nestas situações nas quais o apoio é visto como necessário e fundamental. A morte de um ente querido pode ser visto como um processo significativo do desenvolvimento humano e que provoca profundas mudanças nos indivíduos.

Alguns jovens nunca falaram sobre o tema da morte com ninguém, nem com familiares, amigos ou profissionais. Foi dito também que sabem lidar com os próprios sentimentos (“*quando eu sinto falta [do meu pai que morreu] eu durmo ou faço alguma coisa e quando chega o outro dia eu esqueço... já aprendi a lidar com a saudade*”).

Um adolescente disse que tudo o que sabe aprendeu sozinho e “com a vida”, nunca falou sobre o tema com ninguém. Outro aluno ressaltou que aprender as coisas assim pode ser muito difícil.

GONÇALVES & GODOI (2002) discutem o “método do silêncio” que consiste na postura de pais e educadores de não falar de forma clara e explícita com os jovens a respeito de temas relacionados à adolescência. Um exemplo desta postura é quando se transmite ao jovem que sexo é algo sobre o que não se deve falar, por ser algo negativo, proibido ou que envolve muitas dificuldades. Este silêncio pode ser uma forma de comunicação que promove censuras, tabus e, com isso, dificultando o lidar com sentimentos e o seu compartilhamento com os jovens. O educador que silencia seus educandos, segundo FREIRE (1977), está promovendo indivíduos passivos, que seguem regras por receio, tornando a relação muito frágil.

4 B – com amigos

só falam de perdas e comportamentos de risco com amigos (ou falam mais com eles do que com a família) – alertar amigos em relação a atos perigosos – amparar amigos/dar conselhos - é possível ajudar um amigo, mas este tem que querer ser ajudado - são as pessoas mais próximas, podem entender melhor porque têm a mesma idade, os mesmos pensamentos, estão passando pelas mesmas situações – não reprimem ou julgam como os pais - falam sobre sexualidade, drogas

No capítulo 4.3 *Sobre os profissionais de educação e a abordagem da questão da morte no contexto escolar* (página 120), aparece o aspecto destes profissionais acreditarem no poder dos amigos, ou seja, na possibilidade deles se influenciarem e se identificarem positivamente. Também considero este ponto importante, já que na adolescência a convivência em grupo é intensa e, por isto, deve-se também estar atento às influências benéficas e não só negativas que o grupo pode proporcionar.

Sobre os aspectos positivos que devem ser levados em consideração, DEBORTOLI (2002) relata que o grupo de amigos é um espaço propício para a construção da identidade do jovem. A partir do estabelecimento de relações e convivência com o grupo, os jovens podem estabelecer reciprocidades e compartilhar em seus conflitos com seus amigos.

Nos grupos realizados, alguns jovens citaram os amigos como as pessoas mais próximas para se falar sobre temas como perdas e comportamentos de risco, com quem se pode dividir a dor. Foi dito que os amigos podem entendê-los melhor, já que têm a mesma idade, pensamentos próximos e vivências semelhantes. Também foi lembrado que os amigos não reprimem ou fazem julgamentos como os pais o fazem. Seria, então, mais “fácil” compartilhar uma experiência com um amigo? (*“como já passaram ou vão passar pelas mesmas coisas, eles não vão reprimir, só vão aconselhar”*; *“se eu contar para a minha mãe, ela vai falar ‘como você fez isso?’*). Apesar destes depoimentos, a maioria dos jovens apontou que o diálogo com a família também é importante, buscando informações, o alerta a situações de risco, o compartilhar experiências já vividas pelos pais entre outros.

Os jovens dizem que só se pode ajudar aquele que quiser ser ajudado, dando conselhos ou alertando quanto a atos perigosos. O poder de escolha novamente se mostra importante (*“A gente pode querer muito ajudar um amigo e o outro não querer se ajudar”*).

4 C – com a família

não adianta falar sobre perdas na família, os sentimentos são os mesmos - pais alertam sobre comportamentos de risco – mostrar o certo e o errado – falar sobre a possibilidade do jovem fazer escolhas – orientação e não proibição – os jovens precisam de conselhos - falam sobre drogas, sexualidade, amizades – já conversou com familiar doente sobre o tema da morte/apoio – os meios de comunicação facilitam discussões – medo das reações (aí fazem coisas escondidos) – a família tem que perceber que a situação atual é diferente da época deles/ confronto de gerações/ a sociedade, o grupo exigem novas posturas – sentem falta de conversar mais com os pais, são as pessoas em quem mais podem confiar

Alguns jovens disseram que preferem conversar sobre drogas e sexualidade com a família do que com pessoas desconhecidas e que consideram estas conversas fundamentais.

O papel da família também é lembrado como o de alertar sobre as amizades dos jovens.

Os meios de comunicação são vistos como facilitadores de discussões sobre o tema da morte com a família (*“às vezes mostra alguma coisa na TV e a gente começa a discutir estes assuntos”*).

É importante que os pais mostrem o que é certo e o que é errado e alertem sobre comportamentos de risco, mas dizem que no final a decisão por um caminho ou por outro é do adolescente (*“ele vai ter que aprender a se cuidar sozinho...a escolha é sua... eles não vão poder te impedir de nada”*; *“com a família, a comunicação sobre este tema não deveria ser como um tema de proibição, mas como um tema de escolha, de orientação”*) Assim, é fundamental a orientação da família, mas os jovens referem que o poder de escolha e decisão deve ficar nas suas mãos, ou seja, percebem que são responsáveis pelos próprios atos (*“porque a vida é assim, você que vai ter que decidir e os pais não vão poder te impedir de nada”*).

Um adolescente apontou que conversou com sua tia quando esta teve câncer e ela não se permitia demonstrar que estava triste. Ele tentou dar apoio e possibilitar a ela a expressão de seus sentimentos. A comunicação sobre o tema pode ser vista como a possibilidade de se apropriar do processo da morte.

Alguns jovens disseram que os pais devem perceber que a situação atual é diferente da época deles, como por exemplo novas posturas que a sociedade de hoje exige. Falam sobre o “conflito de gerações” (*“...a minha mãe devia pensar assim ‘no tempo que eu fui criada, não era os tempos de agora... as coisas mudaram, por exemplo: quem perdesse a virgindade, antigamente, antes do casamento, o marido não ia querer mais casar. Agora é brega ser virgem’*”). Além disso, os jovens apontam o medo que sentem de repressões por parte dos pais, por exemplo em relação ao tema da sexualidade.

4 D – com profissionais

Nunca – nunca e não desejam – nunca, mas acham que psicólogos deveriam falar sobre isso como a atividade desta pesquisa – consideram importante falar com profissionais em situações de dificuldades (ex.: separação dos pais) – é bom falar sobre sexualidade com um médico, esclarecer as dúvidas (alguns preferem os pais ou os amigos)

Quando perguntei aos jovens se eles achavam que profissionais de saúde poderiam ajudar na abordagem sobre o tema da morte e comportamentos autodestrutivos, eles devolveram a pergunta para mim (*“você que é psicóloga”*), como se eu tivesse uma resposta fechada para esta questão. Eles consideraram a forma como estava conduzindo esta atividade como uma abordagem possível para discussões sobre o tema.

Em alguns grupos ninguém nunca falou sobre este tema com profissionais de saúde e dizem que falar/pensar sobre a morte é *“muito triste.. muito ruim... é uma coisa para sempre... não tem volta”*.

Alguns jovens disseram que consideram positivo poder falar sobre temas como sexualidade (poder esclarecer dúvidas) ou situações que envolvam perdas (como a separação dos pais) com profissionais de saúde (*“em todos os casos de dificuldade dos jovens”*). Outros preferem conversar sobre isso com amigos ou familiares, pois são pessoas mais próximas.

4 E – desejo ou não de falar sobre o tema da morte e expressar seus sentimentos
--

não gosta de falar de morte – não adianta falar - é triste, difícil, machuca, é para sempre – tem coisas que não se comenta – já tem muita morte na TV – sim, gostariam de poder falar em situações de doença grave na família - em situações de perda é uma forma de conforto para crianças, adolescentes e adultos - todas as pessoas têm dificuldade de expressar sentimentos – na adolescência pode ser mais forte, mas depende de cada pessoa
--

Alguns jovens disseram que *“tem coisas que não se comenta”*; falar sobre o tema da morte *“é difícil, triste, dói, machuca”*; *“... é para sempre”*; *“... se voltasse, não seria tão difícil...”*

Outros disseram que *“... a gente já vê muita morte na TV, já está bom”*. Assim, a violência exibida pelos meios de comunicação já é vista, por alguns jovens, como suficiente. “Por que falar mais sobre isso?” Cabe uma pergunta importante: como os jovens podem lidar/elaborar, então, o que se vê se eles não conversarem sobre isso? Qual a reflexão que eles fazem, por exemplo, sobre as mortes de jovens?

Foi apontado que poderia haver o desejo de falar sobre o tema e expressar seus sentimentos caso os jovens perdessem um ente querido, numa situação de luto ou de doença grave na família ou com amigos. Esta situação poderia ser uma forma de conforto para crianças, adolescentes e adultos

(“...lógico que vai sentir falta, mas vai ser muito menos, vai ter um impacto menor... eu acho que devia ter alguém para conversar, para desabafar...”). Ainda foi lembrado que diante de situações desconhecidas a ajuda familiar é fundamental.

Foi ressaltado que os filhos, mesmo crianças, podem perceber quando um familiar está doente e que é necessário “ter alguém para conversar, para desabafar”, falar sobre seus sentimentos e aliviar a dor. O ocultamento da verdade pode perturbar o processo de luto e a relação com os adultos.

A dificuldade de expressar os sentimentos foi explicada como individual, podendo até ser mais intensa na adolescência, mas sempre singular e não como uma característica marcante dessa faixa etária.

Alguns jovens não conseguiram explicar com clareza suas opiniões, pois não acham que adianta falar sobre o tema, mas não souberam dizer o que significaria poder conversar sobre isso. Um adolescente considera que sobre o tema da morte tem que ir conversando “*de pouquinho em pouquinho para a pessoa ir se acostumando...*”.

Penso que a maior parte dos jovens iniciou a reflexão e o contato com o tema da morte durante a realização dos grupos, assim como o desejo ou não de falar sobre o assunto. Talvez por isso que não houve uma clareza e um aprofundamento maior sobre esta categoria.

5 - O TEMA DA MORTE NO CONTEXTO ESCOLAR
5 A – não deveria ser abordado
este tema não deveria ser abordado na escola - não deveria, mas não justifica
5 A/ 5B Dúvida
talvez esta abordagem seria mais necessária em escolas públicas onde há menos preparação e conscientização e um número maior de alunos com menos possibilidade de apoio e atenção

Partindo do objetivo principal desta pesquisa: compreender como os adolescentes percebem, refletem e se relacionam com o tema da morte, considere importante investigar também qual a opinião dos adolescentes sobre a abordagem do tema nas escolas, uma vez que penso que um trabalho deste tipo pode ser realizado no contexto escolar. Percebi, durante as visitas às escolas, que poderia ser enriquecedor ouvir também a opinião de profissionais de educação sobre o tema, como já afirmei.

Sobre a abordagem do tema da morte no contexto escolar, alguns jovens disseram que não deveria ser trabalhado o tema nesta situação, pois este não é um tema agradável para se discutir e é preferível se falar de vida e não de morte. Dessa forma, a estreita relação entre vida e morte, prazer e autodestruição não foi percebida por alguns jovens.

Outros disseram que este tema não deveria ser abordado no contexto escolar, mas não apontaram justificativas.

Alguns jovens, que participaram dos grupos na escola particular visitada, ficaram em dúvida em relação a esta questão, pois consideraram mais importante esta abordagem em escolas públicas. Eles disseram que estas têm mais alunos e, assim, julgam que não é possível dar atenção e apoio a todos (“... nas escolas públicas, ou você é esquecido ou você só é mais um...”; “... tem gente desconhecida na sua sala, então esse aí pode se matar amanhã...”). Eles também viram como importante abordar o tema da morte em escolas onde há poucos alunos, mas não acham tão necessário como nas escolas públicas, onde pensam que há menos conscientização e preparação para o tema. Quanto ao uso de drogas, alguns jovens da escola particular analisada consideraram que já se possibilita espaços de discussão sobre isso e há uma proximidade entre profissionais e adolescentes. Em relação ao tema das drogas, durante as discussões, muitos alunos disseram que um trabalho sobre este assunto não deveria ser feito na forma de palestra, sem possibilidade de diálogo e de um contato mais próximo com os jovens.

Outros alunos disseram que nas escolas públicas há a impressão dos alunos serem mais “fechados” em relação à discussão sobre este tema. Tive a possibilidade de realizar esta pesquisa também numa escola pública na qual encontrei jovens dispostos a discutir sobre o tema. Meu objetivo não foi encontrar diferenças e semelhanças entre os dois tipos de escolas, mas pude perceber que há a possibilidade para abordagem do tema da morte com jovens nestes dois contextos.

5 B – deveria ser abordado
com pessoas que já passaram por perdas – pessoas que estão pensando em suicídio pode ser uma chance de falar sobre isso – com alunos em geral - sim, porque em casa não se fala sobre isso – ajuda, orientando os jovens sobre o certo e o errado, informando-os – é importante esta troca de opiniões, dificuldades e experiências entre os jovens; eles podem desabafar, saber dos problemas que estão passando e procurar ajuda

Alguns adolescentes disseram que o tema deveria ser discutido, tanto com aqueles que já passaram por experiências de perda, quanto com alunos em geral. Lembraram também a ideia suicida (*“às vezes, para uma pessoa que está pensando em se matar, você pode estar dando a chance para ela falar”*).

Alguns adolescentes disseram que é importante este tema ser trabalhado na escola, já que em casa não se costuma falar sobre o assunto. Foi ressaltado que poderia ajudar os jovens, orientando-os e informando-os sobre o que é certo ou errado, já que, muitas vezes, não recebem conselhos nem dos pais (*“... você estaria ajudando os jovens, não só perguntando o que é a morte para eles, mas ajudando, falando ‘faça isso, não faça aquilo’... tem muitas pessoas que entram nesta vida de ladrão, de drogas, muitas vezes, porque não têm conselhos... tem pais que não conhecem os filhos, não conversam com eles... muitas vezes o filho está desinformado, não está consciente que pode se prejudicar”*). Novamente percebe-se o quanto o papel dos pais é importante nesta discussão e os jovens pedem a possibilidade de diálogo. Falando de diálogo, a proposta não seria a de somente o educador falar e o educando escutar, mas também o contrário, um jovem que tem muito a dizer sobre si mesmo e um educador aberto a escutá-lo (CARVALHO; SALLES & GUIMARÃES, 2002). O que FREIRE (1977) chamou de “educação bancária” é um equívoco, já que o educador busca depositar no jovem uma série de conteúdos e regras e cabe a este somente receber aquilo que lhe estão oferecendo. A “educação libertadora” é apontada como uma forma de estabelecer relações mais positivas e efetivas. Busca-se formar jovens autônomos, que possam construir e reconstruir, juntamente com o educador, algumas respostas às suas questões. O conhecimento não está pronto, mas deve ser discutido. O educador, para isso, deve se aproximar do jovem, tentar escutá-lo, compreendê-lo e possibilitar um espaço de expressão de sentimentos.

Na entrevista com Mariana, que será discutida no próximo capítulo, percebe-se o seguinte aspecto que corrobora o que está descrito acima: quando os jovens percebem que a postura principal do educador não é a de controlá-los e sim a de se relacionar com eles, eles se “desarmam”, pois percebem que aquele espaço é para eles e não contra eles.

Foi dito nas discussões que é importante esta troca de opiniões, dificuldades e experiências entre os jovens, pois este espaço é uma forma deles poderem desabafar, perceberem os seus problemas e pedirem ajuda (*“quando a gente se reúne assim facilita falar sobre as coisas...”*)

5 C – sugestões sobre como fazer

como orientação – vídeos e filmes, debates – abordar o lado positivo e não ficar com medo – tem que mostrar a realidade dos adolescentes para os adolescentes e não tratar a morte como algo bonito – diálogo e troca de idéias sobre drogas, sexualidade, relacionamento com os pais etc. – teatro sobre as drogas – informação sobre as drogas, tirar dúvidas sobre vários temas - visitas em hospitais (“só vendo para cair na real”) – trabalho em grupos pequenos - os jovens não só escutar, mas também poder falar – ouvir depoimentos de pessoas que já passaram por situações de risco, mas também poder trocar idéias – com ajuda/presença da família – palestra para os pais sobre o que é ser adolescente nos dias atuais, o que eles pensam, por exemplo o desejo de ter mais diálogo dentro da família, a falta de confiança dos pais, o medo de punições etc. – com a presença também de professores

Sobre este tema não há respostas exatas e nem uma única maneira de se fazer. É importante a postura dos profissionais de se prepararem para discutir o tema da morte e não considerar que já estão totalmente preparados, já que este tema é complexo e não há verdades absolutas. Deve-se refletir a necessidade de sensibilização, proximidade e escuta aos adolescentes e como fazê-lo melhor. É fundamental saber quais são as opiniões dos jovens e possibilitar a participação deles na construção destes espaços, já que atividades impostas autoritariamente podem não fazer sentido e nem mobilizá-los.

Algumas das propostas sugeridas pelos participantes foram:

1)- Vídeos e filmes sobre o tema, seguidos de debates. Podemos também perceber a representação da morte em pinturas, músicas, livros etc. Estes são recursos que podem ser utilizados com os jovens. Esta idéia será aprofundada no próximo capítulo.

2)- Orientação, diálogo e troca de idéias sobre temas como drogas, sexualidade, relacionamento com os pais, comportamentos que podem levar à morte etc. (*“... você vem para a escola para aprender, os contatos começam aqui, as influências ruins também, então a escola tem que ensinar tudo... tudo o que você puder aprender”*; *“... não só o tema da morte, mas também muitas outras coisas que os jovens têm dúvidas e têm medo de falar”*).

3)- Produção de peças de teatro sobre drogas; os jovens pedem informações (saber o que e como são determinadas drogas). Foi apontado que a forma que mais atinge o adolescente é sentir a experiência de perto, por exemplo percebendo os efeitos destrutivos que as drogas podem causar num

amigo ou num familiar. Porém, não é preciso passar por estas experiências para se iniciar um trabalho nesse sentido.

4)- Visitas em hospitais para ver, por exemplo, pacientes com AIDS, pois assim poderia chocar o jovem e o trazer para a realidade (“... *ao vivo choca mais*”). Os jovens apontam estratégias que provocam impactos.

Há opiniões diferentes sobre o impacto. Um adolescente disse que se deveria abordar o lado “positivo” do tema, sem causar medo, outro disse que pensa diferente, pois tem que ser mostrada a realidade dos adolescentes e não abordar a questão como “algo bonito” ou “leve”.

Foi apontado que os grupos envolvidos nestas atividades deveriam ser pequenos, pois só assim haveria um comprometimento maior dos jovens. Muitos adolescentes gostaram da forma como eu conduzi a discussão, facilitada pelo vídeo sobre o tema, possibilitando o diálogo e a expressão de opiniões conflitantes, e não somente ouvindo numa postura passiva. Os depoimentos de ex-usuários de drogas, na opinião dos jovens, não ajuda muito e não os leva à reflexão, principalmente quando realizado de forma coletiva e com um número muito grande de alunos. Observaram que é melhor receber um conselho de um amigo do que de uma pessoa desconhecida que, às vezes, não se faz entender. Muitos já estão “saturados” de ouvir falar sobre drogas na escola e dizem que isso pode até aguçar a curiosidade deles (“... *o jeito que o cara falou ‘eu fumei maconha e fiquei bem doidão’... você ouve aquilo e fica imaginando o que é ficar bem doidão*”).

Sobre o trabalho nas escolas, foi apontado que o psicólogo teria a tarefa de falar sobre o tema da morte, resolver dúvidas dos jovens e que esta atividade deveria também envolver a família dos alunos. É importante buscar envolver outros profissionais nesta discussão, ou seja, aqueles que têm contato com adolescentes e com o tema da morte no seu cotidiano de trabalho (profissionais de educação em geral, médicos, enfermeiros, terapeutas ocupacionais etc.).

Alguns jovens sugeriram que se fizesse, junto a esse trabalho, uma palestra aos pais sobre o que é ser adolescente nos dias atuais. Não se buscaria, com isso, alarmar os pais sobre os perigos que os jovens podem enfrentar na atualidade, e sim chamar a atenção da família para o que os jovens pensam e sentem. Foi levantado como exemplos: o desejo que eles expressam em ter mais espaços para o diálogo dentro da família; a falta de confiança dos pais em relação aos filhos; o medo que estes sentem de punições se contarem que fizeram algo errado entre outros. (“... *é muita pressão... então, se você fez isso, você vai apanhar, não vai mais andar com esse amigo, vai ficar de castigo...*”; “... *é muita pressão e aí a gente começa a fazer tudo escondido*”; “*a gente acaba ficando com medo de falar*”).

Nesta palestra os jovens sugerem a presença dos professores da escola e de profissionais que lidem com temas da adolescência.

5 D – refletindo sobre a atividade desta pesquisa

não muito agradável – normal, é a única certeza da vida, temos que estar preparados – é melhor falar de vida - maneira de se abrir – sem julgamentos – expor opiniões diferentes – bom ser alguém de fora da escola - legal, interessante, válido – nada a ver porque se considera imortal – possibilidade de debater, expor as próprias opiniões, poder dialogar, falar o que pensa e não só ouvir depoimentos e palestras – poder expressar seus sentimentos, se sentir ajudado, aliviado, sem medo de repressões, julgamentos - algumas conclusões dos jovens (vivem experiências nas quais há perigos envolvidos, podem se divertir com responsabilidade, sentimento de imortalidade, banalização da morte/ por que falar de mais violência?, saber mais informações) – questionamentos dos adolescentes sobre as minhas opiniões – pedido para continuidade desta atividade, grupos pequenos, confiança

Em relação à atividade desta pesquisa, os jovens a consideraram uma maneira deles se abrirem e falarem sobre seus pensamentos e sentimentos com um profissional de fora da escola. Ressaltou-se a possibilidade de debater, expor opiniões, dialogar, falar o que pensam e não só ouvir depoimentos e palestras. (*“é legal, é diferente de ouvir alguém falar que usou drogas e você não conseguir entender nada do que ela está falando... a gente debateu sobre vários assuntos, cada um deu sua opinião... ficar só escutando a pessoa é horrível, tem que dialogar também”*).

Foi destacado que eu estava ali para ouvi-los, observar opiniões diferentes, sem expor meu ponto de vista ou julgamentos ao que era trazido. Alguns jovens disseram que, às vezes, é difícil procurar ajuda por vontade própria, mesmo tendo um profissional disponível para isso dentro do contexto escolar.

Alguns jovens disseram que a atividade propiciou alívio com a expressão de sentimentos e eles puderam se sentir ajudados, sem medo de repressões ou julgamentos (*“... o medo que eu tenho de falar com a minha família, eu falei isso para você, tudo o que eu sentia... eu falei tudo”*; *“alguém para ouvir, para você poder falar tudo”*; *“para ouvir e entender, ser entendido”*; *“o que adianta ficar julgando? Precisa mesmo é ajudar”*).

De uma forma geral, a atividade foi considerada positiva, com exceção de alguns casos. Um aluno, por exemplo, se exaltou e disse que não tinha nada a ver falar sobre o tema da morte, pois se

considerava “*imortal*”. Assim, há resistência de alguns jovens em discutir o tema, mas não foi possível aprofundar com segurança as razões para este comportamento. Neste caso levanto como hipóteses ou razões pessoais ou uma maneira encontrada para se destacar do grupo que estava em discussão. Enfatizo que as atividades realizadas com um menor número de jovens puderam ser melhor exploradas.

Muitos alunos quiseram saber a minha opinião sobre a morte na adolescência e me pediram justificativas sobre o porque trabalho com este tema. A minha busca está descrita na apresentação desta pesquisa. As indagações dos jovens demonstram um comprometimento e um interesse da parte deles com a reflexão proposta sobre o tema da morte.

Como já discuti no capítulo 4.1 (página ?????), em dois grupos houve o interesse na continuidade deste trabalho em grupos pequenos, nos quais pudesse haver confiança para a expressão de opiniões e sentimentos pessoais.

Os adolescentes também expuseram algumas de suas conclusões a partir das atividades propostas:

- eles vivem experiências nas quais podem haver perigos envolvidos; é possível evitá-los em alguns casos
- é difícil, mas é possível se divertir com responsabilidade
- na adolescência o sentimento de imortalidade está presente
- os jovens necessitam de informações sobre temas como drogas, sexualidade etc.

5 E – reflexões sobre o vídeo “<i>Falando de morte com o adolescente</i>”
--

Bom, muito curto – pesado – não pesado - deveria abordar os problemas familiares, a falta de apoio aos jovens (ex.: num momento de perda ou conflito, pode se sentir perdido e, às vezes, acabar fazendo coisas erradas por não receber orientação etc.) – podemos perceber as conseqüências de alguns comportamentos e a possibilidade de acontecer algo ruim com o adolescente também (uso de drogas, suicídio, violência, desespero etc.) – devia ser exibido para os pais também com discussão, ajuda de profissional para não assustar os pais e estes superprotegerem mais ainda os filhos
--

Alguns jovens apontaram que este material é bom e engloba vários temas da adolescência, mas disseram que poderia haver também a abordagem de problemas familiares, como que eles os enfrentam, entre os quais a sensação de falta de apoio. Destacou-se a importância da família no

momento da perda de alguém (*“quando não se tem apoio é bem difícil... você se sente sozinha, perdida e pergunta ‘o que eu vou fazer agora?’ E, muitas vezes, você vai até para o lado errado... quando não tem uma pessoa para te orientar, te alertar... no momento da perda quando não há espaço para falar sobre isso com a família...”*)

A cena que mais chamou a atenção de um dos jovens foi ver um adolescente com a cabeça machucada, pois aí pôde se perceber as conseqüências de alguns atos de forma chocante e isso traz à consciência o que pode acontecer com qualquer pessoa. Parece ser necessário chegar ao nível da concretude para que possam perceber o perigo em certas atividades.

O tema central que este material aborda, o limite entre o prazer e a autodestruição, gerou algumas reflexões como: *“o prazer pode trazer a morte facilmente... se você não souber como usar o prazer”;* *“o adolescente desafia, se sente poderoso... até uma hora que se dá mal”;* *“esportes radicais é falar de prazer”;* *“pode sentir prazer com a maconha e estar se destruindo...”*

Alguns adolescentes apontaram que o vídeo deveria também ser exibido aos pais, com a discussão conduzida por profissionais, já que o intuito não seria o de assustar os pais, nem os mobilizarem a superprotegerem seus filhos e sim chamar a sua atenção para os problemas que os jovens podem estar enfrentando e a sua necessidade de orientação e ajuda.

Para finalizar este capítulo *“Sobre os adolescentes”* julgo importante apresentar e discutir alguns dados que foram colhidos durante o meu projeto de Iniciação Científica *“Falando de morte com o adolescente”* já citado no item *“Apresentação”*, pois alguns aspectos desta pesquisa resultaram em modificações do vídeo *“Falando de morte com o adolescente”* re-lançado em 2003, além de contribuírem para um aprofundamento sobre a discussão do tema da morte com os adolescentes e os profissionais de educação.

O objetivo da Iniciação Científica foi estudar a relação entre o tema da morte e a área de educação através da apresentação do vídeo educativo *“Falando de Morte com o Adolescente”* (versão 1999) e observando se este material abordava o tema de maneira adequada para os adolescentes. Investigou-se como o contexto escolar, seus profissionais e alunos podem aprender a lidar com esse tipo de situação, proporcionando esclarecimentos num contato realista sobre as possibilidades de perda. Esse estudo procurou, através da utilização de um vídeo educativo, abrir um canal de comunicação sobre a morte e familiarizar os participantes com os sentimentos decorrentes dessa situação, permitindo a reflexão e discussão dessas questões.

Neste estudo visou-se obter dados que buscassem uma reflexão sobre a relação dos adolescentes com o tema da morte. Para isso, houve o registro de opiniões, dificuldades, dúvidas e questionamentos entre os jovens que assistiram ao vídeo.

A pesquisa foi realizada com alunos do Ensino Médio de duas escolas da cidade de São Paulo. A primeira foi a Escola de Aplicação da USP que envolveu adolescentes e profissionais como o diretor, a coordenadora pedagógica, professores, profissionais do Grupo de Prevenção às Drogas do Instituto de Psiquiatria da FMUSP (GREIA) e pais de alunos. A segunda escola que contribuiu para esta pesquisa foi a E.E. Alberto Torres, situada no bairro do Butantã, que teve como participantes somente os adolescentes. Em ambas as escolas eles assistiram ao vídeo e responderam um questionário elaborado com o intuito de contemplar os objetivos da pesquisa.

A maioria dos adolescentes participantes gostou do vídeo. Eles chamaram a atenção para os aspectos do vídeo ser explicativo, abordar o tema da morte de forma clara e com diversidade de situações; além de retratar questões importantes da adolescência, da realidade atual e as formas possíveis de autodestruição. Foi apontado que o vídeo poderia ter mostrado também as razões que levam à autodestruição dos jovens. Este é um ponto fundamental que deve ser explorado nas discussões com eles. Alguns pontos foram levantados, por exemplo, na pesquisa atual em relação ao uso de drogas.

Surgiu nos questionários, assim como em discussão posterior, o aspecto do vídeo ser interessante, embora contenha cenas “artificiais”, segundo eles, que não “tocam” muito; cenas que falam mais sobre como a morte pode ser provocada e não tanto sobre os aspectos que a envolvem. Além disso, não acharam as cenas fortes. Pelo contrário, esperavam cenas mais fortes, pois o que vêem na TV é ainda mais intenso. Este aspecto é bastante explorado pelo Projeto “Falando de Morte”, que busca refletir sobre as cenas violentas que são vistas diariamente na TV, aí sem a mínima possibilidade de elaboração. Pode-se perceber que já há uma aceitação e uma “normalização” destas cenas por parte de alguns jovens, que as consideram como fazendo parte do seu cotidiano.

Sobre os aspectos que mais chamaram a atenção no vídeo, alguns exemplos foram: as cenas de uso de drogas e acidentes de trânsito; os depoimentos que o vídeo traz; a fragilidade da vida; o adolescente podendo perder a vida de forma rápida e isso podendo ser evitado em alguns casos; a explicação dos temas levando à reflexão; a frase que encerra o vídeo; o que pode levar um jovem a morrer; a experiência da perda de um amigo adolescente; a cena do suicídio entre outras.

Sobre partes do vídeo que poderiam ser modificadas, alguns adolescentes deixariam o vídeo mais real e com cenas mais “verdadeiras”. Foi apontado que o vídeo poderia mostrar mais as razões do porquê não usar drogas, pois isso talvez pudesse atingir os jovens; e também que o aspecto da auto-estima fosse abordado. Foram sugeridas também mudanças em relação à linguagem do filme, que por vezes esbarrou num tom moralista.

Esta primeira versão do vídeo, lançado originalmente em 1999, foi apresentada em cursos e congressos, tendo como participantes adolescentes, seus familiares, profissionais de saúde, educação e da área de comunicação (KOVÁCS, 2003). Após a exibição do vídeo, também aplicou-se um questionário que envolvia perguntas sobre a qualidade do material, críticas e sugestões para mudanças.

Responderam o questionário 212 participantes. A maior parte destes (70%) achou o vídeo bom, interessante, ilustrativo, útil e importante para familiares e profissionais. Ressaltou-se a escolha de temas amplos sobre a adolescência como drogas, sexualidade e suicídio; além de explorar a questão sobre as possíveis relações entre o prazer e comportamentos autodestrutivos, e o sentimento de onipotência muito comum nesta idade. Apontaram também a maneira como estes assuntos foram abordados, com cenas reais e até, por vezes, chocantes – aspecto considerado positivo por uma parcela dos participantes, por despertar a atenção dos adolescentes, favorecendo uma reflexão e a possibilidade de assumir responsabilidade por suas vidas. Outros os consideraram um aspecto negativo justamente por ser chocante e com isto causar mais dor. Outro aspecto fundamental do vídeo é ser preventivo, já que um dos seus objetivos é estimular a reflexão sobre o que leva os adolescentes a terem comportamentos autodestrutivos dentro do contexto escolar. A linguagem utilizada foi criticada por um certo tom moralista no texto, especialmente no assunto “drogas”. Por outro lado, apontaram que a linguagem estava sintonizada com a adolescência pelo ritmo rápido e dinâmico, características desta fase do desenvolvimento. Propuseram a introdução de depoimentos e diálogos, que poderiam permitir uma maior identificação dos jovens. Outra sugestão foi o aprofundamento de algumas cenas, entretanto será que cenas longas ou com pausas não levariam a um desinteresse? Sobre o aprofundamento dos temas suscitados pelo vídeo, este pode ser realizado nas discussões posteriores à sua exibição, em debates, atividades didáticas regulares ou especiais no contexto escolar. Houve também a indicação de propostas que pudessem ajudar os adolescentes na busca de cuidados.

Foram sugeridos temas para serem incluídos (alguns deles já podem ser vistos na revisão de 2003): gravidez de adolescentes; chacinas; influências sociais no comportamento dos adolescentes; as fases do luto e inclusão de adultos nas cenas do enterro.

O tom moralista de parte do texto e a citação de clichês foram revisados na segunda versão e algumas imagens foram rearranjadas. Na nova versão a narrativa do vídeo é feita por um jovem, o que pode permitir uma maior identificação dos adolescentes.

Um aspecto essencial apontado pelos participantes é a necessidade de exibir o vídeo sempre acompanhado de uma discussão – proposta pelas autoras do vídeo. Como seria esta discussão? Quem a faria? O meu trabalho de Iniciação Científica e a pesquisa atual tiveram como objetivo principal à escuta dos adolescentes e o espaço escolhido para isso foi à escola. Porém, como decorrência de suas atividades, ocorreu também um contato com profissionais de educação e a reflexão inevitável sobre como a escola compreende um importante espaço para possibilitar a discussão e a reflexão sobre o tema da morte entre os profissionais e deles com os alunos. A partir daí propus algumas questões: O que estes profissionais pensam sobre um trabalho que envolva a abordagem do tema da morte com os alunos no contexto escolar? Este profissional já teve experiências com o tema da morte durante suas atividades pedagógicas? Há uma disponibilidade pessoal para este trabalho? Existe este espaço dentro das escolas? Como seriam estas atividades? Como seria a preparação da equipe que se dispusesse a realizá-las? O tema da morte poderia fazer parte dos temas transversais, assim como o da sexualidade e das drogas, permeando diversos conteúdos curriculares?

Por outro lado, na preocupação com os alunos adolescentes: Como eles vêm/ o que eles pensam sobre eles? Como estes profissionais vêm os índices de mortalidade na adolescência? Quais fatores podem contribuir para transformar esta realidade?

Foram várias as perguntas que me ocorreram nestas duas oportunidades de pesquisa e para algumas delas busquei algumas respostas na pesquisa atual, que são um esboço a ser aprofundado em outras pesquisas. No capítulo a seguir falo sobre estas inquietações e minhas reflexões. O capítulo a seguir é apenas o início de uma discussão sobre a possibilidade de trabalho de psicólogos e educadores no campo do tema da morte buscando abrir possibilidades futuras de aprofundamento na questão.

4.3 SOBRE OS PROFISSIONAIS DE EDUCAÇÃO E A ABORDAGEM DA QUESTÃO DA MORTE NO CONTEXTO ESCOLAR

Nesta pesquisa, como já citado no item 4.1 *Relato das visitas às escolas e das impressões no contato com os adolescentes e profissionais de educação*, além das atividades com os jovens, houve também troca de opiniões e a possibilidade de entrevistar profissionais de educação das duas escolas, a professora da disciplina de Filosofia do “Centro de Ensino São José” (“Mariana”) e a coordenadora pedagógica da E.E. Maestro Fabiano Lozano (“Márcia”). Antes de comentar os dados, considere importante resgatar alguns referenciais teóricos sobre o tema da morte e sua relação com o contexto escolar como forma de aprofundar estas reflexões.

KOVÁCS (2003) propõe que questionamentos sobre o tema da morte podem promover a busca de sentido para a vida e entende a educação como um desenvolvimento, aprimoramento e cultivo da pessoa e não somente um aglomerado de receitas prontas, padrões de informações ou doutrinação. Esta abordagem de educação para a morte envolve a comunicação sobre relacionamentos, perdas, situações-limite como doenças e acidentes etc. O ser humano em desenvolvimento está numa constante busca de sentido e respostas, desde o nascimento, durante a evolução da existência e também diante da dor, sofrimento e morte.

Penso que os jovens puderam, nesta pesquisa, perceber que refletir sobre o tema da morte envolve inúmeras relações com experiências de vida, de prazer e de relacionamentos interpessoais.

Em concordância com o tema principal deste trabalho, SCHACHTER (1991/1992) discute a relevância de se propiciar espaços para abordar o tema da morte com os adolescentes, possibilitando o compartilhar de sentimentos e maneiras de enfrentamento. Isso se faz necessário, pois os jovens estão cada vez mais expostos à violência, aos acidentes, a perdas de pessoas da mesma idade (acarretando uma sensação de vulnerabilidade e solidão), aos comportamentos autodestrutivos e ao suicídio. Em trabalhos desenvolvidos, este autor aponta que muitos jovens se referem a um sentimento de culpa, pois acreditam que poderiam ter evitado situações que colocaram em risco a vida de amigos. Nesta pesquisa os jovens expressaram estes sentimentos diante da perda de amigos adolescentes.

Voltando ao foco deste capítulo, sendo a preocupação primordial da escola educar seres humanos em desenvolvimento no sentido mais amplo, considero importante a reflexão sobre o tema da

morte neste contexto, aspecto presente no desenvolvimento de todo ser humano, mas, muitas vezes, não abordado. Uma reflexão importante é: por que não abordar este tema no contexto escolar?

Considerando o caráter dinâmico da experiência educacional, a reflexão sobre a abordagem do tema da morte nas escolas, busca alcançar algumas referências de trabalhos que podem ser desenvolvidos, sem recorrer a receitas prontas e limitadas. Esta postura sinaliza a percepção da especificidade de cada instituição e de suas equipes de profissionais. Assim, é importante uma referência compreensiva sobre a adolescência (ou sobre a infância se este for o público), enfocando e compreendendo as transformações físicas e psicológicas pelas quais passam os jovens; seus relacionamentos familiares e de amizade, a sua sexualidade, uso de drogas, afetividade, entre outros. Deve-se buscar uma instrumentalização no sentido de compreender os aspectos citados acima e ajudando a família e os profissionais de educação nos seus cuidados aos adolescentes.

KOVÁCS (2003) aponta que em pesquisa bibliográfica praticamente não encontrou referências sobre programas que abordam a morte no contexto educacional e sobre a formação de profissionais inseridos na área de educação. Assim, como apontei no final do capítulo anterior, este dado mostra como ainda estamos no início de um caminho para o desenvolvimento desta área no contexto educacional. A autora diz que é freqüente na fala desses profissionais aspectos sobre a falta de preparo para a abordagem. Nos Estados Unidos, a *Association for Death Education* (ADEC), constatou que apenas 11% das instituições de ensino possuem programas que abordam o tema da morte no Ensino Médio.

Esta autora também cita artigos que discutem a importância desse tema nas escolas e estes possuem semelhanças com alguns dados das entrevistas da pesquisa atual feitas com os profissionais de educação. Por exemplo, assim como poderá ser visto adiante na entrevista com Mariana do “Centro de Ensino São José”, CUNNINGHAM & HARE (1989) e CULLINAM (1990) propõem cursos para os educadores e consideram relevante investigar a visão de morte que os professores possuem e as formas com que enfrentam as situações de luto, pois estes fatores terão influência na maneira com que lidarão com seus alunos. Na abordagem do tema da morte com estes profissionais, deve-se enfocar aspectos teóricos e propiciar espaços para a expressão de sentimentos, dificuldades e dúvidas em relação à discussão do tema com seus alunos. Alguns temas propostos foram: conhecimento sobre o processo do luto infantil, percepção da morte pelas crianças, significados interculturais da morte, comportamentos diante da morte etc. Além disso, as estratégias como vivências com estudantes e profissionais de várias áreas são importantes. Estas têm como objetivos propiciar a possibilidade de autoconhecimento, por

exemplo em relação ao medo e ansiedade frente ao tema da morte, contato, incerteza e vulnerabilidade com a própria finitude. Os alunos também devem fazer parte do planejamento destas estratégias. BLOOM (1975) propõe atividades, com uma postura livre de julgamentos, buscando-se a confiança. Exemplifica com uma atividade na qual cada aluno tem que escrever seu próprio epitáfio, sua autobiografia do nascimento até o final da vida. Dessa forma, o aluno poderá enxergar a morte como possibilidade pessoal, o que muitas vezes não é aceito pelos adolescentes que se sentem imortais. Este autor verificou que muitos alunos tinham questionamentos sobre a morte e puderam assim expressar seus sentimentos.

Portanto, é fato que o tema da morte é tema a ser considerado no contexto escolar, seja pelas perdas concretas ou simbólicas na vida dos alunos (crianças e adolescentes) ou através da “morte escancarada” (sem “máscaras” e que ocorre na frente de qualquer pessoa, independente da idade ou classe social). Esta denominação, que faz parte de um contexto do fim do século XX e início do XXI, já citada no *capítulo 1.1* deste trabalho, é atribuída à morte que invade espaços e passa a fazer parte da história pessoal com poucas formas de proteção, defesa ou controle. Dessa forma, não caracteriza um processo gradual e voluntário, mas sim algo repentino, vulnerável e invasivo. São alguns exemplos: principalmente nas grandes metrópoles, a violência nas ruas; os acidentes e os homicídios e a morte exibida pelos meios de comunicação. As cenas freqüentes exibidas pela TV de pobreza extrema e fome, agressão, acidentes ou homicídios podem trazer com elas a noção de que a violência ou a dor e o sofrimento são aspectos naturais, com uma banalização e desensibilização da morte, como se esta fosse sem rosto ou identidade. É inegável a importância da abordagem pelos órgãos de comunicação da violência urbana, das tragédias ou guerras, mas as formas para reverter este quadro, permitindo um tempo maior para reflexão e elaboração destas cenas, infelizmente ainda não são conhecidas. Atualmente ainda não encontramos horários restritos para a exibição destas cenas de violência que podem ser vistas em qualquer horário e por pessoas de qualquer idade (KOVÁCS, 2003).

Pode se entender o fascínio que crianças e jovens demonstram diante da idéia de imortalidade exibida, por exemplo, em filmes de sucesso, nos quais os ídolos nunca morrem, independente de suas aventuras e riscos.

O conceito de “morte escancarada” também possui uma profunda influência naquilo que os adolescentes buscam para si como modelos de identificação. A internet, hoje em dia, ocupa um espaço bastante significativo como meio de comunicação e pode representar um sério perigo para a vida dos jovens. Um exemplo desse aspecto foi divulgado pela Folha de São Paulo em 13 de outubro e pela

Revista Veja em 20 de outubro de 2004: “os pactos suicidas coletivos combinados via internet no Japão”. Nos últimos dois anos um número elevado de jovens se mataram após visitar sites e listas de discussão na internet que promovem pactos anônimos de suicídio.

Dessa forma, chamo a atenção para estudos que investiguem quais dos meios de comunicação o adolescente julga influenciar nas suas condutas e o olhar atento dos pais, profissionais e autoridades políticas sobre estes resultados.

Nos últimos anos, pudemos acompanhar muitas mortes de alcance público ou coletivo também testemunhadas por crianças e adolescentes. Estes como filhos ou alunos, fazem perguntas aos pais e professores, solicitando respostas e acolhimento. KOVÁCS (2003) cita dois eventos marcantes como exemplo: a) a morte de um ídolo como o Aírton Senna e o questionamento das crianças porque um ídolo não é imortal, b) o episódio de 11 de setembro de 2001, cujas cenas televisivas exibiram milhares de perdas e imagens de morte e destruição, também presenciadas por crianças e jovens. Estes podem indagar os pais e professores sobre a guerra ou sobre a razão e a necessidade de conflitos armados. As crianças mais novas não possuem uma noção clara de tempo e espaço. Por isso, podem achar que os confrontos irão também acontecer do lado de casa ou perto da escola, por exemplo.

A morte, então, é tema na escola, já que as crianças e jovens aí vivem grande parte de sua vida – assim, a preparação para lidar com ele envolve o psicólogo escolar, além dos profissionais da área de educação. (KOVÁCS, 2003, p. 35 e 49)

Ainda segundo a autora, é fato que estes profissionais não discutiram este tema na graduação e nos perguntamos: será que apresentam disponibilidade para se prepararem em relação à abordagem do tema da morte nas escolas? As atividades pedagógicas envolvendo o tema da morte seriam regulares ou somente deveriam ocorrer no caso específico da ocorrência da morte de um aluno, familiar, membro da equipe ou em eventos públicos? Que instrumentos poderiam facilitar os educadores nessa abordagem: livros, filmes, palestras?

Conforme já apontamos, desde o nascimento até o fim da vida, passamos por perdas características de cada fase do desenvolvimento. Além disso, há situações nas quais há perdas no meio e de ganhos ou mudanças, como por exemplo: nascimento de um irmão; separação dos pais; mudança de série ou reprovação; mudança de escola, casa ou cidade etc. Estes são alguns exemplos que podem trazer desafios aos profissionais de educação na sua preocupação com o desenvolvimento de seus alunos. Estas situações podem gerar crises e estes profissionais necessitam de tempo, apoio e

orientação de pessoas qualificadas e dispostas ao estudo e abordagem destes temas. Com isso, a escola pode se tornar um ponto de referência seguro, possibilitando aos seus alunos um acolhimento e compartilhamento de dores e angústias, solidificando a relação aluno-escola. Fundamentado nestas questões se afirma como essencial o trabalho com perdas no contexto escolar, visto que este é parte fundamental do desenvolvimento físico e emocional de seus alunos. FONSECA (2003) aponta que este trabalho dos profissionais de educação provavelmente reflete na melhora do rendimento escolar de seus alunos, pois estes se sentem acolhidos e seguros, com um espaço para compartilhar idéias, medos e angústias. Esta autora reflete sobre algumas formas de treinamento de coordenadores, professores e funcionários no contexto escolar: apresentação e discussão sobre a teoria do luto e as perdas nas diferentes fases do desenvolvimento, a instrumentalização sobre como acolher o enlutado etc.

A utilização da literatura pode ser uma estratégia boa para promover nas escolas a discussão e a reflexão dos jovens sobre o tema da morte e experiências que podem estar presentes na adolescência. Porém, é importante apontar que este recurso pode ser limitado se pensarmos que para uma parcela da população o acesso aos livros não é fácil. Assim, as estratégias devem ser pensadas também a partir dos contextos e dos recursos disponíveis. Apesar dos recursos facilitadores serem importantes, se estes não estiverem disponíveis, penso que a partir de produções de textos ou redações sobre o tema, por exemplo, podem possibilitar o início de uma discussão. Nesta pesquisa os adolescentes citaram a produção de peças de teatro, por exemplo sobre o tema das drogas. Este recurso pode ser desenvolvido também em contextos nos quais não há a possibilidade de livros e vídeos. Penso que não havendo instrumentos facilitadores pode dificultar as discussões com os alunos, mas não excluem a sua possibilidade.

HILL & STILLION (1995), corroborando as idéias discutidas acima, referem estratégias tais como peças de teatro, obras da literatura e filmes que podem constituir um pano de fundo para uma discussão ampliada levando à reflexão e à sensibilização. Após a leitura, é interessante que os alunos escrevam suas reflexões e depois se possibilite a discussão em grupo, como forma de se lidar com os sentimentos que emergem (KOVÁCS, 2003).

Destaco três livros que abordam temas relacionados à adolescência e à morte, todos do autor Júlio Emílio Braz (a síntese deste material encontra-se no ANEXO 6 – página ??????):

- **“Enquanto houver vida viverei”** narra a história de um adolescente cheio de vida que, ao receber transfusão de sangue após um acidente de moto, contrai o vírus da AIDS.

- **“Longas cartas para ninguém”** relata a história de um grupo de jovens (apelidado de “tribo”) que vive seus conflitos e enfrenta o desafio de se deparar com a morte. Este desafio é ainda mais difícil e complicado, pois trata-se do suicídio de um jovem, tido como ídolo e que deixa marca nos amigos adolescentes, que não conseguem entender as razões para seu ato. Este livro provoca intensas reflexões na medida em que aborda o suicídio com o impacto que o ato provoca nas pessoas que ficam e com forte legitimidade dos sentimentos dos jovens.
- **“Aprendendo a viver”** narra a história de duas adolescentes se deparando com o fato de seus pais estarem com AIDS.

Este escritor busca contar histórias que interfiram de alguma forma na vida das pessoas. Relata que foram os livros que leu na infância e adolescência que construíram o escritor que é hoje. Estes livros deram a ele esperança para a realização dos seus sonhos e fizeram acreditar na importância da sua inteligência, paciência e persistência na busca de seus objetivos. Daí o sentido que dá às palavras e a crença de que “viver é transformar e transformar-se o tempo inteiro”.

O autor ressalta que debates e discussões, feitas de maneira abrangente, seriam formas de ampliar o conteúdo dos livros e que poderiam ser usados nas escolas. Para enriquecer a discussão, é fundamental a presença de médicos e estudiosos do assunto. Nesta pesquisa, busca-se discutir propostas que facilitem a discussão sobre temas importantes da adolescência. Certamente livros e vídeos são maneiras de iniciar a discussão junto aos jovens.

Como deve ser a abordagem destes livros e temas com os adolescentes nas escolas? Deve haver acompanhamento de profissionais da área? Os pais podem ou devem estar presentes? Como os educadores devem conduzir a leitura e as discussões? É necessária uma preparação anterior? Para tentar responder algumas destas questões, seria interessante convidar profissionais estudiosos dos assuntos a serem abordados sempre que possível. É fundamental que se propicie a troca de informações e sentimentos com os alunos individualmente, além de uma palestra sobre o tema. A presença da família é importante, tanto para os adolescentes, quanto para os educadores, mas julgo como prematuro sugerir formas definidas de participação, como por exemplo se junto ou separado dos alunos. Este aspecto deve ser melhor investigado em outros trabalhos. Penso que é necessário e fundamental uma preparação dos profissionais para abordagem do tema e este é um campo de trabalho dos psicólogos, médicos e outros profissionais de saúde.

Retomando o recurso da literatura e os livros destacados do autor Júlio Emílio Braz, estes vêm acompanhados de fichas de leitura e propostas de trabalho que podem ajudar na elaboração dos temas

abordados com os adolescentes, indicando também filmes e pesquisas sobre os assuntos. Algumas perguntas podem ajudar na informação e na reflexão dos assuntos focados.

Relacionando à pesquisa atual, é interessante destacar algumas falas de adolescentes que aparecem no livro “Longas cartas para ninguém” e que ilustram o limite entre o prazer e a autodestruição de muitas de suas experiências, como já discutido na *categoria 3A* do capítulo anterior: “... viver é superação, nada além, nada mais importante”. “... pequena aventura, o desespero misturando-se ao fascínio, os temores enlouquecendo lado a lado com o desejo de que aquilo jamais se acabasse, se eternizasse...” (pg. 9 e 11). Assim como nos depoimentos dos adolescentes participantes desta pesquisa, os sentimentos de imortalidade e onipotência também podem ser percebidos na leitura deste livro.

Neste mesmo livro, ao narrar a história de um grupo de adolescentes se deparando com a morte de um grande amigo, observa-se que a morte está presente na adolescência, assim como em todas as outras fases do desenvolvimento. A seguinte passagem do livro, narrada por um adolescente, ilustra bem essa questão: “Antes, a morte era apenas uma palavra de cinco letras, uma sensação desagradável, um medo ocasional. Eu vivia acreditando que era imortal. Não, não havia a percepção devastadoramente melancólica do fim”. “Fantasiamos... aquilo que não controlamos, nos mete medo. Assusta. Aterroriza. Será que é por isso que a gente vive inventando coisas e teorias maravilhosas para torná-la menos cruel e definitiva?” (pg. 39).

A articulação dos livros com esta pesquisa pode ser feita tendo em vista a relevância de se abordar temas importantes e presentes na adolescência com a família e profissionais de saúde e educação. Independente de opiniões pessoais e preconceitos, é fundamental o reconhecimento de que a adolescência é um grupo de risco para a AIDS e outras doenças e também envolve números alarmantes de suicídios entre jovens.

Portanto, é necessária a abordagem destes temas nas escolas e dentro de casa. Esta pesquisa propõe uma reflexão sobre que formas estas discussões com os adolescentes podem ocorrer, tendo como pressuposto a inegável importância da necessidade para os jovens de hoje de poderem conversar abertamente sobre perdas, morte e seus sentimentos. Nestas discussões penso que os profissionais de educação podem ter uma importante função, mas esta, muitas vezes, não tem seu espaço claramente percebido dentro das escolas.

A seguir, apresento algumas reflexões a partir das entrevistas realizadas com profissionais de educação. Alguns pontos em comum podem ser observados, as entrevistas na íntegra encontram-se nos ANEXOS 4 e 5 (páginas ?????????).

A ENTREVISTA COM A PROFESSORA DE FILOSOFIA “MARIANA” DO “CENTRO DE ENSINO SÃO JOSÉ”

Uma primeira observação importante é que esta profissional é também psicóloga, portanto como profissional da área da saúde, em conversas durante as minhas visitas, disse-me que também atende em consultório. Esta entrevista então ilustra a visão de uma profissional das áreas de educação e saúde em relação ao tema da morte. Por outro lado, é importante ouvir a opinião de professores não psicólogos a fim de estabelecer comparações.

Mariana desde o meu primeiro contato demonstrou grande interesse e disponibilidade em me auxiliar participando das atividades desta pesquisa. Desde o início destacou a importância de se abordar o tema da morte no contexto escolar principalmente com o público adolescente que se caracteriza como “grupo de risco” para a ocorrência de mortes inesperadas e que necessita de trabalhos de prevenção nesse sentido.

Apontou que durante as atividades sentiu resistência de alguns adolescentes para discutir sobre o tema da morte, mas também lembrou que vários alunos disseram que gostaram das atividades da pesquisa, trazendo experiências e contribuições pessoais. Dessa forma, encontrei alunos resistentes para refletir ou falar sobre o tema, mas também pude perceber adolescentes dispostos e envolvidos com a discussão, valorizando o espaço que lhes foi possibilitado.

Mariana considerou os temas levantados pela pesquisa como podendo fazer parte de várias disciplinas escolares e que sua forma de abordagem e o momento deveriam ser discutidos com os professores. Ressalta que estas discussões não devem ser superficiais e sim ser planejadas e trabalhadas previamente. Isto possibilitaria um espaço acolhedor para os alunos que, assim, poderiam se sentir à vontade para falar e expor sentimentos. Penso que é fundamental uma discussão e preparação anterior à abordagem dos temas com os alunos, por exemplo sexualidade, drogas, relações interpessoais e o tema da morte mais diretamente. Acredito que esta proximidade e acolhimento poderia também refletir no rendimento escolar dos alunos, assim como aponta FONSECA (2003).

Ela não soube afirmar se há ou não disponibilidade por parte dos professores desta escola para abordar o tema da morte em suas aulas, mas acredita que sim (*“Eu não sei, eu não vejo porque não*

falar”). Ressalta que para um educador poder falar sobre certos temas com os alunos, precisa antes refletir e elaborar certos pontos, mais particularmente frente ao tema da morte ou da sexualidade (*“Eu acho que aí está o grande impasse, a grande dificuldade, a trava está justamente aí... pode ter uma questão que surja na classe (exemplo: morreu o pai de um aluno) e aí o aluno faltou à semana toda. Na outra semana ele começa, por exemplo, a ter um baixo rendimento, isso começa a interferir nas questões pedagógicas e aí se o educador não estiver com estas questões resolvidas nele, ele não vai conseguir nem tocar no assunto com o aluno... vai ficar uma situação bem complicada e que pode se estender porque ninguém aborda... em casa todos também podem estar fragilizados... e aí chega na escola e encontra isso também e aí fica muito difícil. Então, eu acho que deve ser sim uma proposta a ser pensada e para começar a ser trabalhada e plantada na escola, dentro da sala de aula com todos os professores. Eu acho que isso deve começar a ser trabalhado, inicialmente, com os professores para eles se sentirem confortáveis, à vontade, para poder falar sobre isso com os alunos”*).

Estes aspectos corroboram com o que foi citado nos artigos de CUNNINGHAM & HARE (1989) & CULLINAM (1990). Fica então confirmada a necessidade de preparação para abordagem do tema da morte. Julgo que a forma ideal seria com a ajuda de psicólogos especialistas no assunto, embora acredite que esta não seja a realidade em todas as escolas. Penso que o trabalho ideal seria que psicólogos e educadores estivessem juntos nesta tarefa. Os psicólogos poderiam auxiliá-los nesta preparação e os educadores complementariam o trabalho pelo contato mais intenso entre eles e os alunos. Caso o psicólogo não esteja disponível, penso há outras variações de trabalho possíveis. O principal, na minha opinião, é a percepção da importância da abordagem do tema da morte nas escolas para, em seguida, se pensar na instrumentalização para a abordagem.

Sobre a preparação dos profissionais de educação para abordar o tema da morte, Mariana considera importante falar sobre os sentimentos que este provoca, não se isolar, poder vivenciar as experiências. Esta preparação deve ser uma prévia do trabalho que será desenvolvido com os alunos utilizando alguns recursos, como por exemplo vídeos e livros que facilitem a discussão que será construída no momento do trabalho. É importante discutir o que os profissionais pensam sobre a morte; como se sentem; que vivências já tiveram com seus alunos em relação a este tema (*“Se você sentir vontade de chorar, chore; se você sentir vontade de falar sobre a pessoa, fale; se você sentir vontade de reviver os momentos com a pessoa, pegar os objetos, viva isso e fale sobre isso no momento que você se sentir à vontade para fazer. Então, eu acho que estas orientações vão estar também ajudando os professores, de como lidar com o assunto. Eu acredito que, pelo que eu tenho visto, no momento*

que este assunto é lançado entre os educadores, vai surgir uma discussão... Eu acho que no momento que se começa a discutir, já começa a ser trabalhado”).

Para Mariana, quem conduziria estes grupos com os professores seria a coordenadora pedagógica junto com a psicóloga. A primeira mantém um contato direto e cotidiano com os professores e a segunda pode ter uma leitura diferenciada sobre os elementos que surgiriam nos grupos de discussão. Como já aponte, também considero esta a forma ideal de abordagem destacando a importância destes profissionais estarem instrumentalizados e preparados para o trabalho, principalmente o psicólogo. Portanto, na minha opinião não é suficiente apenas ser um psicólogo, pois este profissional precisa estar disponível e sensível à abordagem do tema da morte.

Mariana diz que tem a impressão que este tema não costuma ser abordado nas escolas em geral e que é a primeira vez que o aborda na sua escola, já que neste espaço há total abertura para isso. Para ela, a escola é um espaço que pode promover o acolhimento no momento em que um aluno sofre uma perda. (*“... interessante que a escola pode promover este espaço, espaço até mesmo para uma cura, de algo, por exemplo, que está provocando um sofrimento, de algo que pode mais tarde gerar um sofrimento”*).

Nas escolas em geral não que seja um tema “proibido”, mas talvez não seja discutido porque os profissionais ainda não se deram conta da importância de se trabalhar a questão no contexto escolar considerando que se falar de morte é também se falar de vida (*“... as pessoas estão acostumadas a não falar sobre... falta uma organização e uma percepção de quanto isso é importante...”*). Tem a impressão de que, atualmente, as pessoas têm um ritmo de vida acelerado e isso pode estar impedindo a análise e a preservação da própria vida, bem como a observação mais atenta das pessoas à sua volta (*“... nesta busca de vida... eles estão se aproximando da morte, deixando de preservar a própria vida... as pessoas não param para discutir, fazer uma análise da vida... as pessoas não param mais para olhar nem para si, não se percebem... não percebem o que estão fazendo com a própria vida, se veiculam a tantas coisas, mas não param para refletir. Então, coisas que parecem tão óbvias, as pessoas nunca pararam para falar, a vida é tão óbvia, a morte é tão óbvia, mas ninguém pára para falar.”*). A morte é presente e cotidiana, porém a discussão sobre este tema não é um aspecto “óbvio” para a maioria das pessoas.

Dentro do contexto escolar, considera esta transformação, embora difícil, bem possível (*“... não é fácil, mas é possível... tudo é construção... num primeiro momento houve uma resistência, foi difícil... tudo que você traz de novo, que as pessoas não estão adaptadas, acostumadas, vai encontrar uma*

barreira... que você vai ter que vencer, mostrar o outro lado, perceber as vantagens que isso traz, os benefícios, o quanto pode ser bom para cada um... vai quebrando os tabus e aí começa a construir uma visão diferente... quando a pessoa começa a sentir os efeitos na própria vida, ela começa a dar abertura... e levar isso para outras pessoas também... desta forma que pode começar a entrar dentro das escolas...”) Para ela, não são só os adolescentes que tendem a não falar sobre morte, muitas pessoas se sentem incomodadas e a tendência é tentar banir o tema da comunicação, colocar “*debaixo do tapete*”. No capítulo 1.1. desta pesquisa estes aspectos foram discutidos, como por exemplo a visão da morte como tabu, fracasso e a tentativa de não considerá-la nas práticas profissionais que a envolvem, seja na psicologia ou na medicina. Justifica-se então o início da construção de um caminho para a abordagem do tema da morte entre os profissionais de educação.

Em relação à diferenças entre abordar este tema em escolas públicas e particulares, Mariana também não considera que haja muitas diferenças. Porém, sente que nas escolas públicas os alunos expressam mais seus sentimentos aproveitando os espaços que são disponibilizados para eles, participando mais ativamente (“... *nas escolas públicas, os alunos têm uma necessidade, eles têm um desejo maior de ter este espaço para discutir, para falar sobre os sentimentos, para falar sobre eles, são coisas que eles “abraçam” com muito desejo, com muita vontade, o que eu já não sinto tanto na escola particular... na escola particular eles têm este espaço e não se apropriam do espaço que eles têm... na escola pública eles querem muito, eles desejam muito... geralmente, eles não têm este espaço de alguém que pare para ouvir, um espaço que eles possam falar o que estão sentindo, então eu vejo que existe um desejo maior*”). Nesta pesquisa encontrei alunos participando ativamente nos dois contextos, portanto, ainda não tenho subsídios suficientes para fazer afirmações sobre diferenças. Porém, apenas na escola pública estudada, houve o desejo por parte dos alunos de uma continuidade das atividades, um espaço para os jovens poderem expressar seus sentimentos e discutirem os vários temas propostos, como experimentaram neste trabalho.

Ela acredita que, mesmo tendo se manifestado resistências no trabalho proposto, foi sentido um impacto nos alunos, mais particularmente na maneira como podem estar conduzindo suas vidas, na proximidade com a morte e como podem ter atitudes diferenciadas na preservação de suas vidas. É fundamental discutir informações e possibilitar a reflexão sobre os temas levantados neste estudo (“... *faz com que os adolescentes parem para pensar um pouquinho no que eles estão fazendo, de que maneira eles estão conduzindo a vida deles... eles podem sim estar fazendo coisas, morrer todos nós sabemos que vamos morrer um dia, mas têm alguns comportamentos, algumas atitudes que antecipam*

o processo... é uma oportunidade para eles pararem para pensar nas atitudes que eles estão tendo e numa forma de estar preservando a vida através de atitudes diferenciadas... o adolescente, ... eles acham que nunca vai acontecer com eles, eles se consideram imunes a tudo, estão acima de tudo... com o adolescente o trabalho tem que chocar... para eles se darem conta, perceberem que eles são humanos... o vídeo tem este efeito sobre eles...”).

Sobre o uso da literatura como estratégia de levar os jovens à reflexão sobre o tema da morte e assuntos ligados à adolescência ela diz: “... quando eu trabalho com texto, eu leio junto com eles, porque o que acontece? Se eu deixar para cada um fazer a sua leitura, eles se dispersam facilmente. Então, cada um tem o texto em mãos e cada um vai lendo um parágrafo. Aí flui porque a qualquer momento eu posso parar e fazer uma escolha aleatória, pedir para outra pessoa continuar fora da seqüência. Aí quando eu falo para eles estarem concentrados porque eu posso escolher qualquer um para continuar a leitura, então eles acompanham a leitura e flui. Depois da leitura vem uma discussão...” Então a literatura é um recurso importante para abordagem destes temas, mas deve-se buscar uma adequação ao contexto em que será utilizado. Deve-se considerar: o número de alunos presentes, pois um grande número pode trazer complicações como observei neste trabalho; o interesse destes e dos profissionais responsáveis; se o tema mantém relação com outros assuntos já abordados em aula, penso que deve haver o resgate de alguns tópicos etc. Antes da utilização de qualquer recurso, penso que é importante, primeiramente, **ouvir** o que os jovens têm a dizer, ou seja, “aquecer” o grupo para uma discussão sobre o tema.

As opiniões dos profissionais de educação sobre os adolescentes foram destacadas nesta pesquisa, já que uma possibilidade de trabalho seria a realização com eles. Para Mariana, os jovens buscam muitas experiências de vida, pois tudo é novo e está para ser descoberto. O problema, na sua opinião, é que eles não estabelecem limites nesta busca e não pensam nas conseqüências dos seus atos. (“... o adolescente não pára para pensar que esta busca, por curtir a vida, por aproveitar a vida, pode conduzir à morte...”.) Assim, quando imaginam que estão desfrutando da vida, podem estar se aproximando da morte, pois não pensam nos riscos e se crêem imortais. Nos encontros com os adolescentes percebi que há por parte de alguns a consciência e o conhecimento sobre a dificuldade de se perceber o limite entre o prazer e a autodestruição e que, muitas vezes, não estão atentos a esta percepção e não pensam na morte como possibilidade pessoal.

Além disso, adolescentes não sabem, muitas vezes, como se comportar em sociedade, o que é esperado deles e, por isto, tendem a não expressar seus sentimentos por receio de se sentirem

inadequados. Podem decorrer daí as reações frequentes de “ataque” e sentimentos de revolta nesta fase do desenvolvimento e a importância de se buscar a confiança dos jovens no momento da comunicação. Mariana diz que encontra bastante dificuldade em abordar alguns temas na aula de Filosofia, pois estes envolvem reflexões e exposição de sentimentos. (*“...o adolescente é muito criticado, é muito cobrado... eles têm muitos comportamentos que são inadequados, mas é uma fase que, para eles, é muito difícil... esta transformação, este período de transição, ... uns os tratando como crianças, outros querendo que eles sejam adultos, é uma confusão... eu sinto que eles se sentem, muitas vezes, inadequados, eles conseguem perceber que não estão tendo um comportamento que as pessoas esperam, que a sociedade espera... então, eles acham que se tiverem que falar, vão ser mais inadequados ainda... se eles tiverem que se expor, eles acham que as pessoas não vão os compreender... quando você se aproxima para conversar em particular com um adolescente, a reação sempre é de ataque, eles falam “o que eu fiz de errado?” ... você começa a falar e ele já começa a se defender. Aí você não entra no jogo porque se você entrar vira um “bate boca”... você só fala, tranqüilo, que só quer conversar,... sem ataque, eles vão “baixando a guarda”, eles mudam, se sentem à vontade para falar deles e aí eles querem falar sempre... falta confiança no outro para poder falar sobre... isso já começa dentro de casa, com a dificuldade que os pais encontram para se relacionar com os filhos e eles acabam reproduzindo esta relação com outras pessoas, na escola principalmente... esta questão da provação do outro, da opinião dos colegas e do adulto pesa muito...”*).

Sobre as hipóteses em relação à morte na adolescência, ela considera fundamental a percepção do sentimento de imortalidade dos jovens e que a falta de diálogo, proximidade e acolhimento com os adultos promovem ainda mais esta postura, fazendo com que os jovens tendam a “banalizar” os perigos reais. Percebe que os pais também buscam saber como lidar com estas questões e pedem ajuda para educar melhor seus filhos. Nos encontros com os jovens observei também as dificuldades nas relações familiares, no contato, no pedir ajuda, assim como na postura do adolescente de “desafiar o mundo”. Os jovens também lembraram a banalização da morte que acontece hoje em dia.

Os caminhos para transformar esta realidade podem englobar a aproximação dos jovens, sem posturas moralistas ou autoritárias, a busca de diálogo e a transmissão de conceitos e valores. Ela ressalta que este trabalho exige investimento de tempo e dedicação e que na base se encontram a família e a escola. Assim, mais uma vez, ressalta-se a importância da família também poder fazer parte de um trabalho desenvolvido com os jovens no contexto escolar.

Este pode ser o início da possibilidade de transformação dos índices de mortalidade na adolescência, se os jovens puderem discutir sobre o tema da morte com familiares, amigos e profissionais. Além disso, é necessário um investimento social na promoção de atividades benéficas e produtivas que ocupem o tempo dos jovens. Deve-se tirar proveito da energia que eles possuem. Ressalta que os adolescentes não estão prontos para enfrentar o mundo, pois ainda necessitam de ajuda e orientação (*“... é um início de uma conscientização... Depois disso, desenvolver atividades para que eles possam se ocupar e investir toda a energia deles em atividades... estes projetos de tirar os adolescentes das ruas, que tem diminuído também a marginalidade... muitos que ficavam pela noite usando drogas, roubando, já não estão mais, estão praticando esportes, estão participando de teatro, de jogos... estão numa fase muito produtiva, “com todo o gás”... é aproveitar isso, direcionar para o bem... e como eles precisam de orientação, precisam ser guiados ainda... não é assim ‘se tornou adolescente e você solta a mão dele’ e está pronto para encarar o mundo... não está, é uma ilusão pensar que esteja... eles vão se sentir perdidos...”*).

A ENTREVISTA COM COORDENADORA PEDAGÓGICA “MÁRCIA” DA E.E. MAESTRO FABIANO LOZANO

Nesta escola também tive contato com profissionais de educação e busquei saber suas opiniões sobre a abordagem do tema da morte no contexto educacional e os adolescentes. Como já citado, tentei realizar uma entrevista com a coordenadora pedagógica “Márcia” desta escola, mas ela acabou respondendo ao questionário com alguns pequenos esclarecimentos.

Esta entrevista foi realizada na sala dos professores, onde ocorria um fluxo grande de pessoas entrando e saindo. Márcia foi várias vezes solicitada por algum aluno, professor ou funcionário para resolver determinados assuntos. Assim, houve dificuldades para uma melhor coleta de dados, já que ela tinha muitas tarefas para realizar naquele momento.

Márcia relata que sempre trabalhou com as áreas de saúde e educação ao mesmo tempo; já atuou como professora de Biologia e Ciências, como instrumentadora cirúrgica e como pesquisadora. Também considera importante a abordagem do tema da morte no contexto escolar e diz que isto pode ser feito nas disciplinas de Filosofia e Ensino Religioso. Para isso, o professor deveria se aprimorar no assunto e ela, embora acredite que exista uma disponibilidade para isso, não se aprofunda na questão.

Quando perguntei sobre como deveria ser, na opinião dela, a preparação dos profissionais de educação para lidar/abordar o tema da morte com os alunos, respondeu: *“eu não seria esta pessoa”*, entretanto apontou que a preparação dos profissionais deveria ser feita através de treinamentos,

orientações técnicas e filosóficas utilizando-se para isso as oficinas pedagógicas. Não pude aprofundar sua resposta inicial, acredito que neste caso foi devido a uma sobrecarga de trabalho e uma necessidade de distribuição de funções, já que ela manifestou a abertura para abordagem do tema. Márcia afirma que na sua escola há espaço para se falar sobre o tema da morte com os profissionais e com os alunos (*“Tanto que estou aqui hoje conversando com você sobre este tema”*).

Ela considera o tema da morte como necessário no contexto escolar, dentro dos temas transversais da grade curricular (*“tão necessário quanto os temas sexualidade e drogas”*), principalmente por ser proibido e evitado na sociedade.

Ressalta que poderia se mudar esta mentalidade, de proteção e negação ao tema da morte dentro das escolas, orientando os professores que este assunto é *“sério e deve ser tratado”*. Não concorda com a idéia de superproteção, de poupar as crianças para que não sejam traumatizadas em situações de perda. Isso corrobora a idéia de que é importante propiciar espaços de comunicação sobre o tema da morte com pessoas das mais diferentes idades.

Quando perguntei se ela, durante sua experiência profissional, já tinha abordado o tema da morte com seus alunos, disse que nunca havia feito. Mas sem dúvida, me auxiliou na realização desta pesquisa com os alunos e buscou incentivar os adolescentes a participarem das atividades, como já citado.

Ela considera as escolas públicas *“mais abertas”* que as particulares, pois estas últimas *“têm um padrão mais tradicional em relação aos conteúdos abordados”*.

Márcia afirmou que para os adolescentes o tema da morte parece distante, mas isso não é verdade, como foi apontado, e é importante que os jovens possam refletir sobre isso e, assim, evitem riscos. Sobre as mortes na adolescência, ela enfatizou a questão das drogas ilícitas e lícitas, como o álcool. Para ela, estes índices poderiam diminuir criando-se condições para que os jovens possam refletir e, assim, se fortalecerem para que, diante de situações de perigo, saibam dizer “não”. Alguns fatores de proteção, segundo ela, são as atividades esportivas que diminuem o tempo ocioso dos jovens. Aponta que a escola deve buscar ser prazerosa, ter atividades esportivas e também oferecer elementos para reflexões, propiciando espaços para o aluno se fortalecer, se proteger e, assim, poder dizer “não” ao se deparar com situações de risco. O trabalho deve ser de prevenção. Dessa forma, a escola que oferece atividades prazerosas tira o aluno da rua e o coloca dentro da escola, aumentando os fatores de proteção. Ela diz que os profissionais desta escola buscam um tratamento que alia disciplina

e carinho e que esta instituição está inserida no programa do governo “Escola da Família” que incentiva o fornecimento de várias modalidades esportivas fora do horário de aulas.

Márcia também acredita que se os adolescentes refletissem/ discutissem mais sobre o tema da morte e os comportamentos autodestrutivos com a família, amigos, profissionais de saúde e educação, os índices de mortalidade nesta faixa etária poderiam diminuir e propõe que esta comunicação partisse da escola, criando-se grupos de discussão entre os adolescentes. Ela aponta (assim como os jovens os fizeram): “*acredito muito no poder dos amigos... entre eles, eles são amigos, podem se ajudar.*”

Assim, nas duas entrevistas realizadas com profissionais de educação pude perceber pontos em comum com os depoimentos dos jovens. Estes aspectos devem ser enfocados e levados em consideração, para não haver um descompasso em relação à ações educativas. A abordagem de um tema como o da morte, no contexto escolar, deve resgatar o que os adolescentes e os educadores se referem, as semelhanças e as diferenças, para que os trabalhos não sejam impostos de forma autoritária ou “caiam no vazio”.

Neste capítulo “*Sobre os profissionais de educação e a abordagem da questão da morte no contexto escolar*”, também considero relevante apresentar e discutir alguns dados do projeto “Falando de morte com o adolescente”³⁸, já que estes podem contribuir para um aprofundamento sobre a discussão do tema da morte com os adolescentes e os profissionais de educação.

Os contatos estabelecidos com as duas escolas que participaram do projeto (Escola de Aplicação da USP e E.E. Alberto Torres) trazem questões importantes. O contato com a Escola de Aplicação da USP foi feito no segundo semestre de 2001 tendo sido o projeto analisado, discutido e aceito pela direção. A equipe da escola sugeriu que o trabalho fosse realizado no início de 2002 por ser uma época com menos atividades dentro da escola e pediu para que o contato fosse restabelecido no início de fevereiro quando, então, seria realizada a pesquisa.

Em fevereiro foi feito novo contato e marcada uma reunião na qual estariam presentes as pesquisadoras, a coordenadora pedagógica e o diretor da Escola de Aplicação. A reunião se iniciou com a coordenadora e o diretor demonstrando um grande interesse pelo tema da morte e a sua abordagem na escola, e acharam interessante a inserção do vídeo nas atividades pedagógicas, depois de terem lido o projeto e assistido ao vídeo (primeira versão do vídeo “*Falando de morte com o adolescente*”). Ambos alegaram que há cenas interessantes no vídeo, porém demonstraram receio

³⁸ “Falando de morte com o adolescente” (Bolsa de Iniciação Científica PIBIC/CNPq).

quanto a partes com cenas “mais fortes”, pois não sabiam avaliar as consequências de se mostrar para os adolescentes situações de risco, principalmente quando estas parecem acrescentar aos jovens informações sobre como realizar atos perigosos. Expuseram sua preocupação em relação a certas cenas “chocantes” do vídeo, como por exemplo as que envolvem uso de drogas e a cena de suicídio. Referiram-se à dúvidas de que se os jovens assistissem a estas cenas, poderiam ser incitados a cometer tais atos. Também demonstraram preocupação em relação à opinião dos pais dos alunos em relação ao tema da morte e à apresentação do vídeo.

A partir das questões levantadas, as pesquisadoras apontaram que realmente há cenas fortes no filme, mas que o propósito é de favorecer discussões. Sabiam também que havia questões quanto à linguagem em algumas partes do vídeo e este era o objetivo principal da pesquisa: saber a opinião dos adolescentes sobre o vídeo, já que este fora elaborado principalmente para eles. Era objetivo saber se o vídeo, do ponto de vista dos jovens, suscitaria discussão e reflexões sobre o tema da morte.

Os jovens disseram que há cenas “fortes” no vídeo, entretanto afirmaram que cenas ainda mais fortes estão presentes em muitos dos noticiários da TV, em grande parte dos programas e filmes assistidos por eles. Portanto, a questão é se a intensidade das cenas no vídeo realmente seria muito diferente daquela presente nos meios de comunicação.

A partir desta reunião, a coordenadora e o diretor sugeriram que as pesquisadoras estivessem presentes na reunião com o Conselho de Escola e com o Grupo de Prevenção às Drogas do Instituto de Psiquiatria da FMUSP (GREa) para que fosse tomada uma decisão sobre a possibilidade ou não de exibirem o vídeo para os adolescentes.

Na reunião com o Conselho de Escola, as pesquisadoras expuseram o projeto e os objetivos desta pesquisa. Foi esclarecido que o vídeo não visava substituir o contato com amigos, familiares e profissionais, mas que poderia ser um facilitador na reflexão e debate entre os adolescentes sobre o tema da morte.

Foram levantadas algumas críticas pelos participantes do Conselho, entre as quais de que o vídeo não mostrava o processo de morrer do adolescente e sim o que provocava a morte; que o material continha cenas violentas e mostrava formas de como se matar de maneira eficiente, como por exemplo, a cena do suicídio ou a utilização de drogas. Na opinião destes profissionais, o vídeo funcionaria como uma instrução de uso, podendo ensinar os adolescentes a se matarem. Os

profissionais do GREA apontaram que o vídeo não discutia o prazer envolvido no uso das drogas, apresentando um discurso moralista, pouco eficiente no ponto de vista deles³⁹.

A partir destas pontuações, as pesquisadoras discutiram com os presentes a seguinte questão: É possível ensinar alguém a se matar? Realmente há cenas chocantes no vídeo, mas será que este fato impediria que fosse exibido para adolescentes? Será que estes teriam a mesma opinião que os adultos?

Os adultos presentes concordaram que as cenas consideradas como chocantes não eram mais violentas do que as da TV ou de filmes assistidos pelos adolescentes, e reconheceram a importância das discussões antes e depois da exibição do vídeo, visando uma contextualização do tema da morte para esta população. A discussão sobre o tema da morte é necessária, pois está muito presente na vida dos adolescentes. A escola não possui este espaço de reflexão e, mesmo quando ocorrem mortes de alunos ou professores na escola, os profissionais de educação não se sentem preparados para abordar a questão. Foi realizada uma votação e foi aceita a exibição do vídeo para os alunos da escola.

No contato com os adolescentes foi dito que após a exibição do vídeo, estes poderiam dar as suas opiniões, respondendo a um questionário e que, posteriormente, se abriria o espaço para discussão. Os adolescentes disseram que esperavam do vídeo cenas mais chocantes, já que este tratava do tema da morte. Disseram que quando souberam que o vídeo era sobre o assunto “morte”, esperavam cenas mais reais, pois algumas delas pareciam artificiais. Afirmaram que o texto do vídeo é bom e faz refletir sobre os temas abordados. Entretanto, esperavam um filme mais “forte”, que chocasse mais, um vídeo sobre a morte em si, sobre maneiras de se enfrentar a morte e não tanto COMO a morte pode ser provocada, pois isso já sabiam ao verem cotidianamente a violência exibida pela TV e pelos noticiários. Quando se perguntou se as cenas do vídeo não eram muito chocantes (as cenas da tentativa de suicídio e do uso de drogas), disseram que não, pois já tinham visto várias vezes.

Assim, se observou o **oposto** do que foi apontado pelos profissionais e pelo Conselho de Escola; o temor por parte destes de que algumas cenas do vídeo levassem os adolescentes a atos autodestrutivos. Constatou-se que tudo o que foi mostrado no vídeo os jovens já tinham visto e que este instrumento era muito bom para facilitar a discussão de temas relativos à questão da morte. Esta discrepância na opinião dos educadores e dos adolescentes leva a uma reflexão importante no que concerne às ações educativas, pois com esta diferença elas podem “cair no vazio”. Das 4 escolas que

³⁹ Este vídeo foi reformulado em partes como esta que possuíam um tom moralista e não abordava o aspecto do “prazer” no uso de drogas.

visitei, desde que realizei a pesquisa de Iniciação Científica e o trabalho atual, o receio em relação à exibição do vídeo ocorreu apenas nesta escola. Além disso, mesmo o vídeo tendo sido criticado na reunião com o Conselho de Escola, apenas alguns profissionais não recomendaram a sua exibição. Algumas hipóteses podem explicar este descompasso de opiniões entre educadores e adolescentes:

a) receio dos educadores em relação à abordagem do tema da morte no contexto escolar, já que este não é um trabalho desenvolvido com frequência e que necessita de subsídios teóricos e práticos;

b) receio em relação à opinião dos pais sobre o tema, já que este não faz parte da grade curricular;

c) oferecer cuidado aos alunos se houver mobilização de emoções. Penso que, antes de impedir um trabalho nesse sentido deve-se, primeiramente, propiciar espaços para ouvir o que os jovens têm a dizer sobre o tema.

Na segunda escola participante da pesquisa de Iniciação Científica, a E.E. Alberto Torres, o contato foi estabelecido com a coordenadora pedagógica e ela, de imediato, demonstrou um grande interesse pelo tema. Pontuou que este seria um trabalho muito oportuno nesta escola, pois a maior parte de sua população reside na favela São Remo, destacando que as questões levantadas pelo projeto são trazidas pelos adolescentes para a escola e para os professores, como por exemplo a questão das drogas, dos comportamentos autodestrutivos, da violência e do medo da morte, aspectos muito presentes no cotidiano destes adolescentes no seu ambiente de convivência. Mostrou-se bastante motivada para que este trabalho fosse realizado dentro da escola, já que isso possibilitaria a reflexão dos jovens sobre os assuntos abordados na pesquisa. Foi também efetuado o contato com a diretora desta escola que aprovou a realização da pesquisa.

Ficou evidente a diferença que ocorreu no contato com as duas escolas participantes. Enquanto na Escola de Aplicação manifestou-se receio em relação à exibição do vídeo, na E.E. Alberto Torres os profissionais de educação buscavam a realização de um trabalho como este com seus alunos adolescentes, pois para estes a reflexão sobre tais temas mostrava-se mais claramente importante e urgente. Apesar da marcante diferença que houve no contato com as duas escolas e durante a exibição do vídeo, não foram percebidas diferenças relevantes nos adolescentes, no que concerne às respostas aos questionários.

Neste capítulo pude refletir sobre algumas maneiras de se inserir temas relacionados à adolescência e à morte nas escolas. Além das informações, podemos pensar sobre a possibilidade dos

jovens expressarem seus medos, angústias e dúvidas. É necessário buscar algumas respostas sobre o que leva adolescentes a terem comportamentos de risco e como a experiência de profissionais de saúde/educação ou histórias de vida de pessoas que já passaram por este tipo de situação podem ajudá-los. O importante é que os jovens possam se expressar, trocar experiências, dúvidas e opiniões.

DEBORTOLI (2002) aponta que a adolescência é uma fase que anuncia mudanças e rupturas. É a possibilidade de viver profundas transformações em várias dimensões: no corpo, na sexualidade, nas relações, desejos e compreensão sobre suas emoções, nos sentimentos e no mundo do qual fazem parte. Buscar compreender a adolescência é, portanto, um desafio na construção de um caminho a ser trilhado, já que sua compreensão pode ser pensada a partir das relações que os jovens constroem e partilham uns com os outros, com a família, com a escola, com a rua, com o grupo de amigos, com a sexualidade, com a religiosidade, com a violência, com a cultura, com a cidade. Neste capítulo enfatizo a relação do tema com a escola, sem desvinculá-la da família, dos amigos, dos educadores e outras fontes de relações presentes na vida dos adolescentes.

Outro aspecto que DEBORTOLI (2002) chama atenção e que esteve presente na discussão com os adolescentes, diz respeito à ocupação e enriquecimento do tempo dos jovens. Através de ações educativas e experiências culturais pode-se ajudar os jovens a encontrarem outras possibilidades que não envolvam riscos e perigos. Nesse sentido, a escola se apresenta como tempo e espaço significativos e importantes. Deve-se incentivar projetos culturais e educativos nesse sentido e é importante também estar atento aos seus significados para os jovens, ou seja, não impor atividades que não tenham sentido para eles. Com isso, busca-se promover a ampliação das possibilidades de relação entre os jovens, além da intervenção e participação dos familiares e professores na construção partilhada destas novas formas de relação. Estas podem ser oportunidades para os profissionais de educação e adolescentes entrarem em contato com suas múltiplas necessidades, expectativas e desejos.

Neste trabalho também deve haver um diálogo entre os educadores, pois é importante que estes profissionais reflitam juntos sobre a educação que querem oferecer aos adolescentes. Em se tratando de um tema como o da morte, estes profissionais devem ter clareza da responsabilidade de se fazer intervenções e uma compreensão dos elementos que podem ajudar os adolescentes a organizarem suas formas de expressão de opiniões e sentimentos.

Portanto, segundo KOVÁCS (2003), a exploração e a discussão de um tema tão fortemente carregado de sentimentos como a morte, está diretamente relacionado aos contextos interpessoais. Busquei, neste trabalho, explorar e abrir possibilidades de reflexão sobre este tema, aproximando-o dos

jovens e, também, podendo ampliar suas múltiplas vivências e relações interpessoais. Um destes espaços é o contexto escolar.

4.4 CONSIDERAÇÕES FINAIS (E FUTURAS...)

KÜBLER-ROSS (1996) aponta que as epidemias dizimaram inúmeras vidas no passado e até as mortes de crianças eram comuns nas famílias da época. Hoje, ainda podemos constatar inúmeras vidas de jovens sendo interrompidas, com a enorme diferença que a realidade atual envolve um progresso imenso das técnicas médicas. Não vemos mais tantos jovens morrendo de doenças e sim de suicídios, acidentes, uso de drogas, homicídios etc. Dessa forma, faz-se urgente e necessária à reflexão sobre esta mudança de causas envolvendo a mortalidade de adolescentes. Julgo como fundamental nesta tarefa estar disponível para ouvir e tentar compreender os pensamentos, opiniões e sentimentos dos jovens.

Ao dar voz aos jovens, esta pesquisa pôde propiciar a possibilidade de caminhos de construção de novos olhares sobre a adolescência e como os jovens podem se relacionar de formas produtivas com a sociedade (família, amigos, educadores etc.). Permitir que os jovens expressem suas opiniões e reflexões sobre o tema da morte pôde lhes propiciar esclarecimentos que os aproximaram de questões ligadas à busca de vida. É importante que familiares, amigos e profissionais se mostrem curiosos e atentos aos dilemas dos jovens e estejam dispostos a ouvi-los e dialogar com eles, esclarecendo possíveis dúvidas, tentando acolher medos, receios etc. Principalmente nas grandes cidades, parte-se do pressuposto que os jovens já possuem informações sobre vários assuntos e que isso já é suficiente para afastá-los dos perigos presentes. Penso que nesta afirmação há duas suposições equivocadas: os adolescentes não dispõem de todas as informações e mesmo assim não se pode achar que com isso se anula a curiosidade e o prazer pelo desconhecido e novas experiências.

O paradoxo vida e morte na adolescência se mostra presente. Há uma busca intensa pela vida, com sentimentos de onipotência e idéias de imortalidade e, assim, acaba levando a uma aproximação dos perigos e a possibilidade de morte. Há uma diversidade de opiniões entre os jovens, o que dificulta encontrar maneiras de atingi-los.

É notável a percepção de que esta fase do desenvolvimento é marcada por novas propostas, caminhos, questionamentos, mudanças que são muito rápidas. No contato, na convivência durante a realização dos grupos com os adolescentes, eles mobilizaram em mim emoções que levaram a algumas

novas inspirações e transformações. Pude perceber o quanto os jovens podem estar abertos ao diálogo, troca de vivências e sentimentos e o quanto pode ser prazerosa esta experiência.

Busquei criar oportunidades para que os jovens refletissem criticamente sobre o tema da morte e se posicionassem diante da realidade atual e discutissem a partir destes elementos o que poderia ser feito. É importante desenvolver o pensamento crítico em relação aos sentimentos dos jovens, suas dificuldades de inserção na sociedade, rupturas nas suas histórias de vida e diversos outros temas.

Propus um espaço de manifestação de pensamentos e reflexões junto aos jovens, ouvindo o que tinham a dizer. Não impus idéias cristalizadas, conselhos ou receitas. Esta relação construída *com* os jovens, pode ser vista como uma busca de desenvolvimento pessoal deles.

Ao fazer esta pesquisa aprendi também, assim como DEBORTOLLI (2002) propõe, que podemos pensar em algumas características peculiares dessa fase do desenvolvimento humano, mas o tempo e o espaço da adolescência refletem as histórias e singularidades da vida de cada um e, assim, podem se manifestar os significados mais distintos. Não devemos buscar um entendimento único e universal, e sim estarmos atentos ao que é dito e o que pode ser transformado na vida deles. Em se tratando do tema da morte, este aspecto é ainda mais intenso, já que não podemos generalizar de maneira nenhuma vivências e sentimentos. Apesar de ter realizado grupos com os jovens, tentei estar atenta, durante a atividade e a análise dos depoimentos, às singularidades das falas e propostas.

Durante a realização desta pesquisa, pude perceber o quão importante é o papel dos profissionais de educação e como eles podem fazer parte desta reflexão sobre o tema da morte na vida dos jovens. Esta pesquisa constituiu um início de uma proposição sobre a discussão do tema da morte nas escolas, revelou a necessidade de aprofundar a questão.

Expresso o meu desejo de encaminhar e desenvolver futuros trabalhos nesta área. Busco, assim, dar continuidade à reflexão de que a escola pode fazer ainda mais pelos jovens no seu papel fundamental de educar e promover o crescimento pessoal. É importante a percepção de que os adolescentes precisam ser melhor compreendidos e eles podem fazer parte da construção destes trabalhos sobre a abordagem do tema da morte no contexto escolar.

Nesta pesquisa busquei discutir alguns caminhos para que educadores ofereçam aos jovens instrumentos necessários para expressão de pensamentos e necessidades em relação ao tema da morte e comportamentos autodestrutivos. Para isso, penso que é preciso, antes de tudo, perguntar aos jovens o que eles desejam e o que consideram importante.

Gostaria de deixar o convite para uma busca constante de aperfeiçoamento da comunicação com os jovens: o que e como compartilhar melhor vivências, experiências, sentimentos e conhecimentos frente ao tema da morte?

5. REFERÊNCIAS

- American Psychological Association. (2001). **Publication manual of the American Psychological Association** (5th ed.). Washington, DC: Author.
- American Psychiatric Association (1994). **Diagnostic and statistical manual of mental disorders** (4th ed.). Washington, DC: Author.
- ABERASTURY, A.; KNOBEL, M. (1981). **Adolescência normal**. Porto Alegre: Artes Médicas.
- ABERASTURY, A. (1984). **A percepção da morte na criança e outros escritos**. Porto Alegre: Artes Médicas.
- ABRAMO, H.W.; FREITAS, M.V. & SPOSITO, M.P. (Org.) – (2002). **Juventude em debate**. São Paulo: Freitas.
- ADORNO, S. (2002). *Adolescentes, crime e violência*. In: ABRAMO, H.W.; FREITAS, M.V. & SPOSITO, M.P. (Org.). **Juventude em debate**. São Paulo: Freitas, 97-110.
- AFFINI, E.P. (2004). **Construindo um significado para atuação do psicólogo em serviços de assistência domiciliária**. Tese de Doutorado, PUC, São Paulo.
- AGUIRRE, A.M.B. (1995). **Aspectos psicodinâmicos de adolescentes grávidas: entrevistas clínicas e Rorschach no contexto hospitalar**. Tese de Doutorado, Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo.
- ARIÈS, P. (1977). **A história da morte no Ocidente**. Rio de Janeiro: Francisco Alves.
- ALVES, R. (1999). **E aí?: Carta aos adolescentes e a seus pais**. Campinas: Papirus/Speculum.
- AVANCINI, M. (1999). **Pesquisa mapea percepção da violência**. *Folha de São Paulo*, São Paulo, 25 de maio de 1999, Cotidiano.
- BARROS, M.D.A.; LIMA, M.L.C. & XIMENES, R. (2001) Mortalidade por causas externas em crianças e adolescentes: tendências de 1979 a 1995. **Revista de Saúde Pública USP**, 35 (2), 142-9.
- BALTHAZAR, L. E. (2000). **O futuro comprometido: a mortalidade de adolescentes e jovens no Estado de São Paulo, 1979 – 1995**. Dissertação de Mestrado, Faculdade de Saúde Pública, Universidade de São Paulo, São Paulo.
- BARDIN, L. (1977). **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70.
- BAUDOIN, J. & BLONDEAU, D. (1993). **Éthique de la mort et droit à la mort**. Paris: PUF (Presse Universitaire Française).

- BECKER, D. (2003). **O que é adolescência**. São Paulo: Brasiliense.
- BECKER, E. (1995). **A negação da morte**. Rio de Janeiro: Record.
- BLEGER, J. (1980) **Temas em Psicologia**. Buenos Aires: Nueva Vision.
- BLOOM, S. (1975). On teaching an undergraduate course on death and dying. **Omega, Journal of Death and Dying**, 6 (3), 223-26.
- BOCK, S.D. (2002). *A inserção do jovem no mercado de trabalho*. In: ABRAMO, H.W.; FREITAS, M.V. & SPOSITO, M.P. (Org.). **Juventude em debate**. São Paulo: Freitas, 11-16.
- BOLOGNA, J.E. (2002). *Referenciais e drogas*. In: ABRAMO, H.W.; FREITAS, M.V. & SPOSITO, M.P. (Org.). **Juventude em debate**. São Paulo: Freitas, 79-95.
- BOWLBY, J. (1985) **Perda**. São Paulo: Martins Fontes (Apego e Perda, v. 3).
- BRAZ, J. E. (1992). **Enquanto houver vida viver**. São Paulo: FTD.
- _____. (1998). **Longas cartas para ninguém**. Rio de Janeiro: Ediouro.
- _____. (1999). **Aprendendo a viver**. São Paulo: Saraiva (Coleção Jabuti).
- BROMBERG, M.H.P.F.; KOVÁCS, M. J.; CARVALHO, M.M.J. & CARVALHO, V. A. (1996). **Vida e morte: laços de existência**. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- CALLIGARIS, C. (2000) **A adolescência**. São Paulo: Publifolha.
- CARLINI-COTRIM, B. (1996). Potencialidades da técnica qualitativa grupo focal em investigações sobre abuso de substâncias. **Revista de Saúde Pública USP**, 30 (3), 285-93.
- CARLINI-COTRIM, B. (2002). *Drogas: estranhando o óbvio*. In: ABRAMO, H.W.; FREITAS, M.V. & SPOSITO, M.P. (Org.). **Juventude em debate**. São Paulo: Freitas, 71-79.
- CARVALHO, A.; SALLES, F. & GUIMARÃES, M. (Org.) – (2002). **Adolescência**. Belo Horizonte: UFMG.
- CASSORLA, R. M. S. (Org.) - (1991). **Do suicídio: estudos brasileiros**. Campinas: Papirus.
- CHIZZOTTI, A. (1998). **Pesquisa em ciências humanas e sociais**. São Paulo: Cortez.
- CULLINAN, A. L. (1990). Teacher's death anxiety, ability to cope with death and perceived ability to aid bereaved students. **Death Studies**, 14, 147-60.
- CUNNINGHAM, B. & HARE, J. (1989). Essential elements of a teacher in service program on child bereavement. **Elementary School Guidance and Counselling**, 23, 175-82.
- DEBORTOLLI, J.A.O. (2002). *Adolescência(s) Identidade e formação humana*. In: CARVALHO, A.; SALLES, F. & GUIMARÃES, M. (Org.) **Adolescência**. Belo Horizonte: UFMG, 31-47.

- DIAS, S. (2000) A inquietante estranheza do corpo e o diagnóstico na adolescência. **Revista Psicologia USP**, 11 (1), 119-35.
- DIMENSTEIN, G. (1999). **O pai que virou traficante**. *Folha de São Paulo*, São Paulo, 18 de abril de 1999, Cotidiano.
- DOLTO, F. (1990) **A causa dos adolescentes**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- DURKHEIM, E. (1971). **El suicidio**. Buenos Aires: Schapire Edit.
- EMÍLIO-MARCHIONI, S. A. (1998). **Galeria de espelhos: os vínculos nos atendimentos a pacientes especiais em uma clínica-escola de Odontologia**. Dissertação de Mestrado, Universidade Mackenzie, São Paulo.
- ERIKSON, E. (1963). **Infância e sociedade**. Rio de Janeiro: Zahar.
- _____. (1968/1987). **Identidade, Juventude e Crise**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan.
- ERTHAL, T. C. (1990). **Terapia vivencial: uma abordagem existencial em Psicoterapia**. Petrópolis: Vozes.
- ESSLINGER, I. (1995). **As representações do espaço da morte no curso de psicologia: um estudo exploratório**. Dissertação de Mestrado, Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo.
- _____. (2003). **O paciente, a equipe de saúde e o cuidador: de quem é a vida, afinal? ... um estudo acerca do morrer com dignidade**. Tese de Doutorado, Instituto de Psicologia, Universidade de São, São Paulo.
- _____. (2004). **De quem é a vida, afinal? ... Descortinando os cenários da morte no hospital**. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- ESSLINGER, I. & KOVÁCS, M. J. (1999). **Adolescência: vida ou morte?** São Paulo: Ática.
- FLORES, J. G. & ALONSO, C. G. (1995). Using focus group in educational research. **Evaluation Review**, 19 (6), 85-101.
- FONSECA, M.I.I. (2003). **Trabalhando com perdas na escola**. (www.4estacoes.com)
- FREIRE, P. (1977). **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- _____. (1999). **Pedagogia da autonomia**. São Paulo: Paz e Terra.
- FREUD, S. (1917 (1915)). **Luto e melancolia**. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1974, vol. 14.
- GALDURÓZ, J.C.F.; NOTO, A.R. & CARLINI, E.A. (1997). **IV levantamento sobre o uso de drogas entre estudantes de 1º e 2º graus em 10 capitais brasileiras**. São Paulo: UFSP/Cebrid.

- GUARNIERI, M. C. M. (2003). **Do fim ao começo: falando sobre perdas, luto e morte**. São Paulo: Paulinas.
- GOLDBERG, T.; IYDA, M. & LYRA, S.M.K. (1996). Mortalidade de adolescentes em área urbana da região Sudeste do Brasil, 1984 – 1993. **Revista de Saúde Pública USP**, 30 (6), 587-91.
- GONÇALVES, B.D.; GODOI, C.M.B. (2002). *Sexualidade e afetividade*. In: CARVALHO, A.; SALLES, F. & GUIMARÃES, M. (Org.) **Adolescência**. Belo Horizonte: UFMG, 61-82.
- GROISMAN, M. (2000). **Família é Deus: descubra como sua família define quem você é**. Rio de Janeiro: Eldorado.
- HEIDEGGER, M. (1980). **El ser y el tiempo**. Buenos Aires: Fondo de Cultura Economica.
- HILL, C.J. & STILLION, J.M. (1995). An interdisciplinary undergraduate seminar: death and dying in psychology and theatre. **Death Studies**, 19, 365-78.
- HURLOCK, E. B. (1979) **Desenvolvimento do adolescente**. São Paulo: McGraw-Hill
- JUNG, C.G. (1960). **The soul and death**. Vol. 8 *Collected Works*, Routledge and Keagan Paul.
- JUNQUEIRA, M. H. R (2000). **Formação de identidade e gravidez precoce**. Dissertação de Mestrado, Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo.
- KASTENBAUM, A.; AISENBERG, R. (1983). **Psicologia da morte**. São Paulo: Pioneira.
- KOBAYASHI, C. (2003). **Da história da dor para a dor na história: história de vida de pacientes com dor**. Dissertação de Mestrado, Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo.
- KOSTMAN, A. (2004). Doença grave incentivada na internet. **Revista Veja**. Edição 1840 – 37(6): 90-92.
- KOVÁCS, M. J. (1992). **Morte e desenvolvimento humano**. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- _____. (2003). **Educação para a morte: temas e reflexões**. São Paulo: Casa do Psicólogo: FAPESP.
- _____. (2003). **Educação para a morte: desafio na formação de profissionais de saúde e educação**. São Paulo: Casa do Psicólogo: FAPESP.
- KOVÁCS, M. J., ESSLINGER, I., VAICIUNAS, N. & FRANCO, M. H. P. (2003). **Falando de morte com o adolescente** [Filme-vídeo]. Insight Produções. São Paulo: Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo. VHS/ NTSC, 15 min. color.
- KÜBLER-ROSS, E. (1996). **Sobre a morte e o morrer**. São Paulo: Martins Fontes.

- LAMA, D. & CUTLER, H. C. (2000) **A arte da felicidade: um manual para a vida**. São Paulo: Martins Fontes.
- LEVY, M. (1979). Introdução ao estudo do suicídio. **Boletim de Psiquiatria**, 12 (1- 4), 1 – 12.
- LÜDKE, M. & ANDRÉ, M.E.D.A. (1986). **Pesquisa em Educação: Abordagens Qualitativas**. São Paulo: EPU.
- MALCON, M. C., MENEZES, A. M. B. & CHATKIN, M. (2003). Prevalência e fatores de risco para tabagismo em adolescentes. **Revista de Saúde Pública USP**, 37 (1), 1-7.
- MARTINS, H.H.T.S. (2002). *A juventude no contexto da reestruturação produtiva*. In: ABRAMO, H.W.; FREITAS, M.V. & SPOSITO, M.P. (Org.). **Juventude em debate**. São Paulo: Freitas, 17-40.
- MARTINS, J. & BICUDO, M.A.V. (1989). **A pesquisa qualitativa em Psicologia: fundamentos e recursos básicos**. São Paulo: Moraes.
- MARTUSCELLO, C. (1993). **Suicídio: percepção e prevenção**. Rio de Janeiro: Cultura Médica.
- MENNINGER, K. (1965). **Eros e Thanatos. O homem contra si próprio**. São Paulo: Ibrasa.
- MILLER, S. (2002). **Quando uma criança morre**. São Paulo: Arx.
- MIRANDA, S.M. (2002). *O adolescente e as mudanças corporais*. In: CARVALHO, A.; SALLES, F. & GUIMARÃES, M. (Org.) **Adolescência**. Belo Horizonte: UFMG, 49-60.
- NOVAES, R.R. (2002). *Juventude e participação social: apontamentos sobre a reinvenção da política*. In: ABRAMO, H.W.; FREITAS, M.V. & SPOSITO, M.P. (Org.). **Juventude em debate**. São Paulo: Freitas, 46-54.
- OGA, S. (1996). **Fundamentos de toxicologia**. São Paulo: Atheneu.
- ORLANDI, M.H.F. (2000). **Mortalidade de adolescentes e jovens no município de Maringá/PR: magnitude e tendências**. Dissertação de Mestrado, Faculdade de Saúde Pública, Universidade de São Paulo, São Paulo.
- PAIVA, M.R. (2002). *Juventude e mobilização*. In: ABRAMO, H.W.; FREITAS, M.V. & SPOSITO, M.P. (Org.). **Juventude em debate**. São Paulo: Freitas, 42-46.
- RANGÉ, B. (1995). **Psicoterapia Comportamental e Cognitiva de transtornos psiquiátricos**. São Paulo: Psy II.
- RAPPAPORT, M. C. (1993). **Adolescência**. São Paulo: E.P.U.
- ROMANINI, V. (1994). Campeões da estupidez. **Revista Problemas Brasileiros**, n.305 (set/out), 6-14.

- SABINO, S. (2002). **Adolescer... aí que medo de crescer! Uma abordagem sobre os medos na adolescência.** São Paulo: Paulinas.
- SCHACHTER, S. (1991/1992). Adolescent experiences with the death of a peer. **Ômega, Journal of Death and Dying**, 24 (1), 1-11.
- SILVA, F. F. da (2003). **A escola e a construção de projetos profissionais: escolarização, imagens do trabalho e dos gêneros.** Dissertação de Mestrado, Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo.
- SPINK, M.J.P. (1999). **Práticas discursivas e produção de sentidos no cotidiano: aproximações teóricas e metodológicas.** São Paulo: Cortez.
- _____.(2003). **Psicologia social e saúde: práticas, saberes e sentidos.** Rio de Janeiro: Vozes.
- VARELLA, D. (2004). **Por um fio.** São Paulo: Companhia das Letras.
- VIORST, J. (1988). **Perdas Necessárias.** São Paulo: Melhoramentos.
- VOMERO, M. F. (2003). Por que uma pessoa se mata? **Revista Super Interessante.** Edição 184, 36-43.
- WEIL, P. (1995) **A morte da morte: uma abordagem transpessoal.** São Paulo: Editora Gente.
- WESTPHAL, M. F. (1992). **Participação popular e políticas municipais de saúde: Cotia e Vargem Grande Paulista.** Tese de Doutorado, Faculdade de Saúde Pública, Universidade de São Paulo, São Paulo.
- ZILBERMAN, R. (1988). **Mário Quintana.** São Paulo: Nova Cultural.
- ZIMERMAN, D. E. (1993). **Fundamentos básicos das grupoterapias.** Porto Alegre: Artes Médicas.

6. ANEXOS

ANEXO 1: TERMO DE CONSENTIMENTO ENTREGUE AOS PAIS

Senhores Pais ou Responsáveis

Meu nome é Cláudia Fernanda Rodriguez e sou psicóloga (CRP: 06/72324). Estou realizando uma pesquisa de mestrado sob orientação da Profa. Dra. Maria Julia Kovács, docente do Instituto de Psicologia da USP, chamada “O adolescer e a morte pelo olhar dos jovens: uma reflexão no contexto escolar”. (título posteriormente modificado)

Esta pesquisa será realizada com os alunos do 2º ano do Ensino Médio e estou solicitando a sua autorização para que seu(sua) filho(a) possa participar das atividades. Estas envolvem a exibição do filme “Falando de Morte com o Adolescente” e uma discussão posterior que será gravada.

Este vídeo faz parte do LEM (Laboratório de Estudos sobre a Morte) do Instituto de Psicologia da USP e o sigilo das falas será garantido, ou seja, o conteúdo será ouvido apenas por mim. Esse conteúdo será utilizado na redação dos dados da pesquisa de mestrado e será garantido que nenhum aluno será identificado pelo nome.

Esta pesquisa trata de um assunto pouco abordado pelas escolas, mas de grande importância para a formação dos alunos.

Agradeço a sua colaboração.

Atenciosamente

Cláudia Fernanda Rodriguez

CRP: 06/72324

AUTORIZAÇÃO

Eu, _____, autorizo _____

aluno(a) do ____ ano do Ensino Médio do Centro de Ensino São José, a participar da pesquisa de mestrado: “O adolescer e a morte pelo olhar dos jovens: uma reflexão no contexto escolar”.

Assinatura do Pai/Mãe/Responsável

R.G. _____

ANEXO 2: DESCRIÇÃO NA ÍNTEGRA DOS GRUPOS REALIZADOS COM OS ADOLESCENTES DO CENTRO DE ENSINO SÃO JOSÉ

Como dito anteriormente, nesta pesquisa não estou considerando relevante veicular os conteúdos e falas individuais, ou seja, não é importante relacionar o que é trazido por um adolescente específico. Dessa forma, criei a categoria geral “adolescentes” nas respostas e discussões.

Para facilitar a descrição e as transcrições dos encontros irei me utilizar das seguintes siglas: Professora de Filosofia (PF), os Adolescentes (AD) e as minhas intervenções e questionamentos (PES).

DIA 02/09/2003 – 8ª série A – horário 10 às 11:20h – Número de adolescentes presentes: 23

TRANSCRIÇÃO DO ENCONTRO (sem gravação):

Nesta turma não foi possível passar o vídeo *Falando de Morte com o Adolescente* antes da discussão do tema, pois houve um engano ao reservar a sala da biblioteca para esta atividade. Assim, este tema foi introduzido e discutido sem a exibição do vídeo.

Professora de Filosofia (PF): Quando se fala em morte na idade de vocês o que vem à mente?

Adolescentes (AD): - Drogas, armas, AIDS, doenças, crime organizado, favelas

(A sala de aula está muito agitada, são poucos os alunos que parecem realmente interessados)

PF: Todos nós temos as nossas vivências e nossas contribuições pessoais. Todos vocês podem ajudar nessa discussão...

PF: Qual é a conexão entre estes fatores levantados por vocês?

AD: - Tem gente que não arruma trabalho, não tem nenhuma instrução e aí acaba morrendo de bala perdida.

PF: As pessoas que não têm instrução estão mais próximas da morte?

AD: - Não. Tem gente que tem muito dinheiro e acaba se envolvendo com drogas.

- É mesmo, dinheiro não traz felicidade.

PF: Será que as pessoas que estão usando drogas estão pensando na morte?

AD: Não, estas pessoas querem se mostrar.

PF: Vocês pensam sobre o tema da morte?

AD: - Eu penso na morte das outras pessoas.

PF: Vocês já pensaram na possibilidade da morte acontecer com vocês?

AD: - *Eu quero morrer antes do meu pai e da minha mãe. Deve ser muito ruim perder os pais.*

- *Eu penso o que vai acontecer com o meu espírito. Acho que quando eu morrer, acabou tudo e eu não vou sentir mais nada.*

PF: Em que momentos vocês pensam na morte?

AD: - *Quando eu vejo um noticiário na TV que mostra assassinatos*

- *Quando eu fico deprimido, por exemplo, quando eu penso que a minha mãe pode morrer. Eu falo para a minha mãe que quando ela morrer, eu vou morrer junto. Quando minha avó morreu, há 3 anos, eu me senti muito sozinha. Eu tenho me sentido melhor, mas sempre que chega a data (o dia) em que ela morreu, eu fico muito triste.*

PF: Vocês já tiveram algum contato com a morte?

AD: - *Sim, quando meu avô morreu, eu paralisei, não conseguia chorar.*

- *Quando meu tio morreu, eu também não consegui chorar.*

- *Quando a mãe do meu padrasto morreu, minha mãe não quis me contar, mas eu percebia que tinha alguma coisa estranha.*

PF: Podemos perceber que cada pessoa tem uma forma diferente de lidar com a morte. As pessoas podem ficar tristes ou também paralisadas e não conseguem chorar.

(*Os alunos parecem muito agitados e a professora pede silêncio e tenta chamar a atenção deles*). Ela diz: Estamos falando de sentimentos e da perda de entes queridos, são assuntos sérios e importantes.

AD: - *Eu fiquei paralisado, mas depois, quando falei com algumas pessoas e desabafei, eu melhorei.*

- *Para mim foi difícil ver meus familiares chorando, eu nunca tinha visto o meu pai chorar.*

- *É ruim, professora, pensar nestas coisas.*

- *As pessoas bebem para esquecer estas coisas.*

PF: Quando vocês passaram por estas experiências que vocês contaram, vocês falaram sobre isso com alguém?

AD: - *Só com amigos. Com os pais não adianta porque eles estão passando pela mesma situação.*

- *Eu não falei com ninguém, eu guardo estas coisas para mim.*

PF: Quais as hipóteses que vocês levantam sobre as altas taxas de mortalidade, atualmente, na idade de vocês, em relação aos adolescentes?

AD: - *Violência, drogas, problemas sociais, doenças.*

- *Muitos adolescentes se matam por causa da relação com os pais, com o namorado. Por exemplo quando os pais não fazem o que o adolescente quer, não permitem seu namoro, estas coisas. Quando os pais são muito rígidos, o adolescente pode ficar violento com eles.*

- *Quando termina com o namorado. Por que o adolescente vai viver? Aí acabam se matando.*

- *A falta de comunicação.*

PF: Se algum dia um amigo falasse para você que vai se matar por causa dos pais ou do namorado, o que vocês fariam?

AD: - *Eu falaria para ele tentar conversar com os pais.*

- *Eu também.*

PF: Vocês conversam com amigos ou familiares sobre comportamentos que podem levar à morte?

AD: - *Acho que nem tanto.*

- *Com meus amigos, para eles não fazerem coisas ruins.*

PF: Vocês acham que podem ajudar uns aos outros? Um zelar pela vida do outro?

AD: - *Sim, se o amigo se sentir amparado, talvez ele mude de idéia.*

PF: Vocês gostariam de poder conversar sobre a morte com outras pessoas?

AD: - *Não.*

- *Tem coisas que não se comenta.*

- *Isso tudo está mais do que informado.*

(Alunos ficam fazendo brincadeiras com aluna que perdeu sua avó). Ela fica brava e diz: - Eu estou falando uma coisa séria e vocês ficam me incomodando. Antes da minha avó morrer, eu pressenti a morte dela, eu senti uma dor forte no estômago.

(A professora dá mais uma bronca na classe). Ela diz: - Por que é tão complicado falar sobre a morte? Não é algo que faz parte da vida? (Ela pede para o aluno, que tinha se disposto a dar a aula sobre o tema da morte, colocar suas opiniões).

AD: - *Então professora, eu estava vendo uma pesquisa que dizia que a cada 3 segundos morre uma pessoa no mundo. Acho que a gente está ficando acostumado com isso. Só vai ser ruim se acontecer com um familiar ou alguém próximo. Para a morte dos outros não se dá muito valor.*

PF: E em relação à nossa própria morte, há uma discussão sobre isso?

AD: - *Quando uma pessoa está com uma doença grave, acho que ela sente vontade de falar.*

- *Tem pessoas que não dão valor para a própria vida.*

PF: Quando vocês percebem isso?

AD: - *Quando a pessoa não se cuida, quando não gosta de ter amigos, conversar.*

- *Aquela menina que matou os pais não tinha uma vida boa. Todo mundo achava que ela era rica e que por isso tinha uma vida boa. Mas na verdade isso não acontecia.*

PF: Vocês já conversaram alguma vez com profissionais de saúde (médicos, psicólogos...) sobre o tema da morte?

AD: - *Não.*

PF: Vocês gostariam que isso ocorresse?

AD: - *Não, ninguém está a fim. A gente já vê muita morte na TV, já está bom.*

- *Eu não gostaria que isso acontecesse.*

- *Eu vou morrer com 70 anos numa cama bem quentinha.*

PF: Vocês gostariam de conversar sobre a morte com suas famílias ou com amigos?

AD: - *Com ninguém.*

- *Para que conversar sobre isso?*

PF: E se vocês perdessem um ente querido?

AD: - *Aí não sei, tem gente que quer falar sobre isso.*

PF: Como está sendo esta atividade para vocês hoje?

AD: - *Não é muito agradável.*

- *Está sendo normal, é a única certeza que a gente tem na vida.*

- *Eu prefiro falar da vida do que da morte.*

PF: Vocês acham que a escola deveria abordar o tema da morte?

AD: - *Não.*

PF: Vocês já pensaram que muitas pessoas que não gostam de falar sobre este tema acabam tendo uma vida que pode as levar à morte? Por exemplo nos finais de semana beber e depois dirigir?

AD: - *A gente tem que viver a vida porque ela é uma só. A gente sabe que um dia vai morrer mesmo.*

PF: E aquelas pessoas que não sabem como preservar a vida? Será que ao celebrar a vida não estão se aproximando na morte?

AD: - *Meu tio morreu de tanto beber.*

- *Eu quero morrer jogando futebol, é o que eu mais amo na vida. Quero morrer no campo de futebol igual aquele jogador.*

PF: Quem aqui não gosta de se divertir? Ninguém levantou a mão né?

AD: - *As pessoas têm que viver a vida como se fosse o último segundo.*

- *Isso é só na teoria, eu estou pensando na prova de história de amanhã.*

PF: É possível ser feliz e se divertir com responsabilidade?

AD: - *Sim.*

PF: O sexo também pode conduzir à morte?

AD: - *Não, o sexo só conduz à vida.*

- *Tem a AIDS*

- *A gente estava falando de morte e olha onde a gente foi parar? Nada a ver...*

DIA 04/09/2003 – 2º ano Ensino Médio (Turma 1) – horário 10:40 às 12h – Número de adolescentes presentes: 5

TRANSCRIÇÃO DO ENCONTRO (com gravação):

Pesquisadora (PES): Quando se fala em morte na idade de vocês, durante a adolescência, o que vem à mente de vocês?

AD: - *Eu acho que para mim é um pouco triste, vem uma tristeza, uma vontade de chorar, de repente se é uma pessoa muito querida, eu acho que é isso, dá uma tristeza bem grande.*

- *Quando se pensa que a pessoa perdeu pelo menos 30 anos de vida, que ela poderia ter feito muitas coisas.*

PES: Vocês costumam pensar na possibilidade da morte acontecer com vocês?

AD: - *Eu não penso.*

- *Eu acho que não.*

- *A gente deveria pensar, mas eu não penso não.*

- *Eu pensava antes quando não tinha nada o que fazer.*

PES: O que você costumava pensar?

AD: - *Em como eu ia morrer.*

- *Ai credo.*

- *Não tanto em como eu ia morrer, mas quando eu via na TV, nos jornais, este monte de tragédia, aí às vezes eu pensava nisso. Eu pensava: “o cara estava andando na rua e foi atropelado,*

que mau, eu posso estar indo para a rua e ser atropelado. Eu posso estar jogando bola e vir uma bala perdida e me atingir”. Eu acho que a gente deve fazer tudo o que quer hoje.

PES: Vocês costumam pensar com frequência no tema da morte?

AD: - *Eu nunca penso, para mim parece que eu nunca vou morrer, eu nunca pensei em como vou morrer, eu não consigo nem imaginar. Agora com o pessoal da minha família eu fico com medo, aí de vez em quando eu penso. Quando a gente sai à noite de carro é o que eu mais penso, às vezes eu não quero pensar, mas às vezes eu fico com medo e aí eu fico pensando nisso, em acontecer. Também acontece isso quando a minha mãe sai sozinha de carro à noite, às vezes eu penso nisso.*

PES: Então você está me dizendo que você pensa mais sobre o tema da morte em relação a sua família e não tanto a possibilidade dela acontecer com você?

AD: - *Isso.*

PES: E vocês já tiveram algum contato direto com a morte? Já passaram por alguma experiência com familiares, amigos?

AD: - *Com amigos, na família, já, já passei.*

PES: Como foi para você?

AD: - *Com amigos você pensa assim: “nossa, ele andava comigo, aí meu amigo morreu num acidente de carro”. Numa noite ele saiu da balada bêbado, deu de frente com um caminhão e morreu. Que coisa mais assim, ele estava bem, a gente tinha a maior amizade e de uma hora para outra ele morreu, é difícil, difícil, mas...*

PES: E como você lidou com isso quando este evento aconteceu na sua vida?

AD: - *Eu fiquei triste, mas eu procurei dar uma força para a família dele porque eu estava sempre na casa dele, eu procurei mais dar uma força para família. Ele era meu amigo, mas eu tentei pensar que eu precisava ajudar a mãe dele porque ela estava precisando mais do que eu.*

- *Eu acho que você pensa: “por que justo o seu amigo?”, é o que você mais pensa, tanta gente para isso acontecer, por que o seu amigo que tem que morrer?*

PES: Na ocasião passou pela sua cabeça que você poderia ter feito alguma coisa ou ajudado de alguma forma?

AD: - *Não, eu só pensei que eu poderia estar junto no carro, mas só isso que eu pensei.*

PES: Mais alguém já passou por experiências que envolveram o contato com a morte?

AD: - *Meu avô morreu de velhice.*

- Meu pai morreu. Foi estranho, eu era pequeno, mas eu me senti meio perdido. Isso começou a fazer diferença depois, quando eu tinha uns 13 anos, aí eu comecei a sentir falta. Quando eu era pequeno, quando eu tinha uns 8 anos, eu não entendia muito, mas depois eu comecei a sentir falta, faz muita falta.

PES: E você costuma conversar sobre isso com alguém?

AD: - Agora eu acho que já aprendi a lidar com a saudade. Quando eu sinto falta, eu durmo ou faço alguma coisa e quando chega o outro dia eu esqueço.

PES: Eu entendo que isso deve ser muito difícil mesmo.

PES: Eu queria saber de vocês uma coisa. Hoje em dia estão ocorrendo muitas mortes durante a adolescência, não sei se vocês perceberam que está crescendo cada vez mais as mortes na idade de vocês, por exemplo os suicídios e os acidentes de carro como foi citado aqui. Eu queria saber a opinião de vocês sobre as altas taxas de mortalidade na idade de vocês, quando isso não deveria ocorrer tanto, já que a adolescência representa o auge da vida. Vocês conseguem levantar algumas hipóteses?

AD: - Sei lá, sei lá, eu acho que para o adolescente se matar, ele deve ter tantos problemas, a vida dele deve estar tão ruim que não consegue lidar com isso e acaba se matando.

- Todo mundo tem problemas.

- Mas não é por isso que vai se matar.

PES: Vocês acham que pode ser devido a uma dificuldade de lidar com os próprios problemas? Por que vocês acham que há esta dificuldade?

AD: - Eu acho que isso ocorre quando não há coragem de pedir ajuda para alguém, dizer: “olha, eu estou precisando, me ajuda”, quando não tem coragem de falar o que está sentindo.

- Eu acho que precisa coragem para lidar com os próprios problemas e resolvê-los. Mas tem pessoas que se matam, usam drogas ou saem correndo a 500 km/h na rodovia e morrem.

PES: Vocês acham que os jovens têm uma dificuldade de comunicação, de expressar seus sentimentos? Que existe uma falta de comunicação?

AD: - Com profissionais, com amigos, até mesmo com a mãe.

- Há uma dificuldade de contato até entre os jovens mesmo. Aí o jovem só tem contato com quem está como ele, com quem também não consegue, aí vai juntando.

PES: E chega uma hora que fica muito difícil lidar com estes aspectos?

AD: - Ele não tem coragem de chegar para alguém e falar que não está agüentando.

- Também ninguém chega para pessoa e pergunta se está precisando de ajuda.

- *Ninguém chega para ajudar, só olha para ele e pensa: “coitado”.*

PES: Vocês já passaram por alguma situação parecida, algum amigo vir pedir ajuda para vocês ou vocês perceberem que está difícil para ele lidar com alguma coisa?

AD: - *Vários amigos já ligaram para mim dizendo que estão com problemas, mas nunca chegaram a falar que vão se matar.*

PES: E em relação ao uso de drogas?

AD: - *Eu tenho várias histórias para contar. Eu vim para São Paulo faz 1 ano e pouco, eu morava no interior e eu andava com uma galera bem pesada que usava drogas, bebia e eu não vou falar que nunca usei porque eu estaria mentindo, mas não era que nem eles que todo dia precisava usar, eu tenho controle. Não adiantava falar, eu cheguei a falar “pára com isso” e eles me falavam “cala a boca, você é careta, fica quieta”. Então, eu procurava ficar quieta porque se eu falasse alguma coisa, eles iam me excluir da turma, “deixa essa careta aí que eu não vou mais sair com ela”. Até que chegou num limite que eu vi: se eu não sair, eu vou entrar na deles e aí já era. Aí foi quando eu vim embora para São Paulo.*

PES: Você veio embora por causa destes eventos?

AD: - *Foi, por vários problemas. Meu pai se separou da minha mãe e faz quase 3 anos que eu não vejo ele e eu brigava muito com a minha mãe, era todo dia e aí teve um dia que uma pessoa me bateu e eu fiquei toda marcada e aí eu liguei para minha tia e falei: “chega, eu quero sair daqui”, aí minha tia me trouxe para São Paulo. Agora eu só vou nas férias para a casa da minha mãe, a gente conversa, mas é aquilo, sempre tem uma dúvida.*

PES: Então quando você andava com aqueles amigos que usavam drogas, você ficava um pouco como o filme coloca: naquele limite entre o prazer e a autodestruição, entre continuar andando com eles ou pensar no que era melhor para a sua vida?

AD: - *É, bem isso.*

PES: Vocês acham que quando estas pessoas estavam usando drogas ou ingerindo bebidas alcoólicas, elas estavam pensando na morte?

AD: - *Eu acho que não, eles estavam pensando em curtir aquele momento que eles estavam e já era, as consequências vêm depois.*

- *Eles queriam só o hoje.*

- *É aquilo ali que está acontecendo agora e só.*

PES: Nós estávamos falando das altas taxas de mortalidade na adolescência, como vocês acham que isso poderia mudar?

AD: - *É muito difícil mudar.*

PES: Claro, estas taxas nunca vão zerar, mas como deveriam ser os programas ou atividades que poderiam estar diminuindo estes índices?

AD: - *Tinha que rever a família, o governo, os amigos. Família, por exemplo, a família tem que prestar atenção nos jovens.*

- *A família tinha que ocupar o jovem porque assim não ia dar tempo de pensar em beber, estas coisas.*

- *Desde pequeno tem que formar alguém que não vá seguir este caminho.*

- *Eu acho que a maioria das vezes que isso acontece não que é culpa da família, mas é atenção, você está vendo que seu filho está diferente ou então você nunca conversou com ele direito, não sei se ele está diferente, mas é que você nunca prestou atenção direito nele, então você não vai saber quando ele estiver diferente porque você nunca viu como ele é. Isso vem mais da família, os pais deviam prestar mais atenção nos seus filhos. Os amigos sempre percebem, mas vai chegar para um pai e falar: “seu filho está usando drogas?”*

- *É mesmo, eles (os pais) falam: “pára com isso, isso é mentira, você está falando besteira”. “Seu filho está internado em coma alcoólica no hospital”. Eles (os pais) falam: “Nossa, porque? Ele nunca fez isso antes”. Entendeu? Eles nunca prestaram atenção.*

PES: Vocês estão me dizendo que as famílias, em geral, não estão prestando muita atenção nos seus filhos, nos seus comportamentos? Vocês acham que tem acontecido isso?

AD: - *Sim, tem bastante.*

- *Muito pai acha que dar dinheiro, ter uma boa vida, acha que o filho já está satisfeito.*

- *Também tem pai que sobrecarrega.*

- *É, tem pai que não deixa o filho fazer nada porque fica com medo que vai acontecer alguma coisa com ele, entendeu? Fica em cima.*

- *É, o filho só pode fazer o que ele quer, na hora que ele quer.*

- *Eu acho que isso aí também “zoa” porque tem muito caso que o filho se revolta, ele estudou a vida inteira, nunca saiu na rua, aí quando ele sai a primeira vez na rua, ele quer fazer tudo ao mesmo tempo, aquela euforia, ele não sabe nem o que fazer, ele vai e a primeira coisa que ele acha é justo o que ele não podia usar, que o pai dele sempre teve medo. O que acontece é que os pais fecham o*

universo dos filhos, eles não mostram o certo e o errado, eles mostram o certo e falam que ele é lindo, mas os filhos não conhecem o resto. O ser humano também tem um fascínio muito grande pelo desconhecido, ele nunca viu aquilo, “nossa, olha como eles andam”, é tudo diferente, ele quer ver aquilo e vai.

PES: O que vocês estão me falando é que também não adianta superproteger os filhos porque eles vão querer descobrir e experimentar novas situações. O que vocês acham? Deve ter um meio termo? Como fica esta relação entre os pais e os filhos?

AD: - *Eu acho que deve ter uma conversa, saber conversar com seu filho. Se você acha que isso está certo, vai, mas depois não reclama. Saber conversar com o filho e mostrar o certo e o errado. Se ele quiser seguir o errado, depois ele não reclama, entendeu?*

- *Mostrar o certo e o errado e conscientizar seu filho, chamar ele para o seu lado. Saber chamar ele e falar: “este é o certo e este é o errado”. Se ele já estiver fazendo o errado, falar que ele já sabe o que está na TV, dá em todo o lugar.*

PES: Vocês acham que deveria haver uma conversa e os pais mostrarem os dois lados da situação, contarem um pouco de suas experiências para seus filhos?

AD: - *Antes dele pensar que existe o errado, você já deveria ter contado.*

PES: Vocês acreditam que discutir, um pouco como estamos fazendo aqui hoje ou de outras formas, vocês acham que isso pode contribuir para diminuir os altos índices de mortalidade na idade de vocês?

AD: - *Eu acho que pode, eu já vejo isso como uma ajuda, para a pessoa que está com problemas, estar conversando, estar debatendo um assunto. Às vezes, a pessoa pode estar quieta num canto e ver que o mesmo está acontecendo com outra pessoa e isso pode ajudar, acho que é isso.*

PES: E vocês? Vocês acham que isso pode ajudar ou não?

AD: - *Ajuda.*

PES: Vocês já conversaram diretamente com amigos ou familiares sobre comportamentos que podem levar à morte?

AD: - *Não.*

- *Nunca*

- *Minha mãe só falava quando eu andava de skate, ela falava: “cuidado, usa os equipamentos, você vai se machucar”. Aí eu falava: “dá o dinheiro para eu comparar os equipamentos”. Aí ela não dava. Teve um dia que eu me machuquei sério de skate, eu tenho o machucado até hoje. Minha mãe*

ficou preocupada, eu fiquei o maior tempo fazendo fisioterapia. Ela falou que tinha me avisado. Eu falei que não tinha jeito. Falta isso, eles avisam, eles falam, mas não ajudam.

- Eles falam, mas não querem ajudar.

PES: E como vocês acham que os pais podem ajudar?

AD: - *Dando o dinheiro para eu comprar os equipamentos.*

- Será que se ela comprasse você ia andar de capacete, de joelheira, tudo?

- Ia, eu não ia ter desculpa porque se eu caísse... eu tinha medo de andar sem capacete, mas eu andava sem. Eu me machucava, eu já quebrei o braço direito, mas minha mãe falou quando eu quebrei: “por que você anda sem proteção, sem nada?”

PES: Vocês gostariam que houvesse estas conversas com amigos ou familiares sobre comportamentos que podem levar à morte? Vocês têm o desejo de conversar sobre isso?

AD: - *Minha mãe até que pergunta estas coisas para mim, minha mãe é bem liberal, mas minha mãe sabe que se eu quiser experimentar alguma coisa, eu vou experimentar, ela só não vai querer que eu continue, ela vai falar: “você viu que é bom, é, mas não faz bem, então pára”. Depende do que eles falarem também, se você achou bom, vai ser difícil parar, mas acho que é aquele negócio, ela deixa, mostra o certo e o errado, mas vai de você, ela não quer que continue, mas se o cara quiser, o que se pode fazer?*

- Minha mãe comigo sempre foi muito aberta, ela sempre falou tudo o que ela pensava, na hora que ela pensava e me perguntava o que eu pensava sobre isso. Então a gente sempre se deu bem assim porque ela nunca me escondeu nada.

PES: Vocês acham importante isso, os pais não esconderem nada dos filhos? Mesmo as vivências que eles tiveram, os erros? Como eram as coisas quando eles eram adolescentes?

AD: - *Eu acho.*

- Minha mãe esconde as coisas porque pelo que eu vejo, pelas coisas que se falam, minha mãe fazia um monte de coisa errada, não muitas, mas ela não me fala, ela não deixa eu experimentar nada se eu quiser, ela não deixa de jeito nenhum, ela me diz que se eu experimentar, ela não vai nem querer saber, no outro dia ela me coloca no colégio interno, ela falou que não quer nem que eu chegue perto.

- Minha mãe também não conta tudo o que aconteceu com ela.

- Com a minha mãe é bem diferente, a minha mãe viveu, nossa, ela era bem louca, quando ela engravidou de mim ela tinha 17 anos. Ela nunca falou nada para mim, ela deixou eu ir e fazer porque se eu chegasse em casa 8 horas da manhã do outro dia ou se eu chegasse cedo também, para ela,

tanto faz, entendeu? Então, ela viveu e nunca chegou para mim e falou: “olha, o que você está fazendo é errado”, sentar e conversar comigo, ela nunca fez isso. Agora com a minha tia é bem diferente, agora aqui em São Paulo eu não saio, com a minha tia eu tenho medo porque é uma responsabilidade muito grande para ela. Ela não deixa eu sair, eu tenho amigos praticamente só na escola, entendeu? Ela sempre quer que a gente vá fazer trabalho em casa para ela conhecer, ela quer saber tudo da minha vida, o que aconteceu na escola. Toda a atenção que a minha mãe não me deu, a minha tia me dá, entendeu?

PES: E você gostaria que, naquela época, a sua mãe perguntasse para você...?

AD: - *Eu gostaria que ela desse mais atenção para mim sim.*

- *Mas você acha que a atenção da sua tia é boa ou é atenção demais?*

- *Eu acho que é um pouco demais, eu acho que ela podia parar um pouco, eu acho que ela quer tomar muito conta da minha vida. Tanto quando acontece as coisas na escola que não resolvem, a gente brinca: “vamos ligar para a tia da X que ela mete a boca na escola e resolve”. A gente não resolve, mas ela liga, nossa, daqui a meia hora resolveu os negócios. Eu acho que ela é um pouco superprotetora, não só comigo, ela já perdeu um filho também, mas com o outro filho dela que é pequeno também ela é muito superprotetora. Ele tem medo de falar as coisas. Eu falo para ela que ela está sufocando ele, para ela parar. Na escola ele é muito quieto, ele não pode fazer nada porque ele tem medo que a mãe vai bater nele e brigar com ele. Tanto que ela está sentindo na pele agora porque ela está tendo alguns problemas com o marido dela e ela me pergunta: “por que o Y não fala?” Eu digo que ela não ensinou ele a falar. Ela ficou meio assim e eu falei que isso era verdade, que ela não tinha dado liberdade para ele crescer e poder falar, que ela tinha criado ele com medo e que agora ele tinha medo de fazer as coisas, aí ela ficou meio assim.*

- *Meu pai também era assim e eu agia assim, agora eu estou melhorando um pouco, devagar.*

- *Meu primo está mudando um pouco porque ele está me vendo. Se eu não gostei de alguma coisa, eu chego e falo, problema da pessoa se ela vai gostar ou não, eu não estou nem aí. Agora meu primo está me vendo, um pouco o que eu faço e está mudando um pouco. Quando ela vai brigar com ele, eu falo para ela parar. Aí ela pára e pensa um pouco.*

- *Esse negócio de falar com a mãe eu acho um pouco estranho. Minha mãe me ensinou a me virar, eu resolver meus problemas. Ela sempre perguntou se eu tinha algum problema, às vezes eu falo, às vezes não, mas, sei lá, eu acho que aprendi a ter a minha visão das coisas e resolver por mim,*

sabe? Meu pai morreu e minha mãe sempre falava: “um dia eu vou morrer e você vai ter que aprender a se cuidar sozinho”.

- Minha mãe também fala isso.

- E esse negócio de acontecer alguma coisa e eu contar para a minha mãe, eu não sei como é isso, mas a minha mãe sempre falou que se eu precisasse dela, ela me ajudaria. Eu sei que ela vai estar lá, mas eu nunca precisei eu acho.

- Quando meu pai estava em casa ele era superprotetor, tudo o que eu precisava eu falava com ele. Eu nunca tive uma conversa assim com a minha mãe, aí de uma hora para outra ele foi embora e eu tive que aprender a me virar sozinha. Foi difícil, foi, mas eu aprendi, tanto que agora eu me viro sozinha. Estou um pouco acomodada porque estou na minha tia, tudo ela faz por mim, mas se não tivesse, eu estava me virando sozinha.

PES: Eu acho que vocês estão falando que há a necessidade dos dois lados. Por um lado, vocês querem a atenção dos pais, que eles perguntem sobre vocês, que se importem, mas, por outro, nada que superproteja ou invada a privacidade de vocês?

AD: - Isso.

PES: Vocês já conversaram alguma vez com profissionais de saúde, médicos ou psicólogos por exemplo, sobre o tema da morte?

AD: - Não, nunca.

- Eu já fui no psicólogo, mas nunca falei sobre isso.

PES: Vocês acham importante que isso acontecesse?

AD: - Eu não gosto de falar de morte.

- Também não.

- Eu também não.

PES: Por que vocês não gostam de falar sobre este tema?

AD: - Porque é triste, lembrar a morte nunca é bom.

- Nem em velório eu não gosto de ir, eu só fui quando o meu priminho morreu, foi o único que eu fui e eu não me sinto bem.

- Eu nunca fui.

- Quando meu avô morreu eu não fui no enterro.

- Eu nunca fui num enterro porque ninguém da minha família morreu, nem amigo.

PES: Vocês acham importante ter espaços para discussão sobre o tema da morte nas escolas?

AD: - *Para pessoas que já passaram por mortes e não superaram eu acho que sim.*

PES: Só para as pessoas que já passaram por estas experiências?

AD: - *Não, para todos.*

- *Às vezes para uma pessoa que está pensando em se matar, você pode estar dando a chance para ela falar.*

PES: E no caso de vocês? Vocês gostariam que tivesse este espaço nas escolas? Vocês consideram importante?

AD: - *Não sei.*

- *Não é divisão de classes, mas em escolas públicas eu acho que é mais importante. Não que não seja importante em escolas particulares, mas nas públicas há menos preparação, menos conscientização, então é um jeito de ajudar um pouco. Acho que também deve ser importante nas escolas particulares com muitos alunos. Nesta escola eu acho que não precisaria porque é uma escola pequena.*

- *A escola já dá atenção.*

- *Mas nas escolas grandes e públicas, ou você é esquecido ou você só é mais um, eu acho que precisaria sim.*

- *Não dá para dar atenção para todos, entendeu?*

- *Tem gente desconhecida na sua sala, então esse aí pode se matar amanhã. Nas escolas públicas tem gente mais carente, com menos cultura.*

PES: Por exemplo em relação ao uso de drogas, vocês acham que há diferenças entre escolas particulares e públicas?

AD: - *É igual.*

- *Drogas têm em qualquer canto, você pode ser rico, você pode ser pobre, ela está ali se você quiser e em qualquer lugar você acha.*

PES: Então o que vocês acham, discutir sobre o tema da morte deveria ser mais em escolas públicas, em escolas onde não é possível dar tanta atenção para os alunos? Aqui, por exemplo, na escola de vocês, vocês gostariam que houvesse um espaço para discussão deste tema?

AD: - *Eu acho que seria bom, mas não é tão necessário, 15 alunos na sala.*

- *Já perguntaram para mim se eu usava drogas.*

PES: Vocês consideram que aqui já existe um espaço para discussão deste tema?

AD: - *Isso.*

- *Aqui todo mundo conhece todo mundo.*

PES: E de que maneiras esta discussão sobre o tema da morte poderia acontecer, por exemplo nas escolas públicas ou com mais alunos como vocês citaram?

AD: - *É difícil porque as pessoas de fora não conhecem os alunos. Teria que ter muita ajuda da família de novo. O psicólogo no caso teria falar não só com o aluno, mas com a família também.*

PES: Ainda sobre esta comunicação sobre o tema da morte, como isso poderia ocorrer entre amigos? Vocês acham que os adolescentes podem ajudar uns aos outros?

AD: - *Eu acho que você tenta, mas se a pessoa quiser ser ajudada, ela vai ser, ela vai tentar superar, mas se a pessoa não quer ser ajudada e só fica com pensamento negativo, “vou morrer porque estou com problemas”, acaba se matando, porque só tem pensamento negativo, entendeu? Então, não tem possibilidade de auto-ajuda e de querer ser ajudada.*

PES: Com a família, vocês já falaram um pouco, mas de que maneiras vocês acham que deveria ser esta comunicação sobre o tema da morte?

AD: - *Não como um tema de proibição, mas como um tema de escolha, de orientação. Na maioria das vezes a família já chega reprimindo e não falando que você já sabe que isso é ruim e agora a escolha é sua. Porque a vida é assim, você vai ter que decidir e eles não vão poder te impedir de nada.*

- *A família já chega falando que você vai apanhar se fizer isso ou aquilo.*

- *Que nem quando o pai tem um filho homossexual ou quando a criança é pequena e fala para ela que se ela virar homossexual ele a mata, eu acho isso um absurdo, um absurdo muito grande porque é seu filho, eu acho que é uma escolha dele, se ele escolheu isso, os pais têm que apoiar e achando que é o certo. Se seu filho está gostando de outro homem, os pais têm que apoiar e não falar que vai expulsar de casa e falar que ele não pisa mais aqui enquanto não virar homem, eu acho isso um absurdo, um absurdo.*

PES: E nas escolas, como este tema da morte deve ser abordado?

AD: - *Com orientação também. Você vem para a escola para aprender, os contatos começam aqui, as influências ruins também, então a escola tem que ensinar tudo, é um centro de ensino, tudo, tudo, tudo o que você puder aprender. Até como amarrar um sapato, pentear o cabelo.*

PES: E com os profissionais de saúde, como os médicos e psicólogos, como vocês acham que este tema pode ser abordado com os adolescentes?

AD: - *Você que é psicóloga.*

PES: Eu vim aqui justamente para saber a opinião de vocês.

AD: - *Do jeito que você fez hoje.*

PES: Vocês acham que funciona, que é uma boa maneira o jeito que estamos fazendo hoje?

AD: - *É uma maneira da gente se abrir.*

- *Eu acho importante que você está perguntando o que a gente pensa sobre isso, mas não falou nada, você não deu seu ponto de vista. Você conseguiu ver que algumas coisas a gente pensa diferente e que algumas pessoas falam e outras ficam caladas.*

PES: Como está sendo esta atividade para vocês hoje?

AD: - *Eu acho legal este espaço para a gente falar o que a gente está pensando, não que não tenha na escola, tem, mas que nem para mim, a coordenadora já falou que a psicóloga está sempre a disposição, mas eu nunca cheguei e pensei “hoje eu vou falar com ela”.*

- *É muito difícil você procurar alguém para falar sobre estes assuntos. É diferente quando a pessoa vem de fora.*

- *Eu achei legal o que você fez aqui hoje. É válido sim.*

PES: E por que é tão difícil falar sobre o tema da morte para vocês?

AD: - *É triste ficar lembrando.*

- *É triste, dói.*

- *Machuca quando é uma pessoa que você gosta muito, é difícil.*

PES: Vocês acham que na idade de vocês é possível se divertir com responsabilidade?

AD: - *Eu acho que é.*

- *Com certeza.*

- *É possível, mas não 100%.*

- *Mas quando você está se divertindo, quando você está numa balada bebendo, você não está nem aí com nada, você quer se divertir. Hoje é hoje e já era.*

- *É coisa de momento e você tem que saber o limite. O que você pode fazer e quando você tem que parar.*

- *Isso que é difícil, saber quando você tem que parar.*

- *Eu sabia que eu podia me machucar quando eu estava andando de skate, mas eu já estava lá, eu pensei na hora: “eu estou a um passo da diversão, não é agora que eu vou parar”. Aí eu fui e me machuquei. É a mesma coisa com bebidas, com drogas, você já está lá, é mais difícil pensar.*

PES: Então vocês estão me dizendo que é difícil para o adolescente se divertir com responsabilidade?

AD: - *É possível, mas é muito difícil.*

- *Na hora não passa muito isso na cabeça.*

PES: E depois?

AD: - *Nem depois.*

- *Se a balada foi boa e no outro dia você está normal, você não pensa em nada. Se você bebeu muito e está passando mal, você fala que da próxima vez não vai beber tanto, é o que eu sempre falo, mas chega na balada, toma de novo e no outro dia fica ruim de novo, não tem jeito.*

PES: Acho que o que eu queria perguntar para vocês era isso. Vocês querem me perguntar alguma coisa? Vocês acham que faltou eu perguntar alguma coisa?

AD: - *Não.*

- *O que você pensa sobre a morte dos adolescentes?*

PES: Então, as taxas de mortalidade na idade de vocês estão crescendo demais, por exemplo, a idade de vocês é a segunda faixa etária onde mais vem ocorrendo suicídios, a primeira é na velhice. Eu acho muito importante ouvir a opinião de vocês sobre as mortes na adolescência, eu acho que este é o primeiro passo para poder se pensar em mudanças em relação a isso. Para psicólogos, médicos, professores e outros profissionais poderem começar a refletir sobre tudo isso e provocarem algumas transformações. Eu acho importante também perguntar para os adolescentes se eles têm o desejo e acham relevante falar sobre estes temas que discutimos hoje.

AD: - *Muitas vezes o adolescente morre porque não pára para pensar nestas coisas que discutimos hoje?*

PES: Esta é uma das razões que pode estar por trás destes índices. Claro que existem os acidentes e as doenças também, mas o que vem chamando a atenção é o aumento das mortes numa idade em que deveria ser o auge da vida, das descobertas. Eu acho que é importante para o adolescente poder conversar com a família, com amigos, com profissionais de saúde, educação, com professores, coordenadores sobre o tema da morte e dos comportamentos de risco. É importante perguntar para o adolescente o que ele gostaria de falar com estas pessoas e como elas poderiam o ajudar. Eu acho que a escola é fundamental neste processo, abrir estes espaços para discussão.

Vocês acham que o vídeo não aborda algum tema?

AD: - *Não, eu achei ele bom.*

- *O vídeo não aborda os problemas familiares dos adolescentes. A família conta muito nesta hora que você perdeu alguém.*

- *Quase tudo.*

- *E quando não se tem o apoio é bem difícil. Você se sente sozinha, perdida e pergunta: “o que eu vou fazer agora?” E muitas vezes você vai até para o lado errado porque você não sabe o que está fazendo quando você não tem uma pessoa para te orientar, para te alertar e, às vezes, não é sua intenção fazer algo errado.*

- *Às vezes, as únicas pessoas que você pode recorrer são as pessoas que estão fazendo as coisas erradas e só depois você vai ver a diferença.*

PES: Então no momento da perda não há um espaço para falar sobre isso com a família?

AD: - *É.*

...

AD: - *A maioria dos meus amigos estuda em escola pública.*

- *Na cidade que eu morava também, era tudo de escola pública.*

PES: Vocês estavam me dizendo que vocês acham que os alunos de escola pública são mais fechados para discutir sobre este tema da morte?

AD: - *Com a gente não, mas chega um profissional, eu acho que vai ser meio difícil eles se abrirem.*

- *A não ser que você toque bem eles, senão eles não vão falar.*

- *Vai virar zoeira, tiração de sarro e ninguém vai falar nada. Você vai ter que falar na linguagem deles para eles não ficarem tão inibidos.*

PES: O que vocês pensaram quando viram a autorização para realizar esta atividade?

AD: - *Eu achei que seria uma coisa legal e interessante de estar falando.*

DIA 05/09/2003 – 1º ano Ensino Médio – horário 8:20 às 9:40h – Número de adolescentes presentes:

15

TRANSCRIÇÃO DO ENCONTRO (sem gravação):

PF: O que vocês acharam do vídeo?

AD: - *Bom*

- *Muito curto.*

PF: O que chamou mais a atenção de vocês?

AD: - *O cara com a cabeça estourada.*

PF: Por que esta cena?

AD: - *Porque só aí que você vê a consequência das coisas. Você vê que pode acontecer com você também.*

PF: - Vocês pensam com certa frequência no tema da morte?

AD: - *Eu penso.*

- *Eu prefiro não pensar.*

- *Eu tive medo de morrer uma vez quando eu estava no avião e aí começou a fazer barulho.*

- *Quando eu fiz uma cirurgia eu levei 18 horas para voltar. Você apaga, você não sente o seu corpo. Foi nesta última cirurgia que eu levei 18 horas para voltar. Em 2001 eu caí do skate e quebrei a perna. Fiz uma cirurgia para colocar pinos e aí infeccionou. Daí eu tive que fazer outra cirurgia.*

PF: Você tinha medo de se machucar ou pensava até em morrer quando estava andando de skate?

AD: - *Não.*

- *Você pode cair e não acontecer nada.*

PF: Será que o adolescente pensa nas consequências, ou seja, de que alguns comportamentos podem o levar à morte?

AD: - *A pessoa tem que errar para não acontecer de novo.*

PF: Vocês pensam com certa frequência no tema da morte?

AD: - *Eu não penso, a minha hora vai chegar quando Deus quiser.*

PF: É difícil falar sobre a morte, como se vocês quisessem evitar este assunto, vocês começam a fazer muitas brincadeiras e dispersam da atividade não é?

AD: - *Eu tenho medo de morrer.*

PF: Vocês pensam na possibilidade da morte acontecer com vocês?

AD: - *Dá medo perder as pessoas que a gente gosta.*

- *Eu tenho mais medo de perder os outros do que eu morrer.*

PF: Em que ocasiões vocês pensam na morte?

AD: - *Quando minha mãe estava voltando do supermercado e aí 3 “caras” entraram armados na minha casa, eu achei que ia morrer.*

- *Quando você está em perigo, você pensa na morte.*

- *Eu acho normal, vai chegar a minha hora, esta é a única certeza da vida.*

PF: Vocês fazem algo para preservar a vida de vocês?

AD: - *Não, eu corro os riscos.*

PF: Quais as hipóteses que vocês levantam sobre as altas taxas de mortalidade, atualmente, em relação aos adolescentes? É natural ver a morte da velhice, mas o que vocês acham da morte na adolescência?

AD: - *Isso é preocupante.*

- *Acho que tem a ver com a falta de limites, a gente quer desafiar o mundo.*

- *O adolescente quer sempre se sentir o melhor.*

- *O adolescente não tem limites. Ele é irresponsável.*

- *Eu acho que precisa de alguém de fora para impor limites.*

- *Eu não acho isso, eu acho que cada um tem seus limites. Mesmo os pais colocando limites hoje, quando eu for adulto, eu vou ter que ter meus próprios limites.*

PF: E como vocês encaram a vida? Qual a importância que ela tem para vocês?

AD: - *Eu vivo cada dia como se fosse o último.*

PF: Tendo como limite a morte?

AD: - *É.*

PF: Será que os limites impossibilitam vocês de se divertir? Representam uma castração?

AD: - *Eu não acho, pois quando a gente crescer as leis serão nossos limites.*

- *Você pode morrer até em casa, muitos acidentes ocorrem em casa.*

PF: Vocês acham que o adolescente se sente imortal?

AD: - *Às vezes sim.*

- *Eu acho que sim.*

PF: Nós não estamos acostumados a pensar na nossa própria morte. O outro que usa drogas, o outro que morre de AIDS. Vocês já pensaram que com isso pode estar colocando a vida de vocês em risco?

AD: - *Todo mundo tem consciência que pode morrer, mas ninguém vai pensar nisso o tempo todo, senão não faz nada na vida.*

- *É aquela coisa, a gente pensa: “comigo isso não vai acontecer”.*

PF: Vocês já tiveram algum contato com a morte?

AD: - *Já, a minha avó morreu.*

- *Meu pai ficou muito tempo no hospital, ele fez transplante de rim e coração.*

- *Eu não sou conformada com isso. Se alguém que eu gosto morrer, eu não me conformo, nem vou me conformar. Eu fico pensando que a pessoa viajou, aí o sofrimento diminui. Eu fico achando que a pessoa vai voltar um dia.*

- *Eu não acredito em vida após a morte.*

PF: Quando morre alguém querido vocês conversam com alguém?

AD: - *Eu guardo para mim. Isso dói muito, é horrível, mas eu não falo sobre isso com ninguém.*

- *Quando morreu a minha avó, ninguém em casa conversou muito sobre isso.*

- *Meu avô morreu no aniversário dele.*

PF: Cada um vivencia a morte de forma diferente. Algumas pessoas podem elaborar rápido e outras pessoas podem demorar mais. Nós temos que respeitar estas diferenças, algumas pessoas podem lidar com mais naturalidade.

(Alguns alunos “debocham” entre si das experiências.)

PF: Será que é uma característica do adolescente ter dificuldade de expressar os sentimentos?

AD: - *Não, todo mundo tem isso, vai de cada um.*

- *Na adolescência isso até pode ser mais forte, mas depende de cada pessoa.*

PF: Vocês consideram importante conversar com profissionais de saúde como médicos e psicólogos sobre o tema da morte?

AD: - *Não, eu acho melhor isso ficar guardado para mim.*

PF: Quando algum evento de morte aconteceu com vocês, vocês dividiram a dor que estavam sentindo com amigos?

AD: - *Sim, são as pessoas mais próximas.*

PF: Vocês acham que a escola deveria abordar o assunto da morte?

AD: - *Eu acho que sim.*

- *Eu acho que não.*

- *Eu acho que sim porque em casa não se costuma falar sobre isso, então na escola é importante falar sobre isso.*

(Quatro alunos fizeram um grupo à parte no canto da biblioteca e ficaram de fora da atividade. Além disso, uma aluna dormiu).

PF: O que vocês fariam se soubessem que hoje é o último dia de vida de vocês?

AD: - *Eu acho que eu ia expressar tudo o que eu sinto pelas pessoas.*

- *Faria tudo o que não fiz porque as leis não permitiam.*

- *Eu ia ficar perto de quem eu gosto.*

Pesquisadora (PES): Como vocês acham que este tema deveria ser abordado nas escolas?

AD: - *Assim mesmo, com vídeos e debates.*

- *Eu acho que deveria ser abordado de um lado positivo e não para ficar com medo e apavorado.*

- *Eu não penso assim, eu acho que também tem que mostrar a realidade dos adolescentes para os adolescentes e não tratar a morte como algo bonito.*

PES: Como vocês acham que poderia mudar as taxas de mortalidade na idade de vocês?

AD: - *Se o adolescente tiver mais consciência contra as drogas.*

- *Eu acho que a droga sempre vai existir, não adianta palestras sobre isso.*

- *Vai da cabeça de cada um, se a pessoa vir que aquela coisa é ruim, vai sair por vontade própria.*

- *Você nunca vai tirar a irresponsabilidade da cabeça da pessoa.*

- *Eu não concordo com isso, eu acho que um debate como este pode adiantar sim.* PES: O que vocês acharam da atividade de hoje?

AD: - *Bem legal.*

- *Legal.*

- *Interessante.*

- *Eu achei esta atividade muito idiota. Eu acho que não tem nada a ver falar de morte. Eu sou imortal, eu nunca vou morrer.*

(Enquanto este aluno dava a sua declaração, ele xingou outro adolescente que se manifestou diante destas colocações. A professora de Filosofia tentou interagir com o aluno que havia xingado o colega, mas não resolveu. Assim, a professora retirou este aluno da sala e o levou para a diretoria. Após isso, seguiram-se alguns comentários dirigidos a mim):

AD: - *Ele sabe que está errado. Você está aqui, fazendo seu trabalho, ele tem que respeitar isso.*

- *Nossa, porque você trabalha com este assunto? Eu jamais trabalharia com morte.*

DIA 05/09/2003 – 8ª série B – horário 16 às 17:40h – Número de adolescentes presentes: 13

TRANSCRIÇÃO DO ENCONTRO (sem gravação):

O grupo de adolescentes assistiu atentamente à exibição do filme, não fazendo muitos comentários durante a apresentação.

PF (com ajuda da pesquisadora): O que vocês acharam da frase destacada que aparece no final do vídeo? *“O limite entre o prazer e autodestruição é uma linha frágil que se rompe diante do exagero e da irresponsabilidade, podendo acabar em tragédia e morte”.*

AD: - *Quando há o prazer, o “cara” não vai ficar pensando nas conseqüências.*

PF: Vocês conversam com amigos e familiares sobre comportamentos que podem levar à morte?

AD: - *Eu converso sobre drogas. Meu pai fala também para eu usar camisinha. Eu prefiro falar com meu pai do que falar com alguém da rua que eu nem conheço. Eu acho importante conversar com meu pai sobre estas coisas.*

- *Tudo o que eu sei eu aprendi sozinho, com a vida.*

- *Aprender as coisas sozinho é muito difícil.*

- *Eu não falo sobre morte com meus pais.*

PF: O que as drogas e o álcool tem a ver com a morte?

AD: - *Tem a ver com a sensação que o álcool causa no corpo.*

- *Com o sexo pode se pegar doenças.*

- *Ficar grávida quando se é jovem é um pouco acabar com a própria vida ou parte dela.*

PF: Então vocês conversam com amigos e familiares sobre estes temas?

AD: - *Eu converso só com meus amigos.*

- *Eu me abro muito com meu pai.*

PF: Estas conversas são freqüentes?

AD: - *Não.*

PF: Em que ocasiões estas conversas ocorrem?

AD: - *Falar de sexo para homem é normal.*

- *Para as mulheres também deve ser, mas elas escondem.*

(Este assunto provoca muitas brincadeiras entre os meninos e as meninas, causando uma agitação muito grande na classe).

PF: Quais as hipóteses que vocês levantam sobre as altas taxas de mortalidade, atualmente, em relação aos adolescentes?

AD: - *Eu acho que são as más influências.*

- *Eu acho que a sociedade de hoje não cobra a responsabilidade que a minha mãe tinha quando ela tinha a minha idade.*

- *Se nada for imposto, a gente não faz nada.*

- *A responsabilidade que meu pai teve foi imposta.*

- *Meus pais eram encarados com mais seriedade. Eles já trabalhavam com a minha idade.*

- *Meus pais faziam as coisas escondidos.*

- *Hoje o jovem não respeita mais ninguém. Eu acho que seria melhor a educação ser como era na época dos meus pais porque os jovens de hoje são muito imaturos.*

- *O jovem de hoje tem mais liberdade.*

- *A gente não sabe aproveitar direito a liberdade que temos.*

PF: Como vocês acham que os jovens usam esta liberdade: de forma construtiva ou destrutiva?

AD: - *Destrutiva.*

- *Eu quero aproveitar tudo.*

- *O jovem de hoje não sabe quais são os limites.*

- *Eu experimento tudo, eu que coloco meus próprios limites.*

PF: Ver a experiência de outras pessoas com drogas, por exemplo, vocês acham que já é suficiente para impor limites?

AD: - *Não sei, às vezes sim.*

- *Eu acho que amigo não oferece drogas.*

PF: O que falta para estabelecer os limites quando vocês já têm a consciência?

AD: - *Falta força de vontade.*

- *Eu penso que eu quero crescer, eu não quero ser só mais uma pessoa no mundo, eu quero deixar alguma coisa também.*

- *Eu acho que tem que ter um diálogo muito forte entre pais e filhos.*

- *Quanto mais proibição, pior a pessoa fica.*

- *Tem que saber convencer a pessoa, não adianta só ficar impondo limites.*

PES: Como vocês acham que poderia mudar as taxas de mortalidade, atualmente, em relação aos adolescentes?

AD: - *Os pais tendo mais diálogo com os filhos.*

- *Eu acho que isso não adianta. Tem que mudar a sociedade em geral, uma conscientização em geral.*

- Cada século tem seus problemas. Antes os problemas não eram as drogas.

- Eu acredito muito no diálogo.

- Eu acho que diálogo ajuda, mas tem pessoas que já são maus caracteres mesmo, já é da natureza da pessoa.

PF: Vocês já conversaram com profissionais de saúde (médicos, psicólogos etc.) sobre o tema da morte?

AD: - Não.

PF: Vocês já tiveram algum contato direto com a morte?

AD: - Minha avó morreu.

- Uma amiga minha teve câncer no cérebro e morreu. Eu fui visitá-la no hospital e fiquei assustada com a aparência dela.

PES: Vocês acham que a escola deveria abordar o assunto da morte?

AD: - Sim, na base do diálogo e da troca de idéias.

- Fazendo teatro sobre as drogas, por exemplo.

- Com filmes.

- Acho que tem que ter visitas em hospitais, por exemplo de aidéticos. Acho que só vendo para cair na real.

- É, eu também acho, ao vivo choca mais.

PF: Vocês acham que os depoimentos de pessoas que já passaram por estas situações ajudam?

AD: - Acho que sim.

- Mas não em grupos muito grande igual a palestra da Jovem Pan que teve no colégio. Os alunos não levaram esta atividade a sério.

DIA 11/09/2003 – 2º ano Ensino Médio (Turma 2) – horário 10:40 às 12h – Número de adolescentes presentes: 6

TRANSCRIÇÃO DO ENCONTRO (com gravação):

PES: Quando se fala em morte na idade de vocês, durante a adolescência, o que vem à mente de vocês?

AD: - Mais a morte de um amigo, a morte de um parente, cada morte é diferente da outra.

PES: E quando vocês pensam na morte durante a adolescência?

AD: - *Eu não consigo muito pensar na morte, eu só sinto quando acontece, mas eu tenho medo. Medo não de morrer, mas de eu perder as pessoas.*

- *Eu também acho isso. Eu não tenho medo de morrer. Eu tenho medo de ficar paraplégico, de ficar parado, eu não tenho medo de morrer, morreu, morreu, você não sofre.*

PES: Vocês pensam com certa frequência no tema da morte?

AD: - *Não*

- *Mais ou menos, às vezes me preocupa, meus pais, minha tia teve câncer, estas coisas, você fica preocupado.*

PES: Vocês pensam na sua própria morte, ou seja, na possibilidade dela poder acontecer com vocês?

AD: - *Não.*

- *Eu penso que isso pode acontecer, mas eu não penso que..., eu não sei, eu não tenho medo de morrer.*

- *Eu sei que vai acontecer qualquer hora, qualquer dia, qualquer ano. Vai acontecer de uma forma ou de outra.*

PES: Em que ocasiões vocês pensam na possibilidade da morte poder acontecer com vocês?

AD: - *Eu penso que eu tenho que tomar cuidado, eu ando bastante de bicicleta no meio da rua, no trânsito, eu penso em tomar cuidado, ficar prestando atenção, ficar esperto. Às vezes nem é a sua culpa e você pode pegar outra pessoa.*

- *A única coisa que eu tenho medo, medo não, receio é eu estar dirigindo um carro e sem querer eu matar uma pessoa. É só disso que eu tenho um certo medo. Não foi por vontade sua, mas você vai carregar uma culpa, mesmo sendo sem querer, matei uma pessoa.*

PES: E você pensa na possibilidade de você morrer num acidente como esse?

AD: - *Isso aí eu não penso, eu não tenho medo, é o que eu falei, acidentes acontecem, você vai morrer de uma forma ou de outra. Se você for ver, ninguém pensa na sua própria morte. Os parentes, algumas pessoas, penso mais na morte dos outros, das pessoas mais próximas.*

PES: Vocês já tiveram algum contato direto com a morte? Como foi?

AD: - *Já, eu morei nos Estados Unidos e lá no meu colégio na aula de Educação Física tinha que correr bastante, aí um amigo nosso tinha problema, não sei direito, ele caiu e morreu de ataque cardíaco na Educação Física.*

PES: Como você se sentiu quando isso aconteceu?

AD: - *Para falar a verdade, eu conhecia o cara, jogava bola com ele, mas não mudou muito a minha vida. Eu acho que eu senti falta dele, chorei, mas depois de um tempo, rapidinho, isso passou. Tinha outras pessoas mais próximas dele, os familiares, um pessoal lá da escola, foi TV, rádio, todo mundo foi lá. Os pais dele foram lá, foi um pouco antes do aniversário dele. No aniversário dele a gente cantou parabéns do lado da onde ele morreu.*

PES: Nesta ocasião você conversou com alguém sobre a morte deste seu colega? Sobre como você se sentiu na época? Sobre como foi a morte dele para você?

AD: - *Sei lá, eu sou um cara muito quieto, eu não gosto de falar nada para ninguém. Eu guardo para mim, não falei sobre isso com ninguém.*

- *Comigo não foi com um parente próximo, nem com ninguém que eu conheço, mas com um mendigo da rua. (risos dos colegas) É sério, estava eu e um amigo meu e nós vimos na praça um cara caindo no chão e quando a gente chegou perto, ele estava tendo convulsão. Tinha uma pizzaria perto e a gente foi lá e falou para ligar para uma ambulância. Aí a ambulância chegou e a gente estava lá tentando segurar ele, ele acabou morrendo ali mesmo dentro da ambulância.*

PES: Nesta ocasião em que você estava passando por este episódio, o que você pensou, o que você lembra de ter passado pela sua cabeça?

AD: - *Eu senti uma certa dó porque eu não sei se a pessoa estava sofrendo ou se não estava sentindo nada, entendeu? Mas eu senti uma dó da pessoa estar sofrendo. Se ela morrer direto ali, eu não tenho tanta dó, eu penso que pelo menos ela não sofreu para morrer, teve uma morte rápida. Mas você ver uma pessoa sofrendo, em agonia e você não poder fazer nada é muito ruim, você sente até uma certa culpa também.*

PES: Eu acho que vocês já devem ter percebido que tem morrido muitos adolescentes hoje em dia; as taxas de mortalidade vêm aumentando bastante na idade de vocês. Por exemplo, a 2^a faixa etária que mais vem ocorrendo suicídios é na adolescência, a 1^a é com os idosos e depois são os adolescentes. Eu queria saber se vocês têm alguma hipótese sobre as altas taxas de mortalidade, atualmente, em relação aos adolescentes? Por que os jovens estão morrendo tanto?

AD: - *Eu acho que é por causa de depressão.*

PES: Como assim de depressão?

AD: - *Muitas vezes pelo uso de drogas ou pela perda de alguém, aí acabam em depressão ou roubando ou pensando em se matar.*

PES: E você acha que esta depressão dos jovens começa como? É devido a que?

AD: - *Devido à perda de alguém querido, devido às drogas também.*

PES: Então você acha que os jovens vêm se deprimindo devido à perda de um familiar ou amigo próximo?

AD: - *Algumas vezes sim.*

- *Outra coisa são os filhos matando os pais com “porrada”, tiros. Há um tempo atrás teve um monte de reportagens. Eu não sei, eu acho que vem muito da educação, do jeito que o pai educou, às vezes o filho apanhou da mãe ou foi maltratado quando era pequeno e aí foi ficando com raiva.*

PES: Vocês estão me dizendo que as altas taxas de mortalidade na adolescência podem estar relacionadas a uma educação deficiente dos filhos pelos pais?

AD: - *Eu não digo educação, mas sim o modo de educar.*

PES: Como assim “o modo de educar”?

AD: - *Eu não sei, cada um tem seu jeito. Alguns pais tratam os filhos na “porrada”, outros tentam conversar, outros preferem não falar nada, deixam o filho fazer o que ele quiser, eles não tem muita convivência com os pais.*

PES: O que vocês acham que pode levar os jovens a usar drogas, por exemplo?

AD: - *Às vezes é por influência de amigos, vai “na onda dos amigos” e aí começa a gostar.*

- *É você achar que isso é a solução dos seus problemas. Você está com um problema, aí você usa drogas e isso vai resolver os seus problemas, ajuda você a se sentir melhor.*

- *E com isso gera mais problemas.*

PES: Como vocês acham que poderia mudar estas taxas de mortalidade em relação aos jovens? Eu sei que estas taxas nunca vão “zerar”, pois a morte faz parte da vida, mas como elas poderiam diminuir?

AD: - *Eu acho que tem que ter uma mudança no sistema, no governo mesmo, tem que começar por aí, com o presidente.*

PES: O que o presidente poderia fazer em relação à isso?

AD: - *Muita coisa.*

PES: O que o presidente poderia fazer pelos jovens? Quais seriam os desejos de vocês?

AD: - *Uma coisa que eu vejo bastante que tem dado certo é tipo o “Criança Esperança”, este tipo de coisa, pois isto tira os jovens da rua e complementa o tempo deles com alguma coisa. E isto vai ajudá-los futuramente. Eu vejo muitos jovens, hoje em dia, fazendo aula de dança, expondo a sua*

criatividade e isso acaba resolvendo mesmo muitos dos seus problemas. Outra coisa que eu acho é o emprego mesmo. É uma coisa básica que ajudaria muita gente.

PES: Você está me dizendo que deveria haver mais programas de inserção dos jovens na sociedade? Vocês acham que isso poderia mudar as taxas de mortalidade dos jovens?

AD: - Poderia.

- Uma coisa que tira bastante os jovens da rua, que eu já vi porque tem até amigos meus, é por exemplo o futebol. Se o cara gosta mesmo, ele se empenha, se dedica e tira o jovem da rua. Não só o futebol, tem outros esportes, o basquete, o vôlei. Então, tem que fazer centros com esportes. Por exemplo, agora estão construindo esse CEU, mas este CEU estão construindo só para as pessoas que vão estudar lá. Então, deveria ter estes centros como o Ibirapuera, por exemplo, fazer mais destas coisas, construir, para tomar mais o tempo das pessoas, para os jovens irem lá, jogar bola, brincar porque, às vezes, eles não têm muito o que fazer e acabam se enfiando nos lugares errados, entrando nas drogas.

- Tem um colégio perto da minha casa que minha madrinha, meu padrinho, meu tio, vários primos meus estudaram quando eles eram pequenos e era um dos melhores colégios que tinha, mas, hoje em dia lá, só dá “maloqueiro”, revoltado, os caras andam armados.

PES: Então vocês acham que o aumento da violência, do uso de drogas entre os jovens, podem estar relacionados ao tempo livre dos adolescentes, ou seja, à dificuldade que eles encontram de inserção na sociedade?

AD: - É isso, eles não têm onde preencher o tempo. Que nem a gente sai da escola e muitos, ao invés de trabalhar, ficam sem nada o que fazer. Aí chega um amigo oferecendo alguma coisa ruim, falando para acompanhar ele em algum lugar. Se você estudar das 7h ao meio dia e jogar futebol das 13h às 18h, você ocupa o seu tempo.

- Eu acho que isso vem muito da educação dos pais. Meus pais são bem assim comigo, não querem que eu fique em casa sem fazer nada, eu tenho sempre que estar fazendo alguma coisa. Agora eu completei 17 anos e eu já arrumei um emprego, eu tenho que trabalhar, ter responsabilidade, chegar na hora certa, não se atrasar, ser educado, este tipo de coisa.

PES: Então você está me falando que os pais também influenciam muito na maneira do jovem preencher o seu tempo livre? Eles terem uma preocupação em relação a isso é então muito importante?

AD: - Eu acho. Se os pais não estão nem aí, o filho também não vai se tocar, não nasce sabendo estas coisas.

- *Se os pais não incentivarem, o filho não vai nem ligar para estas coisas. Meu pai me incentiva em tudo o que eu faço, claro que ele não gosta sempre de tudo. Quando eu furei a orelha, meu pai não gostou, mas ele deixou numa boa.*

PES: Eu acho que vocês estão levantando pontos importantes e interessantes. Nesse meu trabalho de mestrado eu quero ouvir a opinião de vocês sobre o tema da morte, sobre este tema e a adolescência, sobre a mortalidade dos jovens, o que vocês pensam sobre isso e, a partir daí, propor algumas idéias e mudanças. Nessa minha pesquisa o principal é ouvir o que vocês adolescentes pensam sobre estes assuntos que estamos abordando e a relação destes com os jovens, como as drogas, o suicídio, as relações familiares etc. Eu quero saber o que os jovens pensam dos outros jovens e de vocês mesmos em relação a estes temas.

PES: Eu queria saber de vocês, se vocês acreditam que refletir, discutir sobre o tema da morte poderia diminuir os índices de mortalidade na adolescência. Vocês acham que esta discussão, esta reflexão poderia ajudar os jovens?

AD: - *Se o cara tiver cabeça, se o cara pelo menos souber aquilo que você está falando. Porque tem muito cara que você fala, fala, fala e ele nem liga. Então eu acho que depende muito da pessoa, da cabeça de cada um. Por exemplo, você pode vir aqui falar de drogas, o cara concorda com tudo e ele sai daqui e vai usar drogas. Ele vira as costas e não está nem aí, depende muito da cabeça da pessoa.*

- *Não adianta só você querer fazer a sua parte, eles têm que fazer a deles também.*

PES: E como seria poder fazer a parte de vocês?

AD: - *Sei lá, cada um faz a sua parte, eu não sei explicar. Lógico, você pode ajudar, dar uma força, mas é só metade do caminho.*

PES: Vocês conversam com amigos ou familiares sobre comportamentos que podem levar à morte? Comportamentos como, por exemplo, o filme mostrou?

AD: - *Não.*

- *Não.*

PES: Nem com familiares e nem com amigos?

AD: - *Sobre drogas eu acho que converso com amigos. Meu pai também fala para eu transar com camisinha, este tipo de coisa.*

PES: Então vocês conversam?

AD: - *Sobre morte eu converso porque a minha mãe morre de medo de morrer.*

- Não sobre morte. Eu conversei com a minha tia quando ela teve o problema dela com câncer. Minha tia nunca ficou muito triste, lógico que ela estava triste, mas ela não podia demonstrar muito para gente. Aí a gente tentava dar apoio, tudo.

- Eu converso com meus pais sobre que tipo de amigo que eu ando, as amizades que eu tenho.

PES: Mais alguém conversa sobre isso? Quem não conversa gostaria que isso acontecesse? De que formas?

AD: - Eu converso sobre tudo, não tem nada que eu tenha restrição em conversar, depende, é claro, da intimidade. Um assunto puxa o outro, às vezes a gente está jantando e mostra alguma coisa na TV e a gente começa a discutir estes assuntos. Não assim sentar e vamos discutir este assunto. Eu falo sempre com a minha mãe.

PES: O que você conversa com a sua mãe?

AD: - Sobre tudo eu falo com ela. O que ela pergunta, eu falo.

- Eu converso com as minhas amigas sobre sexo. Com meus pais às vezes.

PES: E vocês acham importante este tipo de conversa ou não?

AD: - Eu acho.

- Eu só converso com a minha cachorra.

PES: Vocês acham que podem ajudar uns aos outros em relação aos comportamentos que podem levar à morte? Os adolescentes se ajudarem entre si, isso é possível?

AD: - A gente pode querer muito ajudar e o outro não querer se ajudar.

- Tem um filme que mostra muito isso, aquele filme “Corrente do Bem”. É um filme que mostra bem isso, você ajudando 3 pessoas, cada uma ajudando mais 3, vai indo assim. Mas isso é uma coisa que realmente funciona se a pessoa quiser mesmo.

- Isso vem da pessoa.

PES: Eu acho que vocês estão falando uma coisa importante, se a pessoa não quiser ser ajudada ou não estiver disposta fica difícil mesmo. Mas se pensarmos que a pessoa quer receber ajuda, vocês acham que vocês podem a ajudar de alguma forma?

AD: - Pode. Eu penso que mesmo se a pessoa não quiser, eu posso insistir mais um pouco porque a pessoa pode acabar mudando de idéia.

- Eu acho que não, porque quando a pessoa não quer, não adianta.

- Eu também acho, que nem aqui na escola, o professor vem para dar aula, quem não está a fim, não presta atenção mesmo.

- *Quem não quer ser ajudado, não se deixa ajudar.*

PES: E de que formas vocês podem ajudar aqueles que querem ser ajudados?

AD: - *Só conversando mesmo.*

- *Dando conselhos.*

PES: E vocês já conversaram com algum profissional de saúde, algum médico, psicólogo ou outro profissional sobre o tema da morte?

AD: - *Não.*

PES: Ninguém conversou?

AD: - *Não.*

PES: E vocês gostariam que isso ocorresse?

AD: - *Também não.*

PES: Alguém gostaria?

AD: - *Eu não gosto de ficar pensando em morte.*

- *Eu não gosto de pensar que as pessoas vão morrer, eu gosto de pensar que as pessoas vão melhorar. Que nem a minha mãe, às vezes ela fica falando em morte toda hora, eu acho um saco, eu não sei, eu não gosto de pensar que ela vai morrer. Eu sempre fico pensando que ela vai melhorar e não piorar.*

PES: Por que é tão difícil falar sobre a morte?

AD: - *Porque é triste.*

- *Ninguém gosta.*

- *Porque é uma coisa para sempre, não tem volta. Se meu pai morrer, não tem volta, se voltasse, não seria tão difícil.*

PES: E qual a opinião de vocês, vocês gostariam de poder conversar com psicólogos, médicos ou outros profissionais de saúde sobre o tema da morte ou vocês acham que não precisa, que não é importante?

AD: - *Não é que não precisa, mas eu acho que não adianta muito. Mesmo que você converse bastante, morte é uma coisa que é muito ruim, muito triste.*

PES: Mas você acha que não adianta nada conversar sobre isso?

AD: - *Não que não adianta, eu não sei explicar.*

- *Eu acho que deveria ir conversando de pouquinho em pouquinho para a pessoa ir se acostumando. Lógico que não vai sentir falta, lógico que vai, mas vai ser muito menos, vai ter um*

impacto menor, um choque menor. Eu conheço uma pessoa que tinha câncer de mama e ela tinha 5 filhos, 3 eram pequenos e os outros 2 eram grandes. Os 3 pequenos ficavam numa boa, mas já os outros 2 choravam muito. Eu acho que os outros eram crianças e não sabiam bem o que estava acontecendo, mas a gente já sabe muita coisa, muita coisa não, mas eu acho que devia ter alguém para conversar, para desabafar.

PES: Então você acha importante ter alguém para falar sobre estes sentimentos, esta dor, por exemplo quando há um familiar doente?

AD: - Eu acho bem importante.

PES: Mais alguém acha ou vocês acham que não é importante falar sobre isso, que é melhor não tocar nestes assuntos?

AD: - Eu não sei, eu acho que quando a pessoa morre e você vai conversar é uma forma de conforto.

PES: E vocês acham que o tema da morte deveria ser abordado nas escolas?

AD: - Eu acho.

- Deveria. Sempre ajuda.

- Eu acho que deveria porque você estaria ajudando outros jovens, não só perguntando o que é a morte para eles, mas ajudando, falando: faça isso, não faça aquilo. Eu não sei, tem muitas pessoas que entram nesta vida de ladrão, de drogas, muitas vezes porque não têm conselhos. Que nem ele falou, muitas vezes tem os pais que não cuidam muito, tem os pais que não conhecem os filhos, não conversam com eles e que não estão nem aí. Muitas vezes, o filho está desinformado, não está consciente que pode se prejudicar.

- Teve um caso faz tempo que o cara era cheio da grana, ele tinha tudo o que ele queria, tinha casa, carro, tudo o que ele queria. Então como ele tinha tudo, a vida acabou ficando chata para ele porque ele conseguia tudo o que ele queria e ele acabou se matando por causa disso, ele tinha tudo de “mão beijada”.

- Estas pessoas que são ricas geralmente não sabem quem são os amigos de verdade.

- Eu tenho uma amiga que é rica e ela acha que dinheiro é tudo para ela. Os pais dela são separados, então o pai dela faz tudo para alegrar os filhos e a mãe dela também. Então eles não ligam, os filhos fazem o que eles quiserem, se quiser faltar na escola, falta, tem dinheiro mesmo, para ela dinheiro é tudo.

- Esta menina é minha amiga também e ela acha que pode segurar uma amizade com dinheiro.

- *Tendo dinheiro ou não eu acho que você sempre deve ter respeito e educação, na escola, com os amigos, com a família.*

PES: Então vocês falaram para mim que vocês acham importante a escola abordar o tema da morte?

AD: - *Eu acho.*

PES: De que formas este tema deveria ser abordado?

AD: - *Do mesmo jeito que você fez hoje com a gente.*

PES: Com um filme voltado para o assunto, discussões, o que mais?

AD: - *Não só o tema da morte, mas outros também.*

PES: Sobre comportamentos que podem levar à morte, à autodestruição?

AD: - *Isso.*

PES: Quais outras maneiras vocês acham que poderia se abordar estes temas nas escolas para ter uma discussão legal entre os jovens, provocar a reflexão de vocês?

PES: Vocês acham que depoimentos ajudam?

AD: - *Eu não sei, veio aquele cara da Jovem Pan e ninguém prestou atenção nele, estava muito lotado, ele ficou falando e ninguém escutou nada.*

PES: Como foi este evento?

AD: - *Ele era um dependente químico.*

- *Não é questão de chegar alguém e a gente ficar escutando ele falando sobre isso. É você receber conselhos realmente daquela pessoa e não todo mundo ao mesmo tempo.*

- *Eu acho que deveria ser individualmente com cada pessoa.*

- *Eu acho que é melhor um amigo dar um conselho do que alguém que você não conhece.*

- *Ele ficou o tempo todo falando da vida dele e falando umas coisas que a gente não entendia.*

- *Esse negócio de drogas já está enchendo o saco. Tudo é droga, droga, droga, acha que todo mundo aqui na escola é drogado. Dá uma raiva isso.*

- *É mesmo.*

PES: Então o que vocês acham que não funcionou nesta atividade?

AD: - *Não tinha nem lugar para colocar os alunos para assistir.*

- *Eu acho que não adianta ficar falando sobre drogas. Usa drogas quem quer usar, independente de saber o lado ruim e o lado bom da droga. A pessoa que usa drogas nunca vai ver o lado ruim da droga, sempre vai ver o lado bom, que é ficar relaxada, viajando.*

- A pessoa quer curtir o momento.

- Mesmo depois que passa, eu acho: não adianta ficar falando sobre drogas, usa quem quer usar.

- É verdade, ninguém obriga uma pessoa a usar drogas, usa quem quer.

- Por isso que eu nem me preocupo com isso, porque eu sei que eu nunca vou usar drogas, eu não preciso de drogas para nada. E para mim é muito chato ficar escutando isso.

- Eu também nunca usei. Você vai em festas, é lógico que tem, fica aquela rodinha e o pessoal fumando maconha, passam por você e eu não fumo. Sempre tem aquelas gozações, mas eu nem ligo. Os caras podem ficar fumando o dia inteiro que eu não ligo. Mas, tem aquelas pessoas que são fracas e acabam fumando.

- Eu acho que a gente não deve fazer nada para agradar os outros.

- É lógico.

- Do jeito que está o Brasil hoje, do jeito que está a vida das pessoas, tem um grande quadro aí do que a droga traz, de todas as coisas ruins que a droga traz. Para que a gente vai querer usar? Por que a gente vai querer fazer isso com a gente? Todo mundo sabe, não adianta falar que não sabia, sabia sim. Você liga a televisão e fala de drogas, você vai na esquina e falam de drogas, qualquer lugar que você vá tem drogas, falam de drogas e mostram o que a droga é.

- Se ela matou 3 jovens hoje, se teve mais uma chacina de traficantes, é “acerto de contas” e matou tal pessoa, bala perdida entre polícia e traficante.

- A maioria das coisas tem droga no meio.

PES: Eu acho que vocês estão falando, ligando este assunto sobre drogas às escolas, que não adianta trazer uma pessoa que já passou pela experiência, para dar um depoimento para um grupo de alunos muito grande, que isso não adianta por ser um tema bastante complicado e que esta atividade não funcionou para vocês. Eu acho que o tema das drogas já exige bastante para se abordar num grupo pequeno ou mesmo individualmente, então num grupo grande fica complicado mesmo. Outra coisa que vocês levantaram é que não adianta eu chegar aqui e ficar falando que as drogas matam, fazem mal, que esse tipo de informação vocês já conhecem e que a gente está sempre vendo e ouvindo na TV, em filmes, jornais etc. Eu acho que informações os jovens tem bastante acesso hoje em dia. Eu acho que o importante para vocês e para os adolescentes em geral é a forma, a maneira como esta informação é trazida. De que forma isto poderia tocar vocês? Como fazer vocês refletirem sobre este assunto das drogas por exemplo? Com depoimentos, por exemplo, o que vocês acham, que é a história de mais

uma pessoa que se envolveu com drogas, mais uma informação, o que? Como isso poderia chegar em vocês de uma forma diferente?

AD: - *É que todo mundo que fala, fala a mesma coisa. A gente já está cansado de escutar isso.*

- *Eu acho que este tipo de palestra seria legal para o pessoal mais novo. Não que a gente seja velho, mas para gente precisa de uma coisa mais avançada.*

PES: De que maneira poderia ser?

AD: - *Não sei. Uma coisa que eu achei legal foi quando eu morava nos Estados Unidos e teve uma palestra sobre drogas, vários policiais, eles trouxeram várias drogas, trouxeram cocaína, então o pessoal já ficava sabendo o que é o que. Você pode ir numa festa e não saber o que é o que, então você pode acabar se dando mal por causa disso. Uma pessoa pode acabar confundindo um cigarro normal com um cigarro de maconha.*

- *Eu acho que o que funciona é fazer uma rodinha de jovens de 10, 12 jovens e você começar a debater sobre o assunto. O que não funciona é você colocar 30, 40 alunos e falar vamos agora debater. Provavelmente a maioria vai ficar falando sobre outras coisas.*

- *O jeito que o cara falou: “eu fumei maconha e fiquei bem doidão”. Você ouve aquilo e fica imaginando o que é ficar bem doidão.*

- *É verdade, de tanto falarem você começa a ficar curioso para experimentar.*

- *Tem um monte de amigos meus que fumam maconha e quando eu vejo, eles estão bem alegres, viajando. Às vezes você fica até querendo saber como que é. Eu nunca usei drogas, eu não preciso de drogas, eu sei que eu nunca vou precisar. Se um dia eu estiver passando por uma situação difícil, não é com drogas que eu vou resolver meus problemas.*

- *Ninguém precisa de drogas, usa quem quer.*

PES: Eu vou perguntar mais uma vez: como vocês acham que deveria ser discutido com vocês, adolescentes temas como o das drogas, outros tipos de comportamentos que podem levar à morte ou mesmo o tema da morte em si? De que forma isso poderia provocar alguma reflexão em vocês? Me dêem exemplos de atividades que vocês consideram produtivas?

AD: - *Do jeito que está aqui, um debate mesmo.*

- *Eu acho que do jeito que está agora.*

PES: Uma discussão, um debate em grupos pequenos entre jovens e uma psicóloga?

AD: - *Isso.*

- *Eu acho que o jeito que mais funciona é você sentindo.*

(Risos entre eles e perguntas de como se poderia sentir sem usar drogas)

- *Eu não sei como a gente poderia discutir estes assuntos.*

- *Com os pequenos, eu vejo que é diferente. Eu tenho um irmão menor aqui na escola que tem 9 anos e fica gravado isso que “eu nunca vou usar drogas”. Mas em nós, não é que não fique, mas sei lá, chega uma hora que enche, as pessoas ficam falando muito sobre o mesmo assunto “drogas”.*

- *E tem mais uma coisa, tem que sentir. Não é questão da gente sentir como é isso, chegar a usar drogas, ficar “loucão”, mas é chegar um amigo, alguém próximo da família e a gente perceber que a pessoa está mal, está usando droga, é um jeito muito grande de sentir como é isso.*

- *Eu acho que a gente nunca vai conseguir aprender enquanto a gente não sentir.*

PES: E como está sendo esta atividade para vocês hoje?

AD: - *Eu até acho legal falar de um assunto que não seja drogas porque já encheu.*

- *É legal, é diferente de ouvir alguém falar que usou drogas e você não conseguir entender nada do que ela está falando. Aqui a gente debateu sobre vários assuntos, cada um deu sua opinião. Ficar só escutando a pessoa é horrível, tem que dialogar também.*

PES: Vocês lembram da última frase do filme?

AD: - *Eu li, mas eu não lembro.*

- *A última palavra era morte.*

- *Tinha autodestruição também.*

- *Era muito grande a frase.*

PES: Alguém mais lembra de alguma coisa?

AD: - *Não.*

PES: Era assim: “o limite entre o prazer e a autodestruição é uma linha frágil que se rompe diante do exagero e da irresponsabilidade podendo acabar em tragédia e morte”.

AD: - *É, era isso mesmo.*

PES: O que vocês acham desta frase?

AD: - *É verdade.*

- *É bonita.*

- *Vocês que inventaram esta frase?*

PES: Então, este vídeo foi feito por uma equipe do Laboratório de Estudos sobre a Morte do Instituto de Psicologia da USP. Este vídeo foi organizado por psicólogas que também estudam o tema da morte. Foi feito também o vídeo para a criança e para o idoso. Estes vídeos têm o objetivo de

facilitar a conversa sobre o tema da morte entre crianças, adolescentes, adultos e idosos. Mas o que vocês acharam desta frase que encerra este vídeo para o adolescente?

AD: - *É verdade.*

- *Esta frase faz a gente pensar. O prazer, muitas vezes, pode trazer a morte facilmente. Se você não souber como usar o prazer, como ele pode fazer bem para você, pode acabar em morte mesmo.*

PES: Vocês acham que esta frase tem relação com a sensação que, muitas vezes, os adolescentes têm de se sentirem imortais?

AD: - *O adolescente desafia, se sente poderoso, ele se desafia, até uma hora que se dá mal.*

- *Que nem aqueles esportes radicais, a gente estava falando em prazer.*

- *Pode sentir prazer com a maconha e estar se autodestruindo.*

PES: Vocês acham que quando as pessoas estão usando drogas, elas estão pensando em morte?

AD: - *Não mesmo.*

- *Nem dá.*

- *Mas quando a pessoa está mal depois de usar, pode pensar em morte sim.*

PES: Então vocês me disseram que o adolescente se sente poderoso, mas não se sente imortal?

AD: - *Ele sabe que ele morre, mas ele vai desafiando, ele acha que morre quando ele quer.*

- *Poderoso é por exemplo, ele acha que tem o poder nas mãos de estar usando drogas e achar que pode parar quando ele quiser.*

- *É, ele acha que não fica dependente.*

PES: E vocês se sentem poderosos?

AD: - *Não. Eu sei que não posso fazer tudo o que eu quero.*

PES: Vocês me disseram que vocês acham que o adolescente se sente poderoso e não sabe muito bem este limite entre o prazer e a morte?

AD: - *Isso.*

- *Eu concordo.*

PES: Para finalizar, vocês querem me perguntar alguma coisa?

AD: - *Por que você veio fazer esta atividade hoje?*

PES: Eu acho importante falar um pouco do meu trabalho para vocês entenderem o porquê eu vim aqui hoje. Eu trabalhei um pouco com este vídeo antes.

AD: - *Eu não gostei do vídeo, achei ele muito pesado.*

- *Você achou pesado? Pesado nada.*

- *Eu achei pesado na hora que apareceu o menino sem cabeça, sangrando.*

- *Eu achei legal.*

PES: Vocês gostaram do vídeo?

AD: - *Eu achei legal.*

- *Bem legal.*

- *Gostei.*

PES: Realmente tem cenas fortes, mas o vídeo busca mostrar a realidade dos jovens mesmo para poder provocar uma reflexão e discussões posteriores.

AD: - *Podia ter aparecido artistas, pessoas famosas no vídeo.*

PES: É, mas a verba que a faculdade recebe não é muito grande, então os atores são convidados mesmo.

PES: Então eu trabalhei um pouco com este vídeo entrevistando adolescentes também para saber o que eles tinham achado do vídeo, o que poderia mudar, melhorar. Este vídeo foi até reformulado a partir destas entrevistas e de outros questionários que a equipe do laboratório foi coletando ao longo das exibições deste vídeo. Agora no mestrado eu estou usando o vídeo para aproximar vocês do tema da morte e para discutirmos depois, como fizemos aqui hoje. Eu quero saber o que vocês adolescentes pensam sobre a mortalidade dos jovens e de que formas vocês acham que isso poderia mudar. Um ponto importante do meu trabalho é a comunicação sobre o tema da morte entre vocês e amigos, familiares, profissionais de saúde e nas escolas também; eu quero saber o que vocês pensam sobre isso, se vocês acham isso importante e relevante para a formação de vocês.

ANEXO 3: DESCRIÇÃO NA ÍNTEGRA DOS GRUPOS REALIZADOS COM OS ADOLESCENTES DA E.E. MAESTRO FABIANO LOZANO

1º GRUPO - E.E. MAESTRO FABIANO LOZANO - Data: 12/04/2004

TRANSCRIÇÃO DO ENCONTRO (com gravação):

PES (Pesquisadora): O que vocês acharam do vídeo?

Silêncio...

PES: É só alguém começar que aí todos começam a falar também...

AD (Adolescentes): - *Eu gostei do filme, eu achei que dá para dar consciência para as pessoas, o que elas devem fazer ou não.*

- *Eu acho que ninguém morre por acaso. Eu penso assim, que ninguém morre por acaso, se morreu...*

- *Mas não dá para fazer nada, vai lá e mata ou se mata, se morreu...*

PES: Vocês acham que a morte, na idade de vocês, é algo que dá para ser evitado em alguns casos?

AD: - *Em alguns casos eu acho que dá sim.*

- *Em poucos casos, mas dá sim.*

PES: Em que tipos de casos, por exemplo?

AD: - *Se a pessoa quiser se matar por exemplo...*

- *Em casos de, por exemplo, o cara vai lá, sai “de balada” e depois ele vai dirigir, ele primeiro bebe e depois dirige.*

- *Se beber, ele não devia dirigir, ou esperar passar ou vai embora de ônibus.*

- *Ou vai de táxi, alguma coisa, mas beber e dirigir depois?*

PES: Neste caso, então, a morte pode ser evitada?

AD: - *Sim.*

- *Drogas também, dá para ser evitado.*

- *É mesmo. É só você querer.*

- *Imagina: você está lá viciado e você não consegue pedir ajuda de ninguém? É só você querer pedir ajuda.*

- *Exatamente.*

PES: Vocês acham que é esse tipo de consciência que o vídeo pode trazer aos jovens, por exemplo, deles se darem conta de um problema e a possibilidade de mudar esta situação?

AD: - *É, por exemplo, um adolescente que está perdido na vida, não tem mais nada e não sabe mais o que fazer, então vai fazer o que? Se drogar.*

- *É a primeira coisa que a pessoa pensa, que a droga pode tudo.*

- *Ou a bebida né?*

- *Nossa!*

- *É verdade, eu já bebi e acho que a bebida não adiantou nada. Eu fiquei com a consciência dos problemas do mesmo jeito. Eu não mudei nada, eu percebia tudo o que eu estava fazendo.*

- *É, senão você briga com a família e vai beber, usar drogas para esquecer. Ta bom, você usa e depois?*

- *No outro dia você vai estar do mesmo jeito.*

- *Você vai estar com mais depressão ainda porque você usou drogas.*

- *É verdade, você fumou, você bebeu, entendeu?*

PES: Entendi. Quando se fala em morte na idade de vocês, na adolescência, o que vem à mente?

AD: - *Eu nem penso em morte.*

- *Nem eu.*

- *Nossa senhora, eu acho que se eu perder alguém, eu morro junto.*

- *Eu também.*

- *Quando minha amiga morreu, eu já fiquei super chateada, então imagina se for alguém da minha família, eu morro junto.*

- *Eu já perdi dois primos, mas nenhum era tão próximo de mim entendeu? Um morreu com uma facada e o outro morreu de tiro, mas eles não eram tão próximos de mim. Todo mundo sofreu, eu já fiquei mais na minha.*

PES: Vocês estão trazendo vivências de morte de familiares, amigos, nós vamos também falar sobre isso, mas quando se fala sobre a morte na adolescência, quando vocês ouvem falar sobre este assunto, que é atualmente bastante abordado pela mídia, por exemplo, muitos programas têm discutido a morte de jovens, que estão no auge da vida, vivendo experiências novas, marcantes para toda a vida...

AD: - *O que faz a gente pensar? Isso nunca vai acontecer comigo. Aconteceu com ele? Mas isso não vai acontecer comigo.*

PES: É a primeira coisa que vem à mente?

AD: - *É, vem isso sim, mas a pessoa também tem que saber se proteger contra tudo né?*

- *A gente até pensa em se proteger, mas isso também vai acontecer comigo? A gente sempre acha que não. Tem tanta gente pra isso acontecer primeiro.*

- *Por que justo comigo que isso iria acontecer?*

- *Meu pai fala, não faz isso, e eu penso: isso não vai acontecer comigo.*

- *Minha mãe fala: cuidado com este cara na rua. E eu falo: ah mãe, tanta gente pra pegar, por que ele iria pegar justo eu?*

- *É, é bem isso que acontece.*

PES: Vocês acham que os adolescentes se sentem imortais? Ou também eles tendem a achar que nada de ruim pode acontecer a eles?

AD: - *Poderia ser né?*

- *De vez em quando né? Tem situações que você pensa: agora que eu morro mesmo.*

- *Mas na maioria das vezes você acha que não vai acontecer nada. Nós temos muito o que viver ainda antes disso acontecer.*

- *É, por exemplo, é difícil de você ser seqüestrado.*

PES: Então vocês estão me dizendo que, na maioria das vezes os jovens pensam que nunca vão morrer, que não importa o que eles façam, nunca vai acontecer nada de ruim com eles? Ou não, por exemplo, quando eles estão usando drogas...

AD: - *Eles acham que nunca vão se viciar. Fica nessa: eu vou experimentar, mas não vou me viciar.*

- *Fica nessa: eu posso, eu posso.*

- *Eu posso usar hoje, uma semana, mas depois eu não uso mais, eu páro.*

PES: Vocês acham que os adolescentes tendem a se achar onipotentes, por exemplo em relação ao uso de drogas?

AD: - *A maioria sim.*

- *Em princípio, ele tem consciência do que pode acontecer, mas ele prefere arriscar.*

PES: Você está me dizendo que o adolescente tem consciência das conseqüências dos seus atos?

AD: - *Ele tem a consciência, mas ele acha que não vai acontecer com ele nada de ruim.*

- *É, eu fumo maconha, mas não vou nunca me viciar, este tipo de pensamento.*

- *É, ele vê o amigo que fuma maconha e depois vai entrando em depressão, mas ele sempre acha que a mesma coisa não pode, não vai acontecer com ele.*

- *É, meu amigo não passou mal quando usou droga, por que eu iria passar?*

- *É, uma amiga minha que fumou uma semana e conseguiu parar, eu posso pensar que eu também vou conseguir se eu quiser, mas numa dessa eu posso me dar mal, entendeu?*

PES: Então vocês pensam que os adolescentes têm claro a consciência do mal que alguns comportamentos estão causando, mas que as consequências nunca vão acontecer a eles?

AD: - *Isso.*

- *Eu posso fazer tudo e aquilo de mal nunca vai acontecer comigo.*

PES: Então, por exemplo, quando os adolescentes estão ingerindo drogas, eles estão pensando na morte?

AD: - *Não.*

- *Nunca.*

- *Eles estão pensando ou no que eles querem esquecer ou...*

- *Em ficar bem louco, hoje eu quero me divertir, é coisa de momento, amanhã é outro dia, sabe esta coisa de “balada”? Vamos fumar só aqui, hoje, depois pronto.*

- *Eles estão pensando só no prazer de fumar.*

PES: Este prazer que o vídeo aborda, o prazer que as drogas causam naquele momento?

AD: - *É, vamos fumar pra se divertir.*

- *Eu já fumei, achei interessante ficar soltando fumaça pra lá e pra cá, eu já fumei, não tenho porque mentir, mas a primeira vez que eu fumei, eu colocava a fumaça na boca e jogava fora, só bochechava, não estava entendendo nada do que eu estava fazendo, entendeu? Eu estava fazendo por graça só, as meninas fumavam e eu queria saber como era.*

- *Ta certo, as minhas amigas estão fumando e eu também posso provar para elas que eu estou fumando.*

- *Tem muitas pessoas que fumam só para provar que estão fumando ou bebem para provar que estão bebendo. Tem muita gente que fica zoando: eu bebo, mas você não bebe você é muito careta.*

- *É, a turma, fica forçando, colocando pressão e aí acabam indo pela cabeça do outro e começam também.*

- *Ou também fumam para dar coragem de fazer alguma coisa que sua amiga que fuma faz, ele fumou e fez, sabe?*

- *Eu quero ser legal também, então vou começar a fumar, a beber e todo mundo vai me achar legal.*

- *Se você está andando com um grupo de pessoas e eles bebem, fumam, para você poder ficar nesse grupo, você tem que fazer as mesmas coisas que eles.*

- *É, tem que fazer as mesmas coisas que eles para não ser careta.*

- *Eu estava na praia com uma amiga minha e chegou uns caras falando pra gente ir tomar caipirinha com eles. Se a gente não fosse, a gente pensou na hora: se a gente não for, eles vão zoar muito com a gente. Aí a gente foi e aí “dá-lhe caipirinha”, eu e uma amiga minha, até que eu fui levantar da cadeira... eu não senti graça nenhuma em beber, só passei mal, só vomitei a tarde inteira e aí tive que tomar chá, só isso.*

- *As pessoas bebem só para se sentirem diferentes.*

- *É, mas eu não esqueci nada, eu sabia tudo o que eu estava fazendo, sabia o que eu tinha feito, o que eu estava fazendo, o que eu ia fazer, aí minha tia perdeu a confiança em mim na praia, não deixava mais eu andar sozinha, sei lá...*

PES: E vocês falaram um pouco já, vocês não pensam com frequência no tema da morte?

AD: - *Não, você está lá, fazendo as coisas, você não vai ficar pensando nisso.*

- *Vou morrer amanhã, você não fica pensando nisso.*

PES: Eu entendi, mas o que eu estou dizendo é se vocês pensam na possibilidade da morte poder acontecer com vocês?

AD: - *Não.*

- *Não.*

- *Eu penso sim.*

- *É, depende. Se eu estou com um amigo bêbado andando de carro e eu não sei dirigir, eu penso: pára este carro senão eu vou morrer agora.*

- *Quando eu estou andando de moto, por exemplo, eu não penso que eu posso morrer. Eu penso quando estou num lugar que eu acho muito perigoso, que qualquer hora pode sair tiro ou sair uma briga que pode envolver todo mundo. Eu tenho medo dessas coisas.*

- *Esse tipo de situação de perigo, andar na rua 5 horas da manhã, você não sabe da onde pode surgir um homem ali.*

- Outro dia eu estava indo na casa de um amigo perto do Brás e aí veio um cara, eu não sei o que aconteceu e ele começou a dar tiro e aí a polícia do outro lado, nossa, tinha um cara na minha frente que tomou um tiro no braço, eu pensei: agora que eu vou morrer, é hoje.

- Quando eu tinha uns 12 anos, minha rua não tem estas luzes nos postes, então fica um breu “danado”, então esse dia, meu pai estava no bar e minha mãe me mandou chamar ele e começou um tiroteio, eu pulei para o chão da rua.

- Eu já fiquei numa festa, num salãozinho muito pequeno e aí começou um tiroteio no meio da festa, eu só via copo voando pra todo lado e eu pensei: não corre, encosta na parede. Mas todo mundo começa a correr e é muito difícil ficar parado.

- Só nessas horas mesmo que você pensa que você pode morrer.

PES: Vocês já tiveram algum contato direto com a morte? Morte de familiares ou amigos?

AD: - Já.

- Ver alguém morrendo na sua frente?

PES: Não necessariamente, alguma vivência de morte na história de vocês.

AD: - Alguém muito próximo de você morrer.

- Minha amiga.

PES: Ela era adolescente? Como foi?

AD: - 16 anos, esfaqueada e estuprada. Faz o que? 2 meses, acho. Eu estava viajando, era carnaval e quando eu voltei foi que me falaram o que tinha acontecido. Ela morreu. A gente tinha a maior amizade, ela era namorada de um amigo meu, eu fiquei muito chocada, muito, muito, muito.

PES: E como foi esta experiência pra você? Você sentiu vontade de conversar com alguém sobre isso, com algum familiar, amigo, profissional?

AD: - Com meus amigos, a gente sentou e começou a conversar. Todo mundo ali super chocado, a gente fez uma rodinha e ficou ali todo mundo chocado.

- Você pensa: ela estava ontem mesmo comigo.

- Eu sinto muita vontade de conversar nessas horas. Apesar que eu não consigo falar muito, eu mais choro do que falo.

- Que nem outro dia eu estava na praia de bike e um cara ia me assaltar, mas a sorte foi que tinha um policial na hora.

- Hoje em dia tá muito normal esse negócio de assalto, você tem que ficar esperto, só isso.

PES: Quais as hipóteses que vocês levantam sobre as altas taxas de mortalidade, hoje em dia, em relação aos adolescentes?

AD: - *Hipóteses?*

PES: Por que será que tantos adolescentes estão morrendo atualmente?

AD: - *Acidentes, drogas.*

- *Acidentes eu acho que é o que mais causa.*

- *Mas também tem muita gente usando drogas.*

- *Os jovens não estão mais nem se importando em esconder, eles pensam: vou usar na rua mesmo.*

- *É, estão querendo até lançar que usuário pode andar com menos de 10mg de maconha no bolso.*

- *É, essa lei que a maconha deveria ser liberada.*

PES: Qual a opinião de vocês sobre isso?

AD: - *Eu acho errado, não deveria ser liberado nada, nada do que mata deveria ser liberado.*

- *Porque se os jovens já estavam fumando escondido, agora que vai ser liberado, legalizado, você vai ver gente fumando em todo canto, ver gente caindo no chão e é perigoso até ter uma overdose de outras drogas.*

- *Agora tem esse negócio de “extra maconha”, “super maconha”, as pessoas estão muito fissurados nisso.*

- *Eu tenho uma amiga que foi numa festa e todo mundo estava usando lança e ela resolver usar também. Depois ela falou que nunca mais ia usar. Aí outro dia ela saiu com a prima dela e usou de novo.*

- *É, muita amiga minha que já disse que usou lança-perfume, fiquei cheirando meia hora a blusa, sei lá como é que faz isso. As meninas falam: aí eu fiquei muito louca. Eu digo: continua, você ficou muito louca e? Elas falam: é, só isso, é “dá hora”. Aí, como todo mundo tem medo da minha mãe, eu falo que se eu cheirar, minha mãe vai me pegar e dar nelas também. Aí elas arregalam os dois olhos na hora.*

PES: Como vocês acham que essas taxas de mortalidade poderiam mudar? Poderiam diminuir?

AD: - *Se as pessoas tivessem mais responsabilidade.*

- *Menos drogas.*

- *Se não vendessem bebidas alcoólicas para menores de idade.*

- Isso é impossível. Se você chegar agora lá na esquina e pedir um copo de pinga, a mulher te dá na mão.

- Eu acho que vai da cabeça de cada um, cada um devia ter a consciência do que faz.

- Isso é verdade.

- Eu penso isso porque mudar não tem como mudar mais, já está feito. Então cada um devia pensar no que está fazendo, tem que tomar consciência.

- É, eu vou estragar a minha vida se fizer isso, eu vou viciar.

- Não proibir a bebida, mas a pessoa devia ter consciência que vai ter, por exemplo, que dirigir daqui a pouco e aí nem começa de preferência. Se vai começar a beber, pensar em pedir para outro amigo que não vai beber para dirigir e aí, tudo bem, eu posso beber uma cerveja.

- É, só um golinho não faz mal.

- É, se você estiver em casa com a família, tá bom, todo mundo bebendo, vou dormir na casa da minha mãe, vou beber mesmo, mas se você vai dirigir depois.

PES: E vocês acreditam que discutir, por exemplo da forma como estamos fazendo aqui hoje, refletir sobre o tema da morte ou comportamentos que podem levar à morte de jovens, poderia diminuir estes altos índices de mortalidade na idade de vocês?

AD: - Acho que não.

- Eu acho que não.

- Só se fizer isso com o mundo inteiro.

- Porque tem gente que pode estar aqui agora e depois “tchau”, não vai pensar em mais nada, entendeu?

- Ele pode até ter amigos legais, que dão conselhos bons, mas na hora só fala “tá bom, tá bom” e sai andando, falando que vai parar de usar drogas.

- Que nem teve um amigo meu quando eu falei que ia ficar aqui no colégio porque eu ia passar na psicóloga e aí ele falou: por que? Você está ficando louca? E eu nem respondo, senão...

PES: Hoje vocês estão aqui participando dessa atividade porque vocês quiseram investir o tempo de vocês nisso, vocês estão se colocando dispostos a refletir sobre este tema quando poderiam estar em qualquer outro lugar, já que esta atividade foi colocada como optativa. Como vocês consideram que essa discussão, essa reflexão, poderia ajudar em relação às taxas de mortalidade dos jovens, nessa falta de consciência das conseqüências que vocês trouxeram? Qual seria o caminho para levar os jovens à reflexão?

AD: - *Seria um ajudando o outro, eu falando para a minha amiga: não usa tal droga, isso não tem graça, dar conselhos para as meninas, entendeu? Pra que você vai fazer isso? Isso não tem graça...*

- *Não vai levar a nada.*

- *Eu nunca usei, eu não tenho nem o interesse.*

- *Ou eu posso pensar que eu quero experimentar e se eu não gostar, eu não uso mais e pronto.*

- *Mas não adianta se você está usando drogas e vem uma pessoa dizendo pra você não usar mais, não adianta uma pessoa, tem que vir um monte de gente incentivar.*

- *Tem que um ajudar o outro.*

- *O primeiro passo é ela assumir que ela está dependente das drogas. Porque não adianta as outras pessoas ficarem falando se ela não quiser ouvir.*

- *E tem muitos casos que a pessoa tenta pedir ajuda e os “caras” falam que ela já tá toda drogada mesmo, não adianta mais.*

- *E aí que ela afunda mais.*

- *Eu acho também.*

PES: E vocês conversam com amigos ou familiares ou profissionais de saúde (médicos, psicólogos...) sobre comportamentos que podem levar à morte na adolescência, por exemplo sobre o uso de drogas que vocês estão trazendo para a discussão?

AD: - *Não.*

- *Não.*

- *Mais com o amigo porque o amigo consegue entender porque ele tem a mesma idade, os mesmos pensamentos.*

PES: Vocês conversam com seus amigos sobre estes temas que estamos discutindo hoje?

AD: - *Sobre drogas.*

- *Na maioria das vezes é sobre drogas.*

- *Sobre beber.*

- *É, hoje eu vou beber muito porque tem a festa de um amigo meu.*

- *Vai ter tal festa e eu vou ficar “chapado”.*

- *Tem uma “baladinha” e eu preciso beber tal coisa.*

PES: Mas e aí? O que vocês conversam sobre isso, o que vocês falam para eles?

AD: (risos) – *Eu falo “vamos lá”.*

- *Depende do lugar e da oportunidade.*

PES: Eu não estou aqui para falar para vocês não fazerem nada, não irem à festas, estas coisas...

AD: - *Não, você está falando que a gente pode aproveitar as coisas com responsabilidade.*

- *Aprecie com moderação.*

- *Eu acho que é muito difícil...*

(A porta da biblioteca abre e entra a mãe de uma das alunas que estava participando da atividade – Discuto este evento após a transcrição do grupo em “Comentários e Impressões”).

A aluna comenta que não sabe porque sua mãe não gosta de uma das alunas que também estava participando da atividade). Outra aluna diz:

- *A minha mãe também não gosta de muitas amigas minhas.*

- *A minha mãe fala que se ver eu com ela, ela quebra os meus dentes porque falam muito mal dela, coisas que ela na verdade não faz.*

- *Minha mãe todo dia que eu saio fala para eu não ir pela cabeça dos outros.*

- *Minha mãe fica com dúvidas sobre o que falam das pessoas.*

- *Mas ela devia sentar com você para saber se isso é mesmo verdade.*

- *E ela senta, ela conversa, mas é que chegam muitas mães também que falam mal dela (a aluna presente) não sei porque, aí minha mãe acredita.*

- *Uma contra todas também não dá né?*

- *A minha tia fala que confia muito em mim, mas eu já pisei na bola muitas vezes.*

- *A minha mãe confiava em mim até o dia em que eu enchi a cara e ela teve que me buscar, depois desse dia... ela falou que era má influência dos outros.*

- *Minha mãe não confia em mim desde o dia em que eu perdi a virgindade, ela não confiou mais depois disso.*

- *A minha mãe confia. O dia que eu bebi com uma amiga, eu cheguei em casa e estava muito mal e ela me deu o cobertor para eu dormir. No outro dia eu falei para ela que eu tinha bebido e ela disse que já sabia, que não era boba. Eu perguntei se ela ligava e ela olhou bem para a minha cara e eu pensei “deixa quieto”.*

- *A minha mãe fala que tudo bem, mas que não quer mais que eu faça isso, que da próxima vez vai contar para o meu pai.*

- *A minha mãe também esconde muitas coisas do meu pai.*

- *Todo mundo esconde as coisas da minha avó.*

- *Muitas coisas que eu fiz minha mãe não conta para o meu pai.*

PES: Então vocês estão me dizendo que vocês costumam conversar com a família sobre estes temas?

AD: - *Depende.*

- *Tem coisas que eu fico “com o pé atrás” e prefiro não falar.*

- *Por exemplo “de fumar” eu escondo da minha família.*

- *Eu também não falo para a minha mãe que eu fumo.*

- *É, mas no outro dia minha tia descobriu.*

- *Eu tenho muito medo da reação da minha mãe se ela souber que eu fumo. Meu pai então...*

- *Se você for conversar com uma pessoa que tem a opinião diferente da sua, pode dar problema, então é melhor você conversar com uma pessoa que tem a mesma idade que você.*

PES: Esta é a opinião de vocês?

AD: - *Minha tia quando descobriu que eu estava fumando, ela olhou para mim e eu pensei: “é agora que eu vou levar um pau”. Ela me mandou sentar no sofá e eu já abaixei a cabeça. Ela perguntou: “você está fumando?” e eu: “não” e ela: “fala a verdade, não precisa mentir para mim” e eu: “não” e ela: “você está com medo de mim? Não vou fazer nada, não vou te bater, você está fumando? Eu sei que você está fumando”. Aí eu balancei a cabeça (afirmativamente) bem devagarzinho. (Risos) Ela disse que meu tio já sabia, que eu pensava que todo mundo era “besta” e eu falei que não pensava isso e ela disse: “eu não quero que você tenha medo de me contar as coisas, eu só quero que você não repita, entendeu? Eu acho que não é uma coisa boa, não é uma coisa que vai te trazer saúde, nem nada, então não é legal de se fazer isso.*

PES: Então vocês acham importante a opinião dos seus familiares?

AD: - *Importante é.*

- *Teve uma vez que a gente estava ali na pracinha e a gente fumou. Depois eu fui para casa e minha mãe sentiu o cheiro e perguntou se eu estava fumando. Eu falei que não. Depois eu falei que estava. Ela falou que tudo bem, mas que não queria que eu fizesse mais isso, falou que da próxima vez que sentisse o cheiro de cigarro em mim, ia contar para o meu pai e que quando eu quisesse fumar de novo para eu sentar com ela e a gente ia conversar.*

PES: O que você achou dessa frase da sua mãe?

AD: - *Eu não sei...*

PES: O que você achou dessa disponibilidade que ela colocou para você?

AD: - *Gostei né?*

- *É legal.*

- *Mas o medo que eu senti na hora.*

PES: Que medo é esse?

AD: - *Medo de apanhar.*

- *Não, eu não tenho medo de apanhar.*

- *Meu pai fala que não quer para mim as coisas que podem me fazer mal. Ele fuma, entendeu?*

Aí eu vi ele fumar e comecei a fumar também.

PES: Vocês têm medo de discutir experiências suas por medo de repreensão? O que?

AD: - *Isso.*

PES: Mas vocês gostariam que houvesse esse diálogo?

AD: - *Eu gostaria porque se tivesse esse diálogo, eu não ia fazer nada escondido.*

- *Eu também acho que não faria nada escondido, eu ia me abrir com eles.*

- *Mesmo conversando com a minha tia, eu não teria coragem de fumar na frente dela, nunca.*

- *Nem eu.*

- *Nem eu.*

- *Mesmo que ela falasse: “fuma, eu compro o seu cigarro”, eu não teria coragem.*

- *Que nem o meu irmão, ele tem 17 anos e meu pai vê ele fumando, só falta ele engolir o cigarro, imagina eu.*

- *Eu estou escutando aqui, que nem ela está falando, que a mãe dela falou que vai contar para o pai e seu pai, ele não fala que vai falar as coisas para a sua mãe?*

- *Meu pai não sabe das minhas coisas (risos).*

- *Que nem a minha irmã de 19 anos, ela vê o pai dela, ela sai correndo.*

- *Eu também.*

- *O pai dela sabe que ela fuma, sabe que ela tem cigarros, sabe de tudo, ela já falou para ele, só que ela corre dele, ela não gosta de falar as coisas dela na frente dele.*

PES: E vocês trouxeram um pouco antes que é mais fácil conversar com os amigos porque eles têm a mesma idade, vocês acham que seus amigos podem os entender melhor que os familiares sobre estes temas?

AD: - *Eu acho que sim porque eles vão entender.*

- *Eles vão passar pelas mesmas coisas ou já passaram.*

- Eles podem dar uma força, entendeu?

- Como já passaram ou vão passar pelas mesmas coisas, eles não vão reprimir e eles vão aconselhar.

- Se eu contar para a minha mãe, ela vai falar “como foi que você fez isso?”, “não faz mais isso”, entendeu?

- Ela vai falar: “você não devia ter feito isso”.

- Quando eu pensei em perder a virgindade, por exemplo, eu cheguei numa amiga minha e falei para ela. Eu cheguei para ela e falei: “estou pensando em perder a virgindade”. Ela já tinha perdido, mas eu não sabia. Aí já veio aquela curiosidade: como é que é? O que você fez? Essas coisas. Ela falou que tinha mudado muitas coisas no seu corpo, que tinha mudado o fio do cabelo dela e eu já fiquei toda preocupada.

- Muda o cabelo? Acho que não hein?

- Acho que não muda nada, sei lá. Acho que muda o seu jeito.

- Se eu chegar para a minha mãe, um dia, e falar que eu estou grávida, acho que ela me “dá um pau” na hora.

- Eu também testo a minha mãe, se eu estivesse nessa situação o que ela falaria.

- Se eu chegar na minha amiga e falar que não usei camisinha, ela vai falar que eu sou burra.

PES: Vocês gostariam de poder conversar sobre sexualidade com a família de vocês?

AD: - Com a família inteira, menos com a minha avó (risos).

- Menos com o meu pai.

- Eu gostaria, só que o diálogo é difícil porque na época que a minha mãe foi criada, eles reprimiam muito. Ela falava que namorar era dentro de casa, não podia fazer isso, não podia fazer aquilo.

- Na minha família, se você fala para um, no dia seguinte todo mundo está sabendo.

- Na minha também.

- Então eu acho assim: meu pai é homem, então ele me conta o que ele fazia na época dele. Então ele acha que as coisas não vão mudar, que o que ele fez com as meninas ou o que ele deixou de fazer, vão fazer comigo também ou que eu vou pensar como as meninas que ele ficou.

- Minha avó sempre falou, sempre, até hoje ela fala: “o tesão é a pior coisa do mundo”, eu não sei porque ela fala isso, eu sempre dou risada quando ela fala isso. Ela diz que o tesão traz graves conseqüências. Ela diz que a mulher quando sente tesão, quando ela gosta, nada impede ela de nada,

ela se sente a dona do mundo e faz o que ela bem entende. Foi recentemente que eu fui entender o que a minha avó quis dizer.

PES: E vocês já conversaram com profissionais de saúde (médicos, psicólogos...) sobre o tema da morte ou comportamentos de risco? Vocês gostariam que isso acontecesse?

AD: - Com médicos eu acho que não necessariamente.

- É mais fácil chegar num ginecologista e perguntar essas coisas.

- Eu acho melhor com a mãe.

- Eu prefiro um ginecologista, você vai ter uma ajuda.

- Mas a mãe, ela vai aconselhar, ela é mais experiente, ela sabe o que ela fez.

- Eu já prefiro alguém da minha idade. A minha amiga quis que eu fosse ao ginecologista com ela para dar um apoio moral porque a mãe dela não sabia que ela estava transando, ninguém sabia e eu que tive que ajudar ela.

PES: Qual é a maior dificuldade que vocês encontram em conversar com a família sobre estes temas, sobre o tema da morte?

AD: - Ela tem muito medo da mãe dela, eu nunca vi isso.

PES: Mas como é isso para vocês?

AD: - É o medo, é o medo de reprimir.

PES: E como isso poderia mudar?

AD: - Se as pessoas tivessem mais paciência com as outras. Minha tia por exemplo.

- A minha mãe, ela devia pensar assim: “no tempo que eu fui criada, não era os tempos de agora porque agora as coisas mudaram, por exemplo: quem perdesse a virgindade, antigamente, antes do casamento, o marido não ia querer mais casar. Agora é “brega” ser virgem.

- As pessoas falam: Ai credo, você é virgem ainda?

- É a minha mãe fala que tudo ficou moderno agora. Foi por isso que eu perdi a minha virgindade, por causa dessa coisa de ser “brega”.

- Eu acho que a minha mãe não entende que as coisas agora são totalmente diferentes. Eu fui criada diferente. Agora, com as minhas amizades, eu tenho idéias diferentes que a minha mãe gostaria que eu tivesse.

PES: Então o que deveria acontecer para essa comunicação entre pais e filhos adolescentes acontecer?

AD: - Ela deveria ser mais aberta.

- *É por isso que a gente faz tanta coisa escondido entendeu?*

- *Muita coisa!*

- *Muita coisa, você não tem noção.*

- *É verdade, de tanto a gente ser reprimido, a gente acaba fazendo muita coisa escondido.*

- *Como eu vou conversar com a minha mãe? Eu já sei que ela vai me xingar mesmo.*

- *Eu já sei que ela vai me proibir de um monte de coisa. Se eu falar: “mãe, eu fiz isso quando eu sai”; ela vai me proibir de sair.*

PES: Todos vocês sentem essa repressão pelos pais? Pela família? Não só em relação à sexualidade, mas outros assuntos também?

AD: - *Eu tenho medo.*

- *Eu também.*

- *Eu tenho medo de falar, só isso. Eu tenho medo da reação.*

- *Se você chega para os pais eles já falam: “nem pensar”, mas se você chega para um amigo ele fala: “não sei, vai lá, tenta, eu acho legal”.*

- *Antes de falar para a minha mãe que eu perdi a virgindade, eu consultei muitas pessoas. Eu consultei a minha tia, que é uma pessoa mais velha do que eu, lógico. Eu perguntei o que ela achava e ela disse que a minha mãe não era uma pessoa muito normal, ela falou brincando, sua mãe vai “ter um treco”.*

- *Se eu falar para a minha mãe que eu não sou mais virgem, ele vai “ter um treco” também. Se eu falar que estou namorando, que estou pensando em perder a virgindade com o meu namorado, ela vai falar: “você não vai não”.*

- *Minha mãe também, nossa! E o meu pai?*

- *Minha mãe procura saber de mim, ela perguntou...*

- *É o medo, eu tive uma prima que já ficou grávida, outra que já teve uns 5, 6 namorados em um ano. Então ela pensa que se deixar a filha dela namorar nessa idade ou ela vai ficar grávida ou ela vai ficar com um monte. Mas ela devia confiar em mim e não só ficar vendo o que os outros fazem, ela devia confiar em mim.*

- *Minha mãe fala que beijar é bom, abraçar é bom, “coisar” é bom...*

PES: Essa falta de confiança pelos pais está bem presente para vocês né? O medo da reação deles se souberem de comportamentos que vocês estão tendo?

AD: - *Medo nem tanto, é mais a falta de confiança.*

- Se eu falar isso, como meu pai vai reagir? O que ele vai falar? Essas coisas...

- Eu fico meio assim, por exemplo, se eu bebi escondido, eu vou chegar para a minha mãe e falar: “mãe, eu bebi, eu errei”. Eu acho que o meu pai vai “ter um treco”, vai me proibir de sair com minhas amigas, de determinadas amizades.

- É disso que eu tenho medo também.

- Eu também acho.

- Minha mãe vai falar para eu ir de casa para a escola, da escola para a casa. Ela já fez isso comigo uma vez.

- É, ela vai querer vir me buscar na escola, ela vai querer “cortar” o telefone, ela não vai deixar eu falar com mais ninguém, ela vai me isolar, entendeu?

PES: Então essa repressão existe quando há o diálogo com os pais. E aí, então, vocês preferem conversar com os amigos? Não só sobre sexualidade...

AD: - Na maioria das vezes com os amigos.

- Com os amigos.

- É mais com os amigos, porque eles entendem melhor. Vai ver eles estão passando até pela mesma situação.

- Eles pensam as mesmas coisas.

- A minha mãe me pegou bêbada já faz 2 anos e ela não confia mais em mim do jeito que ela confiava antes.

PES: Mas os pais possuem uma outra visão dos amigos né?

AD: - Muito diferente.

- Tem amiga minha que eu adoro e a minha mãe diz que ela “não presta”.

- Eu tenho amigos, meninos e a minha mãe nem conhece, nunca conversou com eles e ela já começa a falar mal assim que eu chego em casa.

- Minha mãe também fala que eu tenho amigas bandidas, que tal menino usa drogas, que não me quer com ele.

- Nem a minha avó e nem a minha tia pensam assim. Elas procuram saber da pessoa, entendeu? Onde essa menina mora?

- Minha mãe acha que, por exemplo: o pai dela se separou da mãe dela e foi morar em outra cidade e não está mais nem aí com ela. Aí minha mãe já acha que ela se perdeu por causa disso, então não quer que eu ande mais com ela. Minha mãe acha que tem que ser “menina de família”, entendeu?

- *Ela está vivendo muito como no passado.*

- *Se a minha mãe vê uma amiga minha beijando um cara na esquina, já não quer que eu ande com ela porque eu posso fazer igual porque viu ela fazendo.*

- *Isso mesmo.*

- *Uma vez, era 3ª feira e a minha mãe tinha ginástica no dia, aí eu com meus amigos, nós fomos cabular e a gente estava bebendo uma garrafa de cerveja na rua e a minha mãe estava passando na rua. Sorte que ela não me viu, mas eu pensei: “minha hora chegou”. Aí eu logo me despedi dos meus amigos. Meus amigos viram que era por causa da minha mãe e aí a gente mudou de lugar.*

PES: Mas vocês sentem falta de conversar com a família?

AD: - *Eu sinto muita falta.*

- *Eu também, muita.*

- *Com a minha mãe, principalmente.*

- *Papo de filha e mãe é a melhor coisa do mundo.*

- *Eu acho que se os pais não tiveram essa oportunidade na época deles, eles deviam dar essa oportunidade para a gente hoje porque eles sabem o que eles passaram, então eu acho que eles não querem que a gente passe pelo mesmo, mas eles também não se abrem com a gente.*

- *Minha mãe fala que na época dela não tinha a “boa vida” que eu tenho hoje. Ela trabalhava, lavava roupa.*

- *Quando minha mãe fala para eu não sair com determinado amigo. Eu não vou ter sempre ela do meu lado dizendo o que eu devo fazer, eu vou aprender as coisas errando, eu tenho que estar lá, naquela situação para saber o que eu vou fazer e não vou ter a minha mãe do meu lado.*

PES: Pelo que eu estou percebendo, então, vocês estão sentindo falta de terem mais oportunidade de conversar com a família sobre sexualidade, drogas, amizades...

AD: - *Eu sinto falta.*

- *Eu nem tanto porque a maioria das coisas que eu fiz a minha tia já sabe, minha tia é uma pessoa que eu confio muito. Ela sabe que eu não sou mais virgem, já sabe que eu bebi, já sabe que eu fumei. Então eu não sinto tanta falta de falar: “esse dia eu fiz tal coisa, tal hora”. Eu não sinto tanto essa necessidade de estar falando.*

- *Para a minha mãe é difícil falar as coisas.*

- *Eu acho que é assim, o meu pai pensa assim: “não, se você namorar agora, você vai ficar grávida porque os moleques de hoje em dia só querem aproveitar”. Ele não conhece a pessoa, ele tem que conhecer para depois falar, eu acho assim.*

- *Minha tia fala que tudo é bom: dar é bom, beijar é bom, abraçar é bom, mas tudo com responsabilidade. Minha tia sempre falou isso.*

PES: Mudando um pouco de assunto, mas nem tanto, vocês acham que a escola deveria abordar o tema da morte?

AD: - *Eu acho.*

- *Eu acho que sim.*

- *Não só o tema da morte, mas também muitas outras coisas que os jovens têm dúvidas e têm medo de falar.*

- *Devia ter palestras sobre sexo, drogas, tudo.*

- *Até os meninos têm uma certa curiosidade. Hoje eu falei para o meu amigo: “vamos passar na psicóloga?” Ele falou: “sobre o que ela vai falar?” Aí eu falei que ela ia falar sobre adolescência e a morte ou a morte na adolescência. Aí ele falou: “ela só vai falar sobre isso?” Aí eu falei: “é lógico que não, se a gente perguntar outras coisas, ela vai te responder também”. Aí ele deu uma risada e falou: “quando for sobre uma outra coisa você me avisa”.*

PES: E por que você acha que ele falou isso?

AD: - *Porque ele está curioso, ele quer saber alguma coisa também. Ele também não fala as coisas para a mãe dele.*

- *Eu acho que também devia ter palestras para os pais porque tem pais que foram reprimidos e não sabem lidar com os jovens de agora.*

- *Eu também acho isso.*

- *Tem pai que ainda está vivendo no século X.*

- *Meu pai é o próprio.*

- *Devia ter palestras para mostrar como é o mundo dos adolescentes de hoje.*

PES: Esse vídeo que vocês assistiram, vocês acham que ele devia ser passado para os pais?

AD: - *Eu acho.*

- *Não assustar os pais, porque para algumas famílias isso aterroriza e aí não vão mais deixar sua filha passar do portão.*

- *Devia ter alguém falando sobre isso com eles.*

PES: Mas vocês acham que esse vídeo é mais indicado para os adolescentes ou para os pais?

AD: - *Para o adolescente (todos concordam).*

PES: E deve ser passado ou não também para os pais?

AD: - *Acho que não porque a minha tia não ia mais deixar eu sair.*

- *Dependendo do pai, que foi criando numa época anterior, pode não deixar mais sua filha sair porque pode ficar achando que a filha dele pode fazer isso também que mostra no vídeo. Ele vai ficar achando que é isso que está se passando agora.*

PES: E como esse assunto deveria então ser abordado com os pais?

AD: - *Uma pessoa que já, tipo uma pessoa que nem você e chegasse todo mundo aqui e começasse a falar sobre a vida dos jovens.*

- *Até umas partes do gravador, algumas falas nossas, você poderia dar como exemplo, um adolescente falou isso, pensa isso.*

- *O que o adolescente pensa e começar a falar sobre isso.*

PES: O que o adolescente pensa? Essa sensação de falta de confiança, o que mais?

AD: - *Que devia ter mais diálogo dentro da família e não adianta falar: “você fez isso? E “pau”.*

- *É muita pressão, se você fez isso, então você vai apanhar. Você não vai mais andar com esse amigo, você vai ficar de castigo..*

- *É muita pressão e aí a gente começa a fazer tudo escondido.*

- *A gente acaba ficando com medo de falar.*

- *E a gente, sem a ajuda dos pais, conselhos sobre estes assuntos... tem pai que, ao invés de aconselhar, já fala: “você não vai porque você vai ficar bêbada, você vai engravidar”.*

- *Eu fico muito feliz quando a minha tia fala: “se cuida, não faz coisa errada, isso não presta, faz, mas faz com consciência, tenha responsabilidade”. Eu estou vendo que ela está transmitindo uma segurança, uma confiança, ela está confiando em mim.*

PES: E isso é muito importante para vocês né?

AD: - *Eu acho muito importante.*

PES: E voltando para o tema da morte. Para vocês, adolescentes, esse tema, então, deveria ser abordado nas escolas?

AD: - *Deveria (todos concordam).*

PES: E de que formas?

AD: - *Quando você chegou nas classes e falou que a gente ia falar de morte, todo mundo pensou: “pronto, o povo vai morrer”. Tem gente que já entende de um jeito diferente.*

PES: E quais foram às sensações, pensamentos que vocês e a classe tiveram?

AD: - *Muita gente falou: “para que falar de morte? Eu não vou morrer”.*

- *Tem tanta gente morrendo mesmo, o que interessa isso?*

- *Disseram também: “eu não vou morrer agora mesmo”.*

- *Já tem tanta tragédia, para que ver mais morte?*

PES: E por que vocês vieram aqui hoje participar da atividade?

AD: - *Mais por curiosidade.*

- *Curiosidade. Eu queria saber o que você ia falar, como ia ser.*

- *E também saber um pouco mais desses assuntos.*

- *Eu também.*

- *Porque a gente é muito mal informado.*

PES: E como a escola poderia os ajudar?

AD: - *Com palestras.*

PES: Palestras que abordassem quais temas?

AD: - *Sobre drogas, sexualidade, morte, relacionamento com os pais, tudo.*

- *E também tinha que ser nos fins de semana porque, assim, os pais acompanhavam.*

- *Mas em fim de semana não dá, minha tia, por exemplo, trabalha de Sábado.*

- *Ou então, marcar um dia para os pais virem aqui.*

- *Poderiam vir de manhã, no horário que a gente está em sala de aula.*

- *Quando a gente está em aula, vocês poderiam dizer a eles como a gente pensa, que a gente não sente segurança dos pais, sobre isso. Mas quando a gente estiver participando do debate...*

- *Poderia ser na reunião dos pais também, no final por exemplo. Não, no começo porque no final todo mundo sai.*

- *Ou pede para chegar uma hora mais cedo.*

- *No começo ter uma palestra falando sobre os jovens, sobre a vida deles atualmente...*

- *Que já passou a época “das cavernas”.*

PES: Vocês acham que pode ajudar trazer pessoas com depoimentos de experiências vividas sobre drogas, acidentes, doenças etc.?

AD: - *Eu acho que ajuda muito.*

- Uma pessoa falando que sua filha ficou grávida, mesmo ela tendo “segurado” tanto, isso pode trazer uma clareza para a pessoa.

- Eu mesma fiz muita besteira por o meu pai me prender.

- Eu assumo isso também.

PES: Será, então, que os limites impostos pela família ou pela sociedade impedem o adolescente de aproveitar a vida?

AD: - Eu acho que sim, dependendo. Também não é para liberar tudo, mas também não é para prender muito. Tem mãe que não deixa a filha nem ir na esquina.

- A minha mãe era assim por isso que eu fui morar com a minha avó.

- Ela pode querer saber com quem você vai, essas coisas. Tudo bem, você pode ir.

- Querer saber que horas você volta. Dar um determinado horário, mas deixar ela sair.

- Que telefone eu posso ligar caso eu queira falar com você? Essas coisas...

PES: Então os limites também são necessários para desfrutar das experiências na adolescência?

AD: - São necessários. A gente não pode ter também total liberdade.

- Os pais têm que ter também autoridade sobre os filhos.

- Tem que ter uma autoridade dentro do limite e não prender totalmente.

- Os limites são importantes, mas se o pai prende muito, por exemplo, a gente vai fazer as coisas escondido ou o pai não tem diálogo e o filho vai lá e apronta.

- Eu já fiz muita coisa escondido por medo de falar, principalmente quando eu morava com a minha mãe. Agora que eu moro com a minha tia e a minha avó, dá para conversar. Com a minha mãe não tinha diálogo. Eu já apanhei na frente da escola por causa disso, falta de diálogo. A minha mãe achou que eu estava fazendo uma coisa e era outra totalmente diferente. Minha mãe me viu na frente da escola e achou que eu estava ficando com um menino e eu estava só esperando um lanche sair.

- Eu também já fiz muita coisa escondido.

PES: Vocês se lembram da frase que aparece em escrito no final do vídeo?

AD: - Não.

PES: “O limite entre o prazer e a autodestruição é uma linha frágil que se rompe diante do exagero e da irresponsabilidade, podendo acabar em tragédia e morte”. O que vocês pensam sobre essa frase?

AD: - Eu acho que dentro do limite devia ter uma responsabilidade.

- A pessoa acima de tudo tem que ser responsável, saber o que ela está fazendo, na hora certa.

- E saber que pode ter conseqüências depois.

- Não adianta “sair de esquema”, você transa com não sei quem, eu com não sei quem e vamos todo mundo sem camisinha sabendo que depois ela vai ter graves conseqüências.

PES: Vocês acham que é possível aproveitar a vida, curtir a vida com responsabilidade?

AD: - *Dá sim.*

- Se seus pais confiarem em você.

- É, mas é preciso confiança.

- Se a minha mãe deixasse eu sair hoje e falasse para eu chegar em tal hora, só para eu provar para a minha mãe que eu sou capaz, eu chegaria mais cedo.

PES: E por que os pais, então, não confiam em vocês, nos adolescentes?

AD: - *Por medo, das drogas por exemplo.*

- O que eles vêem na televisão, acidentes, drogas, eles acham que vai acontecer com a gente também.

- Eles falam: “meu bebêzinho, minha filhinha”.

- Eles vêem o que aconteceu com um parente ou um vizinho e acham que vai acontecer com a gente também, eles não tem a confiança.

- Não pensam que a gente pode se proteger para isso não acontecer comigo também.

- Eles não tem a confiança. Se a gente errou, errou, mas não vamos continuar com o erro. Se tivesse um diálogo, a gente ia chegar, conversar e acho que não íamos errar tanto.

- Se a minha mãe transmitisse uma confiança, uma segurança em mim, eu ia chegar nela e contar tudo.

- Eu também ia falar.

- Eu ia falar: “mãe, eu bebi, erreí, não vai acontecer de novo”. Eu ia ter a liberdade de falar com ela e acho que não ia errar de novo.

- Eu ia falar: “mãe, desculpa, eu fiz, foi coisa de momento”. Aí você ia poder confiar na sua mãe para tudo, para tudo. “Mãe, eu tentei fazer o certo”, entendeu? Você ia confiar para tudo, não tem jeito.

PES: Então vocês acham que os adolescentes pensam nas conseqüências dos seus comportamentos?

AD: - *Pensam (todos concordam).*

- *Se tivesse um diálogo entre eu e a minha mãe, se eu falasse que bebi, que eu estou contando para ela...*

PES: Vocês acham que essas consequências podem levar à morte?

AD: - *Podem (todos concordam).*

PES: Que tipo de comportamentos, por exemplo, podem levar à morte?

AD: - *O álcool e o volante. As drogas, você sabe que você está usando e uma hora você vai morrer por causa disso.*

- *Principalmente drogas porque você pode ter uma alucinação e ir brincar de roleta-russa, por exemplo.*

- *É uma brincadeira muito sem graça.*

- *É uma brincadeira que você não tem a noção do que você está fazendo porque você pode se matar ou matar outra pessoa.*

- *Uma pessoa só faz isso quando está bem louca.*

- *Que nem o racha. Uma vez eu fui num racha de moto na garupa e aí eu vi aquele monte de menina e pensei: “se alguém cair, morre todo mundo”. Eu parei na hora.*

- *Se cair um, cai todos.*

PES: E o sexo, pode conduzir à morte?

AD: - *Pode por causa da AIDS.*

- *O sexo seguro não.*

- *Você se sente segura, eu não vou engravidar, a sua cabeça fica livre, eu não tenho que me preocupar.*

- *Se os pais tivessem um diálogo com os filhos falando que para o sexo não tem a hora e nem a pessoa certa...*

- *É, e não falar: “não faz...”*

- *Não tem idade certa, por exemplo, será com 18 anos e acabou.*

- *É, não tem hora certa para nada.*

- *Pode acontecer um pouco antes ou depois. Os pais deviam dar conselho sobre usar camisinha, tomar anticoncepcional para não ficar grávida e usar caminha. E não essa idéia: “tem que ser depois do casamento e acabou”. Aí “fim de papo” e nem se conversa sobre isso.*

- *Eu procurei uma ginecologista e ela me disse que o anticoncepcional na minha idade não era recomendado, que não ia me ajudar em nada, só ia me engordar. Aí eu já falei: “tá bom, obrigada, tchau”.*

PES: A ginecologista falou isso para você?

AD: - *Falou, falou que na minha idade não tem benefício nenhum.*

PES: E aí o que você fez?

AD: - *Eu não usei.*

PES: O que vocês fazem para preservar a vida? Que tipo de comportamentos vocês acham que tem para isso?

AD: - *Tomar cuidado.*

- *E ter responsabilidade.*

- *Coisas que a minha mãe não acredita que eu faça, entendeu? É só ela confiar.*

PES: Por que é tão difícil falar sobre o tema da morte?

AD: - *É muito sofrido, eu tenho muito medo de perder alguém. Se eu perder a minha avó, eu acho que eu morro junto com ela, pode me enterrar lá junto com ela.*

- *Se eu perder alguém querido, eu morro junto também, nem passa isso na minha cabeça. Eu perdi a minha amiga e já fiquei muito chateada, imagina quando eu perder a minha mãe ou meu pai, eu morro junto.*

PES: Essa experiência que você contou da perda da sua amiga também adolescente, como seus amigos puderam te ajudar?

AD: - *Todo mundo também conhecia muito ela. A gente não se vê muito, mas todo mundo foi amigo naquela hora, um ajudou o outro.*

PES: Como vocês puderam se ajudar naquele momento?

AD: - *A gente se abraçou, conversou...*

PES: Vocês puderam expressar o que vocês estavam sentindo?

AD: - *Isso também. A saudade dela, ontem ela estava aqui com a gente, a gente saía junto, era tão bom quando isso acontecia.*

PES: Vocês acham importante poder conversar sobre isso no momento de uma perda?

AD: - *Eu acho que é...*

- *A minha avó quando começa a falar eu já começo a chorar, eu já começo a sofrer antes disso acontecer.*

- Uma vez eu tive um sonho que eu perdi a minha família, a gente estava na estrada indo para Santos, aí aconteceu um acidente e eu perdi toda a minha família. Uns dias depois eu estava sozinho em casa, eu estava sem ninguém, eu estava muito estranho, estava perdido e não sabia o que fazer.

- Teve uma vez que eu viajei e eu estava com uma sensação estranha, aí o carro quase capotou e aí eu já fico meio assim, eu sofro antes da hora. Quando eu acho que vai acontecer alguma coisa, eu começo a chorar.

- Eu não. Eu dou conselho: acho melhor você não ir se você está com uma má sensação.

- Eu falei dessa sensação no carro e todo mundo disse: “imagina, você está com medo, faz tempo que você não vê os parentes”. Era noite e o carro quase capotou.

- Nossos pais sempre acham que são mais inteligentes que a gente.

- Eu tenho medo de sair de carro com o meu pai porque o meu pai fala: “vou tirar racha com aquele cara, aquele cara ficou na minha cola e agora eu vou ficar na cola dele” e aí ele fica muito em cima do outro carro.

- Meu pai também corre muito no volante e ainda dá risada, correndo “a mil”. A minha mãe fica falando para ele “parar de graça”. Teve um cruzamento e ele ou batia no carro ou no poste. Ele jogou o carro para o lado e veio aquele cheiro de pneu queimado, minha mãe nem piscava, minha irmã berrando, berrando. Aí meu pai pediu desculpa e minha mãe disse: “agora que você já fez? Eu não disse para você não fazer isso?” E minha mãe fica desesperada.

- Eu tenho medo quando a gente está em estrada de viajar com o meu irmão. O amigo do meu irmão estava dirigindo e tinha trânsito. Aí lá na frente tinha um espaço, ele ia entrar naquele espaço. Na hora que ele estava chegando veio um caminhão. Se ele não conseguisse entrar naquela hora, já era.

PES: Para encerrar, o que vocês acharam da atividade de hoje?

AD: - Eu gostei.

- Eu também.

- Legal.

PES: O que vocês acharam de mais importante dessa atividade?

AD: - Conversar.

- Refletir, a gente se expressou porque muita gente tem medo disso, eu pelo menos tenho.

- Falou, sabe?

- Eu falei, por exemplo, sem medo.

- *Eu também.*

- *O debate que a gente teve.*

- *O medo que eu tenho de falar com a minha família, eu falei isso para você, tudo que eu sentia. Eu falei tudo.*

- *Esse foi um espaço para a gente falar. Você é uma psicóloga.*

- *Que nem a minha avó fala: “não esconda nada”. A minha avó “passa” numa psicóloga também. Tudo que você tiver para falar, fale.*

PES: Vocês acham importante, então, poder expressar os seus sentimentos em relação aos temas que eu trouxe hoje? Vocês sentem falta de um espaço para isso poder acontecer? Falar sobre o tema da morte? Comportamentos de risco? Afinal vocês estão na adolescência, vão passar por muitas situações, experiências...

AD: - *Toda a sua experiência tem o seu perigo.*

- *É possível se divertir com responsabilidade.*

PES: Os limites também são importantes para que isso aconteça. Vocês sentem falta de dialogar com os pais e com a família. Por que isso não acontece? Há o medo da repressão, de não ser compreendido, há a falta de confiança pelos pais em relação à vocês. Então, o mais importante desse espaço foi...

AD: - *Poder se expressar.*

- *Falar sem medo. Mesmo com a minha tia transmitindo uma confiança em mim, eu fico meio assim de falar sobre tudo o que eu estou sentindo.*

- *Eu estou falando as coisas aqui com você, mas eu não vou chegar em casa e contar tudo isso para a minha mãe.*

- *Eu só vou falar que a gente assistiu a um vídeo, falou sobre morte, drogas, o básico.*

- *Mas, na verdade, a gente conversou sobre tudo e foi muito bom.*

PES: Por que vocês não vão comentar com a família sobre toda a atividade?

AD: - *Se eu comesse a falar, eu ia me “embaralhar” toda e a minha mãe ia saber de tudo.*

- *Coisa que só foi falado aqui não pode ser espalhado.*

- *Eu prefiro confiar numa pessoa que eu sei que nem conhece a minha família, entendeu?*

PES: Aí que está a importância de um psicólogo na escola para abordar estes temas?

AD: - *É, uma pessoa que não vai sair falando as coisas para todo mundo, não vai falar: “menina, você está fazendo isso?”*

- *Ele não dá nem conselho e nem fala se você está fazendo o certo. Você desabafa, você conta.*
- *Você que fala mais, é difícil começar, mas depois...*
- *Você precisa muito de alguém para ouvir, para você poder falar tudo.*
- *Para ouvir e entender, ser entendido.*
- *Sem essa pessoa te julgar. Senão eu já ia começar a chorar na hora...*

PES: O meu papel aqui foi ajudar vocês a refletir sobre o tema da morte e outros temas que eu trouxe. Foi falado para vocês, que eu não ia dar conselhos, eu não ia os julgar, e sim ajudar nessa reflexão, nessa troca de experiências, assim como as que vocês trouxeram hoje.

AD: - *Conselho eu até acho bom, mas julgar. É bom alguém falar: “tenha responsabilidade, use camisinha”, essas coisas.*

PES: Julgamentos não iria ajudar vocês né?

AD: - *O que adianta ficar julgando? Precisa mesmo é ajudar.*

- *Tem pai que fala que não pode namorar antes dos 16 anos. O que vai acontecer se eu gostar de alguém antes dos 16 anos? Eu não vou poder me expressar, eu vou ter que namorar escondido e eu acho que pode acontecer coisa pior.*

- *Minha tia e minha mãe já pensam ao contrário. Se eu chegar para elas e falar: “eu estou a fim de um cara”, elas vão perguntar: “vocês estão pretendendo ter uma relação?” Elas sabem que os namoros não são mais só de beijo na boca, já falam para eu usar uma camisinha, se eu quiser ela me acompanha num médico.*

PES: Vocês querem me perguntar alguma coisa sobre a atividade de hoje? Eu ainda não sei se eu voltar aqui para conversar com vocês, isso ainda está sendo combinado com a diretora e a coordenadora.

AD: - *Seria bom ser uma vez por semana. Você podia voltar na Segunda-feira que vem, por exemplo.*

PES: Então, a princípio, a atividade da minha pesquisa seria apenas um encontro com vocês; a exibição do vídeo e uma discussão posterior, um debate de 1 hora e meia mais ou menos. Eu pretendo fazer com os alunos da 8ª série e do 1º ano, mas ainda estamos organizando essas atividades, os grupos de alunos dispostos a participar. Eu vou conversar sobre a possibilidade de eu voltar aqui na escola e conversar mais uma vez com vocês, como seria essa atividade, já que eu não sou uma profissional dessa escola.

AD: - *Já que está com pouca gente, pode por mais gente, pode misturar... mas dá um medo, eu estou falando as coisas aqui porque eu confio nelas. Não conheço muito ele, mas ele parece ser legal também.*

- *É, tinha que ser um grupo pequeno para a gente poder se abrir. Se tiver alguém que não gosta de mim, depois vai espalhar para todo mundo. Aquela menina ali não é mais virgem.*

- *Apesar que eu também não estou nem aí, não devo nada para ninguém. Mas mesmo assim dá medo.*

PES: Isso tudo vai ter que ser conversado com os profissionais dessa escola, não posso prometer nada agora com clareza do que vai acontecer. Há a disponibilidade de eu voltar aqui num outro momento, continuar conversando com vocês, mas antes tenho que ver se tem outros alunos interessados em fazer a atividade que fizemos aqui hoje. Estou com dificuldade de conciliar os horários disponíveis com os dos alunos porque essa atividade é num horário fora do horário das aulas de vocês e muitos alunos vão embora, têm outras atividades. Esse grupo teria que ser estruturado, os participantes, o horário, tudo teria que ser combinado, a questão do sigilo que vocês estão trazendo.

AD: - *O que a gente não fala para os pais, se a gente pudesse falar aqui, a gente ia sair muito mais aliviado.*

- *É bom ter meninos também nesse grupo, eles dão uns conselhos básicos.*

2º GRUPO - E.E. MAESTRO FABIANO LOZANO – Data: 26/04/04

TRANSCRIÇÃO DO ENCONTRO (com gravação):

PES: Eu queria saber, para começar, o que vocês acharam do vídeo? Vocês acham que este material ajuda vocês a refletir sobre os temas que ele traz?

AD: - *Interessante.*

PES: Interessante? O que mais chamou a sua atenção?

AD: - *As drogas, não usar drogas.*

- *As drogas, se matar, o desespero, não conseguir parar de usar drogas, beber, o apelo desesperado, a violência.*

(Está muito barulho ao lado na biblioteca onde se encontra as quadras, tenho muita dificuldade em transcrever as falas).

PES: Quando se fala em morte, na idade de vocês, na adolescência, o que vem à mente de vocês?

AD: - *Uso de drogas.*

- *Alguém que tem uma cabeça boa não vai usar drogas, o acesso é fácil.*

PES: O que pode ser o limite entre o adolescente que usa drogas daquele que não usa? O que pode os diferenciar?

AD: - *A vontade que ele tem de experimentar.*

- *As amizades.*

- *O meio social, se ele tiver no meio de traficantes, ele vai ser traficante. Pode ser um caso raro que ele não seja. Se eu tenho um amigo que está sempre fumando, fumando, aí um dia eu vou querer experimentar para ver como que é e aí eu vou pegar o vício e não tem mais volta, ele não vai mais querer parar.*

PES: Vocês pensam com certa frequência no tema da morte? Na possibilidade da morte poder acontecer com vocês?

AD: - *Às vezes, num tiroteio.*

(Até esse momento a coordenadora pedagógica estava presente no grupo, só observando, mas ela pede licença para se retirar, pois assim os jovens poderiam se sentir mais à vontade para debaterem os temas comigo).

PES: Numa situação de tiroteio, que mais?

AD: - *Ser atropelado, ser assaltado.*

- *Andar com um amigo de carro e ele ainda não tem 18 anos, medo dele bater o carro, fazer alguma besteira.*

PES: Vocês pensam na possibilidade da morte poder acontecer com vocês?

AD: - *Não.*

- *De vez em quando. Quando você está no sufoco, você vai pensar em tudo.*

- *Quando você está doente, você já pensa que você vai morrer.*

PES: Vocês já tiveram algum contato direto com a morte? A perda de alguém?

AD: - *Do meu avô e dos meus tios.*

PES: E como você lidou com essas situações no momento que elas ocorreram?

AD: - *Foi difícil, mas depois passou, o tempo passou.*

PES: Você conversou com alguém sobre isso?

AD: - *Meu tio ele estava com câncer e eu conversei com a minha mãe sobre isso.*

PES: O que vocês conversaram?

AD: - *Minha mãe falou que ele estava bem doente e que estava na hora dele morrer.*

- *Comigo também, eu perdi meu avô quando eu tinha 4 anos, mas na época eu senti muito. E também, no ano passado, eu perdi meu primo de 3º grau, quase nem era parente, era mais um amigo mesmo, ele estava com câncer também. Uma vez, pode até ser uma coisa idiota, mas eu fiquei muito chocado. Uma vez eu cheguei em casa e a minha mãe estava chorando. Eu perguntei o que ela tinha e ela disse que meu peixinho tinha morrido. Ela ficou lá chorando e eu não chorei, mas fiquei bem triste.*

PES: Bichos de estimação também são perdas que podem ser marcantes...

AD: - *Ainda mais quando você se apega. Que nem o vídeo falou da criança, quando o carrinho quebra...*

PES: Sim, é uma perda o seu brinquedo preferido quebrar ou você o perder. Isso é vivido como uma perda pela criança.

AD: - *Ou você estar longe das pessoas que a gente gosta.*

PES: Também é algo que pode ser difícil de se lidar. Uma pessoa quando está longe não está presente diretamente na nossa vida, aí com isso vem sentimentos...

Silêncio

PES: Quais as hipóteses que vocês levantam sobre as altas taxas de mortalidade, atualmente, em relação aos jovens? Acho que vocês tem percebido o quanto os jovens vem morrendo, por suicídios, acidentes, uso de drogas; esses números vem crescendo muito a cada ano que passa e esse assunto deve ser refletido por vocês. Por que vocês acham que os jovens estão morrendo tanto?

AD: - *O mundo que eles estão vivendo, está tudo muito difícil. Todo mundo está matando todo mundo e os jovens estão convivendo com isso.*

- *Os jovens matam “a preço de banana”. Estão matando direto. Os traficantes, bandidos, seqüestradores.*

PES: Quem está matando quem? Estes que estão matando os jovens?

AD: - *E também os jovens estão se matando, em brincadeiras com armas, por exemplo.*

PES: O que leva os jovens a esse tipo de brincadeiras, a terem comportamentos que podem levar à morte?

AD: - *Querer se mostrar.*

PES: O que mais?

AD: - *A inveja também. Tem pessoas que matam para ter algum bem material. Muitas vezes não podem ter um tênis de marca ou uma roupa.*

- *Ou também, que nem passa na novela das oito, tem um carinha que namora uma menina e tem outro cara que gosta dessa menina também. Então, se eu for muito apaixonado por uma garota e ela namorar outro cara, eu posso querer matar esse cara e aí quando ela descobrir, ela vai me odiar mais e eu vou acabar me suicidando.*

PES: Você está trazendo os crimes passionais e também sentimentos como inveja, ambição que vocês já falaram. Como vocês acham que esses números na adolescência poderiam mudar? Como as taxas de mortalidade poderiam diminuir?

AD: - *De ciúme eu acho difícil, se uma pessoa gostar muito de alguém e sentir ciúme, eu não sei como isso poderia mudar. Mas dos outros jeitos eu acho que dá para pedir, procurar ajuda.*

- *Muitas vezes as pessoas fazem as coisas sem pensar. Eu acho que a gente tem que pensar antes de fazer uma coisa porque mais tarde a gente pode se arrepender. Você pode experimentar drogas hoje e, mais tarde, se arrepender do vício, de não conseguir largar mais e aí pode ser tarde, vem o desespero, a morte.*

PES: Como isso poderia ser diferente?

AD: - *Pensando mais antes de agir. Saber dizer o “não” para um traficante, por exemplo.*

- *No começo ele vai ser legal, mas depois...*

- *Porque, muitas vezes, se eu ando com um traficante... a gente tem que saber escolher os amigos, com quem andar e não ir saindo com qualquer pessoa.*

PES: Então os jovens devem aprender a selecionar suas amizades?

AD: - *É, saber ter pessoas por perto que tragam coisas boas, tenha bons exemplos...*

PES: Que possibilite um crescimento e não te faça mal... Vocês acreditam que discutir/ refletir sobre o tema da morte possa diminuir esses altos índices de mortalidade na idade de vocês? Vocês consideram importante ter este espaço para falar sobre isso?

AD: - *Às vezes discutindo o jovem pode se conscientizar e parar.*

- *Lá na consciência deles, lá no fundo está: “não faça isso” e aí pode ser que refletindo ele não faça, mas ele pode fazer também. É difícil dizer, mas eu acho que sempre adianta um pouco sim.*

PES: O que vocês acham que pode mudar, além da conscientização, nessa discussão sobre o tema da morte?

AD: - *O grau de responsabilidade pode mudar.*

PES: O que mais poderia mudar? Ter este espaço, poder refletir sobre os temas que vocês viram no vídeo.

AD: - *Conversando a pessoa pode ir se abrindo mais, contando o que acontece na família dela e aí pode não fazer mais aquilo de ruim.*

- *Quando você tem algum problema e não tem ninguém com quem desabafar, aí é bom ter este espaço para desabafar. Eu tenho um amigo que teve vergonha de vir aqui participar.*

PES: Como assim ele teve vergonha?

AD: - *Ele teve vergonha de vir aqui e falar dos problemas dele para os outros, pois ele está passando por esta situação.*

PES: Ele teve medo de se sentir julgado, avaliado?

AD: - *Talvez.*

PES: Foi bom você ter tocado nesse assunto, pois tem uma coisa que eu quero deixar bem claro aqui: eu não estou aqui para julgar ninguém, nem para fazer uma avaliação quando acabar. Eu estou buscando propiciar um espaço mesmo para vocês refletirem e trazerem a opinião de vocês. Pra mim é muito importante saber o que vocês pensam, meu trabalho tem esse objetivo, de ouvir os jovens e pensar o que pode ser feito a partir disso.

Vocês conversam com amigos ou seus familiares sobre comportamentos que podem levar à morte?

AD: - *Eu nunca conversei. Meu pai fala sempre que eu vou sair: “não vai com quem você não conhece, não usa drogas”. Ele fala este tipo de coisa.*

PES: E o que você fala para ele nesses momentos?

AD: - *Que eu vou sair com os amigos que eu já conheço, não vou entrar no carro de estranho.*

- *Muitas vezes a gente acha que os pais estão falando bobagem e aí não escuta, acha que está tudo errado e aí faz as coisas sem pensar.*

PES: Vocês acham que, às vezes, os jovens não percebem o valor que pode ter a opinião dos pais?

AD: - *É.*

- *Porque, às vezes, os pais são muito preocupados com a sua segurança e aí você “não dá bola” para o que eles falam.*

PES: Vocês gostariam que ocorresse mais esse tipo de conversa com a família sobre estes temas?

AD: - *Este assunto sobre a morte eu acho legal, com os amigos também, com a família só que agora eu acho que o que mais acontece é com os amigos. Os pais falam mais para a gente tomar cuidado.*

PES: Mas essas conversas são mais freqüentes com os amigos?

AD: - *Sim porque alguns jovens têm receio de falar com os pais sobre alguma coisa que eles estão passando porque os pais não vão só ouvir, como um amigo, mas sim julgar ou te deixar de castigo. Já o amigo não, ele vai te ouvir, vai te dar conselho. Os pais também vão te dar conselhos, mas vai ter mais conseqüências.*

PES: Se você contar alguma experiência sua para seus pais, você acha que com isso você vai sofrer conseqüências? E com os amigos isso não acontece?

AD: - *Eu acho que comigo não, eu conto tudo para os meus pais, quase tudo. Mas com outras pessoas eu acho que isso acontece. Quem está sempre falando que vai num lugar e vai em outro, aí se o pai descobre vai ocorrer algum problema.*

PES: E vocês concordam com isso? Vocês acham que os limites que os pais impõe, impossibilitam uma abertura para falar sobre esses temas?

AD: - *Todos os pais devem aconselhar seus filhos, ensinar as coisas boas e, muitas vezes, quando a gente faz coisas erradas, a gente precisa de conselhos e não aceita. E quando eles colocam a gente de castigo é porque a gente fez por merecer. Mas os jovens não entendem isso.*

PES: E vocês gostariam de conversar sobre isso com seus pais? Poder ter mais abertura, conversar mais sobre esses assuntos?

AD: - *Nossos pais são nossos melhores amigos.*

- *É em quem a gente pode confiar na hora que precisar. Tem amigos que são sempre nossos amigos, mas é só na hora do sufoco que você vai poder ver a sua amizade mesmo, na hora que você vai pedir ajuda é que você vai perceber se é uma amizade verdadeira ou não.*

- *É muito difícil a gente ter uma amizade fiel, que a gente possa falar que confia mesmo, que não vai falar nossas coisas para outras pessoas. É muito difícil a gente encontrar alguém fiel que possa compartilhar a nossa vida.*

PES: É difícil encontrar amigos com quem nós podemos conversar sobre tudo e confiar neles mesmo. Vocês já conversaram com médicos, psicólogos ou outro profissional da área de saúde sobre o tema da morte ou sobre esses temas que o vídeo aborda: uso de drogas, direção perigosa etc.?

AD: - *Com médico não, mas com psicólogo a gente está conversando agora.*

PES: Vocês já tinham conversado sobre isso antes?

AD: - *Não.*

PES: E vocês gostariam que isso ocorresse?

AD: - *Sim.*

PES: De que formas e em que instantes vocês acham que essas conversas são importantes? Somente em situações em que houve a perda de um amigo ou familiar ou é importante ter sempre esse espaço para falar?

AD: - *Em todos os casos de dificuldade dos jovens.*

PES: Que tipo de dificuldades?

AD: - *Algum problema na vida dele, por exemplo seus pais estão se separando e ele está triste, não quer conversar com o pai para não magoar a mãe, não quer conversar com a mãe para não magoar o pai e aí ele pode procurar um amigo, um psicólogo ou alguém.*

PES: Você trouxe um importante tipo de perda que o jovem pode passar que é a separação dos pais; uma perda dos pais juntos, na mesma casa toda a família...

AD: - *Muitas vezes o pai pede a separação e o filho não aceita, acha que o pai não gosta dele, não gosta da mãe e...*

PES: É importante ter um espaço para falar sobre isso.

AD: - *Que nem tem um carinho na Malhação e ele achava que era culpa do pai. Aí ele foi conversar com o pai e agora ele acha que é culpa da mãe, aí a cabeça dele está meio confusa, não sabe mais de quem é a culpa. E aí ele fica sem saber. Quando ele viu a mãe dele conversando com o pai, a mãe brigou com ele porque ela fica achando que o pai está fazendo a cabeça do filho.*

PES: Vocês acham que a escola deveria abordar o tema da morte?

AD: - *É interessante a gente ter isso na escola sim.*

- *Quando a gente se reúne assim facilita falar sobre as coisas, cada um fala uma coisa.*

PES: É importante essa troca de opiniões, experiências entre os jovens?

AD: - *Isso.*

PES: Como a escola poderia abordar esse tema, você disse em grupos, mas de que formas essa discussão seria importante para vocês?

AD: - *Assim mesmo, conversando, tendo o vídeo para conscientizar mais as pessoas. Acho que os professores também deviam participar, nos dando dicas para a gente não fazer nada de errado.*

PES: Será que quando os adolescentes estão usando drogas ou ingerindo bebidas alcoólicas, por exemplo, eles estão pensando na morte?

AD: - *Não. Não sei, muitas vezes eles devem pensar.*

- *Eles só estão pensando em diversão. Ele não pensa na morte.*

- *Só pensa em sentir prazer mesmo.*

PES: Só pensam em curtir o momento de prazer?

AD: - *Isso.*

PES: Como a escola poderia abordar esses temas? Vocês acham que ajuda trazer pessoas com depoimentos de experiências, por exemplo sobre drogas, acidentes, doenças? Ou pessoas que já passaram por algum tipo de perda, isso ajudaria vocês? Que atividades a escola poderia desenvolver em relação à isso?

AD: - *Uma terapia em grupo.*

PES: Como assim?

AD: - *Do jeito que a gente está fazendo, conversando, desabafando, podendo ouvir, é isso, jovens reunidos conversando das suas dificuldades, dos problemas que estão sofrendo e procurar ajuda para isso.*

PES: Quem estaria presente nesse grupo com os jovens, para os ajudar?

AD: - *Um profissional, um psicólogo.*

PES: Como esse profissional poderia os ajudar?

AD: - *Conversando com a gente.*

- *Tirando nossas dúvidas.*

PES: Que tipo de dúvidas vocês teriam?

AD: *(Silêncio)*

PES: Por que é tão difícil falar sobre a morte?

AD: *(Silêncio)*

PES: Mas vocês vieram participar da atividade de hoje, sabendo que nós iríamos discutir sobre o tema da morte.

AD: - *Algumas pessoas tentam falar sobre isso, nós estamos aqui hoje conversando, mas a escola tem quantos alunos? 2000 alunos? E apenas 3 vieram aqui hoje. Tinha que vir mais gente.*

PES: Na nossa sociedade o tema da morte, atualmente, é visto como um tabu, as pessoas não querem falar sobre isso, negam a existência da morte. Todos querem combater a morte a qualquer

custo, justamente pelo avanço tecnológico que nós estamos atingindo cada vez mais. Hoje só se fala em beleza, saúde, juventude eterna, prática de esportes não é? Mas, a morte e as perdas vão fazer parte da vida de qualquer ser humano. Vocês citaram alguns eventos hoje: a morte de um bichinho de estimação, de um familiar ou amigo; a separação dos pais... Mas as pessoas tendem a não querer falar sobre isso, mesmo sendo um tema universal. Então, a postura de vocês, adolescentes, se mostrando dispostos a participar de uma atividade que envolve o tema da morte já mostra uma diferença de postura, pois vocês estão abertos a discutir, refletir, pensar sobre isso.

O que vocês estão achando da atividade de hoje?

AD: - Interessante, dá para a gente falar o que a gente acha sobre a morte com outras pessoas.

- A morte vai acontecer com qualquer um de nós, nós devemos estar sempre preparados para o que der e vier. As pessoas acham, muitas vezes, besteira falar sobre a morte. Eu acho normal a gente lidar com isso.

- Uma coisa que ninguém tocou aqui foi o caso de transar na adolescência sem camisinha, mas às vezes, mesmo com camisinha você pode pegar AIDS. Uma coisa que eu penso, não que eu penso, é uma dúvida mesmo: se você tem uma ferida e a outra pessoa também tem uma ferida se você encostar você pega AIDS né?

- Eu também já ouvi falar...

(... fim da fita)

PES: A possibilidade de se contaminar é por troca de fluidos, ou seja, por transfusão sanguínea, uso de drogas injetáveis, relações sexuais ou bebês que nasçam de mães HIV positivas no parto ou amamentação. Assim, pode-se contaminar no contato com o sangue de uma pessoa infectada. Há porcentagens maiores e menores de risco, mas sempre existe o risco sim. Hoje em dia há formas mais eficazes de se proteger antes e logo após a contaminação. Então temos que nos proteger de todas as formas que pudermos.

AD: - Então podemos sentar no mesmo lugar de uma pessoa doente?

PES: Sim, dessa forma não se pega AIDS. Nem abraçar alguém, apertar a mão etc.

AD: - Existe uma pílula para as mulheres não pegarem barriga também. Eu ouvi isso acho que foi no Fantástico. Isso também impede de se pegar AIDS também.

PES: Esta pílula impede a fecundação, mas do vírus da AIDS sempre devemos nos proteger, ou seja, sempre usando camisinha nas relações sexuais. Há outras doenças sexualmente transmissíveis além da AIDS, por isso sempre devemos nos proteger.

AD: - *Sempre.*

PES: - Relacionando essas questões, será que os adolescentes pensam nas conseqüências dos comportamentos que eles costumam ter? Vocês pensam nisso? Vocês pensam que alguns comportamentos que vocês têm são comportamentos de risco, ou seja, que eles podem conduzir à morte?

AD: - *Às vezes eu fico assustado quando eu saio com um monte de gente que eu não conheço e vai embora com um pessoal bêbado, você pode morrer.*

PES: Então vocês pensam que uma das conseqüências pode ser a morte? Sinceramente, naquele momento, vocês pensam sobre isso?

AD: - *Você pode ir numa danceteria com um amigo e aí ele encontrou outros amigos, aí ele fala para você que é tudo “gente boa”, que eles estão de carro e vamos pegar uma carona com eles. Você confia na amizade do seu amigo porque você tem a amizade dele, você confia nele, mas aí você vai de carro e acontece alguma coisa e isso é por causa que você confiou naquele amigo.*

PES: E como fica essa confiança nos amigos?

AD: - *Tem que confiar sempre com o pé atrás, mesmo com pessoas que você já passou por outros momentos.*

PES: Vocês fazem alguma coisa para preservar a vida de vocês?

AD: - *Tomar cuidado, não usar drogas, não pegar coisas de estranhos, não sair com estranhos.*

PES: Será que os limites que são impostos pela família ou pela sociedade em geral impossibilitam os jovens de curtir a vida? Os limites impedem o prazer, as experiências novas que fazem parte da fase da adolescência?

AD: - *Acho que não porque na década de 50, 60 era tudo mais rígido, não podia nem sair. Hoje a gente saiu da aula e veio para cá direto, acho que isso seria mais rígido ou os pais, naquela época, viriam aqui com você e você não ia poder falar direito.*

- *Não, para tudo tem que ter limite.*

PES: Como vocês vêem os limites?

AD: - *Se a gente vai numa festa tem que ter o limite de ficar até alguma hora.*

PES: Vocês consideram importante esses limites?

AD: - *Sim, senão a gente acaba fazendo alguma coisa errada.*

PES: Vocês acham que o adolescente se considera, muitas vezes, imortal? Vocês se sentem imortais?

AD: - *Imortais? Eu acho que ele pode se sentir assim na hora que ele está sentindo prazer ou numa hora felicíssima ele acha que nada pode dar errado, aí vai e acontece alguma coisa errada.*

PES: Então são em algumas situações que os adolescentes se sentem imortais?

AD: - *Por exemplo: você está numa montanha-russa e aí você vai descer, aí você pensa: “nossa, agora eu vou morrer”, mas na hora que você chega lá no final você vê que você sobreviveu e aí você pensa várias coisas quando você passa por uma situação de perigo a primeira vez.*

PES: Vocês se sentem imortais?

AD: - *Muitas vezes a gente se acha sim.*

PES: Por que será?

AD: - *Quando a gente consegue uma coisa que a gente queria muito.*

PES: Como o que, por exemplo?

AD: - *Você está tentando ficar com uma garota há muito tempo, muito mesmo. Aí você consegue ficar com aquela garota. Aí você consegue, fica feliz e acha que nada vai dar errado. Só que aí ela pode chegar um dia e falar: “vamos terminar” e dá uma desculpa qualquer. Você pode pensar que seu mundo “caiu abaixo”...*

PES: É uma situação que você “cai em si”, que você percebe que as coisas não estão sob nosso controle e vontade total?

AD: - *É, você percebe que você não está num paraíso.*

PES: Quando a gente começa a conseguir tudo o que a gente quer, a gente pode tender a pensar que todas as nossas vontades e desejos estão ao nosso alcance, mas, muitas vezes, não é bem assim e podemos encontrar as situações de risco e perigo.

Eu estou quase terminando, tem uma frase no final do vídeo que diz assim: “o limite entre o prazer e a autodestruição é uma linha frágil que se rompe diante do exagero e da irresponsabilidade podendo acabar em tragédia e morte”. Vocês lembram dessa parte?

AD: - *Mais ou menos.*

- *Eu lembro, é aquela hora que a corda arrebenta.*

PES: Isso, a corda arrebenta. O que vocês tem a dizer sobre essa frase?

AD: - *Tudo o que você consegue tem um limite, você pode a qualquer hora perder aquilo. A vida mesmo, você conseguiu, mas, a qualquer momento, você pode sair e perder a sua vida.*

- *Um dia todo mundo vai morrer, mais cedo ou mais tarde, melhor que seja mais tarde.*

PES: Melhor que seja mais tarde... Será que existem formas do adolescente evitar que a morte chegue mais cedo?

AD: - *Sim, nos momentos que o adolescente se acha imortal.*

PES: O que mais essa frase diz? Sobre esse limite entre o prazer e a autodestruição ser uma linha frágil, que pode se romper num instante? Será que isso tem a ver com o momento que vocês estão passando?

AD: - *Você é uma linha e você está no “bem bom”. Aí você faz uma besteira, qualquer coisa e por acaso você pode morrer, a linha se rompe.*

PES: E como isso poderia ser evitado, vocês já falaram algumas coisas...

AD: - *Tomando mais cuidado.*

- *Tendo mais responsabilidade tudo poderia acontecer de um jeito melhor.*

PES: Bom, o que eu tinha para perguntar para vocês é isso. Vocês gostariam de me perguntar alguma coisa?

AD: - *Vai ter essa atividade de novo?*

PES: O que você acha disso?

AD: - *Eu acharia legal voltar aqui.*

PES: Que temas poderiam ser mais trabalhados?

AD: - *Não sei.*

- *Acho que nesse tema da morte, um assunto leva ao outro. A gente está falando da morte e daqui a pouco vem outro assunto. É importante conversar assim, naturalmente, ir tirando dúvidas, desabafando. Conforme a gente vai conversando, a gente vai sentindo mais confiança também e vai falando mais abertamente.*

PES: Então, vou explicar para vocês. Esta atividade da minha pesquisa ela foi pensada e planejada como sendo esse encontro que realizamos agora: exibindo o vídeo para vocês e abrindo para a discussão tendo alguns temas como base. Vocês e o outro grupo que participaram aqui no colégio da atividade demonstraram o desejo dessa atividade ter uma continuidade; de ter esse espaço de desabafo, de tirar dúvidas dentro da escola. À princípio eu vou ver se tem mais alunos interessados da 8ª série e 1º ano em participar dessa atividade que fiz hoje com vocês e vou conversar sobre esse desejo que vocês demonstraram com a coordenadora e a diretora ok?

AD: - *Tinha mais gente interessada, mas eles não puderam vir hoje.*

PES: Então, eu não sei o que está acontecendo. Se o problema é o dia, a segunda-feira ou se os alunos se esqueceram da data de hoje...

AD: - Bastante gente se inscreveu e não veio hoje.

PES: Então, não sei se é o dia ou o horário, o que está acontecendo. Eu vou conversar com a coordenadora e ver o que pode ser feito.

AD: - O horário tem que ser logo depois da aula, senão os alunos vão embora para casa.

PES: Então, mas vocês têm Ensino Religioso quando acabam as aulas, aí tem que ser após o Ensino Religioso. Vou pensar nessa atividade que vocês disseram, o que pode ser feito.

AD: - Foi bom eu ter vindo de novo, mesmo sendo a mesma atividade, para ouvir a opinião das outras pessoas. Eu voltei porque achei legal e para ouvir a opinião de outros jovens.

PES: E você percebeu diferenças?

AD: - Um pouco.

PES: Vocês querem me perguntar mais alguma coisa? Não? Então, obrigada pela participação de vocês.

ANEXO 4: ENTREVISTA COM PROFESSORA DE FILOSOFIA DO “CENTRO DE ENSINO SÃO JOSÉ”

DATA: 18/11/2003

TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA:

Pesquisadora (PES): Para começar, eu gostaria que você falasse um pouco sobre a sua formação profissional, que curso você estudou, onde você já trabalhou, sua função atualmente, só para situar um pouco.

Profissional de educação (PE): Então, a minha formação, na verdade, é em Psicologia. Eu me formei em Psicologia e aí eu comecei a fazer um estágio aqui na escola, na área de Psicologia mesmo e aí depois de uns 6 meses teve uma situação aqui e aí me convidaram para dar aula de Filosofia, mas até então eu nunca tinha dado aula, nem nada. Eu falei “vamos ver o que acontece, vamos experimentar”. E foi assim que eu comecei a dar aulas.

PES: Você já tinha concluído o curso de Psicologia?

PE: Sim, eu já tinha terminado. Eu entrei aqui porque eu ainda não tinha muita experiência, o que eu já tinha feito eram estágios em escolas na época da faculdade. Então eu entrei aqui e fiquei uns 6 meses, mais sentindo mesmo, fiz alguns trabalhos, aí depois desses 6 meses que eu comecei a dar aulas. Fugiu um pouco do que eu desejava, do propósito inicial. E aí eu comecei a dar aulas e está sendo assim, foi assim, esta é a história. Eu dou aulas de Filosofia da 5ª série ao 2º ano do Ensino Médio aqui na escola.

PES: Este colégio tem o 3º ano do Ensino Médio?

PE: Este ano ainda não, vai ter no ano que vem provavelmente.

PES: Bom, como você já conhece meu tema de pesquisa, eu vou direto ao assunto: como você vê a abordagem do tema da morte dentro das escolas em geral e dentro da escola na qual você está inserida?

PE: De uma forma geral, nas escolas em geral, eu não conheço muito, mas pelo que eu vejo, por alto, não estive inserida para saber até que ponto isto é abordado, se é abordado. Mas pelo que eu vejo, conversando com alunos que eu conheço, com pessoas que estudam, trabalham em outras escolas, então estando de fora, eu vejo que não é muito abordado este tema e que deveria ser, para gerar uma conscientização, principalmente nesta faixa etária da adolescência. Por que eu digo isso? Porque o adolescente está num momento que ele está aflorando para a vida e vem aquela ansiedade, aquela vontade de experimentar de tudo, de curtir a vida ao máximo, é um momento que ele não está

muito ajustado. Ele começa a buscar uma série de coisas, identificações e sem colocar limites nesta busca. Muitos não colocam limites nesta busca porque não param nem mesmo para pensar nas consequências do ato. De repente, aquilo para ele é vida. Ele não pára para pensar que esta busca, por curtir a vida, por aproveitar a vida, de repente pode conduzir à morte. Então, quando a gente traz, como foi feito aqui na escola, aquele vídeo que você trouxe e que abordou o tema, eu acho que foi uma oportunidade, cria, gera no momento um impacto. Eles logo acionam seus mecanismos de defesa, muitos não querem nem falar no assunto porque incomoda, porque até então era uma coisa que ninguém tinha comentado, fica lá, existe, mas não vamos falar sobre isso. Então, foi isso que eu percebi, gera um impacto e faz com que eles parem para pensar um pouquinho no que eles estão fazendo, de que maneira eles estão conduzindo a vida deles. De repente eles podem sim estar fazendo coisas, morrer todos nós sabemos que vamos morrer um dia, mas tem alguns comportamentos, algumas atitudes que antecipam o processo. Então, eu vejo que é uma oportunidade para eles pararem para pensar nas atitudes que eles estão tendo e numa forma de estar preservando a vida de fato, através de atitudes diferenciadas. Aqui na escola, do tempo que eu estou aqui, a gente ainda não tinha falado sobre este assunto. Então você utilizou a minha aula de Filosofia para falar do assunto e eu acho que “veio a calhar”, eu já tinha planejado trabalhar com este vídeo porque eu tenho utilizado o livro (ESSLINGER, I. & KOVÁCS, M. J. (1999). **Adolescência: vida ou morte?** São Paulo: Ática) e você veio bem na hora e foi muito bom. Os alunos, embora alguns tenham sido bastante resistentes na época, eles comentam até hoje deste vídeo, tem alguma situação, algum tema que estamos trabalhando e aí surge alguma questão em relação ao vídeo, ao texto que eu trabalhei com eles e às discussões. Então eu acho que é válido, é importante sim. No momento pode ter resistência, mas isso acaba sendo assimilado, internalizado de alguma forma e que talvez eles não queiram falar, mas eu acredito que quando estiverem agindo desta maneira, quando estiverem diante de uma situação que conduza à morte, eu acho que eles vão se lembrar. Eu acredito nisso.

PES: Isso é um pouco do que a gente acredita quando faz um trabalho sobre este tema, a gente acredita que eles vão se lembrar no momento que eles precisarem; é como uma “sementinha” que a gente quer deixar com eles né?

PE: É a “sementinha”. Depois deste trabalho, depois do vídeo, eu comecei a trabalhar com eles o tema da sexualidade e aí eu trouxe um vídeo sobre DST e teve um aluno que comentou assim comigo: “ai professora, depois de ver este vídeo ninguém mais vai querer transar, porque toda vez que a gente estiver com alguém, vai lembrar deste vídeo, destas cenas”. O que eu comentei com ele foi que

o fato de estarmos assistindo ao vídeo e trabalhando estes temas, estas questões, não é para deixar ninguém traumatizado e criar transtorno na vida sexual de ninguém, mas é para gerar uma consciência, promover uma conscientização em relação ao risco que nós corremos no dia a dia e, muitas vezes, ignoramos isso por falta de conhecimento. Vai, se arrisca e se contamina e acaba, muitas vezes, perdendo a vida por falta de informação, por falta de parar para pensar mesmo. No adolescente, uma coisa que fica muito evidente, é que eles acham que nunca vai acontecer com eles, eles se consideram imunes a tudo, estão acima de tudo. Então, quando eles assistem ao vídeo, com o adolescente o trabalho é assim, tem que chocar, para “cair a ficha” mesmo, tem que chocar para eles se darem conta, perceberem que eles são humanos e que estão sujeitos a estas coisas. O vídeo tem este efeito sobre eles, por isso é legal.

PES: E você disse que os adolescentes até hoje comentam sobre esta atividade da minha pesquisa, sobre o vídeo, o que eles comentam?

PE: Quando a gente está falando, por exemplo sobre sexualidade, eles fazem menção ao vídeo que assistimos, algum comentário de que isso pode levar à morte, são coisas assim, algum comentário sobre a morte, o que pode levar, como evitar, a preocupação. Eu percebi que, falando sobre sexualidade, eles começaram a ter uma preocupação maior em relação até mesmo à própria higiene, ao contato com o outro, à relação sexual desprotegida. Eu vejo que isso é uma preocupação com a própria vida, uma forma de estar preservando a própria vida, de querer buscar mais informação, de querer se cuidar, pensando “eu não vou mais transar sem camisinha”. Eu vejo que esta é uma forma de se preocupar e preservar a própria vida.

PES: Você já falou um pouco sobre como você abordou o tema da morte com seus alunos, você utilizou o livro, o vídeo, mais algum material?

PE: Não, foi somente o livro e o vídeo.

PES: E como você conduziu as aulas?

PE: Quando eu trabalho com texto, eu leio junto com eles, porque o que acontece? Se eu deixar para cada um fazer a sua leitura, eles se dispersam facilmente. Então, cada um tem o texto em mãos e cada um vai lendo um parágrafo. Aí flui porque a qualquer momento eu posso parar e fazer uma escolha aleatória, pedir para outra pessoa continuar fora da sequência. Aí quando eu falo para eles estarem concentrados porque eu posso escolher qualquer um para continuar a leitura, então eles acompanham a leitura e flui. Depois da leitura vem uma discussão e, neste caso, primeiro nós assistimos ao vídeo onde você estava presente, depois teve uma discussão, que alguns fizeram com

você, e depois disso trabalhamos o texto. Alguns alunos ficaram muito resistentes, eles falavam: “eu não agüento mais falar desse assunto, de novo não”, mas pararam para pensar, apesar de reclamarem um pouco, sempre acabavam comentando alguma coisa, trazendo alguma experiência pessoal. Eu acho que sempre acaba mexendo sim de alguma forma.

PES: Que trechos do livro você abordou?

PE: Teve um que eu usei, aquele “sexualidade a serviço da morte” e um que fala sobre suicídio.

PES: É porque este livro aborda vários temas...

PE: É, tem o capítulo que fala sobre suicídio e eu usei este sobre sexualidade porque eu ia trabalhar com este tema em seguida.

PES: O que você acha que desta atividade chamou mais a sua atenção? O que foi que te marcou mais?

PE: O que me marcou mais desta atividade? Eu acho que foi esta resistência por parte de muitos dos alunos, pelo menos no momento que eu estive presente. Eu percebi esta dificuldade, por parte de alguns, em falar sobre a morte. Eu não imaginava que isso seria tão complicado. Para alguns tudo bem, mas não para a maioria, eu não imaginava que isso fosse tão complicado, tão difícil. E a forma que eles tentam mesmo desviar, tentam bloquear, racionalizar, então isso me chamou bastante atenção. Eu acho que a maioria foi resistente, mas tiveram alguns que se sentiram à vontade, eu acho que até mesmo acolhidos para poderem falar de experiências pessoais, de poderem contar coisas que aconteceram com eles. Tiveram alunos que ficaram até ansiosos de colocarem isso para fora, para poderem compartilhar e eu achei isso bastante interessante. Interessante assim, por saber que a escola pode promover este espaço, espaço até mesmo para uma cura, de algo, por exemplo, que está provocando um sofrimento, de algo que pode mais tarde gerar um sofrimento, no momento que um jovem passar por uma experiência como esta, de uma perda. Então, são coisas que muitas pessoas acabam sofrendo por não saber como lidar com a situação, por não ter um ambiente acolhedor, por não ter pessoas que estejam preparadas para acolher e por não entender nada, por nunca ter falado, por não saber o que é melhor fazer no momento que perde alguém. Então, eu achei que esta atividade da sua pesquisa foi muito importante, muito importante mesmo. Mas o que me marcou mais foi mesmo esta resistência por parte dos alunos, na maioria eu senti esta resistência.

PES: E o que você acha que leva os adolescentes a serem tão resistentes em relação a este tema?

PE: Em geral, quando se fala de sentimentos, eles são resistentes. Eles têm uma dificuldade muito grande. Isso até, no início, eu tive muita dificuldade. Porque quando eu comecei a dar aulas, a Filosofia, as aulas, são para você refletir, para você entrar em contato com seus conceitos, com o que você é, com as coisas que estão no mundo. E isso requer reflexão, conhecimento, isso vai te conduzir ao conhecimento. Se você parar para refletir, isso automaticamente vai te conduzir ao conhecimento, a partir do momento que você tem um interesse e busca. E isso incomodou demais. Isso para mim foi muito complicado porque no momento que eles se sentiam incomodados, eles atacavam e eles atacam de forma maciça. Então, para mim foi muito difícil, está sendo difícil. E aí eu fui percebendo ao longo de 1 ano e meio, o tempo que estou dando aulas, que eles têm muita dificuldade de expressar o que eles estão sentindo, de entrar em contato com as causas, de parar mesmo para refletir. Eles têm essa agitação toda, eles não querem parar. Apareceu isso na fala de um aluno, numa das aulas, que este aluno estava “mais tranquilo”, ele comentou assim comigo, a gente estava falando da forma como a aula acontecia, se eles gostavam, o que eles achavam, se tinham alguma sugestão, aí este aluno comentou assim comigo: “sabe o que acontece? Sabe porque tem muito aluno que não presta atenção, que faz muita bagunça? Porque ele não quer parar para pensar sobre o que está sendo falado”. E ele estava falando dele mesmo porque eu conheço o histórico deste aluno, da situação dele e como isso é comum entre os adolescentes. Eles têm mesmo esta resistência. Então, na aula de Filosofia eu encontro muita dificuldade de trabalhar, por causa disso. É você sentar em círculo e tentar resgatar isso, o que eles pensam de certo assunto, puxar isso do aluno. E isso é muito complicado porque eles reagem, imediatamente, atacando. Então como é este ataque? Este ataque pode ser: ele te ignora por completo, ele finge que não é com ele ou ele agride verbalmente ou ele começa a fazer piada, bagunçar, bagunçar muito para querer dispersar. Então estas são as reações. Em relação à morte, eu percebi que alguns não quiseram nem entrar, falavam: “por que falar disso? A gente quer falar de vida, nós queremos falar de vida, de vida!” Mas, para falar de morte, a gente também está falando de vida. Então, eu acho que existe esta resistência do adolescente em falar sobre os sentimentos dele, mas em relação à morte eu acho que foi ainda mais, por ser um assunto que as pessoas tentam banir, colocar “debaixo do tapete”, não falar sobre. É um assunto que incomoda demais, talvez mais do que os outros e que é melhor não falar. Então, por exemplo, morreu alguém na família, todo mundo sente a dor, uns se calam, outros choram demais, mas passou o dia do velório, não se fala mais no assunto. A tendência é essa, claro que não é uma regra, mas, geralmente, é assim.

PES: Mas esta dificuldade dos adolescentes em lidar com sentimentos, você acha que é devido a que? Você sente isso mais nos adolescentes do que nas crianças, por exemplo?

PE: Ah sim, devido a que o adolescente reage desta maneira? O que eu percebo é assim: eu acho que tem também o momento que eles estão vivendo, mas tem também um pouco do social. O adolescente, o que acontece? Ele é muito criticado, é muito cobrado. Eles têm sim muitos comportamentos que são inadequados, mas é uma fase que, para eles, é muito difícil. Esta transformação, este período de transição, uma série de coisas, uns os tratando como crianças, outros querendo que eles sejam adultos, imagina, é uma confusão mesmo. Então, muitas vezes, eles são cobrados a terem uma postura de adultos. Eu sinto que eles se sentem, muitas vezes, inadequados. Eles conseguem perceber isso, que não estão tendo um comportamento que as pessoas esperam, que a sociedade espera. Então, eles acham que se tiverem que falar, vão ser mais inadequados ainda. Se eles tiverem que se expor, eles acham que as pessoas não vão os compreender. Eu estou vendo por esse lado pela experiência que eu estou vivendo neste período de 1 ano e meio, bem da prática mesmo. Uma coisa que confirma ainda mais isso que eu estou dizendo é quando você chega, se aproxima para conversar em particular com um adolescente, a reação sempre é de ataque. Eles falam “o que eu fiz de errado?” Então você começa a falar e ele já começa a se defender. Aí você não entra no jogo porque se você entrar vira um “bate boca”. Você não entra, você só fala, tranquilo, que você só quer conversar e começa uma conversa tranquila, sem ataque, nada, eles vão “baixando a guarda” e aí você tem que ver como eles mudam, eles se sentem à vontade para falar deles, aí eles começam a falar e eles querem falar sempre, aí eles sempre te procuram para falar alguma coisa. Então é isso, eu acho que falta confiança no outro para poder falar sobre. Eu acho que isso já começa até mesmo dentro de casa, com a dificuldade que os pais encontram para se relacionar com os filhos e eles acabam reproduzindo esta relação com outras pessoas, na escola principalmente.

PES: É, você falou este aspecto importante de conversar individualmente com o adolescente, porque ele tem aquela coisa de em grupo, junto com os amigos, ele fica muito preocupado com a opinião das outras pessoas sobre ele e sobre tudo o que ele fala ou pensa, suas opiniões, crenças, tudo...

PE: É isso, é esta questão da provação do outro, da opinião dos colegas e do adulto também pesa muito.

PES: Bem, é fato que ninguém está preparado para falar sobre a morte, por ser um tema difícil, que remete à experiências individuais, como você já trouxe, e envolve muitos sentimentos

também, mas você acredita que há uma disponibilidade dos educadores para se preparar, da melhor maneira que for possível, para a abordagem deste tema dentro das escolas?

PE: Olha, eu vejo assim, que para um educador poder falar sobre isso com um aluno, ele precisa primeiro trabalhar estas questões nele. Seja qual questão for, seja a morte, seja sexualidade, seja qual for a questão. Eu acho que aí está o grande impasse, a grande dificuldade, a trava está justamente aí. Porque, às vezes, pode até ter uma questão que surja na classe (exemplo: morreu o pai de um aluno) e aí o aluno faltou a semana toda. Na outra semana ele chega e ele começa, por exemplo, a ter um baixo rendimento, isso começa a interferir nas questões pedagógicas e aí se o educador não estiver com estas questões resolvidas nele, ele não vai conseguir nem tocar no assunto com o aluno porque ele não vai se sentir à vontade para falar sobre isso. Então, vai ficar uma situação bem complicada e que pode se estender porque ninguém aborda, não trabalha, em casa todos também podem estar fragilizados, eu estou falando num caso assim, que em casa ninguém queira tratar, falar e aí chega na escola e encontra isso também e aí fica muito difícil. Então, eu acho que deve ser sim uma proposta a ser pensada e para começar a ser trabalhada e plantada na escola, dentro da sala de aula com todos os professores. Eu acho que isso deve começar a ser trabalhado, inicialmente, com os professores para eles se sentirem confortáveis, à vontade, para poder falar sobre isso com os alunos.

PES: E como você acha que deveria ser esta resolução de questões pessoais dos professores?

PE: Das questões pessoais, eu acho assim: se você tiver antes um preparo, claro que você não vai tratar todas as suas questões num grupo, principalmente dentro da escola, eu acho que são coisas que estão mais para uma terapia do que para um grupo pedagógico, que vai trabalhar questões pedagógicas. Mas, dentro de uma escola você vai estar lidando com pessoas, então tem horas que as questões pessoais vão interferir nas pedagógicas. Então, o fato de você poder falar sobre e dar algumas direções, algumas estratégias, como, por exemplo, naquele livro que eu trabalhei com os alunos, no próprio vídeo que você trouxe, vêm falando de como você lidar com estas situações no momento que elas ocorrerem, propondo alternativas, que é você não se isolar, deixar de falar sobre, mas deixar vir o sentimento, viver aquilo. Se você sentir vontade de chorar, chore; se você sentir vontade de falar sobre a pessoa, fale; se você sentir vontade de reviver os momentos com a pessoa, pegar os objetos, viva isso e fale sobre isso no momento que você se sentir à vontade para fazer. Então, eu acho que estas orientações vão estar também ajudando os professores, de como lidar com o assunto. Eu acredito que, pelo que eu tenho visto, no momento que este assunto é lançado entre os educadores, vai surgir uma discussão. À partir destas discussões, vamos supor que haja um programa, uma preparação para isso,

alguns encontros para falar sobre isso. Eu acho que no momento que se começa a discutir, já começa a ser trabalhado. Não sei até que ponto, que profundidade isso vai atingir, mas eu acredito que vai sim surtir um efeito de alguma forma, as pessoas serão tocadas, de alguma forma você começa a trabalhar isso dentro de você. Eu acho que este seria um meio para começar a preparar as pessoas para abordar este tema, para trabalhar isso com os alunos, até mesmo para ter uma aula como nós tivemos, não só em situações de emergência, mas para ter uma aula que fale sobre o assunto, eu acho que é importante.

PES: E você percebe um espaço para falar sobre este tema dentro da escola na qual você está inserida?

PE: Ah sim, eu percebo, aqui há total abertura para se trabalhar este tema.

PES: E você percebe este espaço entre os professores e profissionais de educação em geral, voltando um pouco no aspecto da disponibilidade. Em geral, você percebe uma disponibilidade por parte deste grupo para abordar este tema?

PE: Sabe que este é um assunto que eu nunca toquei com eles, então eu não saberia dizer se há esta disponibilidade, se estão abertos, se há este desejo de fato de trabalhar ou não.

PES: Então esta atividade não foi levada às reuniões, você não chegou a discutir isso com eles?

PE: Não, eu não cheguei a discutir isso com eles não. Eu acho que eles consideram, aqueles que eu tive mais contato, eles consideram importante, não sei se eles estariam abertos à abordagem deste tema, mas eu creio que sim, pelo menos aqui nesta instituição onde eu estou, eu acho que há abertura sim. Estes temas da sua pesquisa, eu acho que entram em todas as disciplinas, eu acho que você pode estar dando um enfoque diferenciado em todas as áreas, eu não sei, eu não vejo porque não falar, eu acho que existe sim esta abertura, embora eu não tenha comentado isso abertamente com eles, mas pelo que eu observo, pelo que eu sinto deles, pela nossa convivência, eu acho que sim, acho que existe esta abertura.

PES: E em relação às outras escolas, você saberia dizer se o tema da morte é visto como algo proibido de se trabalhar? Eu sei que deve ser difícil de saber em relação às outras escolas, mas você consegue perceber uma impressão que você tenha?

PE: É, é difícil de saber. Eu acho que talvez não seja proibido, talvez as pessoas não tenham se dado conta da importância de se falar sobre isso, sabe uma coisa que passa? Aí eu volto para aquela questão, pelo fato das pessoas estarem, geralmente, acostumadas a não falar sobre, nem param para pensar na importância de se trabalhar este tema dentro da escola. Eu acho que a questão é mais essa,

não que seja proibido, mas as pessoas não param para pensar neste assunto, na importância de ser abordado, de reservar um período para falar sobre.

PES: Você acha, então, que falta uma organização do tempo, um planejamento?

PE: Eu acho que falta uma organização e uma percepção, esta “sacada” de quanto isso é importante. As pessoas falam aquilo que os alunos trouxeram, “nós queremos falar de vida, de vida”. Mas não tem como, quando você está falando de morte, você está falando de vida automaticamente, você está falando das coisas que conduzem à morte. Falando de vida, você está falando de morte e vice-versa. Eu vejo que as pessoas vivem, principalmente nestes últimos tempos, numa correria tão grande e não param para pensar na própria vida, na própria morte; não param para pensar que nesta busca de vida, vida, vida, eles estão, na verdade, buscando a morte, se aproximando da morte, deixando de preservar a própria vida. As pessoas nesta correria não param para discutir, falar sobre, fazer uma análise da vida.

PES: Neste não desejo de entrar em contato com estas questões, com este tema, não sei se é um não desejo de abordar este tema, mas você acha que existe por trás uma idéia de proteção, de se autopreservar?

PE: Eu vejo que as pessoas não param mais para olhar nem para si, não se percebem, não percebem o que estão fazendo com a própria vida; se veiculam a tantas coisas, mas não param para refletir. Então, coisas que parecem tão óbvias, as pessoas nunca pararam para falar, a vida é tão óbvia, a morte é tão óbvia, mas ninguém pára para falar. Quando se pára, as pessoas percebem que nunca tinham pensado nisso e aí começam a se dar conta do que estão fazendo com a própria vida. Então, nesta coisa louca de não parar para se olhar, para perceber o que está fazendo, não parar para observar o outro, eu acho que nesta correria que todo mundo vive, não acabam se dando conta da importância de parar para perceber a vida, parar para pensar na morte.

PES: E você acha que é possível mudar esta mentalidade dentro das escolas?

PE: Eu acho que é totalmente, eu acho que é sim possível. Não é fácil, mas é possível. Eu acho que tudo é construção. No começo, eu acho que a gente vai como foi aqui, não havíamos ainda feito um trabalho deste tipo, falar sobre a morte, reservado duas, três, quatro aulas para isso, eu fiquei umas 3 semanas trabalhando este assunto com os adolescentes. Num primeiro momento houve uma resistência, foi difícil e é isso. Tudo que você traz de novo, que as pessoas não estão adaptadas, acostumadas, vai encontrar uma barreira, barreira que você vai ter que vencer, mostrar o outro lado, perceber as vantagens que isso traz, os benefícios, o quanto pode ser bom para cada um e aí eu acho

que começa, você vai quebrando os tabus e aí começa a construir uma visão diferente, começa a conscientizar as pessoas da importância disso. Quando a pessoa começa a sentir os efeitos na própria vida, ela começa a dar abertura para que isso aconteça e começa a levar isso para outras pessoas também. Eu acho que é desta forma que pode começar a entrar dentro das escolas, de começar a ser discutido de uma forma mais ampla. É possível.

PES: E como você acha que deveria ser a preparação destes profissionais de educação para lidar, abordar o tema da morte com seus alunos? Partindo do pressuposto que há uma disponibilidade por parte deles, há o desejo, estão com um tempo reservado para isso, como você acha que isso deveria ser? Eu sei que este é um tema que não há respostas fechadas e absolutas; são reflexões, discussões, como você falou, é uma conscientização, e deve se tomar o cuidado para não cair em discursos moralistas e generalizações, principalmente com o público adolescente. Então, como você acha que deveria ser esta preparação?

PE: Eu acho que tem que ser uma prévia do que vai ser com o aluno. O que pensam trabalhar com os alunos? De que maneira pensam trabalhar com os alunos? Então, eu acho que o trabalho com os profissionais deve ser uma prévia disso. O exemplo que nós tivemos aqui, eu acho que foi “bacana”, a discussão em grupo, você ter trazido isso, você ter um texto, algum, como eu diria? Que termo eu usaria para deixar isso claro?

PES: Um material, um instrumento?

PE: Um material, um instrumento de trabalho, exatamente. Ter um material, um instrumento, em mãos, para te dar uma direção dentro daquilo que você pretende e para que as pessoas também se sintam mais tranquilas, sejam realmente orientadas, que possam perceber algumas coisas que, até então, estavam ocultas ou ninguém tinha falado. Então, eu acho que é isso. Algumas coisas você tem que ter pronto, que é o material. Mas, esta discussão, outras coisas, vão surgir no grupo, com a contribuição de cada um, com a fala de cada um. Eu acho que parte você traz e parte é construída até no momento. Eu acho que, com os professores, devia ser este encontro: ter um material e deixar, jogar o tema, entendeu? Deixar eles trazerem o que pensam sobre o tema, estas perguntas que você está fazendo hoje para mim, por exemplo, você poderia estar fazendo para eles. O que eles acham de falar sobre o tema? Como eles se sentem falando sobre morte? Qual a sugestão deles para trabalhar com os alunos? Quais são as vivências que eles já tiveram com alunos em sala de aula? Quando se fala de morte, o que conduz a este tema? De que parte, de que maneira a gente pode estar abordando? Então, eu acho que é isso, e aí começam a surgir coisas que a gente nem imagina. Hoje, aqui, não dá nem para

imaginar porque cada um tem uma experiência, cada um tem uma visão diferente. Então, começa a surgir isso e isso é um trabalho enriquecedor, que também prepara, ao mesmo tempo que vai tendo a discussão. Então, eu acho que deveria ter alguns encontros, com o material preparado, direcionado e que houvesse este espaço para que estes profissionais pudessem colocar o que eles pensam a respeito e, a partir daí, ir construindo, não sei, uma maneira, um método ideal, uma forma mais estruturada para levar isso, para trabalhar com os alunos.

PES: Gostei da sua idéia. Então, poderia ser um grupo de professores, com um material preparado, adequado...

PE: É, só para estar... como você disse, quando você veio aqui na primeira vez, o vídeo que você usaria, seria só para entrar no assunto, um recurso facilitador. Então, eu vejo isso, o material seria um recurso facilitador. Porque quando você chega sem nada, por exemplo: “hoje, nós vamos falar sobre morte”, talvez ninguém fale nada. Então, quando tem um vídeo para você começar a discutir o vídeo; quando tem um texto para você começar a discutir um texto, a pessoa pode começar a ver exemplos que o texto traz e começar a se identificar com algumas coisas. Então, é isso, é um instrumento facilitador para uma discussão.

PES: Quem conduziria estes grupos com os professores dentro das escolas?

PE: É, com os professores, eu acho que isso teria que vir da coordenação, da direção, das pessoas que estão, geralmente, trabalhando. Por exemplo, aqui na escola, se fosse implantar este sistema aqui, eu acho que quem seria importante aqui no São José trabalhar, seria a coordenadora junto com a psicóloga. Aqui nós temos uma psicóloga, então ela poderia estar junto ajudando no trabalho. Eu acho que a visão dela é importantíssima, o olhar dela é importantíssimo. Então, eu acho que é a coordenação junto com a psicóloga, por que? Porque a coordenação ela acompanha o trabalho semanal dos professores, é ela que está ali “pertinho” dos professores direto, por isso que eu acho importante que ela esteja presente, ela que vai estar acompanhando mesmo. E a psicóloga para estar mediando de alguma forma.

PES: E dando esta visão e vivência do grupo também, o que emerge de mais importante deste grupo de professores...

PE: Devolvendo algumas coisas também, de uma maneira mais adequada porque o psicólogo tem uma visão diferenciada, a leitura que o psicólogo vai fazer de algumas coisas é diferente e também para estar mediando o grupo. Então, eu vejo que é importante a presença do psicólogo e da coordenação.

PES: Sobre esta abordagem do tema da morte nas instituições escolares, você acha que este tema deveria ser inserido nas atividades regulares, pedagógicas da escola? Em alguma disciplina específica? Ou só alguns encontros? Como você acha que seria melhor?

PE: A partir do momento que você trabalha os professores, eu acho que nestes encontros com os professores, pode ser discutido um método, uma maneira mais apropriada de estar levando isso aos alunos. Eu acho que este tema, como eu disse, dá para ser incluído em todas as disciplinas e cada professor, dentro da aula dele, pode abordar sim e não de forma superficial e simplista, mas entrar com profundidade. Mas, na aula dele, no momento que ele estiver na sala com os alunos e sentir que é o momento para falar disso com os alunos, que tem a ver com a matéria que ele está dando, ele entrar e se aprofundar. Eu acho que esta orientação deve ser prévia, nestas discussões com os professores de situações que podem ocorrer em sala de aula. Já falar previamente com os professores que, no momento que ele sentir que é dentro da programação dele, abrir espaço para isso no momento, na semana que ele puder, na aula, no dia que ele reservar, entrar mais profundamente na discussão, ter este espaço acolhedor para os alunos, de forma que eles se sintam à vontade para falar, que eles sintam que aquele é o momento apropriado para falar sobre o assunto, que não vai ser “corrido”, que ele vai começar a falar e o professor vai voltar para a lousa, vai virar e começar a dar a matéria, mas que eles realmente possam falar, relaxar e se sentir à vontade para isso.

PES: No momento que o assunto apareça também...

PE: E isso vai depender muito do professor, vai depender muito da forma como o professor vai conduzir esta situação.

PES: Você vê diferenças, em relação a abordar este tema, entre as escolas públicas e particulares?

PE: A forma como é levado? Eu não, particularmente, não. A minha experiência como professora está sendo em escolar particular, mas eu já estive fazendo outros tipos de trabalhos, na época da faculdade, em escolas públicas. Eu vejo assim: nas escolas públicas, os alunos têm uma necessidade, eles têm um desejo maior de ter este espaço para discutir estas coisas, para falar sobre os sentimentos, para falar sobre eles, são coisas que eles “abraçam” com muito desejo, com muita vontade, o que eu já não sinto tanto na escola particular. Na escola particular eles têm este espaço e não se apropriam do espaço que eles têm. Na escola pública eles querem muito, eles desejam muito. Eu falo pela experiência que eu tive. Eu tive uma experiência assim com alunos da 5ª a 8ª série e eles não eram obrigados a estarem presentes, nós tínhamos um encontro por semana, inclusive alguns vinham

de longe, tinha alguns que tinham futebol, outras coisas e “abriam mão” para estarem ali e eles vinham mesmo, eram pontuais e queriam mais e mais. Nós tínhamos um encontro de 1 hora e meia e passava tão rápido. Uma fala que me chamou muita atenção na época, foi um aluno que me disse assim (nós ficávamos das 16 às 17:30) e ele me disse uma vez: “Já acabou? Por mim eu ficaria até às 10 da noite”. Um “aluninho” da 5ª série falando isso. Então, isso eu acho que demonstra o interesse deles, a vontade porque, geralmente, eles não têm este espaço de alguém que pare para ouvir, um espaço que eles possam falar o que estão sentindo, então eu vejo que existe um desejo maior.

PES: Que tipo de trabalho você estava desenvolvendo com estes alunos nesta escola?

PE: Na época era um estágio que eu estava fazendo numa matéria de Psicologia Escolar e aí nós fomos conhecer a escola, fazer um levantamento e aí apareceu uma queixa por parte dos professores e da coordenação também de que os alunos estavam... qual foi a queixa? Que os alunos estavam desinteressados, eu não lembro exatamente qual foi o termo que eles usaram...

PES: Desestimulados?

PE: Isso, foi realmente este o termo: desestimulados, desinteressados a aprender, a estar na escola. E aí nós formamos grupos de alunos para trabalhar esta questão. E foi muito legal, foi um trabalho riquíssimo. Então, eu pude perceber aí, o que eu sentia? Era uma escola pública, alguns alunos vinham de uma população, eram bem carentes mesmo, mas que estavam mesmo desejosos de estarem ali; queriam, participavam ativamente. Foi muito bom, muito gostoso. Então, eu vejo assim, que talvez na escola pública haja, talvez, uma abertura maior, por parte dos alunos, para se tratar o assunto. Uma participação mais ativa.

PES: Mesmo em relação aos adolescentes?

PE: Mesmo em relação aos adolescentes. Tem esta questão, mas tudo vai da abordagem que você faz, o adolescente é assim, como eu disse: eles “de cara” têm esta resistência, lá também no primeiro impacto foi assim, eles chegaram quase “derrubando”, tinha um espaço que a gente utilizava, eles chegaram assim: “chegaram, chegando”, como se costuma dizer e foi complicado. Depois, a gente parou para conversar e as coisas foram se assentando, eles foram ficando mais tranquilos, mais confiantes, eles são muito desconfiados, muito, então é aproximação, tudo tem a ver com o contato, como vai ser feito.

PES: Isso é importante mesmo, tem que ganhar a confiança deles primeiro...

PE: Tem que ganhar a confiança primeiro. Depois que você conquista a confiança é muito legal. Aqui mesmo, como professora, eu tive experiências maravilhosas. E que foi assim: não adianta

falar com eles no grupo. Por exemplo, tem um aluno que está se destacando, querendo chamar muito a atenção, se você chama a atenção dele no grupo, muitas vezes, ele reage te atacando, te ofendendo. Então, a melhor alternativa é chamar em particular e conversar, sem ter um discurso moralista: “você não deve fazer isso; por que você fez isso?” e sem chegar impondo nada também. Isso, realmente quando você tem esta intenção. Porque quando você não tem esta intenção, é difícil você agir desta maneira. Mas, eu acho que quando você mostra para o aluno que você não está ali para competir com ele, nem para prejudicá-lo em nada, que vocês podem conversar sem estar se agredindo, podem até ser amigos. Quando ele percebe isso, que ele não precisa estar na defensiva sempre, aí as coisas vão mudando e o trabalho é gostoso. Depois de um tempo é, no grupo isto é muito difícil trabalhar com eles. Haja energia! Haja energia!

PES: Haja energia! É verdade... Só para ir finalizando, como o meu mestrado é focado nos adolescentes, eu gostaria de te fazer algumas perguntas em relação a isso: como você vê o tema da morte em relação aos adolescentes?

PE: Como eu vejo?

PES: É, de uma maneira bem geral...

PE: O que eu vejo em relação a eles ou como eles abordam a questão da morte?

PES: A sua visão em relação a eles.

PE: Eles não param muito para pensar no assunto não. Para eles, eles são imortais. Eu acho que o adolescente se sente imortal. Eles não pensam muito nos riscos, eles não pensam. Eu ouço até isso deles: “se pensar a gente não faz”. Então, eles não pensam no que pode acontecer, não pensam na morte, não pensam em nada. Eu acho que é bem isso: eles se sentem mesmo imortais.

PES: Quais as hipóteses que você levanta sobre as altas taxas de mortalidade, atualmente, em relação aos adolescentes? Eu acho que um pouco tem a ver com isso que você já falou, mas você teria outras hipóteses?

PE: Esta questão deles se sentirem imortais, o fato deles acharem que nunca vai acontecer com eles. Aí tem o que antecede tudo isso, a gente pode pensar: “o que provoca isso na adolescência?” Eu vejo que tem a questão da idade, mas tem também uma questão social, uma questão de educação, uma questão de relacionamento. Como eu disse: quando você se aproxima do adolescente e você tenta conversar com ele, quando você baixa as suas defesas também, o diálogo torna-se possível e a transformação também, a aquisição de novos conceitos. Até mesmo, você abre um espaço para que ele possa rever o que ele está fazendo, rever as suas próprias atitudes. Eu vejo que este é o caminho.

Porém, isto requer um investimento por parte da pessoa que vai se aproximar de um adolescente. Investimento de tempo, de dedicação, de energia, como eu te disse, requer muita energia e pouquíssimas pessoas estão dispostas. Preferem o que? Adotar uma postura de impor uma condição, impor uma fala, uma posição impositiva e também moralista, o que não gera muito fruto. E aí o que acontece? Por falta de diálogo e acolhimento, o adolescente acaba banalizando tudo, tendo esta atitude de não valorizar mesmo, não pára para pensar e segue assim. Aí desencadeia neste resultado final que a gente vê, que é esta questão de se sentir um imortal, de achar que nunca vai acontecer com ele. Às vezes, esta atitude rebelde de não querer ouvir ninguém, de falar com ninguém, de ser super resistente. Então, eu acho que o que promove, o que gera tudo isso é esta questão, que contribui em parte, esta questão de falta de proximidade, de falta de diálogo com o adolescente. Eu vejo que é difícil para os pais também; os pais, muitas vezes, não sabem como lidar com estas questões, às vezes não têm tempo para ficar com eles. Então, é uma série de fatores, um conjunto de fatores que acaba desencadeando na morte.

PES: Um pouco você já falou, como você acha que isso poderia mudar, estas altas taxas de mortalidade na adolescência. Seria esta maior proximidade em relação aos adolescentes, se houvesse este diálogo com a família, com professores...

PE: Eu acho. Aí este trabalho que você está fazendo em relação aos adolescentes, este trabalho que você veio até aqui à escola para estar fazendo com os alunos, é importantíssimo, eu considero importantíssimo. Eu acho que seria importante, até mesmo, para os pais. Por que o que acontece? O adolescente, nós seres humanos somos frutos do meio. Então, o adolescente, muitas reações que ele tem, muitas coisas que ele faz, o pensamento, o discurso, tem a ver com o meio, com a educação que ele recebe, com a cultura que ele tem. Então, para a gente trabalhar hoje o que está acontecendo na sociedade, para melhorar esta taxa, a gente tem que ir lá atrás, nas raízes e procurar identificar. E no momento que identifica, procurar trabalhar as bases e a base qual é? Primeiro vem à família, depois a escola. Então, estas são algumas das bases que devem ser trabalhadas: a escola, então, aqui, e depois os pais. Eu percebo muito isso na escola: muitas vezes a gente tenta construir alguma coisa aqui, você levanta dois “tijolinhos” e chega em casa o pai tira os dois que você levantou. Porque a gente não fala uma mesma linguagem. Aí fica muito complicado, como fica a cabeça do adolescente que já está numa fase confusa, difícil, na escola há uma fala e, em casa, outra? Às vezes, os pais por falta de informação, de não saberem o efeito que a atitude deles provoca no filho e que volta para eles automaticamente.

Porque depois eles têm que estar com o filho em casa e não conseguem lidar com a situação, fica bem difícil mesmo.

PES: Então você está me dizendo que o meu trabalho seria importante também fazer com os pais, além dos próprios alunos?

PE: Eu acho, sim. Muitos pais pedem, sabe? Como ajuda, eu estava vendo, eu acho que foi no “Fantástico” domingo, você assistiu?

PES: Assisti, eu achei esta reportagem ótima, muito importante.

PE: Você estava falando agora e eu lembrei, qual era o tema?

PES: Falava justamente sobre as dúvidas dos pais em relação aos seus filhos adolescentes. Como eles devem educar, o que podem deixar seus filhos fazerem num mundo com tanta violência e perigo, como dar conselhos, como podem confiar na educação que deram a eles, mais liberdade, menos liberdade, o diálogo entre eles...

PE: Em relação às mentiras também, não é? E você viu que tinha pais falando: “como a gente deve fazer? Como agir? Falem para a gente, nos oriente, nos dê alguma direção!” Porque os pais, muitas vezes, não sabem como lidar. Às vezes, eles fazem coisas e não percebem o efeito que aquilo tem na vida do filho, a consequência que vai trazer para a família e continua. Enquanto não tiver alguém para realmente falar sobre, dar uma orientação, a tendência é reproduzir, reproduzir, reproduzir o comportamento. O que é grave aí, eles continuam reproduzindo isso com os filhos e, provavelmente, os filhos vão reproduzir com os filhos deles e os filhos deles com os filhos e os netos e, assim vai, e assim caminha a humanidade. E aí a gente vê o resultado na mídia que isso tem, este caos absoluto.

PES: Eu achei interessante nesta reportagem o que o psiquiatra falou. A repórter perguntou o que ele falava para seus filhos adolescentes quando eles saem à noite ou vão viajar e ele falou que neste momento que eles estão saindo de casa para viajar ou passear, ele não fala nada porque ao longo da educação dos seus filhos, ele já foi falando tudo o que ele queria e precisava e que ele acreditava que esta era a melhor maneira de dar conselhos e orientações, ou seja, no cotidiano, ao longo da educação dos seus filhos. Então quando eles saem...

PE: Já está internalizado, é uma coisa que ele construiu.

PES: E esta construção se faz aos poucos, no dia a dia com os filhos e não quando a emoção está “a flor da pele”, quando o filho chega só de manhã em casa depois de uma festa, por exemplo.

PE: Você tomar esta atitude é a mesma coisa que você dizer: “faz”. É a mesma coisa, você está confrontando, você está batendo de frente com eles. Então não surti efeito. Eu acho que é bem aquilo

mesmo que este psiquiatra disse: é uma construção, é gradativo, é no dia a dia. É interessante você ver o resultado. Aqui na escola eu vejo, tem uma turma da 5ª série que está aqui desde o berçário e estes alunos cresceram aqui na escola dentro da visão que a escola tem, uma visão de não estar impondo, de estar construindo junto, de estar passando para o aluno a importância de estar desenvolvendo estes valores, os valores dentro de si, a questão do respeito. E a semana passada, eu cheguei um pouco atrasada para dar aula para a 5ª série e a hora que eu cheguei lá em cima, que eu entrei pelo corredor, eu achei estranho, pensei: “deve ter alguém com eles na sala”, no corredor, um silêncio, ninguém na porta. Eu entrei na sala e estavam todos quietos, sentados, sem ninguém na sala.

PES: Você estranhou não é?

PE: Eu estranhei, com nenhum professor e eles neste silêncio todo! Eles estavam todos sentados, quietos, não tinha ninguém em pé. E não tinha ninguém para dizer a eles que eles tinham que ficar sentados. Ninguém, e eles estavam. Então, eu acho que é isso, este é o efeito, a gente vê resultado sim, mas tudo requer... como se diz?

PES: Investimento?

PE: Investimento, dedicação. É aí que está o problema que a gente consegue identificar. Mas, e aí? Vai encarar? Se os pais estiverem dispostos a investir, os educadores, tem como construir um mundo melhor.

PES: Esta era a última pergunta que eu ia te fazer: se você acredita que se os adolescentes refletissem, discutissem mais sobre o tema da morte com a família, com os amigos, com profissionais de saúde e educação, os índices de mortalidade, na idade deles, poderiam diminuir?

PE: Eu acredito. Eu acredito que sim. Não é só isso, eu acho que tem toda uma questão social muito mais abrangente, mas é um início, é um início de uma conscientização. Depois disso, eu acho que desenvolver atividades para que eles possam se ocupar e investir toda a energia deles em atividades que sejam produtivas e benéficas. Então, como estes projetos que tem tido de tirar os adolescentes das ruas, que tem diminuído também a marginalidade. Então, muitos que ficavam pela noite usando drogas, roubando, já não estão mais, estão praticando esportes, estão participando de teatro, de jogos. É muito legal isso.

PES: Este aspecto eles trouxeram bastante nos grupos que eu fiz com eles. Quando eu perguntava a eles como estas taxas poderiam mudar. Eles me disseram que tem que ocupar o tempo dos adolescentes, não adianta eles saírem da escola e ficarem na rua sem ter o que fazer, vão acabar se envolvendo em coisas prejudiciais a eles.

PE: Então, eles estão numa fase que é uma fase muito produtiva, que estão “com todo o gás”. Então, é aproveitar isso, direcionar isso para o bem. E como eles precisam de orientação, precisam ser guiados ainda. Não é assim: se tornou adolescente você solta a mão dele e “tchau”, “vira as costas”, “você está pronto para encarar o mundo”. Não está, não está, eu acho que é uma ilusão pensar que esteja. Com o adolescente é uma fase que você começa a soltar aos poucos porque não adianta de uma hora para outra, eles vão se sentir perdidos.

PES: Por último, você gostaria de me perguntar alguma coisa?

PE: Eu queria saber o que você está pensando em fazer em relação ao seu trabalho.

PES: Bom, eu tenho que fazer o meu mestrado em apenas 2 anos, eu acho que é pouco tempo para um tema tão abrangente como este. Um ano passou tão depressa... Mas, eu estou pensando em ir numa outra escola fazer esta mesma atividade que eu fiz aqui, vou tentar em alguma escola pública para ver se há diferenças e analisar, pensar direitinho todo este material que coletei aqui, eu já tenho um material riquíssimo. Além disso, a minha orientadora faz parte do Laboratório de Estudos sobre a Morte do Instituto de Psicologia aqui da USP e este laboratório desenvolve várias atividades em relação ao tema da morte. Algumas atividades como o Projeto “Falando de morte” que é a série dos 3 vídeos: para crianças, adolescentes e idosos. Tem um projeto para um vídeo destinado aos profissionais também. Há alunos que desenvolveram iniciações científicas com o vídeo da criança, assim como eu fiz com o vídeo do adolescente; exibí-los em hospitais, escolas. Há cursos sobre o tema da morte na prática cotidiana de profissionais e também há o atendimento à comunidade realizada de uma maneira ainda informal, através de pedidos e da disponibilidade dos profissionais do laboratório. Eu pretendo estar inserida em algumas destas atividades, estou me preparando para isso. Meu mestrado é uma reflexão sobre o tema e ele vai ajudar bastante a pensar nas formas de intervenção que podem ser feitas.

ANEXO 5: ENTREVISTA COM COORDENADORA PEDAGÓGICA DA E.E. MAESTRO FABIANO LOZANO

DATA: 18/05/2004

PES (pesquisadora): Para começar, eu gostaria que você falasse um pouco sobre a sua formação e trajetória profissional: a faculdade que você cursou, onde você já trabalhou, onde trabalha atualmente, as funções desempenhadas etc.?

CP (Coordenadora Pedagógica): Minha formação universitária é em Ciências Biológicas pela USP e Bacharel e Licenciatura em Ciências. Este curso nem existe mais atualmente. Depois fiz Especialização em Genética na Escola Paulista de Medicina e em Ecologia na Universidade Mogi das Cruzes. Já atuei profissionalmente como professora de Biologia e Ciências; fui instrumentadora cirúrgica por 18 anos e também pesquisadora. Sempre trabalhei com as áreas de educação e saúde ao mesmo tempo. Atualmente sou coordenadora pedagógica desta escola.

PES: Como você vê a abordagem do tema da morte dentro das escolas em geral e dentro da escola na qual você está inserida?

CP: Considero este tema importante e para o adolescente este tema parece distante, o que não é verdade. É importante que ele reflita e possa evitar o risco.

PES: Você acha que a escola deveria abordar o tema da morte? Se sim, como? Se não, por que?

CP: Sim, através de palestras e, principalmente, dentro da disciplina de Filosofia. Poderia ser também em Ensino Religioso, no tema sobre a história das religiões.

PES: É fato que a maioria das pessoas não se sente preparada para falar sobre o tema da morte, mas você acredita que há uma disponibilidade dos educadores para se preparar para a abordagem deste tema?

CP: Sim.

PES: Você observa um espaço para falar sobre este tema dentro da escola? Você observa um espaço entre os professores e profissionais de educação em geral?

CP: Dentro desta escola (E.E. Maestro Fabiano Lozano) sim. “Tanto que estou aqui hoje conversando com você sobre este tema”. Em geral, não.

PES: Você sente o tema da morte como algo proibido de se conversar/ algo evitado dentro do contexto escolar?

CP: Não, eu vejo como necessário dentro dos temas transversais da grade curricular; tão necessário quanto os temas sexualidade e drogas. Por exemplo: estamos, atualmente, acompanhando o caso do jogador Maradona.

PES: A dificuldade de entrar em contato com este tema envolve a idéia de proteção e negação. Caso este profissional esteja disposto a entrar em contato com o tema da morte, como você acha que se poderia mudar esta mentalidade dentro das escolas?

CP: Sim, poderia se mudar esta mentalidade passando aos professores que o assunto morte é sério e deverá ser tratado. Existe uma superproteção achando que a criança não deve ser traumatizada e eu não concordo com isso.

PES: Como você acha que deveria ser a preparação dos profissionais de educação para lidar/abordar o tema da morte com os alunos, visto que são importantes as reflexões e não respostas fechadas e absolutas para não ocorrer discursos moralistas ou generalizações?

CP: Eu não seria esta pessoa. Esta preparação dos profissionais de educação deveria ser feita através de treinamentos, orientações técnicas e filosóficas. Existe as oficinas pedagógicas para isso.

PES: Caso você já tenha abordado o tema da morte com os alunos, como foi a sua experiência? O que mais chamou a sua atenção?

CP: Não, nunca abordei este tema.

PES: Sobre a abordagem do tema da morte no contexto escolar, você acha que este tema deveria ser inserido nas atividades regulares/pedagógicas da escola; em alguma disciplina; como?

CP: Sim, na disciplina de Filosofia, na qual o professor se aprimoraria mais sobre o tema.

PES: Você vê diferença entre as escolas públicas e particulares em relação a abordar este tema?

CP: Sim, eu acho que as públicas estão mais abertas; as escolas particulares têm um padrão mais tradicional em relação aos conteúdos abordados.

PES: Como você vê o tema da morte na adolescência?

CP: Este tema está muito distante para os adolescentes.

PES: Quais as hipóteses que você tem sobre as altas taxas de mortalidade, atualmente, em relação aos adolescentes? Como isso poderia mudar?

CP: Drogas ilícitas e lícitas como o álcool. Isso poderia mudar criando condições para que os jovens possam refletir e, assim, se fortalecerem, para que diante destas situações de perigo saibam dizer “não”. Alguns fatores de proteção, por exemplo, são as atividades esportivas que diminuem o

tempo ocioso dos jovens. A escola deve buscar ser prazerosa, ter muitas atividades esportivas e, junto a isso, fornecer elementos para que se possa trabalhar com reflexões, propiciar espaços para o aluno se fortalecer porque é aí que ele vai se proteger; isso seria um trabalho de prevenção, pois assim eles talvez possam dizer “não” no momento de situações de risco. A escola prazerosa, que visa tirar o aluno da rua e colocá-lo dentro da escola, aumenta os fatores de proteção.

PES: Você acredita que se os adolescentes refletissem/ discutissem mais sobre o tema da morte e os comportamentos autodestrutivos com a família, amigos, profissionais de saúde e educação os índices de mortalidade nesta faixa etária poderiam mudar?

CP: Sim.

PES: Com quem você considera que essa comunicação seria mais eficiente: com a família, amigos, profissionais de saúde ou educação?

CP: Esta comunicação deve partir da escola e criar grupos de discussão entre os adolescentes. Acredito muito no poder dos amigos; entre eles, eles são amigos, podem se ajudar.

ANEXO 6: SÍNTESE DOS LIVROS DESTACADOS PARA ABORDAGEM NO CONTEXTO ESCOLAR – Autor: Júlio Emílio Braz

- **“ENQUANTO HOVER VIDA VIVEREI”**

Enquanto houver vida viverei é literatura indicada para trabalhar em sala de aula com alunos entre a 7ª série do Ensino Fundamental até o Ensino Médio. Neste livro, o autor traz uma história de solidariedade e vontade de viver. Ele busca ajudar a combater o medo e o preconceito, espalhando informação e esperança.

O autor narra a história de um adolescente cheio de vida que, ao receber transfusão de sangue após um acidente de moto, contrai o vírus da AIDS.

“Mister Aventura” era o apelido do jovem, personagem principal deste livro. Com 18 anos, queria viver de todas as formas, buscava aventura, aventura e mais aventura. Ele tinha seu lugar no time de futebol de salão do colégio. Tinha vários troféus dos muitos torneios e campeonatos de skate de que participara. Ele queria emoção e as motos eram sua grande paixão. Quando, finalmente, adquiriu sua tão sonhada moto, ele resolveu apostar uma corrida com seu amigo num dia de chuva. Resultado: “Quando eu me virei para olhar, a porta de um dos carros parados num dos lados da rua já estava se abrindo e eu rumava velozmente para ela. O choque foi violento e inevitável. Lembro-me apenas de que me senti violentamente arrancado de cima da moto e arremessado para o alto...” (pág. 9).

Mister Aventura tinha uma namorada por quem era apaixonado. Seu nome era Laurinha. Antes de receber a notícia de que tinha contraído o vírus da AIDS, eles eram muito felizes. Depois de receber a notícia, Mister Aventura correu desesperadamente para dentro de si mesmo. Escondeu-se em seu quarto e raramente saía. Não conseguia acreditar no que tinha acontecido com ele. Resignou-se com o fato de que não havia muita coisa a fazer e entregou-se a mais profunda melancolia. Desinteressou-se por tudo. Tornou-se revoltado. Certo dia, quebrou tudo em seu quarto, atirou os troféus que havia ganhado pela janela e rasgou velhas fotografias de glórias ainda recentes. Sentia que foram glórias inúteis. Pela primeira vez em muitos anos, Mister Aventura chorou de forma muito amarga.

Parou de ir à escola e se assustava com a ideia dos colegas saberem que tinha AIDS. Não suportaria a vergonha e os olhares de desconfiança. Também não agüentava mais o sofrimento de sua família; por isto preferia a solidão.

Laurinha sumiu misteriosamente da vida do namorado após saber que estava com AIDS. Também adolescente, ela estava tão assustada quanto ele, havia muitas e muitas dúvidas. Mister Aventura se sentia abandonado; até a pessoa que dizia o amar estava fugindo dele. Ele se sentia mais freqüentemente confuso e assustado diante de suas dúvidas; ainda mais num período da vida em que há tantas e tantas dúvidas.

O pai de Laurinha o afastou ainda mais da filha. Mister Aventura se refugiou mais e mais em seu quarto. Toda a vida que ainda tinha pela frente, de um momento para outro, passou a gravitar de forma doentia em torno da AIDS. Ficou resignado à inevitabilidade de seu fim; passou a se desinteressar por tudo; estava desorientado; abdicou do que fora sua vida até então. Em outros momentos, se revoltava com tudo e com todos e culpava meio mundo pela sua desgraça: o motorista do fusca que abrira a moto contra a qual ele e sua moto haviam se chocado no acidente que causara a doença; os médicos que fizeram as transfusões de sangue; o doador desconhecido e culpava a si mesmo por ter sido tão descuidado e imprudente no dia do acidente.

Em plena adolescência, ele pensava: como fazer planos para o futuro? Como encontrar ânimo para fazer a prova do vestibular? Mister Aventura se apavorava ao ver fotos de pessoas com esta doença; chegou, até mesmo, a pensar em suicídio.

Os amigos de Mister Aventura sumiram; jamais ligaram novamente. Seu avô, teimoso e obstinado, insistia para que o neto saísse do quarto, voltasse a viver e a ser quem costumava ser. Mister Aventura temia infectar acidentalmente qualquer pessoa; queria se cercar de todos os cuidados. Tinha medo e vergonha de ser reconhecido e apontado nas ruas ou na escola.

Certo dia, o avô de Mister Aventura reuniu toda a família e disse que seu neto estava enfrentando toda a situação sozinho. Mencionou que o sofrimento era de toda a família e, assim, deveriam se unir para aliviá-lo. A irmã de Mister Aventura, Helô, admitiu que não conseguia esconder seu medo e não sabia como lutar contra isso. Mister Aventura reconheceu que estes eram sentimentos humanos e eles puderam compartilhá-los.

Após a ajuda de seu avô e da conversa com sua família, Mister Aventura resolveu parar de sentir pena de si mesmo. Afinal, não era sua culpa ter AIDS. Com a força que pôde agarrar foi ao colégio. Ao sair de casa já teve que enfrentar a curiosidade da vizinhança. Houve um momento, entre a porta de casa e a entrada da garagem, em que ele fraquejou e chegou a pensar em voltar correndo para a solidão do seu quarto. Mas não desistiu.

Ele foi recebido no colégio com todo o tipo de curiosidade. Sua presença provocou distanciamento, olhares, frieza, cochichos, sorrisos falsos e constrangimento. Ao se aproximar de sua ex-namorada, esta arregalou os olhos que foram tomados por um grande pavor. Mister Aventura percebeu que ela estava com medo dele.

Mister Aventura percebeu que podia recuar e voltar para o quarto ou seguir em frente e esquecer todo o resto. Dessa forma, ele parou de ficar na defensiva contra tudo e contra todos. Sua doença era séria e definitiva, mas ele parou de se sentir culpado por qualquer coisa; de sentir vergonha; de ficar com medo que as pessoas o ferissem com palavras, gestos e, principalmente, olhares.

Alguns alunos quiseram saber informações sobre esta doença e Mister Aventura ficou feliz em compartilhar tantos conhecimentos que tinha adquirido em seus momentos de clausura. Foi esclarecedor um debate sobre a AIDS que ocorrera em seu colégio. Houve a presença de médicos e enfermeiros do Hospital Emílio Ribas e um psiquiatra que trabalhava com acompanhamento psicológico para pacientes e seus familiares.

O debate chamado de “A AIDS é um problema de todos nós” trouxe histórias comoventes e sentimentos assustadores que, muitas vezes, levaram ao extremo do suicídio. À medida que o debate prosseguia, mais gente se interessava em participar dele. A direção do colégio prorrogou o prazo de duração do encontro e trouxe mais alguns especialistas no assunto.

Mister Aventura continua na briga para voltar a viver. Mas, de qualquer forma, os amigos sumiram; fugindo dele. Eles estão na escola, mas não fazem planos conjuntos. Apenas sua irmã e seu avô conseguiam tratá-lo como ser humano “normal”. Mister Aventura se aborrecia quando sua família ficava rondando e invadindo o seu espaço. Mas, também achava ruim quando não tinha ninguém que o “paparicasse” e ficava sozinho com suas lembranças. Quase sempre vinha à memória sua ex-namorada Laurinha. Certo dia, os dois se encontraram e se beijaram. Voltaram a namorar. Mas a relação dos dois não podia ser nada além de afeto. “Não dá para se pensar em mais. Nem eu quero. Eu a amo demais para correr qualquer risco”.

Após um tempo, Mister Aventura viu seu primeiro amigo com AIDS falecer. “A dor é inevitável, mas agarrar-se a ela pode ser ainda pior do que simplesmente ignorá-la. Tentei tornar a minha vida a mais produtiva possível”.

No último capítulo do livro há um diálogo entre Mister Aventura e seu avô que encerra o livro e leva à reflexão:

“- Eu vou morrer, vô? – disse.

- Você não é o único, rapaz – afirmou ele. O pessimismo constrói homens menores e homens piores.

- Quem disse isso?

Vovô colocou um dos braços sobre meus ombros e apertou-os com força, abraçando-me com carinho. Encarando-me, uma ponta de melancolia e tristeza nos olhos brilhantes, acrescentou: - um homem que já não agüenta mais te ver triste...”

- **“LONGAS CARTAS A NINGUÉM”**

A história se inicia narrando a experiência de um jovem no *buggy-jumping*. Era uma força poderosa puxando-o para baixo, depressa, seu corpo caindo vertiginosamente, ninguém mais podendo detê-lo. Morte e vida passavam bem depressa diante de seus olhos e a adrenalina corria em seu sangue. Ele se sentia completamente livre. Não havia medo, vacilações ou incertezas.

Este livro narra a história de 8 amigos adolescentes inseparáveis. A história é narrada em 1ª pessoa por um deles: Fabrício. Eles adoravam estar juntos, tinham a sua própria língua, eram loucos por uma confusão e “viciados” em adrenalina; queriam sempre mais. Essa era a tribo, seu mundo e seu universo. Eram tempos de aventura, de perseguições implacáveis a emoções cada vez mais poderosas. “Não, não éramos imortais e talvez a imortalidade nem interessasse a nenhum de nós. Valia mais e se queria sempre a imortalidade do instante, as emoções à flor da pele...” (pág. 13)

Cada um a seu jeito e a seu modo diferentes, eram o grupo mais unido onde quer que estivessem. Altos, baixos, gordos ou magros; nada importava; pois eram iguais quando estavam juntos. Um emaranhado de sentimentos confusos os mantinham juntos.

Não tinham um chefe, mas se resolvessem eleger um, com certeza Rodrigo seria a escolha de todos. Era difícil defini-lo, era como se fosse a alma da festa. Rodrigo era tudo o que todos gostariam de ser: questionador, inquieto, amigo, melancólico, atrevido, irritante, brincalhão, sério, desafiador, abusado, romântico, criança, homem, louco, são, inteligente, distraído. Mas para isso, era preciso muita coragem e determinação. Ele sempre estava disposto a se aventurar por qualquer caminho e isso fascinava a todos. Rodrigo tinha histórias de todo o mundo; recebia cartas de namoradas da Europa e de amigos da África. Adorava fotografar os lugares que tinha visitado pelo mundo com seus pais. Rodrigo dizia: “por que alguém tem que perder tanto tempo com a escola se a vida está lá fora, esperando por nós e nos ensinando coisas muito melhores? Eu venho pra escola e quase nunca aprendo o que eu quero saber!” (pág. 19).

Certa manhã Fabrício recebeu a notícia de que Rodrigo morrera. Fabrício não conseguia acreditar que aquilo se tratava de um suicídio. O herói de todos havia cometido suicídio.

Fabrício sentia que não existia ninguém no mundo com quem conversar; ninguém poderia entender a sua dor, compreender a verdadeira extensão do seu sofrimento e a perplexidade que tomara conta dele depois que soube da morte de Rodrigo.

Fabrício desistiu do mundo, fugiu de todos, trancou-se em seu quarto e refugiou-se em sua cama. “É como se tudo tivesse parado – tempo, vida, mundo. Nada existe, nada importa. A melancolia é infinita e dói, meu Deus, como dói”. (pág. 29).

Fabrício se questionava por que Rodrigo não se despedira e não deixara ao menos uma resposta convincente para aqueles que o amavam. “Tem horas que tento entender e me frustro completamente. As respostas, se é que elas existem, são inalcançáveis para mim”. (pág. 31). Fabrício se perguntava o que a tribo havia feito para Rodrigo. Sentia-se culpado; queria uma boa explicação; qualquer coisa servia; qualquer coisa era melhor que a dúvida que o incomodava demais. Não achava justo Rodrigo tê-los deixado como se não tivessem a menor importância para ele.

Fabrício começou a escrever cartas, *longas cartas para ninguém* e, ao mesmo tempo, para um grande amigo. Colocava seus pensamentos, não eram comentários ou acusações, eram apenas um grande ponto de interrogação.

Fabrício achava que devia ter prestado mais atenção em Rodrigo. Ninguém cometia suicídio sem sinalizar ou avisar que queria escapar da vida dele. Porém, Fabrício sentia que Rodrigo não havia mudado; não havia tristeza ou melancolia. Era sempre o mesmo, o mesmo sorriso, a mesma vontade de viver cada segundo como se fosse o último, como se não houvesse amanhã possível ou, pelo menos, interessante. Era tudo muito confuso e isso enchia Fabrício de culpa, sem nem saber o porquê, se sentia assim. Todos da tribo se sentiam dessa forma; estavam esquecidos da vida. Os dias pesavam e as horas passavam sem a menor importância.

Fabrício pensava: estaria Rodrigo não procurando a morte, mas outra vida e, com ela, novos desafios em outro lugar? Era melhor acreditar nisso do que acreditar que havia se matado simplesmente porque se fartara da vida ou da tribo. Não queria acreditar que Rodrigo havia se matado porque se sentiu abandonado por eles, já que a faculdade se aproximava e muitos iriam mudar de cidade. Rodrigo não havia deixado bilhete para que pudessem entender o seu gesto. Ninguém da tribo conseguia seguir com suas vidas sem antes compreender exatamente o que e por que Rodrigo fizera. Os pais de Rodrigo o amavam; os amigos o idolatravam.

Passado algum tempo da morte de Rodrigo, Fabrício continuava não aceitando. Achava injusto e tolo o modo como ele se fora para longe da tribo. Fabrício respeitava a escolha do amigo, mas não a aceitava. Tinha a sua própria escolha: a vida o atraía e fascinava, a morte o irritava e confundia; não a queria para ele, pelo menos naquele instante. Ainda não sabia como continuar vivendo, mas tinha certeza que era isso o que queria: por ele, pela sua família e pelos amigos.

Nenhum dos amigos da tribo havia se visto muito freqüentemente após a morte de Rodrigo. Depois de um tempo e com certo constrangimento passaram a se encontrar na porta da escola. Os rostos ainda estavam sofridos e os sorrisos forçados. Ainda em silêncio foram se aproximando. Choraram juntos e se abraçaram. Ninguém disse nada ou falou do passado. Este ficaria para depois quando doesse menos. Havia um presente a ser escrito e todos estavam com pressa de começar. Todos queriam viver e nada mais.

- **“APRENDENDO A VIVER”**

Este livro se inicia relatando que ainda existia amor entre os pais das adolescentes. O nome da filha mais velha é Cláudia (narradora em 1ª pessoa da história) e Isabel é a mais nova. Havia 4 anos de diferença entre elas. O pai era dono de seu próprio táxi. Eram uma família igual a muitas outras: com sorrisos, brigas, dificuldades e também felicidade. Seu pai (Luiz Antônio) ficou todo orgulhoso quando Cláudia passou em Biblioteconomia na UERJ, mesmo que a sua preferência fosse que ela fizesse Direito, curso que seu namorado Franco fazia. Isabel, que namora Caio, não parece querer nada da vida e sua mãe (Virgínia) orgulha-se de ser a “Rainha do Lar”.

Eram felizes até certa noite que seu pai chegou em casa chorando muito e mais bêbado do que o habitual. Pressentiam que havia algo de muito grave acontecendo. Seus pais brigaram feio. No dia seguinte, Virgínia tinha os olhos vermelhos e inchados de tanto chorar e permanecia num silêncio impenetrável.

Nestes dias tristes e turbulentos que sucederam este evento, Cláudia, às vésperas de completar 18 anos, descobriu que estava grávida de seu namorado Franco. Este ficou radiante. Cláudia estava insatisfeita e com muito medo e não conseguiu contar para sua mãe. Cada uma cobiçava o segredo da outra, mas permaneciam em silêncio, apenas repetindo bobagens e futilidades. Seu pai se distanciara completamente. Não poderia ser somente uma decisão de separação de seus pais. Dias mais tarde, Humberto, o melhor amigo de seu pai, encontrou um envelope no táxi deste último. Era o resultado de

um exame que indicava que seu pai era soropositivo. Este apenas deixou um bilhete de despedida para a esposa. Esta deixou claro que seu pai não agüentara e que tinha pulado de uma ponte.

A mãe e as duas filhas ficaram desorientadas, incapazes de se ajudar umas às outras naquele primeiro momento. Estavam desamparadas e com medo do futuro. Seu pai havia contaminado sua mãe com o vírus da AIDS.

Após semanas de silêncio, Cláudia disse à mãe que tinha muito medo de vê-la morrer e de arcar com a responsabilidade de cuidar da irmã mais nova. Virgínia, por sua vez, tinha muito medo de deixar suas duas filhas sozinhas e indefesas. Passava o dia inteiro chorando e deitada no sofá enrolada em seu cobertor.

As pessoas da vizinhança e da escola tinham curiosidade, medo e insegurança em saber o que havia acontecido com elas. Todos olhavam diferente. Havia silêncio e o desaparecimento de muitas pessoas que costumavam fazer parte da vida delas. Cláudia odiava o pai por fazê-la passar por esta situação.

Caio, namorado de Isabel, ajudava Virgínia. Franco, por outro lado, se distanciou de Cláudia após saber dos fatos. Mesmo que não houvesse menção dos acontecimentos, não falava mais em casamento e não se preocupava com ela; queria saber apenas da criança. Não queria que esta nascesse na casa de Cláudia, pois Virgínia, avó da criança, tinha AIDS.

Cláudia não conseguia contar sobre sua gravidez para a mãe. Não queria ver seu filho como mais uma fonte de discussões, mas, às vezes, achava que a notícia de um neto alegraria os dias angustiados e infelizes de sua mãe.

Cláudia sentia que seu futuro era incerto e colocava todas as responsabilidades sobre seus ombros. Dizia que precisava encontrar forças, pois tinha que fazer e ser muitas coisas ao mesmo tempo. Trancou a matrícula na universidade; deixou estudos, amigos e Franco. Tudo ficara para trás, tinha que se preocupar com o dinheiro para as despesas da casa e os remédios de sua mãe.

Após criar coragem e contar para a mãe e Isabel que estava grávida, Cláudia se surpreendeu que as duas já sabiam de tudo. Foram sorrisos divertidos que aos poucos se transformaram em gargalhadas das três.

Cláudia sentia que era necessário continuar vivendo a qualquer preço, por ela, sua irmã, sua mãe e seu filho, passando por cima de qualquer dificuldade.

Humberto sempre aparecia na casa delas preocupado, cheio de recomendações, indicações, temores e carregado de cestas básicas. Arrumou também um emprego para Cláudia de telefonista na cooperativa.

Isabel conversou com sua mãe sobre uma briga que tivera com o namorado. Isabel falou da vontade que ambos estavam sentindo de ter relações sexuais, mas que estava com muito medo. Isabel acabou confessando ter medo que acontecesse o mesmo que com sua mãe. Diz que por mais que tente evitar, não consegue parar de pensar nisso. Isabel diz que viver com tanto medo assim não é viver, pois isso a impede de fazer coisas que sente vontade. Tem medo de nunca conseguir ter relações sexuais com ninguém. Sua mãe não consegue dizer nada para a filha e se sente culpada com o que fez com a vida das filhas.

Isabel mudou muito, está forte e decidida. Em algum lugar entre o desaparecimento de seu pai e a descoberta da doença de sua mãe, abandonara de forma definitiva a menina mimada e cheia de vontades que sempre fora. Em sua escola as coisas também mudaram: depois que Isabel informou a todos que sua mãe estava com AIDS, passada a curiosidade inicial, restou um grande respeito de todos. Professores e alunos traziam informações sobre nomes de hospitais, grupos de apoio, telefones úteis, informações sobre novas terapias, médicos, remédios, tratamentos revolucionários; tudo que já sabiam...

Aos poucos, Cláudia, Isabel e Virgínia perceberam que não eram culpadas de nada e a auto-estima delas aumentava com o tempo. Deixaram de ver a situação em que se encontravam como catástrofe. Estavam doentes, mas vivas e dispostas a lutar. A AIDS as levou a descobrir facetas nelas mesmas que desconheciam. Isabel, por exemplo, organizou palestras na escola sobre o assunto.

Virgínia se decepcionara muito com o sumiço de Franco, namorado de Cláudia. Este repetiu para a “ex-sogra” que estava muito preocupado e que não queria que seu filho nascesse na casa dela e isto a magoou profundamente. Virgínia não comentou com Cláudia nada sobre a conversa que tivera com Franco e mais uma vez refugiou-se em sua tristeza.

Após alguns dias Cláudia estava no trabalho quando recebeu uma ligação de Isabel dizendo que a mãe tentara o suicídio. Ao entrar no hospital, Cláudia sentiu uma mistura de sentimentos ruins e sentiu que ia explodir. Queria salvar a mãe de seus medos, temores e incertezas. Mas pensava: “Como pretendia salvar alguém quando precisava ser salva?”

Isabel se sentia culpada. Humberto apareceu dizendo que Virgínia ingerira alguns comprimidos de um calmante qualquer, mas que já se encontrava fora de perigo.

Ao encontrar com as filhas, Virgínia sentiu vergonha. Isabel e Cláudia disseram à mãe que se matar não seria a solução. Virgínia disse que tinha feito isso pelas filhas, pois sabia que era um fardo para elas. Afirmava que a sua doença não tinha cura e que a tendência seria delas gastarem cada vez mais dinheiro com remédios e tratamentos. Virgínia queria dar o direito de viver às filhas. Cláudia e Isabel disseram que queriam a mãe em suas vidas, mas que queriam vê-la lutando pela vida e não esperando a morte chegar. Cláudia queria que sua filha (Nicole) conhecesse a avó. Isabel disse que as três estavam morrendo de medo, mas que exatamente por isso precisavam tanto uma da outra.

Após um tempo, Nicole nasceu cheia de vida. Ela transformou a vida de Virgínia, que novamente tinha vontade de viver. Não adiava mais os seus sonhos ou vontades. Para ela, a vida era agora. Ela continuava lutando pela vida com a ajuda de suas filhas e, agora, de sua neta.